

MARIA APARECIDA DOS SANTOS

***A METODOLOGIA DE PROJETO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA
INCLUSIVA, NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA, DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS
ESPECIAIS (NEE) EM TURMAS HETEROGÊNEAS.***



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
2017**

MARIA APARECIDA DOS SANTOS

***A METODOLOGIA DE PROJETO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA
INCLUSIVA, NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA, DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS
ESPECIAIS (NEE) EM TURMAS HETEROGÊNEAS.***

**Mestrado em Ciências da Educação e da Formação
Especialização em Educação e Formação de
Adultos**

**Trabalho efetuado sob orientação da
Prof.^a. Doutora Cátia Sofia Martins**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**

2017

Título da Dissertação:

A metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) em turmas heterogêneas.

Declaração de autoria de trabalho:

Declaro ser autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto da listagem de referências incluídas.

Maria Aparecida dos Santos

Copyright:

A Universidade do Algarve tem o direito perpétuo e sem limites geográficos de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Dedico este trabalho...

A Deus, pela vida e por todas as condições, física, mental, emocional e espiritual, que permitiram-me fazer esta caminhada.

À minha família, pelo amor incondicional que nos une.

Gratidão

Toda vitória, por mais individual que pareça, é sempre o resultado da união de muitos pensamentos, atitudes e ações! É assim que sinto as minhas conquistas.

À minha orientadora, Professora Doutora Cátia Sofia Martins, pela companhia neste trajeto, como orientadora académica e ajudas nas minhas dificuldades pessoais.

Aos meus Professores deste curso de Mestrado, na pessoa da Coordenadora Professora Doutora Helena Luísa Martins Quintas, pelos valiosos conhecimentos e exemplos pessoais e profissionais.

Às famílias, Torres/Zanusso – Raul, Cleide e Carolina (no Brasil); Ardiles/Nascimento - Davi, Roseline, Renato e Rafael; e Becker/Brandolim - Alexssandro, Nathália e Arthur (em Portugal), pelo acolhimento a mim concedido neste período, dando-me a oportunidade de realizar este sonho.

Ao Senac, unidade de São José do Rio Preto, em especial ao Diretor Sr. Luis Carlos de Sousa, por abrir-me as portas para realizar esta pesquisa; aos seus funcionários, alunos, ex-alunos e pais, por aceitarem fazer parte dela.

Ao Celso Tucci, Docente-Mediador da Rede Social do Senac São José do Rio Preto, pela valiosa ajuda na realização das entrevistas.

Aos alunos com e sem necessidades educativas especiais, do Senac São José do Rio Preto, uma das minhas motivações para cursar este Mestrado.

Aos meus amigos, do Brasil e de Portugal, verdadeiros irmãos do coração, por todo suporte e motivações para que eu superasse as dificuldades encontradas e pudesse vivenciar este momento.

Aos meus colegas do curso, em especial, Iolanda Rovani, Micaela Patrício e Daniela Gonçalves, pelo companheirismo até o fim desta jornada.

Ao Grupo de Trabalho Voluntario da Universidade do Algarve, UAlg V+, através da Coordenadora, Prof.^a Cátia Sofia Martins, pelo acolhimento e oportunidades de aprendizados e experiências enriquecedoras.

Ao Gabinete de Apoio ao Estudante com Necessidades Educativas Especiais, GAENEE, Campus das Gambelas, em especial às Coordenadoras, Prof.^a Maria Helena Martins e Prof.^a Emília Madeira (Faculdade de Economia), pelas oportunidades de trabalho e desenvolvimento pessoal e profissional a mim proporcionadas.

Resumo

Investigações nacionais e internacionais recentes mostram que a grande questão que envolve a efetivação da Inclusão Educacional está em encontrar uma metodologia que seja capaz de atender as necessidades dos alunos com NEE, independentemente de suas características individuais, e potenciar as suas capacidades e habilidades visando, além da sua formação académica, o seu desenvolvimento pessoal e futuro profissional. Porém, estes estudos também apontam a importância de uma atuação conjunta da instituição/sistemas de ensino, professores, família, entre outros, para que se possa vencer este desafio. Diante do conhecimento trazido por estes estudos, fez-se um questionamento: qual método seria capaz de garantir o ensino-aprendizagem desta diversidade de alunos que buscam as Escolas, hoje, em especial, os alunos que apresentam algum tipo de Necessidade Educativa Especial que se encontra na idade adulta? Na procura por respostas, concentrou-se esta investigação em uma instituição de Ensino, cujo perfil pedagógico corresponde ao questionamento surgido, a qual, a acreditar e levar a efeito uma proposta de Inclusão por e para todos, adotou e desenvolve a Metodologia de Projecto, um modelo de Metodologia Ativa, como estratégia de ensino e aprendizagem, na Educação Profissional e Tecnológica. De posse da informação sobre a instituição e a sua opção metodológica, surgiu um novo questionamento: quais os contributos que a Metodologia de Projecto, como ferramenta metodológica inclusiva, traria e que seriam capazes de favorecer a aprendizagem dos alunos com NEE, em turmas heterogêneas na Educação Profissional e Tecnológica? Pela especificidade da Escola e o perfil de muitos dos seus alunos (alunos com e sem algum tipo de NEE, na mesma turma, caracterizando uma turma heterogênea), para respostas para esta questão, optou-se por um estudo de caso organizacional e uma abordagem metodológica mista: o uso das metodologias quantitativa e qualitativa, para que se pudesse aprofundar melhor na coleta das informações e, posteriormente, em resultados significativos. Com esta estratégia de pesquisa, realizou-se 37 Entrevistas com alunos com e sem NEE, pais de alunos, Direção da Escola, Profissionais docentes e não docentes; além de Questionário direcionado para os Profissionais Docentes e não Docentes. Intrínseco no objetivo principal da investigação: caracterizar a Metodologia de Projeto como Ferramenta Pedagógica Inclusiva, na Educação Profissional e Tecnológica de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), em Turmas Heterogêneas, está o intuito de contribuir para que a efetivação da Educação Inclusiva aconteça, de facto, e que os alunos adultos com algum tipo de NEE, que chegam a este nível de Educação, possam ter assegurado os seus direitos a um processo de aprendizagem equitativo significativo, como qualquer outro estudante.

Palavras-chave: Metodologia de Projecto, Ferramenta inclusiva, Educação Profissional e Tecnológica, Necessidades Educativas Especiais, Turmas heterogêneas

Abstract

Recent national and international investigations show that the big question involves the completion of the Educational Inclusion is in finding a methodology that is able to meet the needs of students with NEE, regardless of their individual characteristics, and enhance their skills and abilities with the aim, in addition to your academic training, personal development and your future career. However, these studies also point out the importance of a joint action of the institution/school systems, teachers, family, among others, to win this challenge. Before the knowledge brought by these studies, there was a question: which method would be able to guarantee the teaching and learning of this diversity of students who seek the schools today, in particular, students who have some kind of Need Special education in adulthood? In looking for answers, focused on this investigation in an educational institution, whose pedagogic profile corresponds to the question emerged, which, to believe and to implement a proposal for inclusion and for all, and develops the methodology of project, a model of Active Methodology, as a strategy for teaching and learning in Professional and technological Education. In possession of information about the institution and your methodological option, a new question: what contributions the Project methodology, as methodological tool inclusive, would bring and that would be able to facilitate the learning of students with NEE, in heterogeneous classes in vocational and technology education? The specificity of the School and the profile of many of its students (students with and without some kind of NEE, in the same class, featuring a heterogeneous class) for answers to this question, we opted for an organizational case study and a mixed methodological approach: the use of quantitative and qualitative methodologies for collection of information better to deepen and, subsequently, in significant results. With this search strategy, 37 Interviews with students with and without NEE, parents of students, school, professional Direction academic and non-academic staff (whose 33 data were used at work); The main research objective intrinsic: characterize the design methodology as inclusive pedagogical tool in professional and Technical Education of students with special educational needs (SEN) in Heterogeneous Classes, is the order to contribute to the implementation of inclusive education happens, in fact, and adult students with some sort of NEE, arriving at this level of education, may have secured their rights to a fair significant learning process, like any other student.

Keywords: Project Methodology, Inclusive Tool, Professional and Technical Education, Special Needs Education, Heterogeneous Classes.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I –	13
1 Enquadramento Teórico.....	13
1.1. A Escola inclusiva na perspetiva de uma Educação para todos.....	14
1.1.1. A Educação Inclusiva e os conceitos de inclusão e de Necessidades Educativas Especiais.....	15
1.1.2. Breve histórico da Educação Inclusiva no contexto brasileiro	17
1.1.3. Estratégias inclusivas de ensino e aprendizagem.....	19
1.2. A Metodologia de Projeto.....	22
1.2.1. Metodologia de Projeto enquanto ferramenta pedagógica inclusiva na Educação Profissional e Tecnológica.....	24
1.3. A Educação Profissional e Tecnológica no contexto educacional brasileiro.....	27
1.3.1. Dos Centros de Aprendizagem de Ofícios à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: um pouco da história e evolução deste nível de Educação, no Brasil.....	28
1.3.2. A Educação Profissional e Tecnológica e as Metodologias Ativas numa perspetiva inclusiva: possibilidades de integração	32
1.3.3. A Escola de Educação Profissional e Tecnológica numa perspetiva inclusiva ...	35
1.3.4. As turmas heterogéneas na Educação Profissional e Tecnológica	36
1.3. Inclusão, equidade e oportunidades, na perspetiva da educação para todos: o trabalho da instituição amparado pela Metodologia de Projeto.....	39
CAPÍTULO II	41
2. Problemática.....	41
2.1. Questão de partida e objetivos.....	42
CAPÍTULO III	44
3. Metodologia.....	44
3.1. Natureza e contexto da investigação.....	45
3.2. Abordagem metodológica.....	46
3.2.1. Método proposto para a investigação: O Estudo de Caso.....	47

3.3. O Senac São Paulo – uma caminhada de sucessos na Educação Profissional e Tecnológica.....	49
3.3.1. Breve perspectiva teórica do Senac.....	49
3.3.2. Senac: Uma escola inclusiva em ação.....	51
3.3.3. O município de São José do Rio Preto.....	53
3.3.4. O Senac de São José do Rio Preto – Senac SJR.....	54
3.4. Seleção da Amostra.....	57
3.4.1. Caracterização Amostra.....	57
3.5. Autorizações e Termos de Consentimento.....	63
3.6. Instrumentos.....	63
3.6. 1. Questionários.....	64
3.6.2. Procedimentos de testagem dos questionários.....	64
3.6.3. Procedimentos relativamente aos questionários.....	65
3.6.4. Entrevistas semi estruturadas.....	65
3.6.5. A realização das entrevistas.....	66
3.6.6. Análise de conteúdo das entrevistas.....	67

CAPÍTULO IV

4. Análise e discussão dos resultados.....	69
4.1. Análise descritiva dos Questionários.....	70
4.1.2. Percepção geral dos Funcionários Não Docentes.....	72
4.1.3. Percepção geral dos Funcionários Docentes.....	74
4.1.4. Discussão das percepções gerais dos participantes.....	74
4.2. Análise das Entrevistas sobre Escola Inclusiva e Metodologia de Projeto.....	75
4.2.1. O Senac enquanto escola inclusiva.....	75
4.2.2. A Metodologia de Projeto (MP) como recurso/ferramenta pedagógica inclusiva em turmas heterogêneas	82
4.3. Outras narrativas significativas sobre a instituição: pontos positivos e pontos a serem melhorados, na ótica dos participantes.....	88
4.4. Discussão Geral.....	90

CAPÍTULO V

5. Considerações Finais.....	92
-------------------------------------	-----------

5.1. Considerações finais.....	93
5.2. Dificuldades e Limitações.....	94
5.3. Este trabalho de investigação como ferramenta para pesquisas futuras.....	95
CAPÍTULO VI	
6. Referencias Bibliográficas.....	96
ANEXOS.....	109

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Passos para a Resolução de Problemas	22
Tabela 2: Tabela 2. Caracterização dos Funcionários Docentes	58
Tabela 3. Caracterização dos Funcionários Não Docentes	60
Tabela 4: Caracterização dos Alunos com NEE	61
Tabela 5: Características dos Alunos sem NEE	62
Tabela 6: Características dos Pais de alunos com NEE	63
Tabela 7. Estatística descritiva das percepções gerais dos participantes relativamente à Instituição	70
Tabela 8. Estatística descritiva das percepções dos participantes relativamente à Satisfação dos alunos e preparo dos profissionais não docentes para atender alunos com NEE	71
Tabela 9. Estatística descritiva das percepções dos participantes não docentes relativamente ao desenvolvimento da Metodologia de Projeto na instituição	71
Tabela 10. Estatística descritiva das percepções dos participantes docentes relativamente à instituição	72
Tabela 11. Estatística descritiva das percepções dos participantes docentes relativamente à Satisfação dos alunos e preparo dos Docentes para atender alunos com NEE	72
Tabela 12. Estatística descritiva das percepções dos participantes docentes relativamente à Metodologia de Projeto	73

INTRODUÇÃO

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Paulo Freire, 1921-1997).

Não se pode negar que o tema inclusão tem sido nos últimos anos um dos mais apresentados e discutidos em congressos, seminários, entre outros eventos sobre a Educação, pelo que Ainscow (2009) afirma que “o maior desafio do sistema escolar em todo o mundo é o da inclusão educacional” (p. 11).

Sobre esta afirmação, pode-se dizer duas premissas: uma que é muito positivo que a inclusão educacional seja encarada como um desafio, pois, assim, sempre existirão estudos e pesquisas com o objetivo de melhorar os atendimentos nas instituições escolares, para as pessoas com NEE e, conseqüentemente, atingir todos os alunos. Neste sentido, um dos exemplos positivos que se pode destacar, é a ideia de se conceber um “Desenho Universal para a aprendizagem” - Universal Design for Learning (UDL), cujo objetivo “visa fortalecer o currículo e torná-lo acessível a todos os alunos”, a fim de que os estudantes com deficiência, por exemplo, possam participar ativamente das e nas atividades escolares tendo respeitadas as suas necessidades individuais (Alves, Ribeiro, & Simões 2013, p. 124).

Por outro lado, é de pensar se, na questão da Formação dos Professores e uso de estratégias de ensino e aprendizagem numa perspectiva inclusiva, a Educação não está a caminhar numa única direção, ou seja, olhando mais para um grupo ou uma faixa etária de pessoas com algum tipo de NEE, como, por exemplo, os alunos da Educação Básica, e deixando-se de superar um outro desafio: garantir uma Educação eficiente, inclusiva, com equidade e que respeite as suas características individuais, para aqueles que estão situados na faixa de pessoas adultas, que já passaram por este nível de Educação e, hoje, se encontram ou querem ir para as Escolas de Educação Técnico-Profissional e Universidades (Ainscow, 2009; Unesco, 2001).

Ainda, sobre o desafio da inclusão educacional, a Declaração de Salamanca, complementa que “o desafio com que se confronta esta escola inclusiva é o de ser capaz de desenvolver uma pedagogia centrada nas crianças, susceptível de as educar a todas com sucesso, incluindo as que apresentam graves incapacidades” (UNESCO, 1994, p.6). Neste contexto, também é possível observar pontos positivos, como o desenvolvimento de “novos métodos, estratégias, equipamentos e materiais que influenciaram a educação em geral” (Carvalho, 1995, p. 531). Porém, é possível perceber que, no caso das pessoas com NEE adultas,

que procuram a Educação Profissional, muitas vezes, a sua Educação deixa a desejar, e, estes indivíduos, acabam por não terem respeitadas as suas características individuais como limitações específicas, idade, perfil de aprendizagem, para além dos seus direitos a um ensino significativo, pois, são tratados e ensinados da mesma forma que se ensinam as crianças e adolescentes (Carvalho, Carvalho, Barreto, & Alves, 2010).

Diante destes conhecimentos, o principal interesse em desenvolver esta investigação, além da paixão pelo tema, foi o facto de se pensar na Educação Inclusiva na perspectiva de uma Educação para e por todos, e, especificamente, direccionada para a Educação Profissional e Tecnológica. Esta opção prendeu-se com o acreditar que as crianças com algum tipo de NEE, atendidas hoje pelas escolas de Educação Básicas, logo mais irão crescer: tornar-se-ão jovens e adultas e, igualmente à sua fase criança, precisarão de escolas preparadas, humana e metodologicamente falando, para atendê-las respeitando-as, em suas condições e características individuais, assim como aos seus direitos como cidadãos (UNESCO, 1994).

Assim, a partir de experiências profissionais da autora desta investigação, com as metodologias ativas e entre estas a Metodologia de Projeto (MP), nos cursos profissionalizantes para pessoas com NEE, se pensou em caracterizar MP como ferramenta pedagógica inclusiva, na Educação Profissional e Tecnológica de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), em turmas heterogêneas, ou seja, turmas compostas por alunos que apresentem e que não apresentam algum tipo de deficiência ou dificuldades de aprendizagem.

Após definir esta ideia, a estrutura do trabalho foi organizada em quatro capítulos, da seguinte forma:

No capítulo, Enquadramento teórico, discorre-se sobre: a Escola inclusiva na perspectiva de uma Educação para todos; a Educação Inclusiva e os conceitos de inclusão e de Necessidades Educativas Especiais; Breve histórico da Educação Inclusiva no contexto brasileiro. Ainda neste capítulo se destaca: Estratégias inclusivas de ensino e aprendizagem; A Metodologia de Projeto; Metodologia de Projeto enquanto ferramenta pedagógica inclusiva na Educação Profissional e Tecnológica; A Educação Profissional e Tecnológica no contexto educacional brasileiro; Dos Centros de Aprendizagem de Ofícios à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: um pouco da história e evolução deste nível de Educação, no Brasil; A Educação Profissional e Tecnológica e as Metodologias Ativas, numa perspectiva inclusiva: possibilidades de integração.

Também, nesta parte inicial, é discorrido sobre os temas: A Escola de Educação Profissional e Tecnológica numa perspectiva inclusiva; As turmas heterogêneas na Educação

Profissional e Tecnológica; Inclusão, equidade e oportunidades, na perspectiva da educação para todos: o trabalho da instituição amparado pela Metodologia de Projeto.

O capítulo 2 - Problemática, se inicia descrevendo a Questão de partida e objetivos; Objetivo Geral; Objetivos Específicos.

No capítulo 3 – Metodologia, se destaca, a Natureza e contexto da investigação; Abordagem metodológica; Método proposto para a investigação: O Estudo de Caso Organizacional; O Senac São Paulo – uma caminhada de sucessos na Educação Profissional e Tecnológica; Breve perspectiva teórica do Senac; O município de São José do Rio Preto; O Senac de São José do Rio Preto – Senac SJR; Seleção da Amostra; Caracterização Amostra; Autorizações e Termos de Consentimento; Instrumentos; Questionários; Entrevistas semi-estruturadas; A realização das entrevistas; Análise de conteúdo das entrevistas.

O capítulo 4 - Análise e discussão dos resultados, se destacam os tópicos: Análise descritiva dos Questionários; Percepção geral dos Funcionários Não Docentes; Percepção geral dos Funcionários Docentes; Discussão das percepções gerais dos participantes; Análise das Entrevistas sobre Escola Inclusiva e Metodologia de Projeto: A Metodologia de Projeto (MP) como recurso/ferramenta pedagógica inclusiva em turmas heterogêneas; Outras narrativas significativas sobre a instituição: pontos positivos e pontos a serem melhorados, na ótica dos participantes; Discussão Geral.

No capítulo 5 – Considerações Finais, dá-se ênfase para: Considerações finais; Dificuldades e Limitações; O trabalho como ferramenta para investigações futuras.

O trabalho é finalizado com as Referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO I – 1 Enquadramento Teórico

1.1.A Escola inclusiva na perspectiva de uma Educação para todos

Impossível falar de Educação Inclusiva sem direcionar o olhar para as questões inerentes ao ensino-aprendizagem e a todo o ambiente escolar. Carvalho (2012) é assertiva quando afirma que, para que o aluno tenha uma aprendizagem construtiva, não pode ser apenas um ouvinte passivo de conteúdos e sim, deve participar ativamente no seu processo de aprendizagem. Neste sentido, se concorda com (Booth & Ainscow, 2011) quando defendem que, pensando em uma Escola Inclusiva numa perspectiva de uma escola para todos, esta deverá ser aberta às mudanças necessárias, para que atenda às necessidades e dê voz a todos os que dela fizerem parte, direta ou indiretamente, sem distinção de qualquer natureza.

Também ao referirem-se a uma escola que acolha todos os alunos em condição de equidade (Mantoan, Santos, Figueiredo, Ropoli, & Machado, 2010) defendem que a Educação inclusiva “concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças” (p. 8). Neste sentido, são ainda destacados a importância da ausência de “padrões”, neste formato de instituição educativa, permitindo a convivência equitativa entre todos.

Outra questão importante, quando se pensa neste tipo de instituição educativa, é que esta existe sem a “comunidade”, ou melhor, ela faz parte do meio onde está inserida e, portanto, deve também ser aberta, acessível e inclusiva para todos os cidadãos que ali viverem, seja na sua estrutura física, nas atividades “curriculares”, ou enquanto “promotora de colaboração e de equidade” neste meio (Rodrigues, 2011, p.3).

Esta escola deve estar fundamentada em “ações” e “valores inclusivos”, e que este deve ser um espaço onde todos tenham os mesmos direitos de reconhecimento, respeito, valorização, participação, entre outras características que estes autores destacam para uma escola inclusiva, como saber aproveitar as “diferenças entre crianças e entre adultos” para partilhar conhecimentos, além de utilizar-se desta diversidade como oportunidades para a construção de aprendizagens (Booth & Ainscow, 2011, p. 11). Ao se pensar na “escola que se espera para o século XXI”, se entende que esta “tem compromisso não apenas com a produção e a difusão do saber culturalmente construído, mas com a formação do cidadão crítico, participativo e criativo para fazer face as demandas cada vez mais complexas da sociedade moderna” (Aranha, 2003, p. 21).

Enfim, para que uma instituição escolar possa reconhecer-se e ser reconhecida como inclusiva para todos, precisa, antes de tudo, direcionar o olhar tanto para a sua estrutura física, no caso da acessibilidade arquitetônica, como para as atitudes do corpo docente, não docente e para ações individuais e coletivas, no sentido de observar se está a atender a toda comunidade escolar e fora dela, com equidade e oportunidades de participações e voz ativa. Neste sentido, importa também destacar que, no modelo de Escola Inclusiva, na perspectiva de uma Escola para todos, é importante a presença constante dos valores humanos, onde a ética e o trabalho em equipa devem ser parte do dia a dia de todos os que compõem este espaço, para que estes também sejam exemplos para os educandos, construindo e ampliando a noção de uma verdadeira educação para a vida: humana, solidária, inclusiva (Booth & Ainscow, 2011). Assim, pode-se considerar que nesta Escola o modelo tradicional de ensino-aprendizagem já não deve ter mais espaço, e que este deverá ser ocupado por um modelo em que o foco seja o aluno, o seu aprendizado e que priorize o desenvolvimento de todos os educandos para a vida toda (UNESCO, 2001).

1.1.2. A Educação Inclusiva e os conceitos de inclusão e de Necessidades Educativas Especiais

Garantir uma Educação eficiente, inclusiva e com equidade para todos os cidadãos desde a infância até a vida adulta, por todas as nações, é apontado como um “desafio” por Ainscow, (2009, p. 11) e UNESCO (2001, p. 15). Sobre este assunto, o documento “Educação para todos: o compromisso de Dakar”, todos os esforços devem ser desprendidos para que nenhuma pessoa possa ser discriminada ou ter o seu processo de ensino-aprendizagem prejudicado ou negligenciado, devido a qualquer motivo pessoal (dela própria) ou institucional (UNESCO, 2001). Este documento também chama a atenção para o tratamento que deve ser dado pelos países, para a Educação dos indivíduos com “necessidades especiais de aprendizagem”, (UNESCO, 2001, p. 16), para que estas pessoas possam ter garantido os seus direitos de cidadão, como qualquer outra pessoa. Assim, se considera que conhecer os conceitos de NEE pode contribuir para a eliminação de algum tipo de discriminação/exclusão de um indivíduo na escola e para que o processo de inclusão seja real e efetivo (Salvi, 2003).

Quanto ao termo, necessidades educativas especiais, se conhece que teve origem no “Relatório Warnock”, na Grã-Bretanha, em 1979, o qual afirma que “nenhuma criança deve ser considerada ineducável, e que a finalidade da Educação é a mesma para todos, por ser um bem a que todos têm o mesmo direito” (Duk, 2005, p. 61). Neste sentido, a Educação Inclusiva

contribui para “desvalorizar a perspectiva da categoria de deficiência e valorizar o encontro e a eventual resposta às necessidades educativas que a pessoa apresenta” (Carvalho, 1995, p. 530), o que pode contribuir para a inclusão de muito mais pessoas, em qualquer nível de Educação e/ou instituição independentemente de suas limitações, e “propiciar uma formação que assegure a qualquer indivíduo dirigir sua própria vida” (Duk, 2005, p. 61).

Neste contexto, se considera que o conceito de NEE, refere-se “a todas as crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua capacidade ou de suas dificuldades de aprendizagem” (Salvi, 2003, p. 3). Assim, é importante que as instituições escolares, se necessário, introduzam novas metodologias e adequem estratégias de ensino que favoreçam estes alunos, para que sejam bem-sucedidos em seus processos de aprendizagem, independentemente de qualquer situação de desvantagem, cognitiva ou não (UNESCO, 1994; Ainscow, 2010). É fundamental se considerar que cada ser humano possui “diferenças individuais” e que estas se podem traduzir em qualquer característica do indivíduo; porém, que todos devem ser respeitados e aceitos como são e pelo que são, simplesmente pelo facto de serem “únicos” e cada qual com o seu perfil de aprendizagem (Duk, 2005, p. 61).

Perante estes argumentos sobre as características, direitos das pessoas com NEE, a importância de um processo educativo que lhes respeite as individualidades e, principalmente, as suas formas peculiares de aprendizagem, pensa-se sobre a questão de Educação Inclusiva e o que seria uma inclusão, de facto. Neste contexto, para aprofundar o entendimento sobre o termo inclusão, considera-se o que Drago (2013, p. 21) destaca: “ato ou efeito de incluir (se). (...) compreendido dentro de algo, ou envolvido, (...) de alguém em um grupo”. No caso de um ambiente inclusivo, se entende que este tem como base na forma como são vistas e aceitas as diferenças individuais das pessoas, na forma como são tratadas diante destas diferenças, quanto às oportunidades de desenvolvimento e participação (Paulon, Freitas, & Pinho, 2005).

Ao ampliar este significado e ao direcionar para o atendimento às pessoas, o mesmo termo é apresentado como uma forma de incluir e proporcionar uma “vida em sociedade” a todos que, por algum motivo, tiveram os seus direitos negados ou negligenciados. Ainda na perspectiva desta ideia, a inclusão seria permitir a participação “sem qualquer tipo de restrições e/ou preconceitos por diferenças de qualquer natureza física, mental, condições socioeconómicas”, entre outras (Carneiro, Abaurre, & Serrão, 2009, p. 145).

Assim, se vê a inclusão como um “valor constitucional” e que deve legitimar a “aceitação da diferença humana e respeitar a diversidade cultural e social” (Salvi, 2003, p. 6). Da mesma forma, pode ser um ponto de partida para orientar ações inovadoras que ultrapassem as antigas formas de ensinar tradicionais, que, na maioria das vezes, acabam por considerar

apenas as dificuldades dos alunos como causa do seu fracasso escolar e impedimentos para a sua aprendizagem (Duk, 2005).

Posto isto, entende-se que a inclusão não se refere a um determinado grupo de indivíduos com deficiência, por exemplo, pelo que se deve transformar muitas das formas de pensar e definir este termo ao mesmo tempo em que fortalece o pensamento de que a inclusão favorece o desenvolvimento de uma educação e escola centradas em todas as pessoas e em cada uma ao mesmo tempo (Booth & Ainscow, 2011; Mantoan et al., 2010). Neste sentido é possível pensar numa escola e educação inclusivas que estejam de facto abertas à participação de toda a comunidade escolar que favoreçam o desenvolvimento de competências individuais e coletivas, não apenas dos alunos, mas também de professores, gestores, etc., a partir do momento em que todos estes atores têm vez e voz dentro e fora da instituição (Booth & Ainscow, 2011).

Assim, seguindo estas conceções de inclusão, direciona-se um olhar para uma Educação Inclusiva alicerçada, por exemplo, no “Desenho Universal de aprendizagem”, ou seja, que garanta e promova oportunidades educacionais equitativas e que “seja acessível a todos os alunos”, com e sem qualquer tipo de Necessidades Educativas Especiais (Alves, Ribeiro, & Simões, 2013, p. 124). A essência destas ideias também são encontradas nas recomendações da “Acção de Dakar (UNESCO, 2000)”, no “Compromisso de Madrid” (Cimeira União Europeia – América Latina e Caraíbas, 2002) entre outros documentos internacionais, que propõem o desenvolvimento de uma educação “promotora do sucesso de todos e de cada um”, sustentada no respeito a qualquer indivíduo como um cidadão de direitos e portanto merecedor de oportunidades assentadas em princípios de equidade, não assistencialismo e respeito, que constituem também os pilares de uma escola realmente inclusiva (Sanchez, 2005, p. 131).

1.1.3. Breve histórico da Educação Inclusiva no contexto brasileiro

Relativamente à Educação Inclusiva, no cenário educacional brasileiro, é possível dizer que esta está caminhando positivamente, pois, depois de um passado em que as pessoas que tinham alguma deficiência eram tratadas como doentes, hoje, os estudantes que apresentam algum tipo de Necessidade Educativa Especial têm acesso à escola, muitos já conseguem concluir a Educação Básica e alguns conseguem entrar e concluir um curso universitário (Carvalho, 2012). Neste sentido, as informações sobre esta área educativa na história do país, demonstram que um passo importante e que contribuiu para o respeito pelas pessoas com NEE, foi a assunção por parte do Governo Federal, em 1957, da educação destes indivíduos, que levou ao desenvolvimento de campanhas de sensibilização e pelo aumento do atendimento

educacional, em primeiro plano, das pessoas surdas e posteriormente dos cegos e das pessoas com deficiência mental. A partir de então, entre outros acontecimentos relativos à abrangência da educação e ao atendimento com melhor qualidade a um número maior de pessoas, principalmente das classes menos favorecidas, assiste-se ao aumento na quantidade de escolas direcionadas aos indivíduos com deficiência mental (Miranda, 2003).

Outro dado importante a respeito das questões que direcionavam para o que se pode conhecer hoje como conquistas quanto à acessibilidade, de maneira geral, e a uma educação inclusiva das e para as pessoas com NEE, é possível observar um fortalecimento, a partir dos anos 80, com a criação da “Comissão Nacional do Ano Internacional das Pessoas Deficientes” que teve como base o “Plano de Ação da ONU para o AIPD”, Ano Internacional da Pessoa Deficiente, que aconteceria em 1981 e cujo tema seria “Participação Plena e Igualdade”. A partir deste momento, se vê o aumento dos movimentos sociais e lutas pelos direitos, igualdade de oportunidades e participação das próprias pessoas com deficiência nos assuntos e nas decisões a seu respeito (Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência-SDPD & Memorial da Inclusão, 2011, p. 98). No campo educacional, em 1988, é promulgada a Constituição Brasileira que irá dar o direito à educação para todos, direito reforçado posteriormente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei 9.394/96 (Miranda, 2003).

Nesta trajetória, também a nomenclatura a qual se referia a estes indivíduos teve importante evolução, passando de nomes que demonstravam o desrespeito em relação às pessoas, sendo, muitas vezes, pejorativos e onde apareciam nomes como “deficientes”, “incapacitados”, “inválidos”, “aleijados”, “defeituosos”, “retardados”, entre outros, para chegar a como são chamados hoje, “pessoas com deficiência” (Senac, 2011, p. 8). Aliás, o termo “pessoas” é mais uma conquista deste momento e que contribuiu para sanar as dúvidas de jornalistas e outros profissionais que, “para publicar entrevistas e artigos técnicos, perguntavam com certa perplexidade e curiosidade: Então, os deficientes são pessoas? Por quê?” (Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência-SDPD & Memorial da Inclusão, 2011, p.102).

Assim, depois de passar pelo momento da “segregação” e da “integração” ou “Educação Integrada”, que significava inserir o aluno com NEE junto de outros sem limitações a fim de promover a sua educação e socialização, somente nos anos de 1990 é que começam no Brasil as discussões sobre a inclusão desses indivíduos nas escolas, de uma forma em que, de facto, pudessem serem parte dessa escola, ou seja, respeitados na sua individualidade (Correia, 2003; Stobäus, 2003; Miranda, 2003). “Esse novo paradigma surge como uma reação contrária ao processo de integração, e sua efetivação prática tem gerado muitas controvérsias e discussões”

talvez, tanto pelas dificuldades de entendimento do próprio termo quanto de quebra do “conservadorismo” de muitas escolas, ainda existentes (Miranda, 2003, p. 6).

Hoje, somente alguns anos depois da sua introdução mais efetiva no cenário educacional nacional, pode-se dizer que muita coisa avançou e mudou para melhor na e para a educação das pessoas com NEE, pois, mesmo que ainda não seja o ideal, já é possível observar, entre outras conquistas, uma maior preocupação por parte das políticas públicas a fim de garantir os direitos a uma educação participativa e de melhor qualidade, o aumento no nº de pessoas atendidas devido à ampliação do número de salas de recursos multifuncionais (Governo do Brasil, 2014).

Na Educação Inclusiva direcionada para as pessoas adultas, também é possível perceber avanços significativos, como uma maior implementação de ações destinadas à “qualificação profissional de portadores de deficiência, por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec)” e ao ensino Superior favorecendo com essas mudanças, não apenas as pessoas com NEE, mas, a todos os alunos independentemente da existência de alguma necessidade individual (Governo do Brasil, 2012, para. 6).

Porém, uma área desta educação que ainda merece ser melhor pensada e melhorada prende-se com o desenvolvimento de estratégias que facilitem o trabalho do professor, garantam uma melhor qualidade do ensino-aprendizagem, bem como aulas mais significativas e que favoreçam a participação de todos os alunos. Rief, Heimburge, e Soares (2000) concordam que, muitas vezes, as técnicas usadas por professores acabam por deixarem de fora a participação de muitos alunos, principalmente os com mais dificuldades e, portanto, faz-se necessário o desenvolvimento de novas formas de ensinar a aprender que possam atingir a todos, numa perspectiva inclusiva.

1.1.4. Estratégias inclusivas de ensino e aprendizagem

A procura por conhecimentos, por parte do professor, é concebida como um primeiro passo para uma aula inclusiva e para que se favoreça a aprendizagem dos alunos, independentemente de suas características individuais (Manica & Caliman, 2015). Neste sentido, os autores consideram que:

O ato de aprender do aluno envolve sua íntima relação com o docente, que, por sua vez, compartilha o que sabe com o aluno, mas para que isso aconteça, o docente necessita de conhecimentos sobre o que vai transmitir e compartilhar, bem como precisa ter preparo e domínio técnico e tecnológico e usar

mecanismos de motivação que despertem o interesse por parte do aluno com deficiência (Manica & Caliman, 2015, p. 73).

A este conjunto, se dá o nome de estratégias, que pode ser definido como uma “coordenação de procedimentos escolhidos num painel de possibilidades por causa de uma suposta eficiência em função de uma determinada finalidade” e que, tanto a instituição escolar quanto os próprios docentes, podem usar para contribuir para o ensino e aprendizagem dos alunos com e sem NEE (Perraudau, 2006, p. 7). Sobre esta questão, Sanches (2005) afirma que “a educação inclusiva não se fará se não forem introduzidos na sala de aula instrumentos diferentes dos que têm vindo a ser utilizados”, ou seja, pode-se entender que, para a introdução da Educação inclusiva na sala de aula, faz-se necessário o uso de estratégias diferenciadas e que propiciem a participação ativa de qualquer aluno, com ou sem vulnerabilidades (p.131).

A mencionar as crenças de Célestin Freinet, sobre uma Escola que atendesse a todos os alunos dando-lhes a oportunidade de desenvolvimento pessoal, além do desenvolvimento académico, esta autora diz que “era nisso que acreditava” este Educador, “quando trabalhava para uma outra escola, uma escola para dar uma resposta adequada aos seus alunos, por vezes pobres e marginalizados pelo sistema, uma escola que podia fazer dos alunos indivíduos autónomos e críticos” (Sanches, 2005, p. 131). Neste contexto, o uso de ferramentas facilitadoras do ensino-aprendizagem, como por exemplo, “trabalho em pequenos grupos”, “a aprendizagem com os pares” deve ser de forma a contemplar a diversidade dos alunos presentes e, especialmente tratando-se de uma turma heterogénea, ou seja, alunos com e sem NEE na mesma sala, se propicie a participação dos alunos com maiores dificuldades de locomoção, cognitiva ou de qualquer outra natureza (Sanches, 2005, p. 134-35).

Assim, entre outras estratégias que podem contribuir para que uma alua seja inclusiva, destaca-se as aulas colaborativas, pois, a partir do momento em que contribuem para a interação e aproximação dos alunos e professores, favorecem a aprendizagem de todos, a ajuda mútua, o respeito às necessidades de cada um e à diversidade inter e intrasubjetivas (Chicon, Drago & Victor, 2013; Duk, 2005; Sanches, 2005).

Neste sentido, também é possível acrescentar a diferenciação curricular desenvolvida de forma a atingir todos os alunos; e, na formação dos docentes, a troca de experiências sobre práticas pedagógicas diferenciadas e inclusivas e o contacto com outros professores mais experientes, a fim de construir novos conhecimentos sobre esta prática e melhorar o atendimento aos educandos. Todas estas iniciativas podem ser apreciadas como possibilidades de se construir uma aula significativa e oportunizar a participação/aprendizagem de todos e de cada aluno em especial (Sanches, 2005; Booth & Ainscow, 2011).

Assim, para uma aula que contemple as diversas formas de aprender existentes na sala de aula, se sugere estratégias como:

- Motivar os alunos (as) e conseguir uma predisposição favorável para aprender;
- Dar oportunidade para que pratiquem e apliquem com autonomia o que foi aprendido;
- Preparar e organizar os materiais e recursos de aprendizagem de forma significativa para os estudantes;
- Monitorar permanentemente o processo de aprendizagem dos alunos (as) para ajustar o ensino às suas necessidades;
- Organizar o processo de ensino/aprendizagem levando em consideração a interdisciplinaridade;
- Organizar o horário de aula, considerando o tipo de metodologia e as atividades a realizar, assim como o apoio de que alguns alunos (as) podem precisar (Duk, 2005, p. 176, 177).

Além destas estratégias, é significativamente importante desenvolver atividades de forma que respeitem o tempo de aprendizagem de cada indivíduo (Duk, 2005) como a organização dos mobiliários da sala de aula, para que permita o desenvolvimento de aulas mais dinâmicas e participativas por alunos com problemas de mobilidade, por exemplo, “avaliar os educandos numa abordagem processual e emancipadora” considerando as capacidades e competências individuais, “adotar metodologias diversas e motivadoras” para os alunos e professores, entre outras (Aranha, 2003, p. 24).

Outras estratégias que também se pode destacar como relevantes para um contexto inclusivo seria desenvolver com a turma, de forma a que todos os alunos tenham acesso, participem e entendam o significado, uma espécie de regras de convivência onde apareçam, entre outras coisas, as “normas, procedimentos de trabalho, (...), o que se espera em termos de comportamento” de cada um, para que possa diminuir as probabilidades de qualquer tipo de constrangimentos e/ou preconceitos entre os colegas (Duk, 2005, p. 195). Nesta atividade, para que haja a compreensão de todos, é fundamental que a mesma seja desenvolvida respeitando o nível de aprendizagem e as habilidades/capacidades físicas e cognitivas de cada um, e que o aluno possa se expressar da forma que lhes for mais confortável (Duk, 2005).

Outra proposta é a resolução de problemas e os passos para esta resolução propostos por (Capellini, 2013), que também podem trazer valiosas contribuições para o desenvolvimento das aulas na perspectiva de uma educação inclusiva, além de que. É de ressaltar que, no caso da Metodologia de Projeto, estes passos se apresentam como parte das opções de trabalho de (Leite, 1996). Assim, para ilustrar a forma de como seria esta estratégia, apresentam os “Passos para Resolução de Problema”, como mostrado abaixo:

Tabela 1: Passos para a Resolução de Problemas (Chicon *et al*, 2013, p. 94).

Passos	Proposta
1	Estabelecer uma atmosfera calma
2	Identificar o problema
3	Reunir informações e depois descrever o problema
4	Analisar todas as causas que contribuem para o problema
5	Pensar em todas as possíveis soluções para o problema
6	Escolher uma solução e indicar as obrigações
7	Implementar a solução
8	Avaliar os efeitos e retomar todos os passos se a solução não funcionar

Importante ressaltar que, além destes exemplos, muito outros podem ser pesquisados e utilizados pelos professores, que podem incluir neste rol a própria criatividade como meio propiciador de oportunidades para todos os alunos da sala de aula.

1.2. A Metodologia de Projeto

A Metodologia de Projeto remete em primeiro lugar, para se conhecer um pouco sobre o próprio Projeto, desde a sua origem à utilização como estratégia para o desenvolvimento de atividades pelo homem, como forma “simbólica”, “intencional e natural”, para a resolução de “problemas” (Fagundes, Maçada, & Sato, 1997, p. 15), até a utilização, como “Método” no ensino-aprendizagem (Berbel, 2011, p. 31). Neste sentido, destaca-se que na procura do homem para a resolução de suas problemáticas, o “projeto surge numa forma regular no decorrer do século XV. Tanto nas ciências exatas como nas ciências humanas, múltiplas atividades de pesquisa, orientadas para a produção de conhecimento, são balizadas graças à criação de projetos prévios” (Fagundes, Maçada & Sato, 1997, p. 15).

Ainda nas atividades educacionais, o uso dos “projetos como recurso pedagógico na construção de conhecimentos”, tem sua origem no final do século XIX com os pensamentos de “John Dewey, em 1897” e, no “trabalho com a Metodologia de Projetos”, no final do “século XVII na Itália” no desenvolvimento do “ensino profissionalizante, especificamente na área da Arquitetura” (Barbosa e Moura, 2013, p. 61). Porém, neste trabalho, para falar sobre uso da Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, procurou-se referências nas

ideias de Kilpatrick, discípulo de Dewey, e no seu “método de projetos” concebido em 1918, e pelo qual o autor “ficou mundialmente conhecido” (Bin, 2012, p. 69).

William Heard Kilpatrick, (1871-1965), pedagogo, influenciado pelas ideias de John Dewey de quem foi aluno e colaborador, dizia que devia à orientação de Dewey a mudança na sua “filosofia de vida” e a nova visão sobre a educação (Beyer, 1997, p. 5). Na História da Educação, John Dewey, (1859-1952), é reconhecido como dos principais representantes e referência do “movimento educacional progressista” (Polido, 2015, p. 47; e, sobre o Método de Projeto, os estudiosos destacam que este Educador o considerava como

Uma forma de raciocinar de acordo com a lógica intuitiva, a qual envolve o reconhecimento de um problema, a análise de seus elementos, a elaboração de uma hipótese, a comprovação da hipótese e a continuação do processo até que seja encontrada a solução (Menezes & da Cruz, 2007, p.114).

Esta sequência está muito próxima dos passos para se resolver problemas, sugerido como estratégia de aprendizagem por Capellini (2013), apresentados anteriormente neste trabalho. Menezes e da Cruz (2007) ainda reforçam que “essa sequência de atividades não significava regras, tampouco seguir passos rigorosamente, mas, antes de tudo, um método do experimentalismo, um processo fundamental na construção do conhecimento” (p. 114).

Com esta ferramenta metodológica, “aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais apenas repassar conteúdos prontos” e o conhecimento é construído em estreita relação com os contextos em que são utilizados” (Polido, 2016, p. 12). E, a seguir os pensamentos de Kilpatrick, também é de destacar que os projetos não precisam ter um único formato, ou seja, podem ser desenvolvidos tanto em grupos quanto individualmente, pelos alunos, o importante é que se perceba o seu propósito e seja efetuado de acordo com o interesse do educando, o que contribui para que a aprendizagem tenha mais significado (Bin, 2012; Gomis, 2007) .

Com características capazes de abranger todos os níveis educacionais, “o Método de Projeto é uma modalidade que pode associar atividades de ensino, pesquisa e extensão. Gradativamente, os Projetos vão sendo incorporados (...) no desenvolvimento de estudos (...) em cursos de formação técnica e outros”, também considerado “como um dos melhores métodos”, para o desenvolvimento de “competências” pelos alunos e para se trabalhar de “forma transversal” (Berbel, 2011, p. 31). Este pensamento é justificado pelo facto de que os alunos buscam concretizar um “objetivo” que consista em transformar uma realidade, na solução de um “conflito levantado”, através de técnicas como os “estudos de caso, exposição dialogada, dramatizações” (Carneiro, Abaurre & Serrão, 2009, p. 138).

Outra vantagem da Metodologia em questão, para o ensino e aprendizagem, é a possibilidade de integração de diversos “conteúdos curriculares”, para “subsidiar o desenvolvimento dos projetos”, e o facto de estes conteúdos poderem ser trabalhados “de forma interdisciplinar”, com o intuito de favorecer a resolução da questão levantada e onde, por meio do Método de Projeto, os educandos podem “perceber a relação entre os muitos conteúdos do curso”, o que será favorecido através das pesquisas que serão levados a realizar com os próprios “professores”, com muitos outros “profissionais de diferentes áreas” e diante da temática que estiverem a pesquisar (Carneiro, Abaurre, & Serrão, 2009, p. 138).

A seguir estes pensamentos, é possível perceber inúmeras possibilidades para o desenvolvimento desta Metodologia, como ferramenta pedagógica inclusiva na Educação Profissional e Tecnológica, com turmas heterogêneas, a começar pelas atividades diversificadas”, as “pesquisas”, “os debates e dinâmicas”, as “avaliações que acompanham a evolução dos alunos”, que podem favorecer especialmente a aprendizagem dos alunos com maiores dificuldades, para além da “construção compartilhada de valores, atitudes e conceitos em sala de aula” entre alunos com e sem NEE e a tornar muito mais rico o processo de ensino-aprendizagem, como pode-se observar no item a seguir (Senac, 2006, p. 20).

1.2.1. Metodologia de Projeto enquanto ferramenta pedagógica inclusiva na Educação Profissional e Tecnológica

As metodologias ativas de ensino-aprendizagem, categoria da qual faz parte a Metodologia de Projeto destacada nesta investigação, são ferramentas que favorecem tanto a aprendizagem dos alunos quanto o trabalho do professor. Elas permitem, de acordo com as suas características, que o educador utilize diferentes estratégias de acordo com o perfil do grupo com o qual está a trabalhar (Barbosa & Moura, 2013). Porém, antes de abordar as características desta Metodologia, na Educação Profissional, é importante se destacar um pouco das contribuições que este método pode trazer para os formandos neste Nível de ensino. Assim, dá-se ênfase às estratégias que podem ser usadas na sala de aula, na construção de “ambientes de aprendizagem ativa” favorecerem a construção de conhecimentos pelos alunos adultos, como:

- Discussão de temas e tópicos de interesse profissional
- Trabalho em equipe com tarefas colaborativas
- Estudo de casos em áreas profissionais específicas
- Debates sobre temas da atualidade
- Geração de ideias para solução de um problema

- Uso de mapas mentais para aprofundar conceitos, ideias
- Modelagem e simulação de processos e sistemas
- Criação de espaços virtuais para aprendizagem coletiva
- Questões de pesquisa na área científica e tecnológica (Barbosa e Moura, 2013, p. 57)

No caso específico da Metodologia de Projeto, uma das suas características relevantes ao direcioná-la para a educação inclusiva, é que é um método que favorece o respeito pelos saberes, inteligência e forma de aprendizagem, além de valorizar o interesse de cada aluno, a partir do momento em que os projetos devem ser desenvolvidos por cada aprendiz tendo em conta os assuntos pelos quais se interessam. É ainda importante destacar que cada aluno deve solucionar as situações problemas de acordo com as suas habilidades cognitivas, o que também contribui para uma aprendizagem significativa (Gomis, 2007). Além disso, como metodologia ativa, permite o desenvolvimento de qualquer conteúdo de forma participativa, considerando-se que “a educação inclusiva, sendo para todos, não prevê conteúdos específicos de acordo com as deficiências”, (...) e “sim adaptações de recursos didáticos e do ambiente escolar para a total inclusão das pessoas com deficiência” (Senac, 2006, p. 19).

Quanto à atuação e a conduta do professor, também associada à diferenciação pedagógica, a atenção deve ser dada aos alunos, no respeito ao ritmo individual de aprendizagem de cada um, o que também pode ajudar aqueles com maiores dificuldades, o que demonstra o foco nos educandos e na sua forma de aprender, características de uma educação inclusiva (Parolin, de Moraes, de Oliveira, Zanon & Nardelli, 2008).

Outro destaque dado à atuação do professor, no trabalho com Metodologia de Projeto, é quanto à orientação aos alunos, para a construção de conhecimentos em fontes seguras e a forma como podem trabalhar as informações colhidas, como mostrado nesta ideia:

Ensinar por projetos exige especial atenção aos alunos, que precisam ser orientados a buscar o conhecimento de forma adequada; a ler o que encontraram com atenção; a entender a sistemática de busca pela informação fidedigna; a compilar toda informação pesquisada e recebida. Tudo isso exige tempo, dedicação e paciência, pois os alunos apresentam diferentes ritmos de aprendizagem e o trabalho terá como plano de fundo as dificuldades de alguns e o brilhantismo de outros em cada um dos aspetos que nortearão esse trabalho (Parolin *et al*, 2008, p. 48).

Algumas das características que se destacam na Metodologia de Projeto, como ferramenta pedagógica inclusiva, são a flexibilidade no processo de ensino aprendizagem, abordado por

Blasco (1999), a redução da “exclusão”, da “discriminação” e das “barreiras à aprendizagem e à participação” de todos os alunos, a ser estas últimas destacadas também como características importantes da Educação Inclusiva, como meio acolher e favorecer o desenvolvimento de todos os alunos (Aranha, 2003; Booth & Ainscow, 2011, p. 11; Carvalho, 2012).

Outras características encontradas tanto na Metodologia aqui estudada quanto na Educação Inclusiva, são as facilidades e abertura para diálogo, para o planejamento e desenvolvimento de um trabalho coletivo e inovador, por parte dos docentes, motivador para os alunos e interdisciplinar, (Blasco, 1999; Leite, 2007; Ropoli et al, 2010; Carvalho, 2012). Neste contexto, pode-se também mencionar, como pontos fortes e importantes para o processo de ensino e aprendizagem, a abertura para o desenvolvimento e formação de valores humanos nos alunos, destacados em Booth e Ainscow (2012) e que, está presente na Metodologia de Projeto (Barbosa & Moura, 2013).

O Método em questão ainda oferece outro “recurso pedagógico para aprendizagem significativa e contextualizada”: a oportunidade de se aprender a fazer fazendo, (Barbosa & Moura, 2013; Gomis, 2007). Este mesmo recurso pode ser significativo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual, na Educação Inclusiva, por exemplo, diante das suas dificuldades apontadas por da Costa (2009), onde a autora descreve que estes indivíduos:

- Têm mais dificuldade em realizar as operações de generalização e transferência, logo, é essencial que, sempre que possível, sejam utilizados para a aprendizagem os espaços e as situações reais em que os conhecimentos são aplicados, isto é, na vida prática;
- Têm dificuldade na aquisição de conceitos abstratos, logo, é importante que os conteúdos curriculares sejam concretizados e tenham significado (p. 109).

Assim, no contexto de uma Educação que favoreça a aprendizagem de todos os alunos, (Booth & Ainscow, 2012, p. 34) acrescenta-se que “é possível aproximar mais o que se ensina do que se aprende” trazendo uma significativa diferença para os alunos com maiores dificuldades, como as apresentadas acima. Fazendo uma relação com a Metodologia de Projeto, importa-se destacar que esta é também uma das facilidades que esta Metodologia oferece para a aprendizagem dos alunos (Polido, 2016).

Na aula inclusiva, sublinham ainda a importância dos trabalhos em grupo e o “sentimento de pertencimento, de solidariedade e desejo de cooperação”, que esta estratégia de aprendizagem gera, pois para os alunos poderem expor as suas potencialidades e habilidades na

realização das atividades, o que faz com que participem e se sintam incluídos (Carvalho, 2012, p. 66; Blasco, 1999).

Assim, entre todas as contribuições que a Metodologia de Projeto pode trazer para o ensino e aprendizagem das pessoas com NEE, acredita-se que esta é uma oportunidade para a construção de um ambiente educativo pautado por um “clima de aprendizagem” caracterizado “pela confiança, respeito e colaboração, sendo o diálogo a pedra basilar do processo de aprendizagem” (Nogueira, 2004, p. 6).

1.3. A Educação Profissional e Tecnológica no contexto educacional brasileiro

No Brasil, a Educação Profissional e Tecnológica, “no cumprimento dos objetivos da Educação Nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” e, de acordo com o “novo ordenamento legal definido em 2008” e descrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira, este nível de Educação “abrangerá os seguintes cursos: 1. Formação inicial e continuada ou qualificação profissional; 2. Educação profissional técnica de nível médio; 3. Educação Profissional Tecnológica de graduação e pós-graduação” (Cordão, 2011, p. 42).

Sobre o conceito de formação profissional, Cattani (1997, p. 94), assim a define:

A formação profissional, na sua acepção mais ampla, designa todos os processos educativos que permitam ao indivíduo, adquirir e desenvolver conhecimentos teóricos e operacionais relacionados à produção de bens e serviços quer esses processos sejam desenvolvidos nas escolas ou em empresas. (...) vinculados a um saber profissional, encontram-se conhecimentos, habilidades e atitudes.

Neste sentido, observa-se que os objetivos da Educação Profissional vão além de preparar o indivíduo para o trabalho, e sim, contribuir para que possa desenvolver-se como pessoa apta, profissional e humanamente, para um mundo em constante movimento e mudanças.

Porém, ao se tratar do processo de ensino-aprendizagem das pessoas com NEE, pensa-se que a Educação Profissional e Tecnológica, para que seja inclusiva e contribua de forma satisfatória para que os alunos alcancem seus objetivos, deve ter em conta que cada pessoa tem a sua forma e o seu tempo para aprender; por isso, é preciso que a escola acolha e valorize todas

as diferenças, aparentes ou não, promovendo um processo de ensino e aprendizagem significativos, participativo e não fragmentado (Duk, 2005).

Assim, hoje, pode-se dizer que a Educação Profissional e Tecnológica, no Brasil, tem avançado e contribuído imensamente tanto para o desenvolvimento do país como para a melhoria da qualidade de vida pessoal e profissional de muitos brasileiros, confirmando assim que, além de ser um direito de qualquer pessoa, descrito no artigo 205 da Constituição Federal, a Educação também tem fundamental importância para a sua vida e na construção do seu futuro profissional o que diz Cordão (2011).

Está sempre subjacente que ela precisa evoluir muito e melhorar o atendimento à diversidade para atender cada vez mais um número maior de pessoas, é justo reconhecer que, no momento atual, este nível de educação difere-se muito de quando foi criada, principalmente nas questões da qualidade e diversificação dos temas estudados, de uma atendimento mais geral para a população e da própria inclusão, como se é possível observar no Capítulo III da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, (Federal, S., & Técnicas, S. D. E. 1996).e na Meta 11, e suas estratégias, do Plano Nacional de Educação- PNE 2014-2024 (PNE, 2014).

Neste sentido, importa compreender-se um pouco da história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, desde o seu primórdio e a sua importância no crescimento do próprio país, na vida da população, já que também entende-se que uma coisa não caminha sem a outra, ou seja, que a visibilidade e o desenvolvimento de uma nação está intimamente ligada à Educação e à qualidade de vida do seu povo, ao atendimento dos seus direitos e anseios (Federal, S., & Técnicas, S. D. E. 1996).

1.3.1. Dos Centros de Aprendizagem de Ofícios à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: um pouco da história e evolução deste nível de Educação, no Brasil

Ao estudar a história da Educação Profissional e Tecnológica, no Brasil, é possível perceber que esta vem de uma iniciativa governamental que tem a intenção de atender as classes menos favorecidas (Ministério da Educação-Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009; Kunze, 2009). Neste contexto, pode-se dizer que este nível de Educação foi e continua a ser de suma importância na construção da cidadania para grande parte da população brasileira, e do crescimento do próprio país (Ciavatta & Silveira, 2010).

Ainda, entre os contributos que este nível de Educação traz para o país está o facto de que, se no passado, mesmo que de certa forma traçando uma linha divisória para separar os conhecedores dos executores, dava a oportunidade para os menos abastados economicamente,

nos dias de hoje, além de estar muito ligada à evolução no mundo do trabalho favorecendo a qualidade da mão de obra e dos serviços prestados em qualquer setor, procura contribuir não apenas com “elevação da escolaridade dos trabalhadores (...) em geral” (Ministério da Educação, 2008, p. 8), mas, também, com a formação do indivíduo como um todo, a partir do momento em que enfatiza a construção de valores humanos tanto quanto às habilidades e atitudes (Barato, 2015).

Assim, na procura por informações sobre a trajetória do Ensino Profissionalizante no país, encontrou-se registros como o Colégio das Fábricas, a ser o “primeiro estabelecimento instalado pelo poder público, com o objetivo de atender à educação dos artistas e aprendizes vindos de Portugal”, e o “Decreto nº 787, de 11 de setembro de 1906”, Nilo Peçanha, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, a dar início ao “Ensino Técnico” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 2), cria quatro escolas profissionais naquela unidade federativa: Campos, Petrópolis, Niterói, e Paraíba do Sul, sendo as três primeiras, para o ensino de ofícios diversos e a última, relativamente ao ensino agrícola (Manfredi, 2002; Santos Neto, 2009).

Também neste ano acontece a “consolidação do ensino técnico-industrial no Brasil”, por ações como a realização do “Congresso de Instrução” que apresentou ao Congresso Nacional um “projeto de promoção do ensino prático industrial, agrícola e comercial”, que, com o intuito de receber o apoio do “Governo da União e dos Estados”, tinha como objetivo a “previsão a criação de campos e oficinas escolares onde os alunos dos ginásios seriam habilitados, como aprendizes, no manuseio de instrumentos de trabalho” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 2).

Neste sentido, um importante passo para a criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, como acontece hoje, o quando Nilo Peçanha, ao assumir a Presidência do Brasil, assina, “em 23 de setembro de 1909, o Decreto nº 7.566” que criaria “dezenove Escolas de Aprendizes e Artífices em diferentes unidades federativas, sob a jurisdição do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 2; Manfredi, 2002).

Outro passo que merece destaque foi a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930, que permitiu a organização da Inspeção do Ensino Profissional Técnico, “que passava a supervisionar as Escolas de Aprendizes Artífices, antes ligadas ao Ministério da Agricultura” e que posteriormente deu lugar à Superintendência do Ensino Profissional, marcando “um período de grande expansão do ensino industrial, impulsionada por uma política

de criação de novas escolas industriais e introdução de novas especializações nas escolas existentes” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 4).

No que diz respeito à Educação Profissional, na legislação, destaca-se que a Constituição brasileira de 1937 foi a primeira a dar ênfase “especificamente” ao “ensino técnico, profissional e industrial” e o artigo 129 da referida Lei, aponta os primeiros favorecidos pelo “ensino pré-vocacional e profissional”: as pessoas desprovidas de boas condições financeiras, e o Estado como primeiro responsável por esta Educação (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p.04).

As informações pesquisadas também destacam a transformação das “Escolas de Aprendizizes e Artífices em Liceus Profissionais” (1937), através da Lei 378, e que estes passam a serem direcionados para o “ensino profissional, de todos os ramos e graus” (Ministério da Educação, 2009, p. 4). Entre as contribuições que o “Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro” e sua expansão trouxeram, naquele momento, para o campo do “ensino profissional”, estaria a nova forma de olhar para este ensino, e que, mesmo ainda direcionado aos menos favorecidos e com um certo cariz “assistencial”, era visto como importante para o setor industrial, para o desenvolvimento do país e não somente de assistência aos mais pobres (Ciavatta & da Silveira, 2010, p. 56).

Sobre as mudanças ocorridas na estrutura do Ensino Profissional, a partir do conjunto de leis denominado “Reforma Capanema”, em 1941, descobriu-se que

O ensino profissional passou a ser considerado de nível médio; o ingresso nas escolas industriais passou a depender de exames de admissão; os cursos foram divididos em dois níveis, correspondentes aos dois ciclos do novo ensino médio: o primeiro compreendia os cursos básico industrial, artesanal, de aprendizagem e de mestria. O segundo ciclo correspondia ao curso técnico industrial, com três anos de duração e mais um de estágio supervisionado na indústria, e compreendendo várias especialidades (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 4)

Também, “o Decreto nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942 transforma as Escolas de Aprendizizes e Artífices em Escolas Industriais e Técnicas” e estas passam a disponibilizar a “formação profissional em nível equivalente ao do secundário”, iniciando-se, desta forma, “o processo de vinculação do ensino industrial à estrutura do ensino do país como um todo” o que também possibilitava aos “alunos formados nos cursos técnicos ingressar no ensino superior

em área equivalente à da sua formação” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 4).

Uma contribuição importante para a Formação Profissional no país, teve lugar no governo de Juscelino Kubitschek, (1956-1961), tendo em vista que entre os investimentos feitos pelo governo em setores como o de “infraestrutura (à produção de energia e ao transporte são conferidos 73% do total dos investimentos)”, também à área de Educação foram destinados, “pela primeira vez”, (...) “3,4% do total de investimentos previstos” a ter como objetivo “a formação de profissionais” que contribuíssem para o cumprimento das “metas de desenvolvimento do país” (Ministério da Educação-Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 4).

Ainda neste governo, em “1959”, mais um passo significativo para a Educação Profissional foi dado com a mudança das “Escolas Industriais e Técnicas” para “autarquias, com o nome de Escolas Técnicas Federais”, e a “autonomia didática e de gestão” adquiridas por estas instituições o que contribuiu para a “formação de técnicos, mão de obra indispensável diante da aceleração do processo de industrialização” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 5).

Mudanças marcantes também ocorreram na legislação educacional, onde a “Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971” transforma, em caráter obrigatório, “o currículo do segundo grau” em ensino “técnico-profissional” com o objetivo de preparar novos “técnicos sob o regime da urgência”, expandindo-se assim, nas “Escolas Técnicas Federais”, o número de alunos matriculados e o desenvolvimento de “novos cursos técnicos”. Em 1978, com a Lei nº 6.545 três” destas escolas situadas são transformadas em “Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs”, com a proposta de “formar engenheiros de operação e tecnólogos”, iniciativa que, posteriormente, estender-se-á para outras escolas (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 6).

Nesta ordem, o histórico da Educação profissional e Tecnológica no Brasil também regista a transformação das “Escolas Técnicas Federais e as Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs”, através da “Lei nº 8.948, de 8 de dezembro”, em 1994, “que dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica”, “mediante decreto específico para cada instituição” e que faz-se de acordo com “critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação” que considera as questões de estrutura física como “os laboratórios e equipamentos adequados”, para além das estruturas “técnico-pedagógicas e administrativas, os recursos humanos e financeiros necessários ao

funcionamento de cada centro” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p.5).

Considera-se ser este um passo de suma importância para o seu reconhecimento como fundamental para a formação educacional/profissional do cidadão brasileiro, e para que na “Lei 9.394, considerada como a segunda LDB”, a Educação Profissional tivesse um capítulo dedicado somente a ela, separando-a da “Educação Básica”, permitindo que ficasse no passado o cariz assistencialista e de “preconceito social” que marcou o seu início e surgindo “o Decreto 2.208/1997” que “regulamenta a Educação Profissional e cria o Programa de Expansão da Educação Profissional – PROEP , iniciado em 1978” (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009, p. 6) .

Neste novo contexto, destaca-se a importância dada à formação profissional dos jovens e a proteção contra a sua atuação na informalidade, o que resulta na criação de Projeto que alia o estudo e a experiência, quesitos fundamentais para o desenvolvimento tanto dos próprios aprendizes/trabalhadores como do país (Ministério da Educação, 2010). Neste sentido, uma das ações é a modernização das Leis trabalhistas vigentes, “Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)” e promulgação das “Leis nos 10.097, de 19 de dezembro de 2000, 11.180, de 23 de setembro de 2005, e 11.788, de 25 de setembro de 2008” e a regulamentação da “Lei da Aprendizagem, feita pelo Decreto nº 5.598/2005”, que, fundamentada nas questões do desenvolvimento humano e técnico/profissional desses jovens, estabelece cotas de contratação de “5 a 15%” de aprendizes entre “14 e 24 anos” “matriculado em um curso de aprendizagem profissional”, “admitido por estabelecimentos de qualquer natureza que possuam empregados regidos pela CLT” (Ministério do Trabalho e Emprego., 2014, p. 11)

Também é destacada nesta Lei a preocupação quanto à oportunidade de formação profissional para as pessoas com Necessidades Educativas Especiais que, de forma protegida e garantia de direitos, estabelece que, em relação aos trabalhadores aprendizes com deficiência, não se aplica o limite de 24” anos de idade, como para os outros jovens, para a sua contratação como funcionários das empresas, ou seja, para estas pessoas não há limite de idade (Ministério do Trabalho e Emprego., 2014, p. 11)

Assim, é possível observar neste nível de Educação que, se no seu início o público para o qual “era o considerado desdido da riqueza que, por essa condição, estava sem horizontes, à margem da sociedade e desvinculado dos setores produtivos, engrossando um grupo urbano periférico” que tornavam-se uma barreira para o “desenvolvimento do país e causador do medo” (Kunze, 2009, p. 14); este estigma que vai transformando-se ao longo do tempo até chegar ao que é hoje: um nível de ensino aberto a qualquer pessoa que queira profissionalizar-se

(Ministério da Educação, 2008; Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2009; Barato, 2015).

1.3.2. A Educação Profissional e Tecnológica e as Metodologias Ativas numa perspectiva Inclusiva: possibilidades de integração

Ao se observar os avanços ocorridos na questão da Educação Profissional no Brasil, nos últimos anos, quanto à oferta deste nível de Educação para as pessoas com NEE, pode-se perceber a necessidade de que haja ainda mais mudanças nas formas de ensinar-aprender que favoreça não apenas estas pessoas, mas todos os alunos que a procuram, independentemente das limitações que possam ter (Ministério da Educação, 2010).

Neste sentido, salienta-se que o aluno de hoje, em muitas das suas características pessoais e anseios profissionais, difere muito do aluno de há dez anos atrás, que também na escola muitas mudanças ocorreram desde o “contexto socioeconômico, que impõe expectativas de desempenho cada vez mais elevadas” ao que se “espera” do aluno da “Educação Profissional e Tecnológica” no final de sua formação e no que diz respeito ao seu perfil profissional ao uso das novas tecnologias (Barbosa & Moura, 2013, p. 50).

Outra mudança perceptível, deu-se quanto aos alunos com NEE que hoje têm demonstrado maior interesse na procura por instituições dos níveis mais elevados de ensino, com a intenção de iniciar ou avançar em suas formações profissionais (Andrés, 2014; Ministério da Educação, 2010; 2012). No caso das instituições escolares de Educação Básica e, no foco deste trabalho, de Educação Profissional e Tecnológica, públicas e particulares, também ocorreram transformações, e continuam a ocorrer, na inclusão e no respeito à diversidade, favorecendo o ensino-aprendizagem de e para todos (Ministério da Educação, 2005; Cordão, 2011).

A observar estas mudanças, Barbosa e Moura (2013) discorrem sobre a importância das metodologias ativas, no contexto deste nível de Educação, sob a visão de que o momento presente também necessita de novas formas de ensinar e aprender e que estes métodos proporcionam oportunidades de inovação para as “práticas docentes”, para além de ultrapassar as “limitações dos modelos tradicionais de ensino” (p. 49).

Estas metodologias ativas, (Berbel, 2011, p. 28) podem “vir a favorecer uma motivação autônoma”, do aluno, a partir do momento em que este, ao se perceber como protagonista da sua aprendizagem, através das diversas formas e “oportunidades” que ele tem para o desenvolvimento “dos conteúdos” a serem estudados, pelas facilidades em encontrar “respostas

ou soluções para os problemas que se apresentam” e pelas “alternativas criativas para a conclusão do estudo ou da pesquisa” em que estiver a trabalhar.

Assim,

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras (Berbel, 2011, p. 28).

Ao direcionar-se o olhar para a integração entre a Educação Profissional e Tecnológica e as Metodologias Ativas, numa perspectiva inclusiva, Barbosa e Moura (2013), a citar Blikstein (2010, p. 3), destacam que “é uma tragédia ver, a cada dia, milhares de alunos sendo convencidos de que são incapazes e pouco inteligentes simplesmente porque não conseguem se adaptar a um sistema” tradicional que, ainda hoje, desfavorece os alunos com alguma ou maiores dificuldades (p. 51). Assim, quando se pensa nestes formandos adultos, pensa-se em favorecer a sua forma própria de aprender e também nas questões das “diferenças” de idade, “estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem” (Knowles, Holton, & Swanson, 2011, p.52), pelo que a adoção de metodologias ativas de aprendizagem sejam uma opção a ser considerada, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, oferecem muitas possibilidades de desenvolvimento das atividades escolares e “nas diferentes áreas de formação profissional” (Barbosa e Moura, 2013, p. 56).

Importante considerar que também neste modelo de ambiente de aprendizagem, os alunos constroem seu conhecimento através da experiência e da resolução de situação problema, onde a função do professor é a de “orientar, guiar e estimular a atividade”, ou seja, mediar/facilitar a aprendizagem dos alunos (Teixeira, in Westbrook, 2010, p. 64).

Neste contexto, como exemplo de metodologia ativa neste tipo de ensino, numa perspectiva Inclusiva e com contribuições para a formação Profissional das pessoas com NEE, pode-se sugerir a Metodologia de Projeto. Esta sugestão baseia-se em todas as características que contempla de uma metodologia ativa de aprendizagem, por exemplo, favorecer a voz e a participação ativa do aluno, a sua interação com os conteúdos que estão a serem estudados, as oportunidades de opinar, de questionamentos e de aprender e ensinar, ao mesmo tempo como descrito por (Barbosa & Moura, 2013). Outra contribuição desta Metodologia é quanto ao facto de ser “uma estratégia de ensino-aprendizagem com a finalidade de auxiliar o desenvolvimento

e autonomia do aluno, frente ao contexto sócio histórico, incorporando novas práticas educacionais que ressaltam o caráter global e sistêmico da educação” (Polido, 2016, p. 48).

Para além disso, há ainda um fator importante que é o facto desta Metodologia “representar uma forma importante de considerar todos os elementos referentes à formação integral do ser humano (Moura, 1993, referenciado por Barbosa e Moura, 2013, p. 62). Neste caso, a formação de “valores e atitudes”, também poderá ser referenciada nas diferentes situações de vida pessoal e profissional que venham a enfrentar, além de lhe possibilitarem “melhor qualidade de vida nos planos individuais e coletivos” (Senai, 2011, p. 14, citado em Manica, 2011, p. 30).

Enfim, a concordar com os autores pesquisados e a considerar as opiniões de Secretaria Estadual da Educação do Paraná-S.E.E.D. (2006, p. 9) sobre a contribuição das “turmas heterogéneas” para o desenvolvimento de todos os alunos com e sem NEE e para o crescimento intelectual e humano que estas turmas proporcionam a todos os envolvidos no processo de inclusão, reforça-se o pensamento, já defendido anteriormente neste trabalho, da possibilidade do uso da Metodologia de Projeto, como ferramenta pedagógica inclusiva, poder vir a ser uma opção vantajosa, para alunos, docentes e Escola, nas turmas heterogéneas na Educação profissional e Tecnológica.

1.3.3. A Escola de Educação Profissional e Tecnológica numa perspetiva Inclusiva

Ao se tratar da questão da instituição escolar, como uma escola inclusiva, há que se ter em conta as informações trazidas por Andrés (2014) quanto ao momento atual, onde um maior número de alunos com NEE têm procurado estas instituições educativas no sentido de levarem adiante os seus propósitos de estudo e formação para a vida profissional.

Neste contexto, pensa-se que a Escola de Educação Profissional e Tecnológica, tanto quanto qualquer outra instituição escolar, deve estar preparada para receber e atender a todos estes alunos, com toda a sua diversidade, em todas as suas necessidades, respeitando-as (Cordão, 2011). Assim, no caso específico destas instituições, o olhar para as características individuais dos formandos precisa ser ainda mais cuidadoso, no sentido de ajuda-los a prepararem-se cada vez melhor, partindo-se do princípio que estará em questão não apenas o desenvolvimento individual e a formação de pessoas para o mundo do trabalho, mas também a sua preparação para atender, trabalhar e conviver com quaisquer outras pessoas e em diferentes ambientes (Manica & Caliman, 2015).

Estes autores afirmam ainda que, no caso das pessoas com deficiência que já têm os pré-requisitos necessários, muitas têm procurado estas escolas também com a “possibilidade de continuidade dos estudos” em níveis mais elevados (Manica & Caliman, 2015, p. 62), o que se confirma com “o Censo da Educação Superior registra que, entre 2003 e 2012, o número de estudantes passou de 5.078 para 26.663 estudantes, representando um crescimento de 425%” por Andrés (2014, p. 9).

Ou seja, tudo indica que este é um movimento que tende a crescer cada vez mais, portanto “é importante lembrar que, quando falamos em melhorias e em escola inclusiva, estamos falando de um espaço melhor para todos” onde o aluno com NEE também tenha, de facto, a oportunidade de aprender e desenvolver-se de forma que favoreça o seu futuro profissional e pessoal (Matarazzo, 2009, p. 119, citado em Manica & Caliman, 2015, p.55).

Ainda, de acordo com estes autores, Matarazzo (2009, p. 120), reforça que

Para se ter uma ideia melhor do que seria ideal para ter uma escola realmente inclusiva, é preciso levar em conta não apenas o que ela oferece em termos de espaço e acessibilidade, mas também o preparo de seus professores para atender a alunos com todos os tipos de necessidades (Manica & Caliman, 2015, p. 55).

Neste sentido, Manica e Caliman (2015) e Unesco (1994, p. 8) concordam que “são necessários para a contribuição de escolas inclusivas bem-sucedidas: currículo, prédios, organização escolar, pedagogia, avaliação, pessoal, filosofia da escola e atividades extracurriculares”.

Importante ressaltar que, no caso de uma instituição de Educação Profissional e Tecnológica que almeja desenvolver suas atividades seguindo os parâmetros inclusivos, precisa também de estar atenta no desenvolvimento de um “currículo” flexível “e ampliar as condições de acesso das pessoas com deficiência em seus cursos, especialmente levando em consideração a legislação e as possibilidades legais para capacitar e avaliar pessoas com deficiência” (Manica & Caliman, 2015, p. 59).

Enfim, a entender que uma escola realmente inclusiva deve atender a todos de forma igualitária e equitativa, aceita-se, neste trabalho, a definição de que uma escola de Educação Profissional e Tecnológica “somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer a cada aluno um ensino significativo independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação” (Aranha, 2004 citada por Moreira, 2011, p.5), ou seja, quando esta escola trabalhar na perspectiva de uma educação para e

por todos e atender as peculiaridades de cada indivíduo que a buscar, no intuito de preparar-se para a sua vida pessoal e profissional.

1.3.4. As turmas heterogêneas na Educação Profissional e Tecnológica

Sobre as turmas ou classes heterogêneas (Morais & Franco, 2011), a partir de pesquisas em autores como Hess (2001, p. 9), encontraram informações que definem as definem como aquelas “compostas por alunos que diferem não só de forma multicultural, mas também em sua capacidade de aquisição de conhecimentos e em suas habilidades, podendo ser classificada em termos de idade, motivação, inteligência, autodisciplina, conhecimentos das competências, atitudes e interesses” (p. 156).

Ao se pensar nas características dessas turmas, pode-se dizer que é onde alunos com e sem limitações estudam juntos, compartilham conhecimentos, informações, experiências, trazendo benefícios para todos, oportunizando aprendizados acadêmicos e humanos como respeito à individualidade, tolerância, solidariedade, partilha de conhecimentos e experiências, paciência, entre outros, observados onde e quando alunos com e sem NEE aprendem juntos (Secretaria Estadual da Educação do Paraná-S.E.E.D, 2006).

Neste sentido, nestas, destaca ainda a importância da “distribuição dos alunos com necessidades educacionais especiais pelas várias classes do ano escolar em que forem classificados, de modo que essas classes comuns se beneficiem das diferenças e ampliem positivamente as experiências de todos os alunos, dentro do princípio de educar para a diversidade” (Flasch, 2011, p. 22).

Outra vantagem percebida no trabalho com e nas turmas heterogêneas é o entusiasmo presente também em muitos educadores e pais devido à certeza de que na diversidade encontrada e devidamente respeitada, “reside a riqueza das trocas que a escola propicia” (Carvalho, 2004, p. 27, citado em Secretaria Estadual da Educação do Paraná-S.E.E.D, 2006, p. 9).

Importante ressaltar, que todos estes benefícios acontecem “após” o reconhecimento e acolhimento “das necessidades individuais dos alunos” e de acordo com o esforço, conhecimentos, proatividade, vontade do professor para “coordenar os alunos em grupos funcionais de aprendizagem” (Morais & Franco, 2011, p. 156).

Estes autores ainda destacam a importância de “a formação desses grupos” ser “baseada nas habilidades e nos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos”, pois, para eles, a formação

deste tipo de grupo contribui positivamente tanto para o trabalho do professor como aumenta a “eficácia do plano de aula” e facilita o desenvolvimento das atividades, para os alunos, tornando-as mais “realistas e exequíveis” (Morais & Franco, 2011, p. 156).

Entretanto, quanto à opinião dos professores, em relação ao trabalho com “classes heterogêneas, muitos acreditam estar despreparados e com isso desmotivados para receberem alunos com alguma deficiência, principalmente aparente, sem perceberem o quanto estas classes que poderia ajudá-los no desenvolvimento de atitudes “proativas”, maior abertura para o novo, flexibilidade, busca por novos conhecimentos, entre outras competências (Toledo & Martins, 2009, p. 4127)

Ao lembrar que “ A educação inclusiva prevê a inserção de indivíduos em classes regulares de ensino independentemente de suas condições físicas, cognitivas, sensoriais, origem socioeconômica, raça ou religião”, é importante ressaltar que, para além disso, para as pessoas com NEE, a participação nestas turmas pode traduzir-se em maiores oportunidades de aprendizagem e proporcionar-lhes um outro olhar por parte dos colegas de classe, que poderão vê-los e valorizá-los como seus iguais e como qualquer outro cidadão, contribuindo para a eliminação do cariz assistencialista e de pena (Freitas, 2007, p.5).

Neste contexto,

Há relatos de professores que contam como, nessa interação, aprenderam a ser mais tolerantes ao conhecer e respeitar ritmos e estilos de aprendizagem variados, a utilizar estratégias diferenciadas de ensino e avaliação, em função de limitações físicas e sensoriais apresentadas por alguns alunos, que acabaram por beneficiar a turma toda (SEED Paraná, 2006, p. 8-9).

Também de acordo com este autor, foram registrados “depoimentos emocionados” de responsáveis pelos alunos onde contam sobre o “crescimento intelectual, afetivo e social de seus filhos com e sem deficiência”, observados a partir desta convivência nas turmas heterogêneas na escola, e ainda a ser acrescido a este crescimento, “os sentimentos e atitudes de solidariedade e cooperação”, o que demonstra a importância desta forma de composição das turmas escolares para o processo de efetivação da Educação inclusiva, dentro da instituição escolar (SEED Paraná, 2006, p. 9).

1.4. Inclusão, equidade e oportunidades, na perspectiva da educação para todos: o trabalho da instituição amparado pela Metodologia de Projeto

Com o foco dos seus trabalhos direcionado para o desenvolvimento integral do aluno, seja dentro e/ou fora da sala de aula, o Senac prioriza a “a aprendizagem voltada para o desenvolvimento de competências, autonomia e cidadania”, numa atuação com visão inovadora e a trabalhar pela e para a formação de indivíduos conscientes da sua participação no mundo (Senac, 2005, p.8). Assim, com este olhar para o aluno e a ter “a Educação” como a “sua razão de ser”, de existir, a instituição aposta e desenvolve a sua prática pedagógica sob a égide de uma Metodologia também inovadora e com características que atendam às necessidades individuais de aprendizagem dos seus alunos, a Metodologia de Projeto (*ibidem*).

Desta forma, a Escola ampara o desenvolvimento do trabalho pedagógico levado a efeito junto aos alunos e as atividades específicas desenvolvidas na instituição, nesta Metodologia, fazendo com que “a metodologia de educação profissional” dos cursos desenvolvidos, seja “baseada em projetos” podendo, com muito mais propriedade, atingir os objetivos e necessidades do seu corpo discente (Senac, 2005. p. 13)

Relativamente à inclusão de alunos com algum tipo de Necessidades Educativas Especiais, o Senac São José do Rio Preto entende que incluir não significa, apenas, matriculá-lo numa escola comum, em turmas heterogêneas, e sim, como para qualquer outra pessoa participante de qualquer um dos cursos desenvolvidos pela instituição, promover-lhe uma educação “de alta qualidade”, num processo de inclusão que favoreça “todos os alunos” (Rodrigues, 2011, p. 19).

Neste sentido, considerando a “igualdade de condições para o acesso, inclusão, permanência e sucesso na escola”, propostos no I princípio do “Parecer CNE/CEB no 07/2010” (Cordão, 2011, p. 45), a instituição, a seguir o exemplo da Marca Senac SP em suas atuações, com uma educação inovadora também no campo da inclusão educacional e amparando-se na sua Proposta Pedagógica, que propõe uma “organização curricular” flexível, possibilita a construção de itinerários formativos singulares e variados, inclusive, viabilizando o aproveitamento efetivo das competências já desenvolvidas na vida escolar ou na prática social e profissional” dos educandos (Senac, 2005, p. 12).

Ainda de acordo com a sua Proposta de trabalho, o Senac SJR acredita que “educar é uma ação intencional e política”, que “possibilita ao indivíduo o desenvolvimento de competências, fundamentado em conhecimentos científicos e tecnológicos, aprendendo a

conhecer, viver, conviver, agir e transformar sua vida e sua prática social, e a participar da sua comunidade” (Senac, 2005, p.05).

Também está presente na sua prática educativa a concepção de uma “educação participativa”, que fica clara diariamente, na sua proposta para a Educação Profissional: “promover as pessoas, organizações e comunidades, buscando fortalecê-las por meio de um processo que visa à inserção social e à ação participativa”; além de fornecer instrumentos educativos para a construção e valorização de “competências para o trabalho e para a melhoria da qualidade de vida”, num processo que contribua para que o “educando desenvolva as suas potencialidades, estimulando um contínuo processo de desenvolvimento”, numa “perspetiva, de educação permanente” (Senac, 2005, p. 5)

Neste contexto, a ter como “valores e princípios a autonomia das pessoas, organizações e comunidades, a participação no coletivo no qual estão inseridas, a ética, a solidariedade e o respeito à diversidade” (Senac, 2005, p. 5), e para que haja uma inclusão efetiva de qualquer aluno, independentemente de qualquer limitação, a instituição aposta tanto no preparo dos profissionais Docentes quanto do seu corpo Técnico, proporcionando a todos oportunidades de formação em conhecimentos e “valores inclusivos”, (Booth & Ainscow, 2011, p. 22).

A Unidade Senac SJR, também faz-se presente em muitos Projetos juntamente com outras unidades do Senac SP, a destacar-se entre estes o Projecto PonteS - Oeste, cujo objetivo “é promover e mediar conversas educacionais, inspiradas por referenciais de metodologias ativas de aprendizagem significativa, afim de concretizar a Proposta Pedagógica do Senac São Paulo no cotidiano das unidades” (Poder Jurídico, 2016).

Outra preocupação da instituição, quanto ao processo formativo dos seus alunos, é em relação à acessibilidade física e humana, assim, procura garantir, para além da estruturação arquitetónica do prédio com a implantação e/ou adaptação de itens e equipamentos de segurança e de acessibilidade necessários, proporcionar uma aprendizagem significativa e um atendimento e permanência acolhedores, confortáveis e seguros para todos, alunos ou não, que a procuram (Senac, 2006).

CAPÍTULO II – 2 Problemática

2.1. Questão de partida e objetivos

Tendo em conta as características da instituição Senac que serviu de base para este questionamento empírico que pretende conhecer o contexto e perfil pedagógico, bem como os interventores e intervenientes, elaborou-se a seguinte questão que norteia o presente trabalho de investigação:

Qual o contributo que a Metodologia de Projeto, enquanto ferramenta pedagógica inclusiva no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, poderá trazer para o ensino-aprendizagem de alunos com NEE, em turmas heterogéneas?

A partir desta, e a fim de encontrar respostas para a questão apresentada, foram formuladas as seguintes questões específicas:

1 – Quais as características da Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva na Educação Profissional e Tecnológica?

2 – Quais as percepções dos docentes e não docentes relativamente à Metodologia de Projeto, numa lógica de escola inclusiva e em turmas heterogéneas?

3 – Como se caracteriza a dinâmica da instituição em relação ao tema da Educação e Escola Inclusiva?

4 – Quais as percepções dos alunos com e sem NEE e dos seus pais, relativamente ao desempenho da Metodologia de Projeto, nos seus processos de ensino-aprendizagem e no contexto escolar?

No que respeita os objetivos do presente estudo, e tendo subjacente as questões investigativas atrás elencadas, elaborou-se os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Caracterizar as percepções dos diversos intervenientes (e.g., docentes, não docentes, alunos com e sem NEE, pais, diretor, supervisor e outros funcionários da instituição) relativamente ao contributo da Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica de alunos com NEE, em turmas heterogéneas.

Objetivos Específicos:

A: Caracterizar a Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, em turmas heterogêneas (isto é, com alunos com e sem NEE).

B: Caracterizar as percepções dos docentes e não docentes, relativamente à Metodologia de Projeto, no contexto da sala de aula e no acolhimento/recepção dos alunos.

C: Identificar, na instituição escolar, as características de uma escola inclusiva e com foco no aluno.

D: Auscultar os estudantes (com e sem NEE) relativamente à contribuição/satisfação quanto à Metodologia de Projetos enquanto ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, em turmas heterogêneas.

No sentido de realizar um levantamento inicial relativamente às características inerentes aos dois temas em destaque neste trabalho, que apoiasse e potenciasse a elaboração de instrumentos mais adequados e precisos face ao pretendido, procurou-se através de leitura e pesquisas em trabalhos académicos e autores de referência sobre o tema da Metodologia de Projeto um conjunto de assunções orientadoras. Assim, e para melhor se aprofundar este conhecimento, considerou-se a necessidade de coleta de informações oriundas da vivência/experiência de pessoas ligadas à instituição, na condição de alunos com e sem necessidades educativas especiais, docentes, familiares de alunos, além de responsáveis pela direção e áreas administrativas da instituição escolar, no que respeita às suas percepções relativamente à metodologia orientadora das suas atividades - a Metodologia de Projeto.

CAPÍTULO III - 3 Metodologia

O garimpeiro vai à mina em busca de ouro, mas, muitas vezes, sai de lá com algo bem mais precioso: o sentido do esforço, do trabalho, do silêncio, da solidão. O sentido da própria existência como exercício da vontade, do amor e da persistência.

(Carlos Hilsdorf)

3.1. Natureza e contexto da investigação

Este capítulo procura contextualizar a investigação aqui desenvolvida, destacando a instituição do estudo de caso organizacional, os métodos utilizados para recolha das informações e, da mesma forma, o tratamento das mesmas. O objetivo principal desta investigação é o de caracterizar, entre as metodologias ativas, a Metodologia de Projeto, como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, para pessoas com Necessidades Educativas Especiais (NEE), em turmas Heterogéneas, considerando as perceções dos intervenientes.

Partindo do pressuposto básico que é dado a qualquer pessoa, seja ela “criança, jovem ou adulto”, independentemente de qualquer condição própria ou do meio em que vive, “o direito humano de se beneficiar de uma educação que satisfaça suas necessidades básicas de aprendizagem, no melhor e mais pleno sentido do termo, e que inclua aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser” (UNESCO, 2001, p. 8), importa conhecer quais as medidas que permitem e garantem o acesso a este direito. Deste modo, este trabalho orienta-se pelas questões legislativas que “assegura aos alunos com deficiência o pleno convívio em salas de aulas comuns”, a partir da “evolução do conceito de inclusão” (Senac, 2006, p.11).

Pesquisar é “procurar respostas para indagações propostas” (Lakatos & Marconi, 1991, p.3). Este foi o caminho percorrido para que se pudesse atingir o objetivo proposto neste trabalho, ou seja, encontrar características específicas numa metodologia de ensino-aprendizagem - a Metodologia de Projeto -, a partir, principalmente, de informações vindas das opiniões e sentimentos daqueles que a vivenciam ou vivenciaram, sejam eles alunos ou funcionários da instituição estudada, bem como pais de alunos com NEE que participaram do processo de aprendizagem dos seus filhos.

3.2. Abordagem metodológica

Ao considerar a natureza do trabalho de investigação que se pretendia realizar optou-se por uma abordagem metodológica mista, com utilização das metodologias qualitativa e quantitativa (Morais & Neves, 2007). Sobre a utilização destes dois métodos numa mesma investigação as autoras, ao citarem (Shaffer & Serlin, 2004), destacam que os dois formam opções para se tentar “projectar um conjunto finito de informação para uma população mais ampla: uma população de indivíduos no caso do típico inquérito quantitativo, ou uma colecção de observações na análise qualitativa” (Morais & Neves, 2007, p. 2). Ainda é possível afirmar que estas duas formas de pesquisa, muitas vezes, são mencionadas como “paradigmas distintos e incompatíveis em investigação educacional”, mas, neste estudo, optou-se por usar estas duas abordagens devido às suas características e utilidades para o trabalho com “diferentes tipos de questões” (Morais & Neves, 2007, p. 2).

A partir destas características apresentadas e, diante dos objetivos propostos para esta investigação - em que se procurava conhecer percepções, opiniões e sentimentos pessoais -, chegou-se à conclusão que esta seria a melhor opção para a recolha das informações. Desta forma, foram elaborados instrumentos de pesquisa, como o guião para as entrevistas e o questionário utilizado, os quais trouxeram amparo para o trabalho realizado junto dos participantes entrevistados e respondentes do questionário, respectivamente alunos com e sem NEE, pais de alunos com NEE, Profissionais docentes e não docentes que fazem parte da instituição, e pesquisa em documentos (Bogdan & Biklen, 1994).

Com esta abordagem e procedimentos esperava-se encontrar, não uma resposta definitiva a respeito dos contributos da Metodologia de Projeto para o ensino-aprendizagem dos alunos com NEE, participantes em turmas heterogéneas nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica da instituição estudada, mas abrir caminhos para futuras reflexões a respeito dos temas e, desta forma, vencer um dos maiores desafios educacionais do país, o de se garantir uma Educação inclusiva e equitativa para todos (Fávero, Ferreira, Ireland, & Barreiros, 2009).

Neste contexto, optou-se também por um estudo de caso numa Instituição Escolar de referência na área de estudo, com uma investigação de natureza exploratória cujo objetivo, de acordo com Lakatos e Marconi (1991, p. 3), é “a caracterização inicial do problema, sua classificação e de sua definição”, e a adotar as abordagens qualitativa e quantitativa como forma de levantar e aprofundar as experiências e vivências dos participantes (Morais & Neves, 2007).

Com o olhar direcionado para os objetivos da investigação, optou-se pela escola Senac, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, cuja natureza do ensino é a Educação Profissional e Tecnológica, como campo de pesquisa. Esta escolha deveu-se ao facto desta instituição contemplar na sua Proposta Pedagógica e Regimento das Unidades Escolares de Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Formação Inicial e Continuada, a Metodologia de Projeto como estratégia de ensino-aprendizagem na e para as atividades desenvolvidas nos cursos oferecidos.

A escolha pela referida instituição também se deveu ao trabalho de Educação Inclusiva que a mesma desenvolve, atingindo e envolvendo, direta e indiretamente, a comunidade externa local e regional. Este aspeto ficou claro em muitas das acções desenvolvidas, nas formas de atendimentos prestados, nas atividades pedagógicas pensadas e realizadas e nos relatos dos próprios entrevistados.

3.2.1. Método proposto para a investigação: O Estudo de Caso

De acordo com Ventura (2007), a utilização do “estudo de caso” origina-se “na pesquisa médica e na pesquisa psicológica, com a análise de modo detalhado de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada”. Este autor, a partir dos seus estudos também afirma que, para além destas áreas, o estudo de caso “tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais” (p. 384).

Como Chizzotti (2006) defende, nas palavras de Ventura (2007), este método, “como modalidade de pesquisa” apareceu, no princípio, “nos estudos antropológicos de Malinowski e na Escola de Chicago” evoluindo a sua utilização para outros campos como o dos “processos, organizações, grupos, comunidades etc.” (p. 384). Assim, a origem do estudo de caso “se relaciona com o método introduzido por C.C. Laugdell no ensino jurídico nos Estados Unidos”, porém, foi difundido pela “prática psicoterapêutica caracterizada pela reconstrução da história do indivíduo”, entre outros campos, relacionados a um único sujeito e coletividade em (Ventura, 2007, p. 384).

Sobre a definição deste método, Merriam (1988, citado por Sarmiento, 2011, p.2), define-o como “o exame de um fenómeno específico, tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição, ou um grupo social”. O mesmo autor também menciona os estudos de Yin (1994, p. 13), que o define como “uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto real de vida, especialmente quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são absolutamente evidentes” (p. 2).

Bressan (2000) reforça então:

O Estudo de Caso é um método das Ciências Sociais e, como outras estratégias, tem as suas vantagens e desvantagens que devem ser analisadas à luz do tipo de problema e questões a serem respondidas, do controle possível ao investigador sobre o real evento comportamental e o foco na atualidade, em contraste com o caráter do método histórico (p. 2).

Neste sentido chama a atenção para as “habilidades” que um Investigador precisa ter para trabalhar com o estudo de caso. Sobre este assunto, a mencionar Yin (1989), diz que um investigador “para conduzir com sucesso um estudo de caso” precisa de ter “habilidades que o habilitem para tal”, como “fazer perguntas e interpretar os resultados”, saber “ouvir” e saber separar o que é “ideologia” sua do que é do seu entrevistado, “ser flexível”, possuir “domínio das questões em estudo” .ou seja, o investigador deve ser preparado, para esta atividade (*idem*).

Desta forma Yin (2001) destaca como diferencial neste método “a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional”, o que pode ser visto como uma de suas vantagens, na realização de uma investigação (p. 27).

Como citado anteriormente, este trabalho, em tratando-se de uma instituição escolar de natureza específica, optou-se por um estudo de caso organizacional cujos objetivos registrar o quanto esta instituição evoluiu, dentro de um espaço de tempo determinado (Bogdan & Biklen, 1994).

No campo da educação é importante destacar as informações trazidas por Sarmiento (2011, p. 2), que defende que no centro dos estudos de caso estão as “ instituições escolares ou um ou vários (as) alunos (as) ou um ou vários (as) professores (as)”.

Assim, no que tange à Metodologia de Projeto, utilizada no desenvolvimento dos cursos da Escola estudada, e ao ensino-aprendizagem dos alunos com NEE, matriculados nestes cursos nas turmas heterogêneas, o estudo aqui desenvolvido vem de encontro com o que dizem os autores citados.

3.3. O Senac São Paulo – uma caminhada de sucessos na Educação Profissional e Tecnológica

Para que se possa melhor entender o funcionamento da Escola aqui estudada, o Senac de São José do Rio Preto, é importante conhecer um pouco da sua origem e dos Valores nos quais está amparada, a Marca Senac.

3.3.1. Breve perspectiva teórica do Senac

O Senac é uma instituição com mais de “70 anos de atividades” na questão da Educação Profissional. Esta é a idade do Senac SP, que, a contar com uma bela história de vida e realização de sonhos de alunos e funcionários, “a organização permanece contemporânea e reafirma sua capacidade de inovação e renovação”, característica que a destaca entre as outras Escolas de Educação profissionalizante, a acompanhar e a abrir “caminhos para as tendências do mundo do trabalho no comércio de bens, serviços e turismo” (Senac, 2015, p. 4). Esta história começou em “10 de janeiro de 1946, a partir da liberação, por parte do Governo Federal, para que o Conselho Nacional do Comércio pudesse “criar escolas em todo o país”, e desta forma, dar a abertura para que o “O Senac São Paulo tivesse o seu Conselho Regional eleito em 13 de julho daquele ano e fosse o primeiro a iniciar os trabalhos”. Assim, ainda hoje “é uma instituição jurídica de direito privado” a crescer com o país e com o Estado de São Paulo, onde, atualmente conta com presença em “mais de 40 municípios, com 60 unidades, além de dois hotéis-escola e da Editora Senac São Paulo” (Senac, 2015, p. 4).

Sobre a história do Senac, como descrito na sua Proposta Pedagógica (que foi elaborada no ano de 2005 e que está em fase de reformulação), no eu início, “existiam duas trajetórias educacionais distintas: a da escola de educação geral, que visava preparar pessoas para o ensino superior e a de educação profissional, que formava para o mercado de trabalho”. Sobre os “currículos da Educação Profissional”, a sua organização tinha como “objetivo” “preparar mão-de-obra especializada, de níveis técnico-administrativo médio e básico” (Senac, 2005, p. 4, 5).

Outra informação em relação à organização dos conteúdos e dos cursos, no início das atividades da escola, é que estes eram preparados “para atender às demandas previsíveis do desenvolvimento industrial e comercial do país”, naquele momento, e, desta forma, de acordo com a “organização do trabalho da época”. Assim, diferentemente do que acontece hoje, a “prática educacional não valorizava a iniciativa e a reflexão, não era flexível, nem

contextualizada, e a educação não visava aos educandos como sujeitos transformadores ou promotores da própria aprendizagem e construtores do conhecimento” (Senac, 2005, p. 4, 5).

Porém, a instituição evoluiu com e como o mundo, e, especificamente com o olhar para o mundo do trabalho, atualizou-se procurando sempre trabalhar no sentido de proporcionar aos estudantes diversas formas de estudar e aprender, e neste sentido, as fontes da Organização também dão conta que, já em 1947, era pioneira nas questões educativas, apresentando a “Universidade do Ar, que ensinava pelas ondas do rádio” (Senac, 2016, para. 6).

Com esta visão, acompanhou a evolução tecnológica, e, hoje, a inclusão educacional é uma realidade onde também, a se utilizar dos avançados recursos digitais, abre espaços para que inúmeras pessoas em qualquer lugar do país possam estudar e se atualizar pessoal e profissionalmente, através das diversas opções de cursos oferecidos pelo Senac SP presencialmente e à distância (Senac, 2016).

Neste sentido, com uma moderna e bem montada estrutura educacional na sua Rede de Escolas, o Senac conta com dois Hotéis Escola, “o Grande Hotel São Pedro” que iniciou suas atividades a partir de 1969 e o “Grande Hotel Campos do Jordão, desde 1998”, o que permite aos estudantes, além das aulas teóricas, “a vivência de rotinas profissionais”, para além de oferecerem atendimentos de elevado padrão de qualidade aos seus hóspedes (Senac, 2016, para. 7).

Segundo o seu histórico disponível no Portal Institucional, o Senac SP também se destaca no Ensino Superior, modalidade de ensino iniciada em 1989, com o curso Tecnologia em Hotelaria. No ano de 2004, as então Faculdades Senac deram lugar ao atual Centro Universitário Senac. Já no ano de 1995, foi criada a editora que permitiu ao Senac estender a sua ação educativa, para além da “bibliografia que valoriza autores nacionais” as “áreas de atuação” dos cursos desenvolvidos pela instituição (Senac, 2016, para. 9).

Como compromisso institucional, O Senac São Paulo “orgulha-se de participar ativamente da vida das pessoas, das empresas e das comunidades onde está presente”, e através da sua atuação, procura “engrandecer a educação brasileira” sempre colocando à frente de suas ações a valorização do “desenvolvimento humano” (Senac, 2016, para. 10).

De acordo com a instituição, seus “valores institucionais ressaltam uma identidade comum e norteiam a atitude” de cada indivíduo que faz parte do seu quadro de funcionários, “no exercício do cotidiano profissional”. Assim, “valoriza a atitude empreendedora, a busca da excelência no desempenho e na satisfação dos clientes, o compromisso social, o desenvolvimento sustentável e a educação para a autonomia. Nesse sentido, a cada dia, vai

“escrevendo” a sua “história” e a de muitas pessoas que cruzam o seu caminho, sejam alunos, clientes e/ou funcionários (Senac, 2016, para. 11).

Desta forma, a unir “conhecimento, experiência e tecnologia educacional”, esta instituição educativa mantém em sua programação “produtos e serviços em vários campos do conhecimento e em todas as modalidades, do ensino superior, com cursos de graduação, pós-graduação (lato e stricto sensu) e extensão universitária, aos já tradicionais cursos técnicos e livres”, além de um “Atendimento Corporativo” “dirigido exclusivamente à construção das melhores soluções para as iniciativas pública, privada e do terceiro setor”, a atender de acordo com as “necessidades e aos interesses de cada cliente” e aluno (Senac, 2016, para. 4).

3.3.2. Senac: Uma escola inclusiva em ação

Em relação às questões da inclusão efetivamente falando, com Valores Institucionais como “Transparência, Inclusão Social, Excelência, Inovação, Atitude Empreendedora, Educação para Autonomia, Desenvolvimento Sustentável”, o Senac São Paulo, procura, em todas as vertentes em que atua e quanto nos seus colaboradores, atuar de forma inclusiva, na perspectiva de inclusão para todos, ou seja, valorizar não apenas aqueles alunos e/ou funcionários com alguma limitação, aparente, mas, acolher e dar a oportunidade a todos, inclusive, no caso dos colaboradores, através de formação continuada e específica, se for necessário, para que qualquer um possa desenvolver as suas atividades de acordo com as suas habilidades e capacidades (Senac, 2016, para. 4).

Com um programa de inclusão implantado desde 2003, a instituição vem destacando-se como uma Escola reconhecidamente inclusiva, tanto no que diz respeito ao atendimento aos alunos, quanto para as pessoas com Necessidades Especiais que atuam como funcionários, e a receber a prova deste reconhecimento, com as premiações conquistadas, inclusive a nível internacional (Senac, 2016).

Neste passo importante dado pelo Senac São Paulo, a Educação Inclusiva e a sua adequação nas questões da acessibilidade, para atender alunos e funcionários de acordo com as suas necessidades individuais, fez com que a instituição conquistasse, os seguintes prêmios:

- Em 2015, o “Prêmio Melhores Empresas para Trabalhadores com Deficiência da Secretaria do Estado”, cujo objetivo da iniciativa é dar visibilidade às boas práticas relacionadas à inclusão profissional de pessoas com deficiência (Senac, 2016).

- Em 2016: em dezembro do ano de 2016, a instituição é premiada pela Organização das Nações Unidas, ONU, com o “Reconhecimento Global Boas Práticas para Trabalhadores com Deficiências”, sendo reconhecida não apenas pelo trabalho inclusivo na Área Educacional, mas, também, no atendimento acessível para os seus colaboradores (Ventura, 2016, para. 2).

Neste sentido, segue os valores da Organização Senac, que tem como “pressupostos que norteiam” suas “linhas de reflexão no fomento à pesquisa e na prática educacional”, o “conceito de educação inclusiva”, onde também valoriza e envolve a “colaboração e coparticipação de toda a sociedade”, e tem como “princípios fundamentais a igualdade, a equidade e a disponibilização das condições para garantia da igualdade” (...) “num contexto de educação profissional, permanentemente aberta a todos” (Senac, 2006, p. 23).

Todo o trabalho da instituição tem como base aquilo em que ela acredita e tem como “Missão”: "Educar para o trabalho em atividades do comércio de bens, serviços e turismo"; como “Visão”: "Ser a instituição brasileira que oferece as melhores soluções em educação profissional, reconhecida pelas empresas" e como “Valores”:
Transparência - Inclusão Social - Excelência - Inovação - Atitude Empreendedora - Educação para Autonomia - Desenvolvimento Sustentável” (Senac, 2016)

Desta forma, “Marca Senac São Paulo” contribui com o desenvolvimento de “milhares de profissionais” que, todos os anos, se formam e se projetam no mercado”, gerando, para si e para a Escola, o “reconhecimento” deste mercado, pelo trabalho desenvolvido tanto pelo ex-aluno nas organizações empresariais quanto da Instituição, pela formação deste profissional, garantindo, desta forma, cada vez mais, a proximidade e a parceria com empresas e instituições do Brasil e do exterior, proporcionando ações de intercâmbio para alunos e docentes, além de experiências diferenciadas e enriquecedoras (Senac, 2016).

Diante deste contexto, O Senac São Paulo procura enriquecer-se cada vez mais de ações, internas e externas, que reforçam o comprometimento que a instituição “mantém com o desenvolvimento de cenários sociais mais justos e solidários”, a ser este comprometimento evidenciado através da “prática de um modelo de educação focado na inclusão social e na ação institucional voltada para apoiar o desenvolvimento das comunidades em que atua”, como consta nas informações colhidas no Portal da instituição (Senac, 2016).

Ainda de acordo com a mesma fonte, entre estas ações desenvolvidas pelo Senac SP destacam-se o Programa de Voluntariado Corporativo, “que estimula os funcionários a doarem voluntariamente parte de seu tempo, trabalho e talento em prol de organizações ou projetos socioambientais”; o Programa de Inclusão de Pessoas com Deficiência, “que objetiva promover a inclusão de funcionários com deficiência no Senac São Paulo” e “envolve a inclusão de

pessoas com deficiência, orientação e sensibilização de todos os funcionários e o provimento de recursos para que os funcionários com deficiência possam desempenhar plenamente seu trabalho no Senac”; “Programa Ecoeficiência”; “Quem faz o Senac” (Senac, 2016).

A seguir sua forma própria de atuar e de acreditar no “poder transformador da Educação”, a instituição estimula frequentemente o desenvolvimento de talentos e a qualificação permanente de seu público interno. Da mesma maneira, as condições de trabalho e os benefícios oferecidos devem constituir um padrão motivador e exemplar para todas as fases do relacionamento da organização com seu capital humano.

Importante ressaltar que, para o êxito das suas realizações, o Senac São Paulo também conta com “uma equipe comprometida”, de quase “10 mil funcionários”, “que não mede esforços” para que, cada vez mais, “histórias de sucessos”, como a da própria instituição, sejam escritas por qualquer estudante que a procure como Escola de Educação profissionalizante, e a tornar esta, uma Marca transferida também para as unidades da instituição espalhadas pelo Estado, como, por exemplo, a unidade de São José do Rio Preto, evidenciada neste trabalho e a qual contextualiza-se agora (Portal Senac, 2016).

3.3.3. O município de São José do Rio Preto

De acordo com o site oficial, www.riopreto.gov.br, do município, São José do Rio Preto é uma das maiores cidades do Noroeste do Estado de São Paulo, que conta com uma população estimada, em 2016, de 456.649 habitantes. A cidade, que teve sua fundação em Fundação 19 de março de 1852, cresceu e tornou-se uma das mais importantes do interior do estado, a ser a “Sede da 8ª Região Administrativa do Estado, que compreende 96 municípios” (Acirp, 2014).

Na questão da qualidade de vida, “o índice Firjan (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro) de Desenvolvimento Municipal (IFDM) de 2013, com base no ano de 2012”, a indicou como a ser a “segunda melhor cidade do Brasil para se viver), registrando excelente qualidade de vida”, o que pode ser influenciado devido ao facto de ser também reconhecida como moderna e avançada no “campo social e cultural”, para além do reconhecimento como “centro médico internacional e desenvolvido polo regional” (Arantes, 2013, p. 9).

No campo da Educação de nível superior, a cidade conta com uma universidade, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus de São José do Rio Preto, uma Faculdade de Medicina, FAMERP e uma Faculdade de Tecnologia – Fatec, públicas conceituadas, para além de faculdades e universidades particulares que, juntas (públicas e particulares), oferecem “mais de 164 cursos de graduação”. Neste contexto, “recebe mais de 20

mil universitários e 1.500 pós-graduandos, que desenvolvem pesquisas nas áreas de saúde, ciências exactas, humanas e aplicadas” (Arantes, 2013, p. 70).

No ensino profissionalizante, este autor ainda destaca, na cidade, as escolas “Senac” – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, instituição foco deste trabalho, “Senai” – Serviço Nacional da Indústria, “SESI” - Serviço Social da Indústria e Philadelpho Gouveia Neto, que aparecem como importantes oportunidades de ensino-aprendizagem não apenas para os cidadãos deste município, mas, também, para muitos estudantes de toda a região (Arantes, 2013, p. 70).

Como mencionado acima, neste trabalho, será destacado o Senac São Paulo, Unidade de São José do Rio Preto, que dar-se-á a conhecer a seguir.

3.3.4. O Senac de São José do Rio Preto – Senac SJR

De acordo com as informações do site da instituição, o Senac São José do Rio Preto situa-se à Rua Jorge Tibiriçá, 3518 - Santa Cruz, São José do Rio Preto – Estado de SP; possui o “Ato de Autorização de funcionamento: Portaria CEE nº 16/81 de 27/04/1981, publicada no DOE, em 30/04/1981”. O atendimento ao público acontece de “segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, e aos sábados, das 8 às 14 horas” (Senac, 2016).

Esta Escola está entre as sessenta (60) unidades que compõe o Senac São Paulo, ocupando uma categoria de grande porte.

Ainda, como consta no site citado, esta unidade Escolar “foi Inaugurada em 15 de maio de 1948” e tornou-se “referência na região em decorrência de seus cursos Livres, Técnicos e de Pós-Graduação, além dos workshops, eventos e campanhas realizadas junto à comunidade” (Senac, 2016).

Em sua organização, o Senac SJR conta com uma equipa de 182 funcionários, a ser 110 docentes, e equipa não-docente distribuída por sete (7) Sectores, da seguinte forma: Sector Técnico 18, Secretaria escolar 6, Sector de Atendimento ao Cliente 10, Sector Administrativo 21, Sector de Limpeza 11, Biblioteca 6 (Fonte: Documento Lotação de pessoal, 2016, para. 1).

Em relação à estrutura física, o Senac ocupa uma “área de 4.110 m²”, (...) “dispõe de biblioteca com 201m², um auditório e laboratórios específicos e modernos para realização de programas de gastronomia, tecnologia da informação, estética, design e saúde e meio ambiente”, como descritos abaixo:

- O auditório: Com capacidade para até 176 pessoas, é dedicado à realização de importantes eventos profissionais de diversas categorias;

- A biblioteca tem cerca de 8 mil itens entre livros, hemeroteca, monografias, bureaux, CD-ROMs, DVDs, catálogos, livros braile, áudio livros, folhetos e bases de dados eletrônicas atualizados constantemente. Oferece acervo automatizado, sala de acessibilidade, (...) sala para estudo em grupo, empréstimo entre bibliotecas da rede, serviço de comutação bibliográfica, treinamento para a utilização das bases de dados eletrônicas, orientação para a realização de pesquisas acadêmicas, normalização de trabalhos acadêmicos, venda de publicações da Editora Senac e ações culturais em parceria com a rede.
- O Centro de Inovação é o resultado de uma iniciativa da Microsoft para promover um ambiente de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico forte e autossustentável, envolvendo companhias do mercado público e do privado, universidades e empresas desenvolvedoras de software. Professores, estudantes, pesquisadores, consultores do mercado e profissionais liberais trabalham em conjunto no Centro de Inovação, explorando as tecnologias mais avançadas e as melhores práticas voltadas para soluções inovadoras, que atendam às necessidades de negócios do mercado regional.
- A cozinha pedagógica: com estrutura e equipamentos modernos, o laboratório de cozinha é uma alternativa diferenciada para profissionais (...) que buscam atualização e diversificação de seus serviços. Atende ainda aos estudantes para qualificação profissional nas áreas de nutrição e hotelaria. O ambiente possui capacidade para comportar 24 pessoas por turma.
- Laboratório cisco: a sala dispõe de switches e roteadores da Cisco Systems, líder mundial em tecnologia de redes para a Internet. Os equipamentos permitem a execução de projetos e aulas práticas desenvolvidas em cursos da área ou nos programas de certificação da Cisco Certified Networking Associate (CCNA).
- Laboratório de Bem-estar: com toda infra-estrutura necessária para o ensino e a prática profissional nas áreas de estética, podologia e massoterapia. Além de macas e automáticas em cabines privativas, o espaço dispõe de vários equipamentos que colaboram para o aprendizado dos alunos. A prática do curso é feita primeiramente entre os próprios alunos e depois o atendimento se estende à comunidade, sempre sob supervisão do professor responsável.
- Laboratorio de hardware: o espaço comporta até 26 pessoas e possui infra-estrutura de máquinas e ferramentas que possibilitam ao usuário de

microcomputadores ingressar na área técnica atestando o conhecimento na área de hardware.

- Laboratórios de Informática: A unidade conta com seis laboratórios equipados com 100 computadores e monitores de 17 polegadas, interligados em rede e conectados à Internet.
- Laboratório de Múltiplos Procedimentos de Saúde e Meio Ambiente - espaço destinado a dar apoio às atividades práticas na área da saúde, ocupacional e ambiental, especialmente no curso Técnico em Segurança do Trabalho e nos programas de especialização em higiene do trabalho, (...). Na parte de saúde, dispõe de modelos para estudo dos órgãos e manequins para o treinamento de técnicas de enfermagem como exercícios de curativo, imobilização de partes do corpo e movimentação de pacientes.
- Sala de Design - sala com pranchetas, equipamentos e mobiliários para o desenvolvimento dos cursos da área de Design.
- Sala de Moda - Sala com mobiliário diferenciado, com máquinas de costura, bustos e manequins, além de acessórios e equipamentos necessários para o desenvolvimento dos cursos de Moda. (Senac, 2016, para. 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10)

3.4. Seleção da Amostra

Na investigação, tal como mencionado anteriormente, pretendeu-se a participação dos diversos intervenientes para que se tivesse uma visão ampla e diversificada da metodologia investigada - a Metodologia de Projecto-, quanto à sua contribuição para Educação Inclusiva de alunos com NEE nas turmas heterogêneas da Educação Profissional e Tecnológica, da instituição. Assim pensando-se, procurou-se valorizar a participação de diferentes actores sociais da instituição como alunos com e sem NEE, pais de alunos, Profissionais docentes e não docentes, dentre estes, Diretor, Técnica Supervisora Educacional e uma Técnica de Desenvolvimento Profissional/Coordenada de Pós-Graduação e Extensão Universitária – Polo São José do Rio Preto.

Neste sentido, a amostra, ou a parte dos indivíduos que constituíram os sujeitos do estudo em causa (Hill & Hill, 2005) foi selecionada por “amostragem estratificada” (Vaz, 2012, p. 212), que “consiste em dividir a população alvo em grupos homogêneos chamados estratos, depois em tirar uma aleatoriamente uma amostra em cada um dos estratos (*idem*). Nesta investigação, para as entrevistas, devido à especificidade do tema em estudo, e no caso dos docentes, por tratar-se de um número elevado de contratados pela escola, levou-se em consideração aqueles que atuam ou atuaram nos cursos/turmas com maior incidência/matrículas de alunos com NEE.

3.4.1. Caracterização Amostra

Neste estudo, participaram 33 sujeitos, dos quais 7 funcionários docentes, 7 funcionários não docentes, 8 alunos com NEE, 6 alunos Sem NEE e 5 pais. No total, foram realizadas 37 entrevistas, porém somente 33 foram utilizadas neste trabalho, tendo em vista que os outros 4 entrevistados não retornaram as autorizações após envio das entrevistas transcritas. Assim, para melhor conhecimento dos participantes, quanto às suas características individuais, estes foram caracterizados, como apresentado a seguir:

Como apresentado na tabela a seguir, (Tabela 2), dos funcionários docentes, 4 participantes (57%) eram do sexo feminino e 3 do sexo masculino (43%), com idades compreendidas entre os 35 anos e os 54 anos ($M = 43,28$; $DP = 9,14$), e tempos de serviço que variavam entre os 2 anos e os 13 anos ($M = 7,80$, $DP = 4,61$). Todos os docentes realizaram entrevista e preencheram o questionário das percepções dos docentes. Entre as áreas de formação, 14,28% é Graduado em Ciências Económicas e Pós-Graduação (PG) em

Metodologia de Projetos -Project Management Institute (PMI); 14.28% é formado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e PG em Gerenciamento de Projetos PMI; 14.28% tem formação em Ciências Biológicas, em Pedagogia e é Mestre em Evolução; 14.28%; tem formação em Pedagogia, Especializações em Psicopedagogia e em Gestão de Negócios; 14.28% tem formação em Fisioterapia e PG em Gestão Estratégica de Pessoas; 14.28% tem formação em Psicologia e PG em R.H.; 14.28% é formado em Direito, tem Licenciatura em Pedagogia e PG na Área Ambiental.

Tabela 2. Caracterização dos Funcionários Docentes ($n = 7$; D1 – D7).

Sexo	Idade	Formação Acadêmica	Área de Atuação/Cargo/Função	Tempo Serviço
F	53	Economista/Pós-Grad. em Metodologia de Projetos PMI	Área Desenvolvimento Social, Curso Aprendizagem	13 anos
M	35	Análise e Desenvolvimento de Sistemas/Pós-Grad. em Gerenciamento de Projetos PMI	Área Desenvolvimento Social, Curso Aprendizagem	4 anos e 7 meses
M	35	Ciências Biológicas/Pedagogia, Mestre em Evolução	Área de Desenvolvimento Social, Meio Ambiente, Curso Aprendizagem; Área da Saúde	3 anos
F	54	Pedagogia/Psicopedagogia/ Gestão de Negócio	Área Desenvolvimento Social, Curso Aprendizagem	2 anos
F	37	Fisioterapia/Pós-Grad. em Gestão Estratégica de Pessoas	Área Bem-estar: Cursos Técnicos/Estética/Massoterapia	10 anos
F	37	Psicologia/Pós-Grad. em R.H.	Área Gestão de Negócios/ Cursos Técnicos; Atendimento Corporativo	9 anos
M	52	Direito/Pedagogia/Pós-Graduação Área Ambiental	Desenvolvimento Social, Curso Segurança do Trabalho, Meio Ambiente/ Curso Aprendizagem	13 anos

Quanto à área de atuação dos Docentes, 42.85% lecionam no Curso Aprendizagem na Área de Desenvolvimento Social, 14.28% nos Cursos Técnico em Meio Ambiente, Curso Aprendizagem e Área da Saúde, na Área de Desenvolvimento Social; 14.28% na Área Bem-estar: Cursos Técnicos/Estética/Massoterapia; 14.28% na Área Gestão de Negócios/ Cursos Técnicos, Atendimento Corporativo; 14.28%, nos Cursos Técnico em Segurança do Trabalho, Meio Ambiente e Curso Aprendizagem, na Área de Desenvolvimento Social.

Relativamente aos funcionários não docentes (Tabela 3), participaram nesta investigação um total de 7 profissionais, maioritariamente do sexo feminino (71%), com idades compreendidas entre os 25 e os 57 anos ($M = 38,28$; $DP = 12,71$), com tempos de serviço que variam entre os 2 anos e 33 anos ($M = 8,03$; $DP = 6,51$).

Quanto à área de formação, 14.28% tem Licenciatura em Artes; 14.28% está a cursar a Faculdade de Pedagogia; 14.28%, tem formação em Pedagogia e PG em Interpretação da Língua Brasileira de Sinais; 14.28% é Bacharel em Administração Empresas, Especializações em Gestão Estratégica de Pessoas e Gerenciamento de Projetos – PMI (no momento da sua participação na pesquisa, ainda se encontrava a realizar este último curso); 14.28% é formada em Biblioteconomia com Habilitação em Ciências da Informação; 14.28%, possui formação em Pedagogia, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Mestrado em Formação de Professores; Licenciatura em Enfermagem e Especialização em Gestão Educacional; 14, 28%, tem Licenciatura em Enfermagem e Especialização em Gestão Educacional.

Quanto à função profissional exercida na instituição, 14.28% pertence ao setor de Atendimento ao público/Receção; 14.28% trabalha como Atendente de Biblioteca; 14.28% atua como Interprete de Libras; 14.28% é Técnica de Desenvolvimento Profissional, Coordenadora de Pós-Graduação e Extensão Universitária/Polo São José do Rio Preto; 14.28% é Bibliotecária; 14.28% está no Cargo de Diretor; 14, 28%, é Técnica Supervisora Educacional.

No que respeita o tipo de participação, 42,85% realizaram Entrevista e Questionário e 57.14% realizaram apenas a Entrevista.

Tabela 3. Caracterização dos Funcionários Não Docentes ($n = 7$; ND1 – ND7).

Sexo	Idade	Formação Acadêmica	Área de Atuação/Cargo/Função	Tempo Serviço	Tipo de Participação
F	33	Licenciatura em Artes	Atendimento/Receção	7 anos	E/Q
M	25	Em curso/Faculdade de Pedagogia	Atendente de Biblioteca	2 anos	E/Q.
F	33	Pedagogia, Interpretação da Língua Brasileira de Sinais	Intérprete de Libras	11 anos/ 4 anos	E
F	37	Bacharel em Adm. de Empresas, Especializações em Gestão Estratégica de Pessoas; em curso, Gerenciamento de Projetos - PMI	Técnica de Desenvolvimento Profissional, Coord. de Pós-Graduação e Extensão Universitária/Polo São José R.P	20 anos e 8 meses/ 9 anos	E
F	28	Biblioteconomia	Bibliotecária	2 anos e 6 meses	E/Q
M	57	Pedagogo, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Mestrado em Formação de Professores	Diretor	37 anos/ 20 anos	E
F	55	Licenciatura em Enfermagem, Especialização em Gestão Educacional	Técnica Supervisora Educacional	33 anos /16 anos	E

Nota: E/Q = Entrevista/ Questionário; E = Entrevista.

Outro grupo de participantes foi o caso dos alunos com NEE (Tabela 4), que contou com 4 participantes do sexo feminino (50%) e 4 sujeitos (50%) do sexo masculino, com idades que variavam entre os 23 e os 27 anos ($M = 24,75$; $DP = 1,39$). Na sua formação acadêmica, 62,5% frequentava o Ensino médio.

Em relação aos tipos de deficiência destes participantes, 37.5% apresenta Deficiência Intelectual; 12.5% possui Deficiência Intelectual e Esquizofrenia; 12.5% tem Deficiência Auditiva; 12.5% tem Deficiência Visual; 12.5% tem Deficiência Física; 12.5% tem Baixa visão. Em relação aos cursos frequentados ou em curso, 25% frequenta o Programa Educação para o Trab.Trampolim; 12,5% frequenta o curso Técnico em Administração; 12.5% frequenta o curso Técnico em Massoterapia; 37.5% frequentou o curso Aprendizagem em Serviços Administrativos; 12.5% frequentou os cursos Programa Educação para o Trabalho Trampolim e Produção de Moda, do Senac.

Todos estes participantes realizaram apenas entrevista.

Tabela 4: Caracterização dos Alunos com NEE ($n = 8$; A-NEE1 – A-NEE8).

Sexo	Idade	Tipo de NEE	Situação Acadêmica	Porque decidiu seguir para a Educação Profissional?	Ano/curso no Senac
F	23	Deficiência Intelectual	Ensino Médio concluído	Tinha dificuldade de aprendizagem/Trabalhar	2016/Programa Educação para o Trab.Trampolim
M	27	Deficiência Intelectual, Esquizofrenia	Ensino Médio, Técnico em Informática	Preparo para mercado de trabalho, aprender coisas novas	2016/Programa Educação para o Trab.Trampolim
F	25	Deficiência Auditiva	Ensino Médio concluído	Trabalho, queria ter uma oportunidade; conhecer o Senac	2016 Técnico em Administração
M	26	Deficiência Visual	Ensino Médio concluído	Indicação para reabilitação profissional	2016/2017, Técnico em Massoterapia
F	23	Deficiência Física	A cursar Pedagogia	Necessidade de aperfeiçoar, chance no mercado de trabalho	2011/2012 Aprendizagem em Serviços Adm
M	25	Deficiência Intelectual	Ensino Médio concluído	Questão da idade/Trabalhar	2011/Aprendizagem em Serviços Administrativos
M	25	Baixa visão	A cursar Pedagogia	Desenvolver como pessoa, desenvolver para o trabalho	2012, Aprendizagem em Serviços Adm.
F	24	Deficiência Intelectual	Ensino Médio incompleto	Não soube responder	2011, Programa Educ. para o Trab. Trampolim, Produção de Moda

Em relação aos estudantes sem NEE (Tabela 5), quanto ao gênero, foram 5 participantes do sexo feminino (83,33%) e 4 sujeitos (17,7%) do sexo masculino com Idades que variavam entre os 23 e os 27 anos ($M = 24,75$; $DP = 1,39$). Na situação acadêmica, 62,5% eram do Ensino médio, 16,67, Ensino Superior incompleto; 16,67, Graduação em Gestão Ambiental, curso sequencial de 2 anos. Todos realizaram entrevista. Em relação ao curso que frequenta no Senac, 50% era aluno do Programa de Aprendizagem; 33,33%, alunos do curso de Massoterapia e 16,67, alunos do curso Técnico em Meio Ambiente.

Todos estes participantes realizaram apenas entrevista.

Tabela 5: Características dos Alunos sem NEE ($n = 6$; A-SNEE1 – A-SNEE6).

Sexo	Idade	Situação Acadêmica	Porque decidiu seguir para a Educação Profissional?	Ano/Curso no Senac
F	19	Ensino Médio Concluído	Falta de experiência; queria ter um ensino na escola e aprendizado na empresa	2018/ Aprendizagem T100
F	29	Ensino Superior incompleto	Profissionalizar, trabalhar	2016/2018 Técnico em Massoterapia
F	40	Grad. Gestão Ambiental, curso sequencial de 2 anos	Identificação com a área; não estava seguindo a área de formação ambiental	2016/2018 Técnico em Massoterapia
M	Não respondeu		Integrar a Administração com as questões ambientais	2016, Técnico em Meio Ambiente
F	17	Ensino Médio em curso	Precisava do emprego, evoluir mais, ia trabalhar	2016/Aprendizagem Comercial em Vendas
F	17	Ensino Médio em curso	Trabalhar; queria ter o meu próprio dinheiro	2016/Programa de Aprendizagem

Em relação aos Pais de alunos com NEE (Tabela 6), quanto ao género, foram **4** participantes do sexo feminino (80%) e 1 sujeito (20%) do sexo masculino. As idades variavam entre os 43 e os 52 anos ($M = 49,25$; $DP = 3,63$) e na formação académica, 25% possuíam Ensino Superior completo, 25% possuíam Ensino Médio Completo e 50% não completaram o Ensino Médio. Quanto à informação sobre a deficiência do filhos, 4 (80%) tinha Deficiência Intelectual e 1, (20%), tinha Síndrome de Down. Quanto ao tipo de participação na investigação, todos os pais realizaram apenas entrevistas.

Tabela 6: Características dos Pais de alunos com NEE (n = 5, P1 – P5).

Sexo	Idade	Formação acadêmica	Profissão	Idade Filho	Deficiência Filho	Curso do filho
F	52	Ensino Med. incompleto	Do lar	26	Defic. Intelectual	2011/Aprendizagem em Serviços Administrativos
F	43	Ensino Fundam. Incompleto	Diarista	23	Defic. Intelectual	2016, Programa educação para o Trabalho Trampolim
F	51	Superior completo	Psicopedagoga	20	Síndrome de Down	2016, Técnico em Meio Ambiente; 2018/Aprendizagem 100
F	51	Ensino Médio	Vendas autônoma	24	Defic. Intelectual	2011, Programa Educ. para o Trab. Trampolim; Produção de Moda
M	Não inform ou	Não informou	Autônomo	24	Defic. Intelectual	2011, Programa Educ. para o Trab. Trampolim; Produção de Moda

3.5. Autorizações e Termos de Consentimento

Importante ressaltar que, para garantir a confiabilidade do trabalho e preservar a identidade e o “direito à privacidade” dos participantes, antes de cada entrevista foi assinado o Termo de Consentimento (Vaz, 2012, p. 206). No caso dos alunos com menos de 18 anos de idade e/ou com deficiência intelectual que tivessem a figura do tutor, além do termo mencionado, foi também assinada a autorização do responsável por este aluno, para viabilizar a sua participação (Anexo 2).

3.6. Instrumentos

Os instrumentos de coleta de dados, “entrevistas, questionários, grelhas de observação, escalas de medida, etc.” (Vaz, 2012, p. 219), constituem uma parte importante e imprescindível para o sucesso da investigação e para a fidedignidade das informações colhidas. Desta forma, cabe ao investigador selecionar o mais adequado ao trabalho de investigação que irá desenvolver (Vaz, 2012).

Em relação a este trabalho, por tratar-se de um estudo de caso em uma instituição escolar, foram utilizados o inquérito por questionário e a entrevista semi-estruturada, por acreditar que estes atenderiam as necessidades relativamente às informações que se desejava obter, com a finalidade de atingir os objetivos propostos. Os guiões para as entrevistas e questionários tiveram como referência, e foram adaptados, a partir dos roteiros aplicados por Polido (2016), pela similaridade entre os trabalhos.

3.6.1. Questionários

Pela possibilidade poder de ser disponibilizado tanto presencial quanto através das mídias sociais e, desta forma, se alcançar um maior número de pessoas, preservando-lhes o anonimato, entre outras características (Gil, 1999), o questionário é um instrumento de coleta de dados muito utilizado em pesquisas, apesar do risco da “superficialidade das respostas” (Quivy, & Campenhoudt, 1998, p. 21).

Ghiglione e Matalon (2001) complementam as informações sobre este instrumento, quando o definem como “rigorosamente estandardizado tanto no texto das questões, como na sua ordem”. Os autores ainda destacam que, “no sentido de garantir a comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, é absolutamente indispensável, que cada questão seja colocada a cada pessoa da mesma forma, sem adaptações nem explicações suplementares” (p. 110), e, quanto a necessidade de clareza e do sentido (único) das questões (*idem*).

Assim, para esta investigação pensou-se em questionários com perguntas abertas e fechadas (Hill & Hill, 2005), direcionadas aos profissionais docentes e não docentes da instituição. Nos temas gerais, é interesse conhecer a opinião de todos, com relação à visão de uma escola inclusiva, a atuação nesta instituição, às dificuldades/facilidades no processo de inclusão, oportunidades de convivência com a diversidade, como apresentados nos guiões em anexo (Anexo 2).

Na pespetiva dos docentes, era de interesse conhecer a sua formação, os cursos em que atuam dentro da instituição, a sua opinião quanto à prática em sala de aula com Metodologia de Projeto nas turmas heterogêneas e em relação aos alunos com NEE.

3.6.2. Procedimentos de testagem dos questionários

O pré-teste do questionário constitui um importante elemento para a pesquisa pelo facto de que, por este meio, ser possível encontrar eventuais “falhas” que possam pôr em risco a

qualidade dos dados colhidos, como a formulação das perguntas, “complexidade das questões, constrangimento ao informante, exaustão” (Gil, 1999, p. 137). De salientar que o “pré-teste é realizado mediante a aplicação de alguns questionários (de 10 a 20) a elementos que pertencem à população pesquisada” (*idem*).

No contexto desta pesquisa, o pré-teste foi realizado com 18 sujeitos, dentre estes, 2 docentes, 15 alunos de turmas heterogêneas e 1 funcionário não docente, da instituição estudada.

É de destacar que, inevitavelmente, devido à superficialidade dos resultados de um questionário que, por si só pode reduzir a profundidade da compreensão do problema estudado, buscou-se um outro instrumento de recolha de dados, o método qualitativo, e neste sentido, optou-se pelas entrevistas.

3.6.3. Procedimentos relativamente aos questionários

Para o envio dos questionários e o garantir do respetivo recebimento pelos docentes, contou-se com a ajuda da Supervisora Educacional que, passando pelos setores, apresentava a aluna/pesquisadora e explicava aos funcionários os objetivos e a importância do trabalho que estava a ser desenvolvido. Assim, como pretendido, inicialmente não foi necessário o envio através de correio eletrónico, pois os questionários foram deixados com os responsáveis de cada sector, que os entregava aos que se disponibilizaram responder, já que a participação era inteiramente voluntária.

Desta forma, ficava combinado com o responsável daquele setor que dentro de dez dias, incluindo o fim de semana, a aluna/pesquisadora voltaria para a retirada dos questionários respondidos. E assim foi feito.

3.6.4. Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas têm-se mostrado como uma das técnicas recomendadas para a recolha de informações quando se deseja obter conhecimentos sobre um fenómeno específico. Segundo Tuckman (1994), “consiste em formular questões às pessoas que, de algum modo, nele estão envolvidas. As respostas de cada uma das pessoas vão refletir as suas percepções e interesses” (p. 517). Por este meio, pode fazer-se conhecer “um quadro razoavelmente representativo da ocorrência ou ausência do fenómeno e, desse modo, propiciar-nos uma base para a sua interpretação” (*idem*).

Devido à especificidade do tema deste trabalho e das características de parte dos sujeitos entrevistados, nomeadamente os alunos com NEE, foram utilizadas as entrevistas semidiretivas, em que o entrevistador, conhecedor do que vai se tratar, introduz a conversa inicial, deixando o entrevistado à vontade para as suas considerações (Ghiglione & Matalon, 2001).

Assim, pretendeu-se realizar entrevistas com o diretor, o supervisor, alguns docentes, alunos com e sem NEE, para além dos pais de alunos com NEE da instituição em causa.

De destacar que, neste trabalho, a opinião destes sujeitos tem fundamental importância para a investigação. Globalmente, é nossa intenção questionar os participantes no estudo sobre a visão global da instituição educativa e da metodologia nela desenvolvida, a Metodologia de Projeto, nas suas perspetivas sobre inclusão.

No caso dos pais de alunos com NEE, o interesse é o de conhecer as opiniões também, quanto à instituição e a Metodologia, além do quanto estas influenciaram e/ou continuam influenciando na vida pessoal e profissional desses alunos, em termos de aprendizagem, autonomia e inclusão no mercado de trabalho, apesar deste último item, relativo ao emprego, não ser uma preocupação deste estudo.

Quanto ao diretor, à supervisora e à Técnica de Desenvolvimento Profissional/ Coordenadora de Pós-Graduação e Extensão Universitária – Polo São José do Rio Preto, especificamente, pretendia-se saber sobre o histórico da instituição, a sua representação no cenário da Educação Profissional e Tecnológica, bem como local e regional e, em termos de serviços às pessoas com Necessidades Educativas Especiais (em números, modalidades de cursos), práticas utilizadas pelos docentes, atividades e Projetos da instituição, entre outros aspetos que, entretanto, sejam destacados pelos próprios.

Na visão dos alunos, com e sem NEE, interessou-nos conhecer o seu grau de satisfação relativamente aos cursos, à instituição e à Metodologia de Projeto como facilitadora para a sua aprendizagem.

No caso desta investigação, foram utilizadas entrevistas semidiretivas, com um roteiro construído e adaptado para esta pesquisa (Anexo 1), a partir do trabalho desenvolvido por Polido (2016) e de acordo com o perfil que se esperava para os futuros entrevistados.

3.6.5. A realização das entrevistas

Para a realização das entrevistas também se contou com a ajuda dos Sectores do Senac (i.e., serviços de atendimento e administrativos, entre outros) na disponibilização dos contatos

de alguns alunos e pais/responsáveis de alunos com NEE que poderiam ser convidados para participar. Porém, coube à aluna/pesquisadora a escolha dos possíveis entrevistados, o que foi feito levando-se em consideração o ano em que o filho (a) estudara na instituição (já que a pesquisa incidia sobre os últimos cinco (5) anos, ou seja, de 2011 a 2016) e o facto de frequentar turma heterogénea ou outra turma/curso que a escola também disponibilizava para alunos com deficiência intelectual, e na qual se encontram alunos com outros tipos de deficiências/dificuldades NEE.

Desta forma, após o contato com cada pessoa, a entrevista foi marcada de acordo com a disponibilidade de tempo e horário dos convidados. Também, era sempre deixado para o futuro entrevistado a escolha pelo local da entrevista. Assim, algumas das entrevistas aconteceram nas dependências da Escola Senac por tratar-se de um local de fácil acesso e conhecido por todos, e outras nas residências dos entrevistados, pois sentiam-se mais confortáveis e/ou por ser um domingo, dia em que a escola estava fechada.

3.6.6. Análise de conteúdo das entrevistas

As informações coletadas nas entrevistas foram transcritas e analisadas com a intenção de compreender em maior profundidade os sentimentos e as impressões dos entrevistados. Sobre esta parte do trabalho de investigação, análise de conteúdo Bardin (1994, p. 31), define como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, e que “não se trata de um instrumento, mas, de um leque de apetrechos”, ou, ainda, a pensar em algo que exija rigidez, pode ser vista como “um único instrumento”, contudo, “marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

Vaz (2012, p. 180), também acrescenta que “esta fase ou componente do estudo qualitativo, permite a atribuição de significado aos dados” colhidos e “organizados”; e, que, “essa significação, nada mais é do que extrair significados a partir de uma apresentação-síntese dos dados, evidenciando-se ocorrências regulares, esquemas, explicações, configurações possíveis, tendências causais e proposições”.

Amparada pelos estudos de Bardin (1994), Câmara (2013), ao referir-se à análise de conteúdo, diz que esta forma de interpretar dados, não é recente, pois, desde muito tempo já era utilizada para a interpretação de “livros sagrados”, e, apenas “na década de 20” foi “sistematizada como método”.

Sobre o objetivo desta etapa da pesquisa, Bardin (1994) afirma que consiste na “manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os

indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (p. 46); o que pode-se entender que esta é uma forma de ler ou ver o que está por trás ou nas entrelinhas da mensagem passada.

Ainda de acordo com Câmara (2013), Bardin (2011) prevê que, para a “utilização da análise de conteúdo” são necessárias “três fases fundamentais”: “pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação”. A primeira etapa, “pré-análise”, consiste na “organização” e definição dos trabalhos, que se faz fundamental, e onde se prioriza um “primeiro contato” com o material colhido e se realiza uma “leitura flutuante”, para melhor conhecimento destes dados; a segunda, “fase de exploração do material”, é o momento de, a partir do conhecimento prévio dos dados, definir as “unidades de codificação”; em fim, chega-se à fase de “interpretação de conceitos e proposições” (Câmara, 2013, p. 182 e 188). Neste contexto, a autora ainda destaca que “os conceitos dão um sentido de referência geral, produzem imagem significativa” (*idem*).

CAPÍTULO IV – 4 Análise e discussão dos resultados

4.1. Análise descritiva dos Questionários

A partir dos dados recolhidos através dos formulários, foi possível observar as percepções dos profissionais docentes e não docentes em relação a questões relacionadas com o preparo da instituição para o atendimento aos alunos com NEE, a presença e a importância da Metodologia de Projeto nas atividades/ambiente escolar, a satisfação dos alunos, a preparação dos profissionais docentes e não docentes, entre outras. Deste modo, passamos a analisar as respostas dadas pelos vários intervenientes.

4.1.2. Percepção geral dos Funcionários Não Docentes

i: Percepção geral relativamente à Instituição

Como a tabela mostra (Tabela 7), as percepções gerais dos participantes (i.e., docentes e não docentes) são elevadas, sendo que percebem que a instituição atende, na maioria das circunstâncias, ao que consideram ser as necessidades/exigências de uma escola inclusiva ($M = 6,29$; $DP = 0,90$; $Min = 4$; $Max = 7$) e dos alunos com NEE ($M = 5,68$; $DP = 1,28$; $Min = 2$; $Max = 7$).

Tabela 7. Estatística descritiva das percepções gerais dos participantes relativamente à Instituição ($n = 22$).

Questões	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
1. Esta instituição atende às características de uma escola inclusiva.	6,29	0,90	4	7
2. Esta instituição está preparada, na totalidade, para atender alunos com NEE.	5,68	1,28	2	7
3. Esta instituição tem dificuldades no atendimento aos alunos com NEE.	4,86	2,19	1	7

Nota: A escala de respostas varia entre 1 (Discordo totalmente) e 7 (Concordo Totalmente).

No que respeita à satisfação dos alunos, os profissionais não docentes consideraram que, na generalidade, se encontravam satisfeitos ($M = 6,48$; $DP = 1,01$; $Min = 3$; $Max = 7$) (tabela 8). Relativamente à preparação que estes funcionários sentiam para atender os alunos com NEE, as suas respostas revelam pontuações mais baixas ($M = 5,48$; $DP = 1,22$; $Min = 3$; $Max = 7$), denunciando uma certa “insegurança” nas suas competências e conhecimentos.

Tabela 8. Estatística descritiva das percepções dos participantes relativamente à Satisfação dos alunos e preparo dos profissionais não docentes para atender alunos com NEE ($n = 22$).

Questões	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
4. Os estudantes com NEE estão satisfeitos com esta Escola.	6,48	1,01	3	7
5. Os funcionários não docentes estão preparados para o atendimento de alunos com NEE.	5,48	1,22	3	7

Nota: A escala de respostas varia entre 1 (Discordo totalmente) e 7 (Concordo Totalmente).

ii) Percepção geral relativamente à Metodologia de Projeto (MP)

No que respeita à percepção dos participantes não docentes quanto ao desenvolvimento da Metodologia de Projeto na instituição (Tabela 9), os profissionais reconhecem plenamente que a referida Metodologia está presente na escola ($M = 6,64$; $DP = 0,70$; $Min = 4$; $Max = 7$). Relativamente à contribuição para a operacionalização dos trabalhos na instituição, a maioria dos profissionais concordam positivamente ($M = 6,38$; $DP = 0,90$; $Min = 1$; $Max = 7$). Em relação à identificação da Metodologia no próprio trabalho diário, os participantes também a percebem no seu dia-a-dia, nas atividades que desenvolvem ($M = 5,80$; $DP = 1,66$; $Min = 1$; $Max = 7$). E, quanto à importância da Metodologia de Projeto para a concretização de uma escola inclusiva, também a maioria dos profissionais não docentes concordam positivamente ($M = 6,81$; $DP = 0,49$; $Min = 5$; $Max = 7$). A partir desse parâmetro observa-se que a metodologia adotada pela instituição é notada pelos funcionários administrativos, pois, a partir dos dados sugere-se que a metodologia de projeto de fato é efetivada na instituição.

Tabela 9. Estatística descritiva das percepções dos participantes não docentes relativamente ao desenvolvimento da Metodologia de Projeto na instituição ($n=22$)

Questões	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
6. A MP está presente nesta escola.	6,64	0,70	4	7
7. A MP contribui positivamente para a operacionalização dos trabalhos na instituição.	6,38	0,90	1	7
8. Identifico a utilização da MP em estratégias/atividades que desenvolvo no meu trabalho diário.	5,80	1,66	1	7
9. A MP é importante para a concretização de uma escola inclusiva.	6,81	0,49	5	7

Nota: A escala de respostas varia entre 1 (Discordo totalmente) e 7 (Concordo Totalmente).

4.1.3. Percepção geral dos Funcionários Docentes

Quanto à percepção dos participantes docentes quanto às características de uma escola inclusiva (Tabela 10), os profissionais confirmam que o Senac atende à estas características ($M = 6,64$; $DP = 0,70$; $Min = 4$; $Max = 7$). Relativamente à contribuição para a operacionalização dos trabalhos na instituição, a maioria dos profissionais docentes concordam positivamente ($M = 6,52$; $DP = 0,80$; $Min = 4$; $Max = 7$). Em relação ao preparo da instituição para atender alunos com NEE, na totalidade, um grande número dos participantes concorda ($M = 5,94$; $DP = 1,17$; $Min = 3$; $Max = 7$), porém, relativamente às dificuldades ainda percebidas por estes professores no atendimento dos alunos com NEE, um número considerável concorda plenamente que a instituição tem dificuldades em fazê-lo ($M = 3,06$; $DP = 2,02$; $Min = 1$; $Max = 7$). Assim, no geral, é possível perceber que, apesar de ainda existirem dificuldades no atendimento dos alunos com NEE, a instituição atende às características de uma Escola inclusiva.

Tabela 10. Estatística descritiva das percepções dos participantes docentes relativamente à instituição ($n=33$)

Questões	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
1. Esta instituição atende às características de uma escola inclusiva.	6,52	0,80	4	7
2. Esta instituição está preparada na totalidade para atender alunos com NEE.	5,94	1,17	3	7
3. Esta instituição tem dificuldades no atendimento aos alunos com NEE.	3,06	2,02	1	7

Nota: A escala de respostas varia entre 1 (Discordo totalmente) e 7 (Concordo Totalmente).

No que respeita à satisfação dos alunos (Tabela 11), os profissionais docentes concordaram que, em geral, se encontravam satisfeitos ($M = 6,19$; $DP = 0,97$; $Min = 4$; $Max = 7$). Relativamente ao preparo destes profissionais para o atendimento aos alunos com NEE, é perceptível que a maioria respondeu positivamente ($M = 4,19$; $DP = 1,35$; $Min = 2$; $Max = 7$), o que demonstra que os profissionais docentes se sentem, de facto, preparados.

Tabela 11. Estatística descritiva das percepções dos participantes docentes relativamente à Satisfação dos alunos e preparo dos Docentes para atender alunos com NEE ($n=33$)

Questões	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
4. Os estudantes com NEE estão satisfeitos com esta Escola.	6,19	0,97	4	7
5. Os docentes estão preparados para o atendimento de alunos com NEE.	4,94	1,35	2	7

Nota: A escala de respostas varia entre 1 (Discordo totalmente) e 7 (Concordo Totalmente).

Na Tabela 12, relativamente ao uso de uma metodologia ativa para o desenvolvimento dos conteúdos e avaliações com alunos com NEE, a maioria dos profissionais docentes concorda que este tipo de método faz toda a diferença ($M = 6,70$; $DP = 0,53$; $Min = 5$; $Max = 7$). Estes participantes também defendem que a Metodologia de Projeto facilita o processo de ensino e aprendizagem no trabalho com as turmas heterogéneas ($M = 6,67$; $DP = 0,53$; $Min = 5$; $Max = 7$). Quanto à percepção da presença da referida Metodologia na instituição, os docentes demonstram concordância ($M = 6,67$; $DP = 0,60$; $Min = 5$; $Max = 7$). Na questão sobre a contribuição positiva da Metodologia de Projeto para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com NEE, as respostas apresentadas mostram que sim ($M = 6,76$; $DP = 0,56$; $Min = 5$; $Max = 7$). Também, e acordo com as respostas, os professores afirmam que identificam desenvolvem atividades pedagógicas, com recursos da Metodologia de Projeto, no seu fazer docente diário ($M = 6,39$; $DP = 0,86$; $Min = 4$; $Max = 7$). E, quanto à última questão, a MP é importante para a concretização de uma escola inclusiva, a maioria dos participantes também deram respostas positivas, de acordo com os dados apresentados ($M = 6,64$; $DP = 0,69$; $Min = 4$; $Max = 7$).

Tabela 12. Estatística descritiva das perceções dos participantes docentes relativamente à Metodologia de Projeto ($n=33$)

Questões	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
6. Faz diferença a utilização de uma metodologia ativa para o desenvolvimento dos conteúdos e avaliações com alunos com NEE	6,70	0,53	5	7
7. A MP facilita o processo de ensino e aprendizagem no trabalho com as turmas heterogéneas	6,67	0,60	5	7
8. A MP está presente nesta escola	6,67	0,60	5	7
9. A MP contribui positivamente para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com NEE	6,76	0,56	5	7
10. No meu quotidiano como docente identifico e desenvolvo atividades com recursos da MP	6,39	0,86	4	7
11. A MP é importante para a concretização de uma escola inclusiva	6,64	0,69	4	7

Nota: A escala de respostas varia entre 1 (Discordo totalmente) e 7 (Concordo Totalmente).

4.1.4. Discussão das percepções gerais dos participantes

De acordo com a análise anterior relativamente às percepções gerais dos participantes, denota-se uma representação positiva face à instituição Senac enquanto escola inclusiva. No geral, estas percepções dos docentes são elevadas no que respeita a uma avaliação global do Senac. Contudo, quando questionados acerca das necessidades específicas dos alunos com NEE denota-se uma ligeira redução da avaliação deste grupo, uma vez que concordam que esta instituição tem dificuldades no atendimento aos alunos com NEE. Em outra questão, quanto à preparação dos docentes para o atendimento a estes alunos, os profissionais, apesar de a identificarem, também deixam claro que ainda precisam de formação específica, demonstrando algum sentimento de despreparo, em suas respostas. Contudo, este sentimento parece inferior ao apresentado pelos profissionais Não docentes.

Assim, pela ótica dos professores, é possível observar que, no geral, a instituição de ensino atende às características de uma escola inclusiva. Em outros termos, revela que os atributos que definem uma organização aderente às necessidades especiais dos sujeitos que dela fazem parte são de facto constatadas na dinâmica da instituição. No entanto, relativamente à questão do atendimento, apesar da percepção de características inerentes a uma escola que pratica a inclusão de facto, na visão dos profissionais Não docentes é perceptível a existência de dificuldades para atender os alunos com NEE. Estas dificuldades são percebidas, por exemplo, por um número menor de Docentes.

Relativamente à satisfação dos estudantes com a escola, os dados indicam que todos os participantes responderam positivamente, o que demonstra que, mesmo com a questão das dificuldades sentidas pelos profissionais Não Docentes, os alunos estão satisfeitos.

Para as perguntas relacionadas com a Metodologia de Projeto, constata-se que a maioria dos participantes reconhece a instituição pratica este tipo de método, desde a sala de aula até ao seu exterior.

Outro dado importante sobre MP prende-se com a sua contribuição positiva para a operacionalização das atividades laborais na instituição, assim como a sua importância para a concretização de uma escola inclusiva, o que é unânime na visão de todos os participantes da investigação.

4.2. Análise das Entrevistas sobre Escola Inclusiva e Metodologia de Projeto

Na continuação do anteriormente mencionado no capítulo da metodologia, pretendeu-se conhecer, de forma mais aprofundada, qual a visão dos participantes quanto às características percebidas de uma escola inclusiva na instituição Senac. Relativamente à MP como recurso/ferramenta pedagógica inclusiva em turmas heterogêneas, procurou-se, através das informações trazidas por todos os sujeitos que participaram desta fase da investigação, conhecer o quanto esta Metodologia contribui para a aprendizagem dos alunos com NEE, além de facilitar o trabalho dos docentes, desde o seu planejamento até à execução na sala de aula.

4.2.1. O Senac enquanto escola inclusiva

Os participantes foram auscultados relativamente sobre as características da instituição associadas a uma escola inclusiva, (Booth & Ainscow (2011, p. 21) e Mantoan et al. (2010), onde priorizam, por exemplo, o uso de valores pactuados por uma carga inclusiva, a realização de treinamentos para os profissionais docentes e não docentes a fim de melhorar a prática e garantir o sucesso dos alunos na sala de aula; a construção de uma aprendizagem significativa e o acolhimento dos alunos em todo o espaço escolar favorecendo a convivência equitativa, independentemente de qualquer condição física, intelectual, sensorial, socioeconômica, entre outras.

As inovações no processo de avaliação, na metodologia de ensino e o uso de estratégias que ajustem o processo aprendizagem às características dos alunos, pelos docentes, destaques nas sugestões de Ainscow (2010), também são mencionadas nas informações colhidas entre todos os intervenientes, assim como a forma de preparar os profissionais que, para além de workshops específicos, palestras e programas internos de capacitações, as visitas em outras instituições para a vivência e aprendizados com profissionais mais experientes (*idem*), também citam as participações em congressos nacionais e internacionais financiados pela instituição.

São ainda mencionadas outras características relativamente à prática docente e ao atendimento aos alunos com NEE específica, onde destacam-se o uso de materiais pedagógicos lúdicos, como sugerido por Mantoan et al. (2010), para atender as especificidades de aprendizagem existentes na sala de aula heterogênea; a contratação de profissionais como Interprete de Linguagem Gestual, três no total; o uso de “estratégias inclusivas” de ensino e aprendizagem como áudio descrição (Ainscow, 2010, p.34) e o planejamento coletivo do

trabalho docente, como apresentados a seguir e nos discursos, na íntegra, em anexo no final do trabalho:

i. Percepções dos Profissionais Docentes

D2: “a instituição, ela tem workshop sobre a inclusão, deficiência, pra ter o entendimento de como é o raciocínio de uma pessoa que tem deficiência intelectual, do que eles gostam”/“tem treinamentos pra docente e também para todos os funcionários em geral, desde a limpeza até, no caso, o diretor tem interesse em tá participando”

(D4) “Não era especificado se esse teria uma deficiência x ou y com o decorrer do tempo você vai conhecendo, conversando sobre, no trabalho coletivo do docente essas questões no planejamento, com a coordenação”.

(D5) “bom, a gente avalia não só a escrita, avalia a participação em sala de aula, como que o aluno se comporta, se ele está interessado, se ele vem, se ele pergunta, se ele quer saber mais sobre o assunto, o que que ele tem pra contribuir com aquele assunto. Então a gente avalia muito dessa forma”.

D6 “o Senac, enquanto instituição, ele olha pra isso e se preocupa em desenvolver programas que ajude a este professor ou aquele a se desenvolver”/“existem programas relacionados a inclusão, à Proposta Pedagógica, considerando que a gente trabalha com Educação profissional, a maioria dos nossos professores não tem formação em professores e sim em técnicos”/“nós temos um modelo de gestão aqui que proporciona diálogo constante”/“o que eu acho muito interessante desse modelo de Gestão é que não existe imposição, existe um convite constante de reflexão. Então, eu vejo que esta Unidade, pelo modelo de gestão que tem, se preocupa muito com isso”.

D7: “aqui, na questão do deficiente auditivo, por exemplo, nós temos três interpretes que se revezam nos cursos, assim, pra mim ele é uma referência não só pro trabalho; ele é referência nesta questão do trabalho com o aluno, com o cuidado com a inclusão” efetivamente falando. Então, o Senac ele é absolutamente diferenciado em

termos de educação especialmente na questão de educação inclusiva, aqui nós temos alunos com diversas deficiências, temos cadeirantes, deficiência auditiva, síndrome de down e tantas outras”.

Relativamente ao discurso dos docentes, sobre as características da instituição como uma escola inclusiva, pode-se observar, para além das anteriormente citadas, o modelo de Gestão envolvido diferenciado e positivo (Ainscow, 2010), a preocupação da escola com o desenvolvimento dos seus profissionais e o atendimento aos alunos com diferentes tipos de deficiência, no sentido de assegurar a estes alunos uma Educação Inclusiva efetiva através das “sensibilizações” de todo pessoal, incluindo os discentes. Estas características foram também elencadas como forma de favorecer a convivência com as diferenças e as trocas de informações e experiências entre os alunos na sala de aula, a importância dada às “relações” entre as pessoas (Ainscow, 2010, p. 36) e a formação dos alunos como “cidadãos críticos” e conscientes, capazes de conviver harmonicamente em sociedade (Aranha, 2003, p. 21).

ii: Não Docentes

(ND3) “Quando eu pergunto pra ele, como que você quer que a gente adapte este material pra você, ele nos dá a resposta eu não preciso procurar, eu não preciso pesquisar, eu não vou ficar preocupada com isso, que, quem me falou foi ele, como ele quer”./“A família chega aqui, a gente recebe de braços abertos e explica tudo o que a gente vai fazer . Quando acaba, a família retorna esse abraço pra gente e explica tudo o que aconteceu na vida dela”

(ND4) “bom, falando de Educação Profissional acho que a nossa estrutura, a nossa infraestrutura é um ponto importante/eu creio que a nossa infraestrutura”/“nesse aspecto o Senac faz aquilo que for necessário, aí dentro do que é ético, moral, legal, pra que o aluno dentro de sala de aula tenha o melhor espaço possível”/“isso é legislação né? O direito é garantido pra que as pessoas tenham acessibilidade de toda forma”

(ND5) “sempre preocupado em informar os próprios funcionários que vão auxiliar no desenvolvimento desses alunos. E não só os docentes né, tem também os funcionários não docentes” (Ainscow, 2010)

(ND6) *“o Senac tem uma Proposta Pedagógica que demorou pra nascer, vamos dizer assim, mas, um documento escrito de uma forma muito inovadora e que, quando foi criada era exatamente, esse o grande objetivo, tirar o Senac de uma Educação mais tradicional”/“Nos últimos anos a gente ter aberto essa possibilidade de trabalhar os outros dois saberes, que são Pilares da Educação, que é a questão do ser e do conviver e as Metodologias Ativas e a Metodologia de Projetos ela dá essa possibilidade pra instituição e para os educadores trabalharem esses dois saberes”*

(ND7) *“entender, eu preciso desenvolver em mim a à comunicação não violenta, resignação, a resiliência, a empatia para que eu possa respeitar, então, eu acho que esse Programa de Cultura de Paz é outra ação”.*

Também a responder à mesma questão, observa-se nos discursos dos profissionais não docentes a percepção do “desafio” no desenvolvimento dos trabalhos, como apontado por Ainscow (2009) e Unesco (2001, p. 15), a presença de características como os “valores inclusivos” como a ética, o respeito para com o outro, a “comunicação não violenta” como alguns dos pontos fortes da instituição (Ainscow, 2011, p. 21), a realização de treinamentos sobre deficiências e educação inclusiva, para todos os funcionários.

A estrutura e a infraestrutura propícias ao desenvolvimento de uma Educação para todos (Mantoan et al., 2010) implicam a inovação, o trabalho em equipa, a inclusão efetiva para as pessoas com qualquer tipo de deficiência (UNESCO, 2001), quer de acordo com as necessidades elencadas para o aluno, quer seja apontada pelo próprio aluno. A abertura para a participação da “comunidade” (Rodrigues, 2011, p.3), o uso de uma metodologia ativa como a Metodologia de Projeto, também fazem parte das características apontadas nos discursos dos Profissionais das Áreas Técnicas, Administrativas assim como da Direção Escolar.

iii: Alunos com NEE

(A-NEE2) *“sim, sim, informa muito bem o jovem e também é importante pra nossa vida lá fora”*

(A-NEE3) *“Pra mim, foi ótimo, teve comunicação/eu quero um futuro pra mim, hoje eu consigo pensar nisso depois que eu vim aqui no Senac/isso é muito estimulador, os alunos*

se sentem estimulados”/“o interprete faz um trabalho aqui que ele fala tudo o que todo mundo fala, independente do que foi que a pessoa falou.”

(A-NEE4) “levou é um boneco, eles sempre tão me convidando eu vou até lá pega na minha mão, com todo carinho e compaixão vai lá e me ajuda”/“Minha visão é bem ruim mesmo, é baixa visão”/“ o notebook tem aqueles comandos de voz com acessibilidade/O material também das aulas, eles sempre me passam em pdf, em Word, PowerPoint”./” O método de trabalho com os alunos faz a diferença mesmo. Acho que tá no caminho certo”.

(A-NEE4) “eu solicitei pra que viesse uma mesa preta, eles foram e providenciaram uma mesinha preta”/” preparada tá/prá quem é baixa visão, o piso tátil/a cadeira da sala, a mesinha que eu apoio o notebook, mesinha da cadeira”/“o corrimão tem o alto relevo/no corrimão tem o alto-relevo, o elevador, as salas, têm tudo as plaquinhas em braile ou em alto relevo. Eu posso deduzir que é a sala 22 ou o bloco A”/” “não ficar avaliando por nota, por isso que tem muitos projetos/dentro dos projetos entender se o aluno tá aprendendo ou não”

(A-NEE5) “Todo mundo me recebeu super bem, profissionais totalmente capacitados”

(A-NEE6) “metodologia de ensino, o ambiente, as salas de aula muito equipada”/“a diferença é que aqui não tem prova/o ensino é diferente das escolas municipais”/“Não tem prova, só tem projetos, as menções são diferentes, as notas, as faltas, é diferente da escola normal”

Um destaque importante nos discursos dos alunos com NEE é também a presença de valores humanos inclusivos como compaixão, carinho, amor, na atuação dos docentes (Ainscow, 2011, p.21). Outras características que chamam a atenção é o atendimento atencioso e acolhedor aos alunos, a metodologia de ensino e aprendizagem com destaque para a ausência dos processos tradicionais de avaliação e a presença de avaliação formativa (Senac, 2006), a estrutura e a infraestrutura acessível a todos, no sentido da presença de itens que favorecem a locomoção; equipamentos audiovisuais inclusivos, como sugerem Mantoan et al. (2010), além da presença de interpretes de Linguagem Gestual contratados pela própria instituição.

iv: Alunos sem NEE

(A-SemNEE3) “eu acredito que sim/no dia-a-dia, eu vejo como ele foi bem atendido, bem recepcionado, bem adaptado pra ele/até aqui, eu tenho visto um bom atendimento, ele está satisfeito e tudo tem o tato pela escola, como na escada, nos banheiros, as faixas pelo chão, o ambiente”

(A-S/NEE4) “a valorização do ser humano. É um termo que eu acho forte e que cabe na realidade da instituição/aqui você é muito valorizado, ao contrário de outros lugares/eu gosto muito disso, dessa valorização mesmo”/“Foram três fases no Senac, três épocas diferentes. Eram anos muito divergentes, agora também, turmas diferentes, inclusive, funcionários diferentes, alguns não ficaram daquela época de 2011. Meio que continua um padrão”/“o Senac tem dado essa abertura pra esse pessoal que geralmente é marginalizado pela sociedade, eu acho excepcional”

(A-S/NEE6) “Ah, o docente”/“o docente, dá pra se notar que ele já está preparado/Eu acho que o Senac prepara os docentes pra isso, pra um imprevisto/eu vejo que o Senac está preparado justamente pelos docentes que eles já estão que eles já têm noção, sei lá, acho que já dentro de si, já deles, eles já sabem o que fazer.”/“por eles mesmos porque eu via que eles se sentiam bem não se sentiam excluídos, nem nada. Era como uma casa, aqui para eles. Eles se sentiam à vontade, se enturmava.”

(A-S/NEE4) “o Senac, por conta da metodologia deles que é uma coisa que me interessa muito essa coisa da metodologia mais participativa sem aquela coisa engessada do modelo tradicional de escola”

Tanto os alunos com NEE, como os alunos sem NEE dão ênfase às características como a adoção e o desenvolvimento de uma metodologia participativa (Barbosa & Moura, 2013), a valorização do ser humano (Booth & Ainscow, 2011), a padronização da boa qualidade da aprendizagem e do atendimento aos alunos ao longo dos anos (Ainscow, 2010). Outra questão que chama a atenção nestes discursos, é a percepção dos alunos Sem NEE quanto ao

atendimento dispensado aos colegas com algum tipo de deficiência, assim como a satisfação destes colegas com o atendimento recebido.

vi: Pais

(P1) “Acho. Não até só a necessidade que o meu filho tem, mas até outros portadores como eu já vi aqui com síndrome de down, vi várias pessoas aqui que estudou”/“ah, eles também são fantásticos. Tratou ele com todo amor, com todo carinho”/“O docente, nossa, foi maravilhoso com ele”. Até hoje ele fala que é a melhor coisa que aconteceu na vida dele/Nossa! Muito satisfeito!

(P2) “eu acho que sim que eles estão preparados pra atender. Pelo desenvolvimento que ela teve, eles tão bem preparados.”

(P3) “eu gostei muito porque, foi marcado uma primeira conversa com a equipe da orientação e coordenação do curso/eu não me identifiquei como mãe, porque eu queria saber como estava a inclusão aqui/as profissionais que me atenderam foram muito claras e concisas em tudo o que elas falaram”/“e o Senac está sempre buscando alternativas mesmo, diante de algumas dificuldades do dia-a-dia, tem buscado alternativas pra tá resolvendo da melhor maneira possível. Então eu acho que isso já é estar preparado, né”

(P4) “a gente sempre ouviu falar muito bem dos cursos, o Projeto Trampolim, que assiste essas pessoas com dificuldade, e também o resto da população só ouve falar bem do Senac”

(P3) “né, sempre me foi passado que os cursos não teriam prova, não seriam matérias assim, e sim, Projetos desenvolvidos pelos alunos no qual eles teriam notas de acordo com cada Projeto, com a conclusão de cada Projeto”

No discurso dos pais, relativamente à percepção de características da instituição como escola inclusiva, fica evidente a qualidade do ensino e dos cursos oferecidos aos alunos, e o conhecimento positivo da instituição face às questões da inclusão efetiva de alunos com NEE. Relativamente ao papel desempenhado por outras pessoas, salientam o atendimento atencioso e acolhedor, a presença de pessoas com diferentes tipos de deficiência e a forma como estas pessoas são acolhidas pela instituição. Face aos profissionais, destacam as orientações passadas pelas equipas aos responsáveis que a procuram no sentido de esclarecer, antecipadamente

(como ocorre o processo de inclusão na escola, bem como a participação das famílias neste processo), o preparo dos profissionais (Ainscow, 2010) e a presença de valores inclusivos como humildade e carinho, nas atitudes dos docentes e no tratamento desses aos alunos, para além da satisfação dos filhos e da própria satisfação com o curso e a escola (Ainscow, 2010).

4.2.2. A Metodologia de Projeto (MP) como recurso/ferramenta pedagógica inclusiva em turmas heterogêneas

Relativamente à questão da Metodologia de Projeto desenvolvida na instituição, como ferramenta pedagógica inclusiva, também é possível perceber, através dos discursos dos participantes, a contribuição que ela traz para todo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos Com e Sem NEE. Nesta questão, ficam evidentes as características da Metodologia estudada na forma de atuar do professor (Parolin et al., 2008), no planejamento e no desenvolvimento do trabalho coletivo docente (Blasco, 1999; Leite, 2007), bem como nas possibilidades de uso em diferentes áreas e assuntos (Barbosa & Moura, 2013), na aceitação e na aprovação da Metodologia por parte de todos os envolvidos nos processos educativos. Deste modo, os participantes salientaram ainda como a percepção de resultados positivos, principalmente por parte dos docentes, reflete a própria prática, item importante para a efetivação de uma Educação inclusiva (Ainscow, 2010) e a percepção pelos próprios alunos, sobre os trabalhos que realizam.

Outros pontos que se destacam positivamente, face à Metodologia de Projeto, nos discursos dos entrevistados é a redução da exclusão, da discriminação e das barreiras à aprendizagem e à participação dos alunos (Blasco, 1999). Acrescentam ainda a contribuição para os processos de avaliação, o processo de ensino-aprendizagem, o respeito ao ritmo/tempo do aluno apontados (Duck, 2005), o interesse dos alunos e o despertar da sua “curiosidade” (Berbel, 2011, p. 28), assim como a percepção de outras habilidades que os discentes tenham e que não seria mostrada com uma metodologia tradicional. As adaptações de recursos didáticos e do ambiente escolar para a total inclusão das pessoas com deficiência” mencionadas pelos entrevistados também destacadas por Senac (2006, p. 19), como mostrado nos trechos dos relatos abaixo:

i: Docentes

(D1) “A avaliação, é tempo integral”

(D2) “para o aluno, a metodologia ativa é integradora/você tem que desenvolver várias características/colaboração em grupo, espírito de equipe, espírito crítico/facilita o desenvolvimento e a integração das pessoas”

(D3) “É diário, é no dia-a-dia, você observar, interagir com o aluno e perceber, notar a evolução dele durante o curso e não no final do projeto, mas como ele chegou no final do projeto”

(D4) “se a gente perceber que esse aluno com algum tipo de deficiência tá ficando de lado a gente vai falar com o grupo, a gente vai procurar inclui-lo cada vez mais, fazer com que ele se sinta fazendo parte, que se sinta incluído e aí é trabalhar com aquele grupo específico”

(D7) “e, aí, a primeira vez eu comecei a dar a minha aula, na minha velocidade, eu fui falando, fui falando de repente, eu olho do lado e vejo o interprete quase louco lá, fazendo sinal aí é que eu me toquei que tinha uma pessoa com deficiência auditiva, aí eu falei, ôpa, eu preciso articular melhor as palavras, preciso prestar atenção na dicção e falar com uma velocidade menor”

(D5) “porque, além do saber fazer, ali, ele tem muito do saber conviver, aceitar as diferença do grupo, as ideias dos outros, contribui muito pro desenvolvimento tanto profissiona quanto pessoal”

Esta Metodologia, na visão dos docentes, é uma ferramenta “desafiante” tanto para o Docente quanto para o aluno, a partir do momento em que o projeto oferece inúmeras possibilidades de busca de informações, construção de conhecimentos e pode ser desenvolvido por qualquer aluno, de acordo com o seu interesse. (Gomis, 2007). Outro ponto a ser considerado nos relatos é quanto às facilidades para o desenvolvimento de características como colaboração em grupo, espírito de equipa, espírito crítico e a integração dos alunos, também são apontadas por (Ainscow, 2010) como fundamentais em um contexto de Educação inclusiva.

ii: Não docentes

ND3 *“é através dos projetos e das atividades práticas/dão segurança pra eles no mercado de trabalho, e aí eles conseguem deslanchar muito fácil/a gente consegue depoimento de vários alunos que retornam pra gente, justamente, agradecendo pelo processo que passou”*

(ND5) *“das características que eu vejo, eu vou falar da questão da metodologia que é diferente”/“porque ela não fica presa na sala de aulas, né?, ela expande, ela é expansiva, ela vai pra rotina, ela aproxima o aluno da rotina dele, ela leva o aluno pra fora, ela ultrapassa as quatro paredes, digamos assim”*

(ND6) *“Eu acho que as ferramentas ativas e, em especial, a Metodologia de Projetos ela dá uma possibilidade muito maior de participação do aluno, por consequência, também dá oportunidade para que ele desenvolva outras habilidades outros conhecimentos que não estão ligados estritamente à Formação Técnica que ele vem buscar”*

(ND6) *“Então, acho que são vários os itens colocados nesse processo de inclusão pra que a gente possa, então, atender esse aluno. Isso, a gente verifica a cada curso, a cada processo de formação o quanto isso satisfaz e atende esses alunos.”*

No caso dos relatos dos participantes Não Docentes quanto à Metodologia de Projeto, pontos importantes a destacar são as possibilidades de uso desta Metodologia no ensino “Técnico” Profissional (Berbel, 2011, p. 31), a satisfação do aluno, em especial relativamente à questão da avaliação - que no caso da instituição pesquisada desenvolve um processo participativo/formativo (Senac, 2006). Estes entrevistados também apontam a formação completa do aluno, o desenvolvimento de competências, a flexibilidade e expansividade da MP para e na realização de trabalhos diversificados dentro e fora da sala de aula; a “autonomia” do aluno (Berbel, 2011, p.28) nos ambientes específicos do espaço escolar, como a biblioteca; as facilidades no atendimento aos alunos com NEE frequentes nas turmas heterogêneas, assim como a convivência entre os alunos com e sem algum tipo de dificuldade dentro destas turmas, como apontado por Paraná S.E.E.D. (2006).

iii: Alunos com NEE

(A-NEE1) “*é, todos os dias a gente é avaliado/não tem prova. A professora da uma atividade e manda nós fazer, aí, aí, depois vê*”/“*também sobre o Projeto/mais em grupo*”/“*Era mais fácil*”/“*tem a ajuda dos colegas*”.

(A-NEE2) “*tinha muitas apresentações, recortar revistas sobre um determinado assunto, falar lá na frente/tem até teatro também sobre o atendimento ao cliente, o atendimento correto e o incorreto, o adequado e o inadequado*”.

(A-NEE3) “*nós temos trabalhos, temos regras, temos todo processo pra desenvolver*”/“*eu posso expressar a minha opinião do que eu entendi, de tudo o que eu entendi. É uma experiência. Eu consigo ter uma experiência real*” (A-NEE3).

(A-NEE4) “*a gente tá conseguindo fazer o nosso trabalho do nosso jeito*”/“*O trabalho vai ser avaliado como suficiente, bom e insuficiente, que são as menções, é este projeto do toque que foi passado pra nós*”/“*foi muito bom, me incluiu, eu pude participar*”.

(A-NEE5) “*Dá um assunto e você desenvolve tudo tentando alcançar o resultado*”/“*tem avaliações, tem, é o seu desenvolvimento no dia-a-dia/Não é só uma prova para medir, o conhecimento daquele dia/a gente tinha que apresentar trabalhos, era um meio de avaliação/é todo um processo pra avaliar*”.

Em relação à percepção da MP como ferramenta metodológica inclusiva para as aulas nas turmas heterogêneas, os alunos com NEE dão ênfase à facilidade na sua participação ativa nas aulas (Blasco, 1999), às possibilidades para o trabalho colaborativo tornando mais fácil o processo de aprendizagem; no desenvolvimento de diferentes estratégias pelo docente; no desenvolvimento de diferentes conteúdos (Barbosa & Moura, 2013), na valorização da autonomia do aluno (Berbel, 2011), nas facilidades no processo de avaliação; no desenvolvimento de trabalho em grupo (Polido, 2016), nas regras de convivência (Duk, 2005); na superação das próprias dificuldades, no facto de poderem vivenciar um experiência “real” de trabalho e na aprendizagem significativa decorrente destas experiências (Ainscow, 2010, p. 44).

iv: Alunos sem NEE

(A-SemNEE1) “a avaliação, eles avaliam mais por participação, o conteúdo é mais focado pra parte de empresa/a hora que tá acabando o curso a gente teve a apresentação final, do curso.”

(A-Sem NEE2) “no caso, do começo ao fim, os materiais, a explicação que eles dão de slide, de livros, são muito bons. E do projeto que eles passaram pra gente fazer em sala de aula, do jeito que eles ensinaram.”

(A-SemNEE4)) “muita chuva de ideias”/“normalmente, todas as atividades eram em grupo”/ “olha, essa metodologia de Projeto, a gente até brincava que era metodologia de mola, você vai lá na frente depois você volte e vai/nunca tem fim como uma espiral mesmo, ou um pêndulo, alguma coisa do tipo.”/“a metodologia daqui, o conhecimento ele fica muito agregado/a gente consegue linkar muitas coisas, muitos assuntos, com teorias, com práticas”/“eu achei muito interessante isso, ele respondia, era avaliado no mesmo nivelamento que nós.”

(A-SemNEE6) “muito bem organizada, traz proporções muito boas pra quem quer aprender.”

(A-SemNEE4) “aqui você cria projeto, faz um programa, projeto alguma coisa do tipo. Desde o princípio eles nos deixaram muito a vontade”/ “perguntar, não é perguntar uma ou duas vezes, perguntar à vontade quantas vezes quiser, sem problema algum. Isso foi trazendo maior conforto pra gente.”

Entre os Alunos Sem NEE, o destaque maior, na questão das características da Metodologia de Projeto, são as facilidades encontradas no processo de avaliação (Senac, 2006), a forma de trabalho que favorece o foco nos conteúdos voltados para a aquisição de competências técnicas e práticas para o mercado de trabalho; o uso de diferentes estratégias de ensino e aprendizagem pelos docentes (Barbosa & Moura, 2013); o desenvolvimento de trabalhos em grupo; a flexibilidade do próprio método de ensino e esta flexibilidade como facilitadora para o desenvolvimento das atividades e dos projetos escolhidos pelos alunos e a possibilidade de participação ativa de qualquer alunos no decorrer das atividades (Gomis,

2007). Na concepção destes sujeitos, estes são pontos importantes e que sugerem à Metodologia estudada as características de ferramenta pedagógica inclusiva.

vi: Pais

(P1) *“ah, eu achei fantástica, porque ensinou/ele aprendeu/então pra mim foi muito bom e pra ele”/“Nossa, ele teve um desenvolvimento fantástico”/“Eu acho que se não fosse isso, até hoje ele não tinha tido a oportunidade de fazer um curso como este aqui/com as dificuldades que ele tem/é muito difícil, a pessoa fica meio que de lado. Eu senti isso na pele com meu filho”/“ até porque meu filho tinha muitas dificuldades, muitas mesmo e aqui ele superou todas. Você entendeu? Conseguiu!”*

(P2) *“pra ela, foi muito bom, porque ela não tinha muito contato com pessoas assim como ela, então, ela viu que ela desenvolveu também por causa disso, dela vê outras pessoas assim.”*

(P3) *“eu achei que aqui foi bem legal a maneira como foi procedido o trabalho com ele. Essa parte da metodologia, como eles desenvolvem aqui, eu achei muito bom”/“ele é exposto a uma situação diferente/então, tem que colocá-lo diante dos seus medos das suas dificuldades pra ele saber se sair dessa situação. Então, acho que isso tá sendo um crescimento muito grande pra ele. Acaba contribuindo demais, demais com tudo, global”/ “Ele melhorou a autonomia, ele melhorou o desenvolvimento da fala, a segurança em questão de tá conversando mais.*

(P4) *“foi o ponto de partida, eu acredito, porque, junto com a dificuldade de aprendizado, tava a dificuldade de se relacionar com as pessoas por conta de timidez, insegurança. Então, isso ajudou muito”/“ela ficou mais segura, ganhou mais autonomia”.*

(P5) *Ajudou muito. Foi fundamental pra ela”/“melhorou muito, evoluiu muito.”*

Na fala dos pais, em relação ao Método de trabalho da instituição, é perceptível a satisfação com o desenvolvimento positivo e a aprendizagem dos filhos e a proximidade deles próprios, pais, com este processo de aprendizagem (Ainscow, 2010). As possibilidades de inclusão dos alunos com NEE nas salas de aulas e turmas “comuns” da escola (Senac, 2006, p.

11); a percepção da superação das dificuldades e o alargamento da autonomia na vida diária dos filhos também são relatados com entusiasmo e confiança na Proposta Pedagógica da instituição e nos trabalhos desenvolvidos por seus funcionários Docentes e Não docentes.

O reconhecimento quanto à contribuição da Metodologia de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento observado nos filhos também é reforçado por todos, assim como o desenvolvimento de novas competências e habilidades fundamentais para as conquistas futuras, especialmente na questão profissional, um dos principais motivos para a busca da instituição.

4.3. Outras narrativas significativas sobre a instituição: pontos positivos e pontos a serem melhorados, na ótica dos participantes

i: Docentes

(D3) “Acho que mesmo em turmas normais você tem que ter uma dinâmica diferente porque as pessoas são heterogêneas na disparidade entre a formação delas, a vivência delas”/”pra que você consiga ter uma aula diferente e integrar toda essas diferenças dentro das pessoas.”/”acho que você precisa tá sempre fazendo capacitação, treinamentos, pra você melhorar e conseguir atender melhor não só os alunos com necessidades especiais mas, qualquer aluno”.

ii: Não Docentes

(ND5) “então, eu percebo como uma instituição que tem um olhar pro aluno, pra autonomia, pra independência e pra essa formação cidadã também desse educando”/”dá para melhorar essa formação, pra que todos os coordenadores tenham um olhar para que o desenvolvimento desse aprendiz com deficiência intelectual aconteça, de fato, na vivencia do trabalho. Eu acho que ainda é uma questão que a gente precisa caminhar, não diria que tá ótimo, que é um programa que tá funcionando de fato, que esses aprendizes se desenvolveram, saíram daqui desenvolvidos”

iii: Alunos com NEE

(A-NEE5) “gratidão, morava, não, moro na periferia então, sem perspectiva nenhuma porque a pessoa com deficiência, apesar de hoje ter mais vantagens, antes não tinha; era muito pouco o que se falava”

(A-NEE3) “eu, sou surda o professor é ouvinte, ele vai falando e eu percebo que não sou só eu que tenho dúvida, tem vários alunos com dúvidas.”

iv: Alunos sem NEE

(A-Sem NEE4) “Eles reformulavam, traziam uma metodologia nova, um jeito novo/ ao mesmo tempo eles mudavam a linguagem, mudavam a metodologia, de uma forma pra ele assimilar melhor, só que ao mesmo tempo cobravam muito mais dele”

“ficou o sentimento de quero mais, de animo pra seguir em frente, de que é realmente o curso que eu quero fazer, a profissão que eu quero ter” (A-SemNEE3)

vi: Pais

(P3) “eu acho que o que mais fica de toda essa situação é a certeza de que ele está sendo visto como uma pessoa, é claro que dentro das necessidades dele, dentro até das dificuldades que ele tem, mas sendo respeitado, sendo tratado como igual, buscando ter o dever, mas, tendo o direito de tá desempenhando da melhor forma possível”.

(P1) “A pessoa pergunta pra ele, o que que você faz? Ele fala, ah, eu trabalho, eu estudei no Senac, entendeu? Então ele fala assim de coração, você vê que ele fala feliz, então, isso aí me deixa mais feliz ainda.”

Relativamente a outras narrativas significativas presentes nos discursos dos participantes em geral, é possível destacar os pontos positivos e pontos a serem melhorados na instituição, quesitos fundamentais que podem indicar a natureza do caminho percorrido e a percorrer. Deste modo, entre os pontos positivos relatados, percebe-se a satisfação do professor quanto à própria aprendizagem com os alunos e o trabalho nas turmas heterogêneas (SEED

Paraná, 2006), a valorização dos projetos desenvolvidos pelos alunos (Ainscow, 2010), para uma escola inclusiva e a contribuição da Metodologia de Projeto como fio condutor para e nessas ações.

Neste contexto, aparecem também a gratidão de alunos com e Sem NEE e dos pais, em relação a instituição, seus funcionários docentes e Não Docentes, diante da percepção do próprio do desenvolvimento (pelos alunos) e das conquistas dos filhos (pelos pais), que vão além de conquistas acadêmicas, e sim para a vida, como elevação da autoestima, mudanças de comportamentos, desenvolvimento de competências e habilidades, observadas a partir da aprendizagem com a metodologia de ensino aprendizagem da escola e a convivência com outros alunos nas turmas heterogêneas (SEED Paraná, 2006; Toledo & Martins, 2009) e a inclusão no mercado de trabalho.

Quanto aos pontos a serem melhorados, destacam-se relatos importantes e que demonstram que a escola, ao mesmo tempo que já realizou um caminho considerável na questão da matrícula, acolhimento e efetividade da Educação de alunos que necessitem de algum tipo de acessibilidade, ainda tem um caminho a percorrer. Este caminho deve atender, nomeadamente o acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos pelos Aprendizes com deficiência intelectual dentro de alguns setores da instituição, para que possam aproveitar o máximo de suas potencialidades, desenvolver outras habilidades e sair melhor preparados para um mercado competitivo e em constante evolução. Em relação à prática docente, a atuação em dupla docência, no sentido do preparo professores para esta atuação, assim como na composição das duplas, como sugerido nos relatos dos próprios profissionais em anexo ao final deste trabalho são aspectos destacados.

4.4. Discussão Geral

Ao finalizar as considerações sobre a Escola e a Metodologia de Projeto pode-se dizer que, no geral, ambas são bem percebidas por todos os participantes, Docentes, Não Docentes, Alunos com e Sem NEE e Pais, que percebem cada qual com as suas contribuições em relação à questão da Educação Inclusiva e a aprendizagem dos alunos com algum tipo de Necessidade Educativa Especial, participantes das turmas heterogêneas.

Também aparecem nos relatos apontamentos importantes sobre as percepções no sentido de que a instituição precisa melhorar, tanto no que diz respeito à prática docente e à dupla

docência na sala de aula quanto no acompanhamento das práticas dos aprendizes com deficiência intelectual em alguns setores da instituição.

Enfim, diante dos relatos apresentados dos Docentes, dos Profissionais Não Docentes, dos Alunos e Pais participantes da pesquisa, como dos dados apresentados pelos Inquiridos por questionários direcionados aos Docentes e Não Docentes sobre a questão da escola inclusiva e da Metodologia de Projeto desenvolvida na instituição, é possível perceber que enfatizam características importantes, como destacadas anteriormente, que apontam para uma instituição que já possui no seu dia-a-dia, estrutura e infra estrutura, a prática de um modelo de Educação voltado para todos os alunos e, ao mesmo tempo, para cada um, individualmente, a medida em que respeita este aluno em suas individualidades e limitações, favorecendo não apenas a sua aprendizagem, mas também os relacionamentos sociais e a inclusão no mercado de trabalho (Ainscow, 2010).

Outro destaque encontrado prende-se com o facto de a instituição demonstrar uma preocupação constante com o processo de ensino- aprendizagem e em como este se vai refletir na vida dos alunos após a sua formação, ou seja, nos resultados da ação educativa desenvolvida pela escola; o que acaba por contribuir para as prospetivas da instituição sobre mudanças e ações futuras relativamente a este contexto.

No que considera os dados apresentados e o discurso da maioria dos intervenientes, em especial, Alunos e Pais, no que respeita ao preparo da Escola para atender alunos com NEE, a instituição está a caminhar na direção certa. Porém, como também apontam os discursos de alguns participantes, quanto às questões de um melhor atendimento e orientação dos Aprendizes internos, com Deficiência Intelectual, pelos setores de serviços por onde passam, bem como a sua participação nos Projetos desenvolvidos pela instituição, esta investigação sugere um olhar mais atencioso, para estas questões apontadas como deficitárias, para que a efetivação da Educação Inclusiva na Escola possa, de facto, atingir o seu máximo e favorecer ainda mais a aprendizagem e a Formação Profissional de todos os alunos, independentemente de qualquer diferença e/ou peculiaridade.

Assim, para que se possa, de facto, reforçar as características da Metodologia de Projeto, como Metodologia inclusiva, como procurou-se nesta investigação, sugere-se uma segunda etapa desta pesquisa, com outros intervenientes internos e externos, por exemplo, os parceiros da instituição, num caráter mais global.

CAPÍTULO V – 5 Considerações Finais

5.1 Considerações finais

O trabalho do pesquisador é sempre orientado por objectivos devidamente pensados e predefinidos (Almeida & Freire, 2008). No cerne desta investigação encontrava-se, como foco principal, a ideia de caracterizar a Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, na Educação Profissional e Tecnológica de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), em turmas heterogêneas.

Neste sentido, com a intenção de se obter o máximo de informações sobre a Metodologia investigada, procurou-se realizar um estudo de caso organizacional em uma Escola de Educação Profissional e Tecnológica cuja ferramenta metodológica, para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem e de Educação inclusiva a que se propõe, era a Metodologia de Projeto. Neste trabalho de investigação também se recorreu a dois métodos de recolha, ou seja, o qualitativo e o quantitativo, nomeadamente o inquérito por questionário e as entrevistas com sujeitos que, de alguma forma ou em algum momento, fizeram parte da instituição, a estudar ou trabalhar diretamente com a Metodologia.

Assim, diante das informações colhidas, após o estudo teórico e prático realizados, é possível perceber que a Metodologia de Projeto pode ser um contributo para a aprendizagem dos alunos com e sem NEE, participantes de turmas heterogêneas em cursos de Educação Profissional e Tecnológica, bem como também têm a possibilidade de desenvolver competências importantes relacionadas tanto com a vida profissional dos formandos, como com a sua vida pessoal, para além de contribuir para a melhoria da aprendizagem e a formação dos próprios docentes em serviço com os alunos (Ainscow, 1995). Esta percepção é compatível com as informações trazidas por Polido (2016) onde, entre outras características, apresenta a metodologia de projeto como “uma estratégia de ensino-aprendizagem com a finalidade de auxiliar o desenvolvimento e autonomia do aluno, frente ao contexto sócio- histórico, incorporando novas práticas educacionais que ressaltam o caráter global e sistêmico da educação” (p.51).

Quanto às questões da Educação inclusiva percebidas pela investigação, importa destacar que esta estratégia de ensino e aprendizagem, para além de “atender às necessidades da educação na atualidade”, também incita a consideração de todo “o contexto educacional de modo que as ações possam acontecer de forma coletiva e cooperativa articuladas pela interação professor e aluno” (Polido, 2016, p. 51) e, desta forma, a favorecer a participação ativa dos educandos, o respeito aos seus interesses e às suas condições individuais.

Outra descoberta importante prende-se com o uso de “valores inclusivos” (Ainscow, 1995, 2011) que nitidamente são destacados e afirmados por participantes de todas as categorias das entrevistas, mas, com maior ênfase nos pais e alunos, onde fica claro a presença destes valores nas práticas da instituição, nomeadamente nas atitudes dos Docentes e Não Docentes. Importa destacar que estas atitudes balizam as práticas dos Profissionais tanto na relação com os estudantes com NEE como com qualquer outro, o que se pode caracterizar em uma Educação e Inclusão para todos. Esta prática também foi apontada como o seu diferencial, para que o processo de Educação Inclusiva da instituição seja efetivamente concretizado.

5.2. Dificuldades e Limitações

Como em qualquer investigação, após a sua elaboração surgem sempre novas questões e premissas que impulsionam os autores a pensar *se eu fizesse novamente faria diferente...* Assim, entre as dificuldades encontradas, para além da falta de experiência da aluna/pesquisadora neste tipo de atividade, foi o facto de se realizar a recolha de dados em outro país, no caso, o Brasil, o que dificultou um pouco a comunicação entre a mestranda e a instituição onde se realizaria a pesquisa.

Outro desafio, como já informado anteriormente, foi quanto ao mês em que se realizaram as entrevistas, entre fim do mês de novembro e o início de dezembro, o que coincidiu com o término do ano letivo naquele país e com as atividades finais dos alunos e docentes, como desenvolvimento e apresentações de Projetos. Neste último caso, apesar da existência de um cronograma das atividades da investigação, estas foram iniciadas mais tardiamente, devido a necessidade de providencia de um documento interno, da instituição onde a pesquisa seria realizada, que orientasse a realização da investigação. Enfim, resolvidas estas questões, tudo ocorreu bem e a recolha de dados aconteceu como o planejado.

No que concerne as limitações, considera-se importante mencionar que esta investigação situa-se num *plano intermédio de análise*, ou seja, não potencia uma análise quantitativa muito aprofundada, uma vez que se fica pelo conhecimento dos valores médios obtidos, nem qualitativa mais *deep*, uma vez que as entrevistas apresentam questões que direcionam o discurso dos participantes, não permitindo uma narrativa mais rica e descritiva.

5.3. Este trabalho de investigação como ferramenta para pesquisas futuras

Um trabalho que se realiza, por mais simples que seja, traz sempre em si a potencialidade de fornecer subsídios para a realização de outros trabalhos ou a melhoria de condições, processos e/ou dar seguimentos em atividades já existentes. Assim, no caso desta investigação não seria diferente, principalmente por se tratar do estudo efetuado em uma área em que, para além da necessidade dos diversos conhecimentos e informações de que ainda se necessita, salienta-se a importância de se conhecer sobre o que já foi e está a ser feito, principalmente a partir das impressões dos diversos intervenientes diretamente envolvidos, a fim de poder melhorar as práticas e resultados existentes, percebidos como o maior desafio do sistema escolar em todo o mundo (Ainscow, 2009, p. 11).

A seguir esta observação, e a olhar para os resultados das análises apresentados, é possível encontrar informações que apontam para as contribuições podem advir para trabalhos futuros da instituição, a partir de discursos dos próprios participantes, como por exemplo a avaliação pormenorizada dos trabalhos dos Docentes, que inúmeras vezes foi sugerida pelos mesmos no final das entrevistas como a ser de grande necessidade para a melhoria contínua das suas práticas.

Outro campo em que este trabalho poderá ser útil é quanto ao conhecimento da própria metodologia investigada, a Metodologia de Projeto, e a sua contribuição para o público alvo ao qual se olhou ao longo de toda a pesquisa, os alunos com NEE participantes das turmas heterogêneas. Neste sentido, os resultados trazidos pelos discursos dos participantes, principalmente dos próprios alunos, demonstram confiabilidade nesta metodologia e que ela, mesmo que sem ter a pretensão de ser a única ferramenta metodológica inclusiva, traz em si a possibilidade para que estes alunos possam ser efetivamente incluídos em turmas comuns e, desta forma, poderem conviver em situação de igualdade/equidade com os demais, estudar e construir conhecimentos e relacionamentos tanto no que diz respeito à vida pessoal quanto ao campo profissional.

CAPÍTULO VI: 6 Referências bibliográficas

Referências Bibliográficas

- ACIRP, (2014). *São José do Rio Preto: desenvolvimento e negócios*. São José do Rio Preto: Publi/9 Comunicação Integrada.
- Ainscow, M. (1995) “Education For All: Making it happen” - Comunicação apresentada no Congresso Internacional de Educação Especial, Birmingham, Inglaterra. Disponível em http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/20/fl_38.pdf.
- Ainscow, M. (2009). *Tornar a Educação Inclusiva: como esta tarefa deve ser conceituada*. In O. Fávero, W. Ferreira, T. Ireland & D. Barreiros, (2009). *Tornar a Educação inclusiva* (pp. 11-21). Brasília: Unesco.
- Ainscow, M. (2010). *Necesidades especiales en el aula. Guía para la formación del profesorado*. 3ª Ed. Madrid: NARCEA.
- Alencar, M. N., & Moura, D. G. (2011). *Origem da Metodologia de Projetos, seu significado, trajetória e contribuições nos processos educativos* (Dissertação de mestrado em Educação Tecnológica). CEFET-MG, Belo Horizonte.
- Alves, M. M., Ribeiro, R., & Simões, F. (2013). Universal design for learning (UDL): Contributos para uma escola para todos. *Tecnologias da Informação em Educação, Indagatio Didactica*, 5(4), 121-146. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2570>
- Andrés, A. (2014). *Pessoas com deficiência nos censos populacionais e educação inclusiva*. Brasília: Consultoria Legislativa – Brasília: Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/19479>.
- Aranha, M. S. F. (2003). *Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais*. Brasília: MEC/SEESP

- Arantes, L. (2013). *São José do Rio Preto: onde os sonhos acontecem*. São José do Rio Preto, THS Editora.
- Barbosa, E. F., & Moura, D. G. de. (2013). Metodologias Ativas de Aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. *Boletim Técnico Senac*, 39(2), 48–67. Disponível em http://www.senac.br/media/42471/os_boletim_web_4.pdf
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 10.
- Barato, J. N. (2015). *Fazer bem feito: valores em educação profissional e tecnológica*. Brasília: UNESCO.
- Berbel, N. A. N. (2011). As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326>
- Beyer, L. E. (1997). William Heard Kilpatrick (1871–1965). *Prospects*, 27(3), 468-485. Disponível em: <http://orientation94.org/uploaded/MakalatPdf/Mufakirun/kilpatricke.pdf>
- Bin, A. C. (2012). *Concepções de conhecimento e currículo em W. Kilpatrick e implicações do método de projetos* (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21012013-140309/en.php>
- Blasco, C. M. (1999). *El método de proyectos*. Programa RED. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá. Disponível em http://www.humanas.unal.edu.co/red/files/9612/7248/4193/Articulos-metodo_proyectos.pdf
- Booth, T., & Ainscow, M. (2011). *Index para a inclusão em educação: desenvolvendo a participação e a aprendizagem nas escolas*. Rio de Janeiro: LaPEADE.

- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bressan, F. (2000). O método do estudo de caso. *Administração on line*, 1(1), 1-13. Disponível em http://www.tecnologiaprojetos.com.br/banco_objetos/_Texto_sobre_Estudo_de_Caso_.pdf
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo : da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179–191.
- Camargo, A. R. (2012). *Casas de Fundação (1603-1821)*. Dicionário da Administração Pública Brasileira do Período Colonial. Disponível em: <http://linux.an.gov.br/mapa>.
- Capellini, V. L. M. F. (2013). *O ensino colaborativo favorecendo políticas e práticas educativas de inclusão escolar na educação infantil*. In: Chicon, J. F.; Drago, R.; Victor, S. L. (Orgs.). *A educação inclusiva de crianças, adolescentes, jovens e adultos: avanços e desafios*. Vitória: EDUFES.
- Carvalho, A. D. de (Org.) (1995). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, J. A., Carvalho M., Barreto, N. A. M., & Alves, F. A. (2010). Andragogia: considerações sobre a aprendizagem do adulto. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 3(1), 78-90. DOI: [http://dx.doi.org/10.22409/esa.3\(1\).108](http://dx.doi.org/10.22409/esa.3(1).108)
- Carvalho, R. E. (2012). *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. 5ª Ed. Porto Alegre: Mediação.
- Carneiro, R., Abaurre, N. W., & Serrão, M. A. (2009). *Transversalidade e inclusão: desafios para o educador*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional.
- Cattani, A. D. (1997). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. Petrópolis: Vozes.

- Chicon, J. F., Drago, R., & Victor, S. L. (2013). *A educação inclusiva de crianças, adolescentes, jovens e adultos: avanços e desafios*. Vitória, EDUFES.
- Ciavatta, M., & da Silveira, Z. S. (2010). *Celso Suckow da Fonseca*. Recife: FJN/ Editora Massangana.
- Cimeira União Européia – América Latina e Caraíbas. (2002) *Declaração Política Compromisso de Madrid*. Disponível em:
http://www.europarl.europa.eu/intcoop/eurolat/key_documents/summits_eu_alc/ii_17_5_2002_madrid_pt.pdf
- Cordão, F. A. (2011). As novas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica e suas implicações na educação profissional técnica de nível médio. *Boletim Técnico Senac* 37(03). Rio de Janeiro: Senac/Departamento Nacional.
- Correia, L., M. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.
- Costa, A. M. B. (2009). *Currículo funcional no contexto da educação inclusiva. Tornar a Educação Inclusiva*. Brasília, DF: UNESCO
- Drago, R. (2013). *Síndromes: conhecer, planejar e incluir*. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Duk, C. (2005) *Educar na diversidade: material de formação docente*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educarnadiversidade2006.pdf>..
- Fagundes, L., da C., Sato, L., S., Maçada, D., L. (1997). *Aprendizes do futuro: as inovações começaram!* Brasília (DF). Disponível em:
<http://matematikos.psico.ufrgs.br/textos/aprender.pdf>.

- Fávero, O., Ferreira, W., Ireland, T., & Barreiros, D. (2009). *Tornar a educação inclusiva*. Brasília, DF: UNESCO.
- Federal, S., & Técnicas, S. D. E. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC.
- Flach, S. de F. (2011), Direito à educação e obrigatoriedade escolar no Brasil: entre a previsão legal e a realidade. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, 9(43), p. 285-303. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/676>
- Freitas, N. K. (2007). Necessidades Educativas Especiais, arte, educação e inclusão. *Revista Científica e-Curriculum*, 2(2). Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gomis S., N. (2007). *Evaluación de las inteligencias múltiples en el contexto educativo a través de expertos, maestros y padres*. Alicante: Universidad de Alicante. Disponível em <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/9538>
- Governo do Brasil (2014). Programas capacitam e dão acesso ao mercado de trabalho. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/04/programas-capacitam-e-dao-acesso-ao-mercado-de-trabalho>
- Governo do Brasil (2012). Políticas de inclusão levam portadores de deficiência às escolas e universidades. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/03/politicas-de-inclusao-levam-portadores-de-deficiencia-as-escolas-e-universidades>.
- Gugel, M. A. (2011). *A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Florianópolis. Disponível em: http://www.ampid.org.br/Artigos/PD_Historia.php

- Hill, M. & Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa: Eds. Sílabos.
- Knowles, M. S., Holton, E. F., & Swanson, R. A. (2009). *Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa*. Tradução Sabine Alexandra Holler. Rio de Janeiro: Elsevier. Disponível em <http://lelivros.online/book/download-aprendizagem-de-resultados-malcolm-knowles-em-epub-mobi-e-pdf/>
- Kunze, N. C. (2009). O surgimento da rede federal de educação profissional nos primórdios do regime republicano brasileiro. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 2(2), 8-24. Brasília, Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf
- Lakatos, E., & Marconi, M. D. A. (1991). *Metodologia científica*. 1–20. <http://doi.org/10.1038/140260c0>
- Leite, L. H. A. (1996). Pedagogia de projetos: intervenção no presente. *Presença Pedagógica*, 2(8), 24-33. Recuperado de <http://presencapedagogica.com.br/conteudo.php>
- Leite, A. C. C. A. (2007). *A noção de projeto na educação: “o método de projeto” de William Heard Kilpatrick*. (Dissertação de Mestrado em Educação, História, Política e Sociedade). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10606>
- Manfredi, S. M. (2002). *Educação profissional no Brasil*. Cortez Editora.
- Manica, L. E. & Caliman, G. (2015). *A educação profissional para pessoas com deficiência: um novo jeito de ser docente*. Brasília: Liber Livro.

- Mantoan, M. T. E., Santos, M. C. D., Figueiredo, R. V., Ropoli, E. A., & Machado, R. (2010). *A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Menezes, I. R., & da Cruz, A. R. S. (2007). Método de projeto x projeto de trabalho: entre novas e velhas ideias. *Sitientibus*, Feira de Santana, 36(1), p.109-125. Disponível em http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/36/metodo_de_projeto_x_projeto_de_trabalho.pdf
- Miranda, A. (2003). *História, deficiência e educação especial. Reflexões desenvolvidas na Tese de Doutorado: A Prática Pedagógica do Professor de Alunos com Deficiência Mental*. São Paulo: Unimep. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art1_15.pdf.
- Ministério da Educação, (2005). *MEC desenvolve educação tecnológica e profissional inclusiva*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=2579:sp-648848640>
- Ministério da Educação. (2008). *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*. 1(1). Brasília, Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. (2009). *Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica*. Brasília, Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf
- Ministério da Educação, (2010). *Pessoas com deficiência têm acesso a educação profissional*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=15662:pe-soas-com-deficiencia-tem-acesso-a-educacao-profissional>

- Ministério da Educação. (2014). *Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional da Educação*. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf.
- Ministério Público do Estado do Espírito Santo-Centro de Apoio Operacional de Implementação das Políticas de Educação. (2014) *Lei de Diretrizes e Bases e Legislação Congênere*. 2ª Ed. Vitória, Dossi Editora Gráfica.
- Ministério do Trabalho e Emprego. (2014). *Manual da aprendizagem: O que é preciso saber para contratar o aprendiz*. 3a ed. Revista e ampliada. Brasília, DF, Ministério do Trabalho e Emprego.
- Morais, C., & Franco, S. R. K. (2011). Avaliação de Alunos de Turmas Heterogêneas no Ensino a Distância. *Cadernos de Informática*, 6(1), 155-162. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdeinformatica/article/view/v6n1p155-162>
- Nogueira, S. M. (2004). A andragogia: que contributos para a prática educativa?. *Linhas*. 5(2). Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1226>
- Parolin, S., R., H., Moraes, D., C., Oliveira, H., C., Simone Luzia Maluf Zanon, S., L., M., & Thaise Nardelli, T. (2008). *Elaboração de projetos inovadores na educação profissional* 2a Ed. (revisada e ampliada). Coleção Inova: v. 1. Curitiba: SESI/SENAI/PR.
- Paulon, S. M., Freitas, L. B. D. L., & Pinho, G. S. (2005). Documento subsidiário à política de inclusão. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26653/000531919.pdf?sequence=1>
- Perraudeau, M. (2006). *Estratégias de aprendizagem: como acompanhar os alunos na aquisição dos conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Plano Nacional de Educação 2014-2024. (2014): *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.*

Brasília. Ministério da Educação | MEC. Disponível em <http://pne.mec.gov.br/>.

Poder Jurídico, (2016). Projeto PonteS – Senac São Paulo. Disponível em:

<http://www.poderjuridico.com.br/projeto-pontes-senac-sao-paulo>.

Polido, Ariela F. (2016). *A metodologia de projetos na educação profissional: organização do trabalho do professor e aprendizagem dos alunos na percepção de alunos e professores.*

(Dissertação de Mestrado em Processos de Ensino, Gestão e Inovação, Centro Universitário de Araraquara). Araraquara: UNIARA.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1988), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Coleção Trajectos, Lisboa: Gradiva.

Rief, S. F., Heimburge, J. A., & Soares, I. M. P. H. (2000). *Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva: Estratégias prontas a usar, lições e actividades concebidas para ensinar alunos com necessidades de aprendizagem diversas.* Tradução de Isabel Maria Pardal Hanemann Soares. Porto: Porto Editora

Rodrigues, D. (2011) *Educação Inclusiva: dos conceitos às práticas de formação.* Lisboa: Instituto Piaget.

Salvi, I. (2003). *A inclusão da pessoa com necessidades educativas especiais no contexto educacional.* Criciúma: Instituto Catarinense de Pós-Graduação. Disponível em: www.icpg.com.br

Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção é educação inclusiva. *Revista lusófona de educação*, 5(5). Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1015>

- Sánchez, P. A. (2009). *A educação inclusiva na Espanha*. In Fávero, O., Ferreira, W., Ireland, T., & Barreiros, D. (2009). *Tornar a educação inclusiva*. Brasília, DF: UNESCO.
- Santos Neto, A. C. D. (2009). Da escola de aprendizes ao Instituto Federal de Sergipe: 1909-2009. *Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica*, Brasília, 2(2).
- São José do Rio Preto, (2016). *Município de São José do Rio Preto*. Disponível em: <http://www.riopreto.sp.gov.br/>
- Sarmiento, M. J. (2011). *O estudo de caso etnográfico em educação*. In: Zago, N.; Carvalho, M. P. de; Vilela, R. A. T. (orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 137-179.
- Secretaria Estadual da Educação do Paraná-S.E.E.D. (2006). *Inclusão e diversidade: reflexões para a construção do Projeto Político-Pedagógico*. Disponível em: http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/inclusao_diversidade.pdf
- Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência-DDPD, & Memorial da Inclusão (2011). *30 anos do AIPD: Ano Internacional das Pessoas Deficientes 1981/2011*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Senac SP, (2005) *Proposta Pedagógica*. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/pdf/53727.pdf>.
- Senac. DN. (2006) *Pessoas com deficiência: educação e trabalho*. Rio de Janeiro: SENAC/DEP/ CEAD.
- Senac, (2011). *Eliminando barreiras e preconceitos*. *Correio do Senac*, 61(704). Rio de Janeiro: SENAC/DN

- Senac SP, (2015). *Regimento das Unidades Escolares Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Formação Inicial e Continuada*. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/pdf/62099.pdf>.
- Senac, (2016). *Conheça o Senac - Histórico das Décadas* Disponível em: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a718.htm&testeira=457>
- Senac, (2016b). *Senac São José do Rio Preto*. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a554.htm&testeira=444&unit=SJR&sub=1>
- Stobäus, C. D. (2003). *Educação especial: em direção à educação inclusiva*. Porto Alegre: Edipucrs. Recuperado de <http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/diversos/85-7430-354-2.pdf>
- Teixeira, A. (2010). *John Dewey*. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana.
- Toledo, E. H., & Martins, J. B. (2009). A atuação do professor diante do processo de inclusão e as contribuições de Vygotsky. In *IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE/III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia-ESBP-ABPp* (pp. 4127-4138). Disponível em http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3298_1675.pdf
- Tuckman, B. W. (1994). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- UNESCO, (1994). Declaração, de Salamanca. Enquadramento da ação: necessidades educativas especiais. In: *Conferência Mundial sobre necessidades educativas especiais*. Salamanca: Espanha. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>.

- UNESCO, (2001). *Educação para todos: o compromisso de Dakar*. Brasília: Ação Educativa.
Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127509porb.pdf>
- Vaz, F. M. J. (2012). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. 4ª Ed. –
Revista e aumentada. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ventura, L., A., S., (2016,). *Empresas brasileiras recebem prêmio na ONU por ações
inclusivas*. Disponível em <http://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/empresas-brasileiras-recebem-premio-na-onu-por-acoes-inclusivas/>.
- Ventura, M. M. (2007). O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. *Revista SOCERJ*,
20(5), 383–386. Disponível em
http://www.polo.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Tradução Ana Thorell; 4. Ed.
Porto Alegre: Bookman editora.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Informado

(Adaptado de: Caetano, N., da C., M. (2015, p. 153)

Prezado (a). _____

Eu, Maria Aparecida dos Santos, aluna nº 55751 do curso de Mestrado em Ciências da Educação e da Formação da Universidade do Algarve, localizada em Faro – Portugal, estou a pesquisar sobre a Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica de alunos com necessidades educativas especiais (NEE), no Senac de São José do Rio Preto, como parte da minha Tese de Mestrado. O objetivo geral desta pesquisa é conhecer o quanto a Metodologia de Projeto, desenvolvida por esta escola, contribui para a aprendizagem dos alunos matriculados em turmas heterogêneas, ou seja, turmas compostas por alunos com e sem Necessidades Educativas Especiais.

Para que este conhecimento seja profundo, peço a sua colaboração nesta pesquisa, como entrevistado na condição de _____ da instituição, pois, a sua opinião é fundamental para este estudo.

Agradeço desde já a sua participação.

Para compreensão do participante.

Compreendo que:

- A minha participação neste estudo é inteiramente voluntária;
- Colaborando nesta investigação estou a possibilitar o avanço do conhecimento nesta área, mas que não me podem ser dadas garantias de qualquer benefício direto ou indireto pela minha participação no estudo;
- Posso recusar-me a colaborar nesta investigação, ou retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me traga quaisquer consequências negativas.
- Compreendo ainda que toda a informação obtida neste estudo será utilizada unicamente nesta pesquisa e que a minha identidade e dados confidenciais jamais poderão ser revelados em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa.

São José do Rio Preto – SP, _____ de _____ de 2016

Assinatura do (a) participante: _____

RG nº: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

R.G.: _____ N° de aluna (o): _____

Anexo II Entrevista aos Profissionais Não Docentes

Data: dia: mês: ano:

1- Caracterização do profissional entrevistado

1.1 - Nome: _____

1.2 – Idade: _____ Data Nascimento: ___/___/_____

1.3 – Sexo: masculino () feminino ()

1.4 – Formação acadêmica: _____

1.5 – Tempo de serviço total: _____

2 – Caracterização da escola

2.1 – Cargo/função na escola: _____

2.2 – Tempo nesta função/cargo, na instituição: _____

2.2 – Na sua opinião, como caracteriza o Senac (fale sobre o senac, como escola de Ed. Profissional)?

2.3 O que distingue o Senac de outras Escolas?

3 – Metodologia de Projeto

3.1– Qual a sua opinião sobre as metodologias ativas como ferramenta pedagógica na educação inclusiva?

3.2 – De que forma/em que momentos as características da Metodologia de Projetos alinham-se com a proposta da instituição?

3.3 - Na sua visão, quais as características que demonstram que esta escola está preparada para atender alunos com NEE?

3.4 – Se possível, fale sobre a importância da Metodologia de Projeto no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com NEE e alguns resultados esperados/alcançados.

Muito obrigada por sua participação

Entrevistado (a): _____ R. G.

Entrevistador (a): _____ R. G.

Anexo III - Questionário aos Docentes

Data: dia: mês: ano:

1- Caracterização do Docente

1.1 Nome (opcional): _____

1.2: Idade: ___Data de Nascimento ___/___/___Sexo: masculino () feminino ()

1.3: Formação Académica: _____

1.4: Tempo de serviço total: _____

1.5: Área de Formação: _____

1.6: Tempo como docente na instituição: _____

1.7: Área e curso em que atua: _____

2. Caracterização da escola

Considere as afirmações que se seguem e responda numa escala de 1 (Discordo Plenamente) e 7 (Concordo Plenamente) de acordo com o seu nível de concordância:

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Plenamente						Concordo Plenamente

2.1 - Esta instituição atende às características de uma escola inclusiva.	1	2	3	4	5	6	7
2.2 - Esta instituição está preparada na totalidade para atender alunos com NEE.	1	2	3	4	5	6	7
2.3 - Esta instituição tem dificuldades no atendimento aos alunos com NEE.	1	2	3	4	5	6	7
Se concordou, explique quais as dificuldades encontradas:							
2.4 - Os estudantes com NEE estão satisfeitos com esta Escola.	1	2	3	4	5	6	7
2.5 - Os Docentes estão preparados para o atendimento de alunos com NEE.	1	2	3	4	5	6	7
2.6 - Faz diferença a utilização de uma metodologia ativa, para o desenvolvimento de conteúdos e avaliações, com alunos com NEE	1	2	3	4	5	6	7
2.7 - A Metodologia de Projeto facilita o processo de ensino-aprendizagem no trabalho com as turmas heterogéneas	1	2	3	4	5	6	7

3. Metodologia de Projeto:

Considere as afirmações que se seguem e responda numa escala de 1 (Discordo Plenamente) e 7 (Concordo Plenamente) de acordo com o seu nível de concordância:

	1	2	3	4	5	6	7
	Discordo Plenamente			Concordo Plenamente			
3.1 – A Metodologia de Projeto está presente nesta Escola.	1	2	3	4	5	6	7
Se concordou, identifique como você percebe a presença da Metodologia de Projeto nesta escola:							
3.2 - A metodologia de Projeto contribui positivamente para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com NEE.	1	2	3	4	5	6	7
3.3 – No meu cotidiano, como Docente, identifico e desenvolvo atividades com recursos da Metodologia de projeto.	1	2	3	4	5	6	7
3.4 – A metodologia de projeto é importante para a concretização de uma Escola Inclusiva.	1	2	3	4	5	6	7

Gostaria de acrescentar mais alguma informação? Partilhe-a conosco neste espaço:

Muito obrigada por sua participação.

Anexo IV- Discursos dos participantes das entrevistas semi-estruturadas

Análise dos dados qualitativos dos Docentes

1. Caracterização da instituição: O Senac como escola inclusiva

Categorias	1.1 Percepção do preparo da instituição para o desenvolvimento das turmas heterogêneas/atendimento aos alunos com NEE
1.1.1 Disponibilização de Profissionais específicos, da área de inclusão, para suporte aos docentes e alunos	<p>“aqui no Senac também tem uma pessoa que é responsável por tá, tanto ministrando os workshops como conversando com alunos que chegam na unidade; tanto os deficientes como não deficientes, então, os alunos que são deficientes tem um contato mais rápido e direto pra também ser orientado.” (D2)</p> <p>“Com a equipe de inclusão, a gente ia conversando ia descobrindo, então você fala, isso daqui eu tenho que fazer de uma forma diferente porque isso daqui é mais difícil pra eles, ou não. No decorrer do curso a gente foi entendendo” (D4)</p> <p>“e a gente enquanto docente estava sempre conversando com essa equipe que dava suporte pra eles no trabalho, que eu acho que isso também é importante” (D4)</p> <p>”Pedimos ajuda para a representante de inclusão aqui da Unidade/ela também nos ajudou”(D6)</p>
1.1.2 Desenvolvimento de projetos e Programas educacionais com/olhos pespéticas no futuro	<p>“sim porque a unidade tem a preocupação de tá preparada pra qualquer situação como escola do futuro” (D2)</p> <p>“como workshops, PDEs e reuniões” (D5)</p> <p>“A gente tem programas de desenvolvimentos institucional internos” (D6)</p> <p>“existe um convite constante de reflexão”(D6)</p> <p>“o Senac, tem uma série de atividades, uma série de projetos tentando imaginar o que que vai ser essa educação do futuro, qual é o perfil que se desenha pra esse docente, pra esse aluno do futuro. O que o mercado vai esperar, a tendência, que ele vai exigir desse aluno” (D7)</p>
1.1.3 Disponibilização de tempo para o Planejamento coletivo docente.	<p>“Não era especificado se esse teria uma deficiência x ou y com o decorrer do tempo você vai conhecendo, conversando sobre, no trabalho coletivo do docente essas questões no planejamento, com a coordenação” (D4)</p>
Perfil da instituição alinhado com a metodologia	<p>“se a gente não tiver alinhado eu acho que não acontece o que o Programa pede” (D4)</p> <p>“foi a escola “até que viu a necessidade dessa mudança de metodologia e que foi colocando aos poucos aqui pra gente” (D5)</p> <p>“então, eu vejo que esta Unidade é uma Unidade que pelo modelo de gestão tem se preocupa muito com isso” (D6)</p> <p>Então, o Senac tem esse perfil, essa característica, e o Projeto como Metodologia, como estratégia de ensino eu acho que ele é muito mais eficiente, muito mais efetivo. (D7)</p>
1.1.4 Preocupação com a acessibilidade arquitetônica e atitudinal	<p>“É feita a proposta e aí você faz um passeio pela unidade como se você tivesse uma deficiência até pra ver a questão se ela está bem acessível e outras coisas em relação à deficiência” (D2)</p> <p>“quando a turma iniciou a equipe de coordenação todo mundo já tinha a informação que teria dois alunos com necessidades especiais, então, a turma já estava preparada para recebe-los, já não tendo aquela curiosidade de saber o que que era”(D4)</p> <p>“quando tem algum evento no pátio eles pedem que seja comunicado com uma certa antecedência se vai ter alguma mesa fora de lugar, algum stand, alguma coisa porque, nós temos aluno com deficiência visual, até com baixa visão que se locomove sem a necessidade de alguém, mas que decoraram o trajeto, então, se vai colocar alguma coisa no meio do caminho, precisa avisar com antecedência pra informar esse aluno” (D7)</p>
1.1.5 Preocupação com a formação/aprendizagem e o bem-estar do aluno na instituição	<p>“sempre teve essa preocupação do processo ensino-aprendizagem” (D5)</p> <p>“acho! Acho que a instituição em que eu trabalho já contribuiu muito porque sempre foi feito um trabalho conosco sobre metodologias, e a instituição viu a necessidade de mudar a metodologia”(D5)</p> <p>“Eu vejo o Senac sempre tentando buscar alternativas sempre tentando viabilizar algumas coisas” (D7)</p> <p>Então, acho que é nessa linha, de colocar a mão na massa, permitir que o aluno faça. (D7)</p>
1.1.6 Realização de workshops de treinamentos e capacitações para profissionais docente e	<p>“também a instituição, que ela de tempos em tempos tem workshop sobre a inclusão, deficiência” “pra ter o entendimento de como é o raciocínio de uma pessoa que tem deficiência intelectual, do que eles gostam” (D2)</p> <p>“tem treinamentos pra docente e também para todos os funcionários em geral, desde a limpeza até, no caso, o diretor tem interesse em tá participando” (D2)</p>

não docentes, dentro da perspectiva inclusiva	<p>“Até abre pra visitas em outras instituições, o que é importante na vivência, ver quem já tá trabalhando e se aprende muito mais”(D5)</p> <p>“Então, sempre foi falado em inclusão, a gente não tinha o aluno no curso técnico e sempre foi falado muito em inclusão aqui na escola. Com funcionários que trabalham, então foram feitas muitas ações” (D5)</p> <p>“o Senac, enquanto instituição, ele olha pra isso” e se preocupa em desenvolver programas que ajude a este professor ou aquele profissional a se desenvolver” (D6)</p> <p>“enquanto professor, então existem programas relacionados a inclusão, à Proposta Pedagógica, N programas” (D6)</p> <p>“considerando que a gente trabalha com Educação profissional, a maioria dos nossos professores não tem formação em professores e sim em técnicos. Então, com o olhar nisso também” (D6)</p>
1.1.7 Suporte ao trabalho docente em cursos específicos.	<p>“Aqui, no ensino técnico teve um suporte muito bom” (D3)</p> <p>acho que muito manda da instituição, do suporte que a instituição dá. Eu vi que realmente, pra você integrar tem que ter um suporte, a escola toda tem que abraçar a causa, com certeza, senão é difícil” (D3)</p> <p>“sim, a escola sempre apoiou” (D5)</p> <p>Então a escola sempre teve esta preocupação e nos fornece tudo o que a gente precisa aqui dentro” (D5)</p> <p>“eu percebo assim, institucionalmente, o Senac olha muito pra isso” (D6)</p>
1.1.8 Preparo/orientação da turma para acolher os alunos com NEE específica: deficiência intelectual, auditiva, visual	<p>“E aí, a coordenação fez um acolhimento com a turma sem os meninos, preparando mesmo, o que que ia acontecer, as necessidades daqueles alunos, pra quando os alunos estivessem na sala não ficar aquela cara de curiosidade, de nossa o que que ele tem, porque ele é assim, qual a diferença deles? (D4)</p> <p>“Tem uma diferença muito grande uma preparação e quando não faz, por que aí, o docente que está a frente da turma tem um outro trabalho pra desenvolver que é dar essa integração” (D4)</p>
1.1.9 Modelo de gestão que favorece o desenvolvimento dos Profissionais	<p>“nós temos um modelo de gestão aqui que proporciona diálogo constante” que fazer” (D6)</p>
1.1.10 Liberdade para a participação dos profissionais e treinamentos e capacitações.	<p>“então, tem toda essa liberdade, nesses workshops, tem a vivência dentro do workshop, você vivencia ali uma deficiência.” (D2)</p> <p>“o que eu acho muito interessante desse modelo de Gestão, é que não existe imposição, você tem” (D6)</p> <p>“Não sinto imposição, não sinto” talvez se fosse imposto seria diferente” (D6)</p>
1.1.11 Referencia em questão de Educação/Educação inclusiva	<p>“Acho que isso o Senac tem uma diferença muito grande, de escola, são anos luz na frente” (D1)</p> <p>“Então, o Senac, em educação em geral, mas especialmente em educação inclusiva, ele está muito a frente da grande maioria das instituições, especialmente da questão da rede pública, né? (D7)</p> <p>“aqui nós temos na questão do deficiente auditivo, por exemplo, nós temos três interpretes que se revezam no cursos, assim, pra mim ele é uma referencia” (D7)</p> <p>“não só pro trabalho, ele é referência nesta questão do trabalho com o aluno, com o cuidado com a inclusão” efetivamente falando” (D7)</p>
1.1.12 Contratação/providencia de profissionais de acordo com a necessidade/demanda	<p>“Nenhum aluno que chega aqui, ele deixa de ser atendido porque ele tem a deficiência A ou B, se não tem ninguém no quadro que possa suprir aquela necessidade dá se um jeito, ou contrata alguém temporariamente ou traz alguém de outra unidade” (D7)</p>
1.1.13 Inclusão de alunos com qualquer tipo de NEE em cursos da instituição	<p>“ela tem que tá preparada para estar recebendo qualquer pessoa independente de quem seja tem que estar, a unidade tem que estar preparada pra receber esta pessoa” (D2)</p> <p>“algumas vezes eu já me deparei dando “aulas em turma que tinha deficiente auditivo” (D7)</p>

	Então, o Senac ele é absolutamente diferenciado em termos de educação especialmente na questão de educação inclusiva, aqui nós temos alunos com diversas deficiências, temos cadeirantes, deficiência auditiva, síndrome de down e tantas outras” (D7)
1.1.14 Contratação de pessoas com NEE para o quadro de funcionários	“Tínhamos uma colega, funcionária da Secretaria deficiente auditiva e ela atendia normalmente quem buscava informação de documentos, de que maneira, a pessoa escrevia o que precisava e ela atendia, né? Temos vários outros colegas aqui que tem algum tipo de deficiência” (D7)
Parceria com a família, para participação no processo de aprendizagem dos alunos	Que a gente queria sim a filha dela aqui na escola e que a gente só estava buscando uma forma de poder atingir essa aluna melhor forma possível” (D5) “a mãe, o pai, a irmã, sempre trocando informações/sempre testando/olha, pensamos em fazer isso vê o que funciona, o que não funciona” (D7)

1. Prática docente

Categorias	2.1 Já lecionou em turmas heterogêneas?
2.1.1 Sim	“Sim/várias vezes/eu trabalhei” (D1) “Sim/trabalhei com duas turmas” (D2) “Já dei aula sim/Já dei aula para alunos com deficiência física/com algum tipo de deficiência de aprendizagem/síndrome do triplo x/síndrome de down/então, várias turmas/em várias instituições diferentes/pelo menos três instituições diferentes/com casos diferentes” (D3). “É, aqui no Senac/eu já atuei/turma que tinha alunos com algum tipo de deficiência” (D4) “Sim” (D5)
2.1.2 Não	“Não/nunca/não como educador/trabalhando mesmo, não/Só conheci aqui no Senac/aí, eu vim ter contato aqui por conta do trabalho que o Senac desenvolve/eu vim ter contato só aqui/ (D6) “Não/Minha primeira experiência/a primeira oportunidade/foi há dois anos atrás/dois anos e meio atrás” (D7)

Categorias	2.2 Por que você nunca tinha trabalhado com alunos com NEE/turmas heterogêneas?
2.2.1 Experiências em outras instituições, cursos	“contato com o especial na Formação, na faculdade/estágio/logo quando eu saí da faculdade/antes de terminar a faculdade, trabalhava com RH, treinamento/a minha experiência anterior ao Senac foi empresa, atuando com recursos Humanos/no trabalho que eu contratei pessoas com deficiência” (D6). “eu sempre fui designado para trabalhar em determinados cursos/outras turmas e em determinadas turmas/Até então, as turmas com as quais eu trabalhei seriam turmas com pessoas, em princípio, sem nenhuma deficiência não seria uma questão opcional” (D7).

Categorias	1.3 Como é lecionar a turma com alunos com e sem Necessidades Educativas Especiais?
1.3.1 Experiência positiva	“Experiência muito rica/eu vejo eles muito mais como pessoas educadas/muito mais disciplinadas” (D1) “Foi muito rica/ foi muito gratificante/ e eu ficava mais como apoio/foi legal (D4) “Muito gratificante /é algo muito novo” (D5) “hoje, é uma delícia/é assim, é muito bom/toda turma que começa é novo” (D6) “foi bem interessante/“foi uma experiência interessante” (D7)
1.3.2 Possibilidades de aprendizados/conhecimentos para o docente	“Possibilidade muito grande de conhecimento” (D1) Agora eu tenho um entendimento do que é mais profundo/aprendi com todo mundo acabei aprendendo” (D2) “eu já superei uma série de dúvidas” (D6) “no sentido de que exigiu sair da caixinha” (D7)

1.3.3.Cuidado maior	<p>“que ter um cuidado maior” (D1)</p> <p>“que eu apesar de ser o docente-mediador eu estou integrada naquilo eu estou misturada naquilo. É aí eu tenho que ter cuidado” (D6)</p>
1.3.4 Percepção do interesse/desenvolvimento positivo dos alunos com NEE	<p>“eles têm muito mais vontade de aprender/eles demonstram muito mais interesse no aprendizado” (D1)</p> <p>“eles tinham uma vontade muito grande/ver o desenvolvimento deles” (D4)</p> <p>Hoje eu percebo, depois de vários alunos que eu tive, especiais, que, em muitos aspectos, eles são muito melhores” (D6)</p> <p>“no mínimo, ele conseguiu organizar o raciocínio no sentido de saber o que se faz primeiro, o que se faz em sequência, o que vem depois e refazer hoje depois de mais de dois anos/imagino que ele consiga montar o raciocínio/Acho que pelo menos essa noção de sequência/a noção de que ele tem uma legislação a seguir, tem que respeitar prazos, acho que isso a gente conseguiu passar” (D7)</p>
1.3.5 Percepção das dificuldades dos alunos	<p>“pela dificuldade deles” (D1)</p> <p>“porque eles tinham as dificuldades/ ele não ia fazer uma apresentação de falar” (D4)</p> <p>“a gente percebe que alguns tem algum tipo de dificuldade/e ai, a grande dificuldade” (D7)</p>
1.3.6.Valorização das capacidades/competências dos alunos com NEE	<p>“mas o pessoal falou, faz aí pra gente” (D7)</p> <p>“eles faziam parte de tudo o que a turma estava desenvolvendo/de todos os trabalhos/eles contribuíam com tudo, davam muitas ideias nos grupos” (D4)</p>
1.3.7 Sem dificuldades	<p>“Não tenho dificuldades com isso” (D1)</p>
1.3.8.Alunos com diferentes deficiências	<p>“você se depara com alunos especiais” (D1)</p> <p>“O primeiro contato, um dos alunos foi deficiência intelectual e segundo aluno deficiência auditiva” (D2)</p> <p>na questão a algum tipo de deficiência, com vários tipos, a aula tem que ter uma dinâmica diferente” (D3)</p> <p>“Eram dois alunos com deficiência intelectual diferentes/Diante da condição deles/se eles não conseguiam escrever/ apesar de não contribuir na escrita/esses alunos que tem algum tipo de necessidade” (D4)</p> <p>“cada aluno que vem, novo, um aluno especial é novidade” (D6)</p> <p>mas, especificamente, ou de forma mais declarada que existe alguém com algum tipo de deficiência/que tinha o portador de síndrome de down/ Portador não, não se usa mais falar portador/ele tem síndrome de down/é, pras pessoas sem deficiência/ na questão que tem síndrome de down” (D7)</p>
1.3.9 Desafio prazeroso/desafiador	<p>Foi um desafio prazeroso” (D2)</p> <p>“Desafiador” (D5)</p> <p>“um desafio/“mas, é sempre desafiante/já é um desafio/“realmente e isso de certa maneira foi um desafio grande” (D7)</p>
1.3.10 Desenvolvimento de aula diferente/novas estratégias de ensino e aprendizagem	<p>“Mesmo em turmas normais você tem que ter uma dinâmica diferente/ pra que você consiga ter uma aula diferente” (D3)</p> <p>“A gente teve que mudar toda a estratégia” (D4)</p> <p>“Criar uma alternativa específica/“foi preciso criar uma alternativa/foi preciso pensar em algo que era inusitado/fiz uma listinha do licenciamento/a cada etapa que ele tinha que preencher/ele ia completando de um lado o que ele tinha que fazer para o licenciamento e já posicionando do outro lado, o número um a peça número um; a ficha número dois/ a peça número dois e assim por diante/Isso foi feito várias vezes ele repetiu esse procedimento em casa várias vezes/ quando ele completasse a última peça ele teria a visualização do documento obtido em que ele foi montando/ele trouxe isso gravado/” (D7)</p>
1.3.11 Atendimento de acordo com o perfil/necessidades dos alunos	<p>“Cada um tem uma base educacional/uma base cultural” (D3)</p> <p>“atingir todos da mesma forma de acordo com as necessidades de cada um” (D5)</p> <p>“são cenários diferentes, são formações diferentes/O aluno estava com dezessete para dezoito anos/ainda tava na adolescência/ (D7)</p>

1.3.12 Acolhimento dos alunos com NEE pela turma	<p>“eles se sentiram muito acolhidos pela turma/se sentiam muito à vontade de fazer parte/“Se sentia muito feliz/Em nenhum momento eu percebi que eles se sentiam diferentes, que não se sentiam fazendo parte”(D4)</p> <p>“a turma acolheu esses meninos, não faziam diferença nenhuma em relação a eles/eu acredito que isso contribuiu para que os meninos se sentissem fazendo parte o tempo todo/ é importante o quanto que a turma acolhe” (D4)</p>
1.3.13 Participação ativa dos alunos com NEE	<p>“Dar contribuições/de falar/ele queria falar/ele falava/ele falava/ele ficava junto para teclar o computador, acender ou apagar a luz/de alguma ele participava” (D4).</p> <p>“e ele repetiu o processo em sala de aula/e ele foi explicando o licenciamento para os colegas/ mas, ele foi explicando as fazes/a hora que ele explicava o que era”(D7)</p>
1.3.14 Dupla docência	<p>“aqui, a gente trabalha com dupla docência” (ND1)</p> <p>“porque eu tinha na sala mais duas docentes que são especializadas nisso” (D1)</p>
1.3.15 Suporte/abertura da instituição para inclusão de alunos com NEE	<p>“o trabalho de preparação da turma em relação a isso/então ali existia também o grupo da inclusão que também dava um suporte pra eles” (D4)</p> <p>“o Senac tem uma abertura maior com relação a isso, com relação a inclusão efetiva de pessoas com deficiência” (D7)</p>
1.3.16 Respeito ao tempo/limitações do aluno	<p>Não tinha aquele que falava, isso aqui não vai dar pra você fazer/não vai dar pra fazer no seu tempo/dentro daquilo que você conseguir/não tinha questionamento dos outros alunos se a gente parava a aula pra ajudar eles a entenderem aquilo que estava acontecendo/ninguém ficava falando, vai demorar, dá pra ir mais rápido/desenvolviam no trabalho aquilo que eles davam conta” (D4)</p> <p>todo mundo esperou ele completar o raciocínio muitíssimo bem, ao vivo/e é inclusive a gente ver o respeito que os outros colegas tiveram pra esperar o tempo dele/todo mundo esperando sabendo que ele tem uma velocidade menor do que o normal/seria demais exigir que ele desse conta de fazer” (D7)</p>
1.3.17 Atuação em cursos/turmas/áreas diferentes	<p>“o Pet Trampolim, um Projeto que eu fiz com eles” (1)</p> <p>“Eles eram aprendizes” (D4)</p> <p>“no Técnico em Meio Ambiente/ele é meu aluno no curso de no curso Técnico de Meio Ambiente/foi exatamente na turma de Meio Ambiente/que é a turma dois do Técnico em Meio Ambiente/Técnico em Meio Ambiente/ele é um curso mais específico do curso/e outras áreas/“ele tem um enfoque mais técnico” (D7)</p> <p>Aprendizagem/na turma 100” (D7)</p>
1.3.18 Planejamento coletivo do trabalho docente	<p>“eu e toda a equipe docente” (D5)</p> <p>“o planejamento coletivo dos docentes dos docentes que atuam na turma é fundamental pra essa metodologia. Sem esse planejamento coletivo dos docente eu não consigo ver como que você vai desenvolver uma metodologia de projeto” (D6)</p> <p>“Então, a gente tentou de algumas maneiras/tanto eu quanto os outros professores do curso/e o que a gente descobriu /é que a gente precisava/e conversando com os outros professores” (D7)</p>
1.3.19 Desenvolvimento de trabalho docente individual	<p>“eu criei um joguinho/eu dividi/eu sempre trabalhei/que eu trabalhei/eu/fiz/eu peguei o formulário/ (D7)</p>
1.3.20 Medo/dúvida quanto à capacidade do aluno com NEE	<p>“acho que eu tinha um pouco de medo, mas, nesse momento aí, eu vi que eu tinha um dom a mais gostei muito” (D1)</p> <p>“Mas, antes eu tinha muito medo, não medo dele, mas medo de fazer com que ele entendesse o que a gente tava passando. Será que ele vai captar, será que ele vai entender, será, enfim, vai ouvir, vai sentir, do jeito que os outros sentem, então, esse sempre foi o medo. Sempre um frio na barriga” (D6)</p>
1.3.21 Criação/uso de materiais	<p>“eu criei um joguinho/eu dividi o documento/eu peguei/o documento e dividi como se fosse um quebra cabeça em dez peças/chegamos a um joguinho/</p>

pedagógicos/lúdicos, pelo docente	completou essa etapa e acrescentaria no jogo/imagino que se for preciso ele pegar esse joguinho” (D7)
1.3.22 Parceria com a família do aluno com NEE	“e com a mãe do aluno/então isso foi gravado na casa dele/a mãe ligou a câmera sem dar instrução/ele já tinha treinado bastante em casa” (D7)
1.3.23 Integração de temas/conteúdos específicos	“é baseada em legislação/trabalhar com legislação/com temas mais específicos/de legislação/questões mais ligadas a biologia/também tinham a legislação como suporte/ aí, um dos temas com eles era o licenciamento ambiental/ qual seriam os procedimentos desse levantamento/ com relação a esse licenciamento/o formulário que era utilizado/o cnpj da empresa/o que que era o cnpj/ com o licenciamento ambiental/“a burocracia e a quantidade de detalhes é muito grande/imagina uma usina de álcool/você vai fazer um processo de licenciamento ambiental/as empresas que dependem de um licenciamento” (D7)
1.3.24 Desenvolvimento de processo de avaliação específico/diferente do tradicional	Avalia pouco, o resultado. Não avaliamos tanto o resultado, porque, muitos projetos não são executáveis, não a curto prazo até que termine o curso. Então, as vezes, até fica algum sentimentozinho de quero mais né, de precisava de mais tempo. Então, a gente avalia nesse sentido da participação, do comprometimento, trabalho em equipe” (D1) “é uma metodologia que eles não estão acostumados/Eles vêm de um sistema tradicional/de uma educação tradicional/quando chega e pega metodologia ativa é diferente” (D3) “isso causa uma certa estranheza no começo, pra alguns alunos, só que a hora que eles entendem o espaço que eles tem, que entendem como é que funciona a proposta de termos cidadãos mais conscientes, mais participantes, mais críticos, mais atuantes, do ponto de vista de participação mesmo, né, eu acho que é fundamental, é uma proposta de mudança” (D7) “Também, ele cria um conflito na cabeça do aluno porque, e ele chega aqui e fala, mas, e prova, não tem prova? Então tem uma série de situações extra-conteúdo técnico vamos dizer assim, que são avaliados nessa avaliação, a questão atitudinal que o aluno não está acostumado em ser avaliado” (D7)

3 Metodologia de Projeto (MP)

Categorias	3.1 Há quanto tempo conhece ou trabalha com a metodologia projeto?
3.1.1 Experiência, como docente, com a MP	“Sim, eu trabalho com Projetos antes daqui do Senac/Eu já tinha uma experiência fui uma das primeiras docentes em Rio Preto a dar aula sobre isso/foi em 99/2000/2001/Eu trabalhei na faculdade 17 anos, bastante tempo” (D1) “aqui no Senac, eu trabalhei mais específico momentos específicos em computação básica” (D2) “há dois anos” (D4)
3.1.2 Nunca tinha trabalhado com a MP	“eu comecei a conhecer essa metodologia foi no Senac mesmo anteriormente, nunca tinha trabalhado/de ouvir falar, eu já conhecia há algum tempo atrás” (D4) “não. Eu tinha uma irmã que fez a faculdade com realizações de projetos, com tutorial, então já sabia um pouco do aluno se tornar mais ativo no processo de ensino-aprendizagem, onde eu mergulhei mais nisso mesmo foi aqui na instituição” (D5)

Categorias	3.2 Potencialidades/Vantagens da MP como recurso para o trabalho com as turmas heterogêneas
3.2.1 Permite desenvolvimento do processo de avaliação contínua.	“A avaliação, é tempo integral” (D1) “a avaliação tem que ser contínua, tem que ser o dia-a-dia.(D3) “É diário, é no dia-a-dia, você observar, interagir com o aluno e perceber, notar a evolução dele durante o curso e não no final do projeto, mas como ele chegou no final do projeto” (D3) A gente avalia todo dia” (D5) Tem prova todo dia, tem uma prova todo dia. É feita essa avaliação. Mas ele tá acostumado com aquele padrão de, tal dia tem prova.(D7)

<p>3.2.2 Favorece o respeito ao tempo individual dos alunos com NEE</p>	<p>“e, mesmo que a coisa vá mais devagar” (D1) “se ela não tivesse entendido pra ela fazer algum sinal pra que eu pudesse voltar e deixar de forma mais clara/se eles não tivessem entendido pra me perguntar/não tem o tempo igual, quase a maioria/tem que andar com a aula, não pode deixar ele sozinho/eu sempre ficava perto dele, um aluno ficava perto/conforme ia dando andamento na aula/ele ficava um pouco mais pra traz dos demais” (D2) “tem alunos que não tem vontade/tem alguns que despertam a vontade no decorrer do trabalho” (D4) “e, aí, a primeira vez eu comecei a dar a minha aula, na minha velocidade, eu fui falando, fui falando de repente, eu olho do lado e vejo o interprete quase louco lá, fazendo sinal aí é que eu me toquei que tinha uma pessoa com deficiência auditiva, aí eu falei, ôpa, eu preciso articular melhor as palavras, preciso prestar atenção na dicção e falar com uma velocidade menor”(D7)</p>
<p>3.2.3 Facilita a integração de alunos com e sem NEE.</p>	<p>“eles começam a ter um entendimento maior sobre como cada deficiente gosta de ser tratado, o que não pode fazer com deficiente. (D2) “para o aluno, a metodologia ativa é integradora/você tem que desenvolver várias características/colaboração em grupo, espírito de equipe, espírito crítico/facilita o desenvolvimento e a integração das pessoas” (D2) “Um aluno que está cursando o nosso curso técnico e ele é deficiente visual já foi totalmente diferente a aceitação da sala. A turma desde o primeiro dia de aula, já acolheu esse aluno ele se apresentou falando da sua deficiência e a turma toda abraçou ele. Então ajuda” (D5) “cada turma de Segurança tinha que convidar dois alunos de outros cursos e dois funcionários, e um dos alunos que foi convidado ele era deficiente auditivo do curso de Designe de moda, não sei, em contra partida, jogou como outro qualquer” (D7) “Não é só colocar o aluno dentro da sala e deixar ele lá, é integrar esse aluno” (D7)</p>
<p>3.2.4 Favorece a percepção de resultados positivos dos trabalhos dos alunos</p>	<p>“é muito legal/é muito, muito bom o resultado/ele desenvolve um trabalho incrível” (D1) “o trabalho bacana que eles fazem” (D2) “quando chega o final do projeto é que dá pra ver o quanto eles se aprofundaram” (D2). “Então eu vi bastante diferença/onde teve metodologia ativa o desenvolvimento foi muito mais notável” (D3) “O caso do aluno, que eu tive aqui no curso, ele teve um desenvolvimento muito bom” (D3) “na minha experiência até hoje nenhum projeto atingiu cem por cento da sala/até agora conseguimos atingir/vamos pensar em, noventa por cento” (D4) no caso dos meninos com deficiência, sempre mostraram muita vontade, muita disponibilidade, fizeram muito bem feito a parte que cabia a eles” (D4) “a gente se surpreende a cada projeto realizado” (D5) “E é incrível, porque assim, ele dava o feedback/Ele era um aluno que mais participava, é muito gostoso/“Eu tenho percebido que isso tem dado certo, eu não sei se é o caminho, mas tem dado certo” (D6) “e a família foi indiscutivelmente fundamental, para o resultado, foi a base do sucesso” (D7)</p>
<p>3.2.5 Favorece o desenvolvimento de alunos com perfil educacional/dificuldades, deficiências diferentes</p>	<p>“isso já é um grande diferencial/eu vejo, nos jovens uma dificuldade imensa em estudar, eles não têm muita vontade, não sei se não é vontade” (D1) “porque em turmas assim você tem graus de dificuldade/uns que já chegam com a bagagem, outros que nunca viu, outros que não tem interesse, uns que tem a dificuldade da compreensão” (D2) “o desenvolvimento foi bem melhor/muitas pessoas têm dificuldades de concentração, de ficar concentrada por muito tempo” (D3) “se você tem uma aula tradicional, quebra o desenvolvimento dessa pessoa” (D3) “as vezes, não absorve a ideia/outros não têm interesse mesmo/ E aqueles que não querem mesmo, eles ficam como expectadores, as vezes, eu penso até que gostariam mas, não tem interesse” (D4) “porque a deficiência é diferente, mas aí a gente já sabe a necessidade de buscar, sabe aonde buscar” (D5) ”todos numa mesma turma, um garoto de dezoito anos, cego, um aluno com uma leve deficiência mental, duas ou três senhoras afastadas pelo INSS com problemas físicos, um outro senhor também afastado pelo INSS, que tinha amputado uma perna em função de um acidente de trabalho, um garoto homossexual” (D6)</p>
<p>3.2.6 Valorização do interesse, capacidades, habilidades do aluno</p>	<p>“você perceber no aluno, o interesse/ e como é um assunto que pra eles interessa fica suave, acho que facilita muito o aprendizado”(D1) “Parava para conversar assuntos que fosse do interesse dele/ele tinha facilidade de memorização” (D2)</p>

	<p>“com o desenvolvimento de projetos, você entra com várias outras habilidades que a pessoa tem e que ela não seria mostrada numa aula tradicional” (D3)</p> <p>“A maior parte se envolve” (D4)</p> <p>“porque ele é cego, mas a audição dele é melhor que a minha o cinestésico dele é melhor, então, ele capta uma série de coisas que as vezes eu ou outro aluno que enxerga não vê ou não consegue captar” (D6)</p> <p>“e é nisso que a gente vai descobrindo os potenciais, as habilidades, enfim, a coisa vai fluindo de forma bem natural, e bem tranquila”(D7)</p>
2.2.7 Valorização da autonomia, criatividade do aluno	<p>“Porque, como eu disse, eles escolhem o que vão fazer; na hora que eles determinam e escolhem o que vão fazer, então é uma coisa que eles querem saber então fica mais fácil” (D1)</p> <p>“eu deixava eles sempre a vontade/é aberto pra eles fazerem como eles querem apresentar/prá usar a criatividade”(D2)</p> <p>Então os alunos despertam uma criatividade, que nem eles percebiam que tem/E, a partir deles mesmos, o que que eles querem fazer (D4)</p> <p>“A metodologia de projeto tem essa característica de não ser um sistema de reprodução, não é algo que você senta e reproduz o que tá no livro, não é algo que você senta e reproduz o que o professor passou no quadro, então eu acho que é indispensável” (D4)</p> <p>“e de repente em cima de um assunto que é do interesse dele/deixa ele tentar, deixa ele pesquisar (D7)</p>
3.2.8 Satisfação/motivação para trabalho docente	<p>“aí a tua satisfação é incrível/é muito mais motivador/ Você tem muito mais motivação pro trabalho” (D1)</p> <p>“Então, as vezes, eu espero que vá ter uma dificuldade em determinado tempo determinado momento e ela não ocorre, ocorre o contrário, eu sou surpreendido de alguma forma positiva.” (D2)</p> <p>“Então eu acho que isso é motivador/Só que aí, eu fico feliz”(D4)</p> <p>“Então, foi muito positivo/foi muito bom, é um desafio, diário, pra mim foi um crescimento enorme/foi muito interessante” (D6)</p> <p>“Se na minha época de escola eu tivesse tido essa proposta de trabalho por projeto eu acho que eu seria, hoje, um profissional muito mais qualificado, tanto a questão técnica quanto na questão cidadã”.(D7)</p> <p>Eu acho que é fundamental, eu particularmente sou fã desta metodologia e não abro mão, né?(D7)</p>
3.2.9 Favorece o foco na aprendizagem do aluno	<p>“é só uma questão de como que você vai fazer ele entender/Porque, a partir do momento em que ele entende” (D1)</p> <p>“Então, eu acho que isso, ajuda muito”(D4)</p> <p>porque a gente fica atenta a participação, se o aluno está ali, ou não está. Contribui bastante” (D5)</p> <p>“e aí, eu tô falando as pessoas porque não é apenas o docente que está em sala de aula, né? Desde o atendimento, todas as pessoas que estão envolvidas nesse processo existe uma pré disposição pra colaborar, pra viabilizar essa educação”(D7)</p>
3.2.10 Facilita o uso de diferentes formas de apresentação de trabalhos pelos alunos	<p>“eu dou alguns exemplos de como eles podem tá apresentando esse trabalho/eles podem estar apresentando esse trabalho/em paródia/em vídeo/em música/em PowerPoint, dramatização” (D2)</p> <p>“eu vou fazer um teatro, ou, ah, eu vou fazer uma gravação disso, aí vão surgindo as ideias” (D4)</p>
3.2.11 Favorece o desenvolvimento de diferentes atividades como estímulo para o Projeto dos alunos	<p>“extrair da visualização, processo que possa ser melhorado/de problema que eles viram e possa ser trabalhado/eles pegam esse tema, essa observação e põe o plano de ação/fazer visitas, criar todo um estudo, fazem anotação que é a parte de síntese/então, eles fazem a síntese (D2)</p> <p>“nós vamos falar sobre como que é o atendimento nas empresas/eles tem que desenvolver o atendimento ao cliente” (D4)</p>
3.2.12 Favorece a percepção das dúvidas/dificuldades do docente quanto à aprendizagem do aluno	<p>“ao final da aula, eu não tinha certeza de quanto foi, o entendimento/de quanto foi que ele conseguiu compreender da aula/ao final, da aula, não tinha a certeza de saber quanto que foi que ele pode aproveitar da aula” (D2).</p> <p>“pra essa aluna a gente sentiu a dificuldade, porque era o primeiro” (D5)</p> <p>“E, aí, quando a gente viu aquilo, o primeiro impacto, é, nossa! O que que nós vamos fazer?” (D6)</p>

<p>3.2.13 Possibilita o desenvolvimento de diferentes projetos pelos alunos</p>	<p>“eu trabalhava como orientadora de planos de negócios, porque é um Projeto, né, um Projeto empresarial, mas, não deixa de ser um Projeto. Então, eu acho muito válido” (D1) “os projetos que davam pra fazer com os alunos era de documentos/era pesquisas” (D2) “vai criando corpo o projeto deles” (D4) “a ideia do projeto funcionou, então a gente foi botando lenha na fogueira, e aí, você tem um projeto pra fazer, o que que você pode fazer com relação as questões ambientais”(D7)</p>
<p>3.2.14 Favorece a mediação docente em conteúdos mais técnicos</p>	<p>“Pra você lidar é só você acompanhar Orientar não tem dificuldade nenhuma” (D1) “mostrar uma ferramenta, um documento do Word/formatar um documento do Word/eu mostrava uma formatação de documentos/tanto em operar o sistema operacional” (D2) “Quando você começa a falar em projeto eles assustam, nunca ouviram falar, mas no decorrer e o docente atuando como mediador/a gente vai colocando pra turma o que que a gente tem que desenvolver” (D4) “as competências, a serem desenvolvidas, e o como a gente vai dando ideias, sugestões” de como seria este trabalho” (D4) “teve um momento em que eu estava fazendo uma atividade em que eu falava de comunicação verbal e não verbal” (D6)</p>
<p>3.2.15 Facilita o desenvolvimento de competências pessoais, profissionais pelos alunos: saber ser, conviver, aceitar as diferenças</p>	<p>“tem situações que aflora, questões pessoais, aí, um começa a ver como é a vida do outro e começa a comparar com a sua, cria mais uma empatia,/desenvolve bastante a empatia, é amplo” (D2) “e que eles aplicam na vida deles em todos os sentidos profissional pessoal” (D4) porque, além do saber fazer, ali, ele tem muito do saber conviver, aceitar as diferença do grupo, as ideias dos outros, contribui muito pro desenvolvimento tanto profissional quanto pessoal” (D5) “e, aí, assim, não é só técnica, ele tem que ser uma pessoa melhor, ele tem que ser um cidadão melhor dentro do ambiente de trabalho ele tem que fazer com que o trabalho dele aconteça de maneira ética eficiente, cuidadosa respeitando as pessoas, e não só preocupado com o salário, que vai ser promovido e que vai ganhar mais” (D6)</p>
<p>3.2.16 Favorece o desenvolvimento de competências práticas pelo aluno</p>	<p>“antes do tema, fala-se sobre o assunto/faz visitas em locais onde eles possam tá visualizando/fazendo observação da realidades” (D2) “eles começam a colocar em prática tudo aquilo que eles estão descobrindo” (D4) “é ali na prática mesmo, é deixando livre pra eles trabalhar tudo mais em grupo/Tudo em grupo/A gente trabalha” (D5) ”Aí, eles entram em contato não somente com a prática do trabalho, mas com o sentimento que aquela prática causa. (D6) “a gente sempre tentava fazer atividades mais praticas, mais lúdica, com recortes, na medida do possível” (D7)</p>
<p>3.2.17 Favorece o desenvolvimento de competências técnicas pelo aluno</p>	<p>o conteúdo da aula, que, na época, era mais voltado ao pacote office, uma coisa mais técnica, e a aplicabilidade de ferramentas” (D2) “pesquisar como que é o atendimento lá/quando ele entra numa loja e a pessoa nem olha para ele/ele volta e fala: nossa mas eu fui tão mal atendido lá/eu entrei e ela nem perguntou o que eu queria/aí já desperta nele o que que é ter um bom atendimento e o que é um atendimento ruim” (D4). “esse aluno precisa não só vivenciar a técnica, mas ele tem que sentir a técnica. Ele tem que saber se aquela técnica vai funcionar” (D6) “Os professores ficaram como suporte, mas a mediação era deles. E, na sala dela em especial ela mediu” (D6) “é algo que você senta, olha o que tem no livro, o que tem na internet, o que tem na sua realidade e aí, em cima disso, você tem que criar alguma coisa, né? (D7)</p>
<p>3.2.18 Diferencial para a participação ativa dos alunos</p>	<p>“é um diferencial/ela facilita porque é a atuação mesmo”(D4) “mais tranquila mesmo pra eles, mais motivadora” (D1) “porque a dúvida que ele tinha relacionada com legislação ele perguntava pra mim, se era algo mais relacionado com biologia, ele perguntava pro outro docente específico é dessa área, se tinha outra coisa, ele tinha que perguntar pra outra pessoa, ou seja, ele tinha que desenvolver</p>

	esse projeto/a gente sempre tentou e conseguiu fazer com que ele participasse das atividades em termos gerais” (D7)
3.2.19 Favorece o uso de diferentes estratégias de ensino e aprendizagem, pelo docente	<p>“pesquisa, eu acho fundamental, a pesquisa é tudo, a pesquisa ela te abre um leque de oportunidades imensa, você pesquisando você descobre muita coisa bacana, você desenvolve muita coisa bacana, ela te leva para um outro mundo, é uma coisa que eu trabalho demais com aluno, demais da conta mesmo, pesquisa” (D1)</p> <p>“eu estava sempre pedindo, mostrando pra ele quais eram os passos” (D2)</p> <p>“então eu passava através de pesquisas” (D2)</p> <p>“pra eles, sair fora um pouco daquela questão de conteúdos” (D4)</p> <p>“Você vai falar, mostrar slides, comentar com eles/prá metodologia de projeto a gente atua com pesquisa de campo, pesquisa na internet” (D4)</p> <p>A participação, é a mesma coisa, damos atividades em sala para o aluno com deficiência visual, também, como a gente dá muita atividade em grupo, eles acabam participando” (D5)</p> <p>porque eu perguntei a gente pode passar vídeo? (D6)</p> <p>“Esses dias, no curso de Segurança, nós tivemos uma olimpíada do conhecimento e uma das etapas era uma modalidades de esporte inclusivo, uma disputa, um campeonato entre as turmas de voley sentado, só que quem estava disputando eram pessoas sem a deficiência (D7)</p>
3.2.20 Facilita o uso de estratégias inclusivas: audiodescrição, tato, interprete de linguagem gestual, lúdico	<p>“a gente pede licença, toca no corpo dele com a mão dele pra ele sentir é uma forma dele perceber o que a gente tá falando” (D5)</p> <p>“mas, as vezes a gente trazia vídeos, passávamos tudo com antecedência/a gente parava sinalizava pra ele primeiro, olha, eu tô fazendo isso, tá acontecendo assim” (D6)</p> <p>“e eu tava fazendo com o corpo um gesto que representava, aí, eu dizia pra ele, como que você sente a minha voz nesse momento? ele, você tá triste, professora, e eu de fato tava. Então eu coloquei a voz triste e o corpo triste. E depois eu fiz o contrário, e agora, como que você sente a minha voz? “ele, agora você tá eufórica, feliz!” (D6)</p> <p>a gente tinha que pensar em alguma coisa/tinha que criar uma alternativa pra no mínimo, ele fazer parte daquele contexto/eu acabei desenvolvendo o jogo” (D7)</p>
3.2.21 Favorece o aprendizado de pesquisa em diferentes ambientes	<p>“esses meninos, vão fazer uma pesquisa no centro da cidade, nas lojas”(D4)</p> <p>“dentro do seu condomínio/O seu condomínio é de um padrão relativamente alto, é tudo bem cuidado, mas, e daí, o que você pode fazer?” (D7)</p> <p>“então, eu acho e que, pra dentro de sala de aula, e essa sala de aula se transforma também, que ela deixa de ser aquele espaço fechado por quatro paredes algumas janelas e uma porta, a sala de aula se transforma” em qualquer ambiente que você queira aprender”(D7)</p> <p>“quantas vezes a gente vai fazer uma visita num parque ecológico, numa empresa, num aterro sanitário e a aula está acontecendo. Ou seja, é a descoberta que está em andamento” (D7)</p>
3.2.22 Facilita o uso das mídias digitais e recursos tecnológicos no processo de ensino e aprendizagem	<p>“e a pesquisa, eles gostam muito de internet, então eu peço sempre que procurem em sites confiáveis. (D1)</p> <p>“Tem a internet como fonte de pesquisa” (D2)</p> <p>Quando é algo muito específico que as vezes tem que escrever alguma coisa muito específica mesmo, uma outra aluna faz o dela e logo ele pede pra ela passar no papel o que ele digitou ali no notebook ou o que ele tá querendo passar pra gente” (D5)</p> <p>“Então, as vezes, pelo WhatsApp o aluno está trocando informação. “Ou seja, a sala de aula passa a ser simbólica.” (D7)</p>
3.2.23 Favorece o desenvolvimento de competências e estratégias cognitivas pelos alunos	<p>“eles vão funcionando, elas vão se encaixando de uma forma que eles nem percebem o que estão estudando, se estão estudando química, que detestam, mas estão estudando ali pro Projeto” (D1)</p> <p>“eles começam a descobrir as formas que eles vão fazer/eles conseguem fazer um link: eu vou mostra no meu projeto o que que é um mau atendimento” (D4)</p> <p>“nesse caso dele especificamente (D2)te pelo fato de que com a metodologia de projeto você consegue instigar o raciocínio” (D7)</p> <p>no mínimo ele vai ver a ideia, a proposta, a sequência, de como fazer uma pesquisa, de como desenvolver isso, e que ele vai poder aplicar em qualquer coisa que ele queira desenvolver”(D7)</p>
3.2.24 Favorece o respeito/valorização da heterogeneidade na escola	<p>“Sim a questão de respeito, entender que ninguém é igual a ninguém, aprende também em questão de tipos de gênero, essa juventude tem uma visão bem bacana não tem preconceito” (D2).</p> <p>“Então ele é surdo, ele é cego, ele tem alguma deficiência física mental, emocional, né, a gente tem tido tantos casos assim, que não é visto como alguém especial e mais tantos problemas que a gente vê” (D6)</p> <p>“aí a coisa fluiu muito bem, inclusive, toda essa diversidade, porque era muita inclusão/muitas pessoas de inclusão dentro de um mesmo espaço” (D6)</p>

	<p>“Então, é interessante a gente observar que o fato de alguém ter deficiência aqui no Senac, não vale fazer dele alguém diferente, no sentido de exclusão, ele tá no meio do bolo, ele faz parte de todas as atividades” (D7)</p>
3.2.25 Favorece a relação positiva entre professor e alunos	<p>“Ele me deixou muito tranquila” (D6) “também dentro da turma, em especial com o aluno cego que até então, eu nunca tinha tido contato” (D6). “Então, todas as relações, contatos que tenho com alunos assim eu sempre tento me colocar dessa forma” (D6)</p>
3.2.26 Favorece o trabalho em equipa docente	<p>“porque eu tinha na sala mais duas docentes que são especializadas nisso e, aí, sim, ficou muito mais produtivo e deu um resultado maravilhoso” (D1) “agora, nós tivemos que fazer reuniões com os docentes, explicar muito bem a forma como a gente teria que trabalhar com essa aluna” (D5) “eu entrei em desespero, né, então, vamos sentar com a equipe, e fui buscar ajuda” (D6)</p> <p>“então, conversando, a gente falou vamos levar o boneco em cada aula, tem peças que são muito pequenas” (D5) “nós três pensamos em cima disso/com a parceria dos três” (D7)</p>
3.2.27 Facilita a participação da família no processo de ensino e aprendizagem do aluno	<p>“Eu já tive aluno. que, por exemplo, dormiram um ano inteiro na sala. Não tinha jeito, cansamos de chamar pai, mãe” (D1) “Não começo a mãe veio muito resistente achando que a gente não queria a filha na escola/ até a gente fazer a mãe entender que o que a gente queria era entender a melhor forma de trabalhar com a filha dela. “E também, de forma indiscutivelmente necessária a participação da família” (D7) “Total, importância da família nesse processo de crescimento dele como pessoa, e como profissional é indiscutível, e a metodologia de projeto ela permite isso” (D7)</p>
3.2.28 Favorece o desenvolvimento do processo de avaliação formativa	<p>“a gente avalia participação, comprometimento, interesse.”(D1) Avaliar o desenvolvimento do aluno, se ele atingiu os objetivos e não só se ele atingiu, mas como ele atingiu os objetivos.” (D3) “bom, a gente avalia não só a escrita, avalia a participação em sala de aula, como que o aluno se comporta, se ele está interessado, se ele vem, se ele pergunta, se ele quer saber mais sobre o assunto, o que que ele tem pra contribuir com aquele assunto. Então a gente avalia muito dessa forma” (D5). “Essa semana mesmo, a gente tava fazendo um feedback/eles fizeram a apresentação de um Projeto e eu tava dando feedback” (D6) Vai avaliar a questão de comportamento, de trabalho em equipe, a disponibilidade desse aluno, a iniciativa” (D7)</p>
3.2.29 Facilita a pesquisa em diferentes fontes.	<p>A gente sempre usa a biblioteca, eu acho que é muito importante, que eles aprendam a pesquisar em livros, gosto muito de pesquisa de campo, entrevista. Eu acho que tudo isso junto enriquece muito o trabalho deles. (D1) É importante que eles saibam que existem outras formas de pesquisa” (D1) “Então, além de livros/Pesquisar em livros/usa livro/tem turma que você olha que tem 6, 8, 10, que tem um livro que tá lendo, fala até o título, autor, sabe até algumas informações/Então, também conhecem o livro/Então, eles tem o livro. (D2)</p>

Categorias	3.3 Características da Metodologia de Projetos você destacaria como principais contributos para as aulas com alunos com NEE?
3.3.1 Facilitadora da aprendizagem	<p>“Facilita muito, muito, muito! Eu percebo, porque, durante o processo, muitas coisas eles não conseguem acompanhar, as vezes, eles vão mais devagar, então, fica menos aprofundadas, fica mais superficial em algumas situações, e quando você precisa de informação a respeito daquilo eles explicam o Projeto inteiro com facilidade, eles não ficam só na parte que eles fizeram” (D1) “Eu acho que facilita a aprendizagem também” (D4) “Vejo que o aluno aprende muito mais com a metodologia de projeto” (D5) “faz muita diferença pro aprendizado” (D5)</p>

<p>3.3.2 Facilita o processo de avaliação inclusiva</p>	<p>As vezes, o aluno que não conseguiu atingir totalmente os objetivos mas, o desenvolvimento que ele teve para atingir os objetivos se foi muito maior do que um aluno que tinha facilidade naquele assunto e conseguiu resolver rapidamente” (D3) “com aquela aluna a gente sentava e batia um papo, a mesma coisa com esse aluno, a gente senta, conversa, num processo de avaliação mais oral, pela deficiência visual” (D5) “as formas de avaliação, pra ela, foram várias até a gente achar a forma que realmente atingia ela, que ela poderia dar respostas pra gente; no escrito a gente não tinha muito resultado, então a gente começou a mudar a avaliação com ela de sentar e fazer um bate papo nesse bate papo fazer perguntas relacionadas e ela começar a responder” (D5) Hoje, essa avaliação é feita no decorrer das aulas no decorrer do processo e não se avalia única e exclusivamente a questão do conhecimento” (D7)</p>
<p>3.3.3 Motivadora para o estudo dos alunos</p>	<p>“Acho que a motivação é o ponto principal/e eu via que a motivação deles era muito grande” (D1) “Só que eu não consigo ver uma mais eficiente/mais prazerosa/que motive mais os alunos que a de projeto” (D4) “essa metodologia, ela é um incentivo pros alunos/eu acho que para o aluno, é um desafio, é motivador” (D4) “com esta metodologia que eles percebam o quanto que isso é gratificante” (D4)</p>
<p>3.3.4 Integradora: Favorece a convivência/integração entre alunos com e sem NEE</p>	<p>“E no fim do curso os alunos estão todos integrados, todos conversando, discutindo mais fácil. Eu acho que o desenvolvimento é bem melhor dessa forma” (D2) então é uma coisa que une, que acaba integrando, não é só os alunos, mas os alunos com os professores, com a instituição (D3) “a convivência, o mais importante, a convivência, porque ali, você tem que aprender consenso tem que aprender a lidar com as diferenças então, um aprende com o outro” (D5) “fica sempre um aluno do lado que tá ajudando a todo tempo esse aluno. Então a sala aceitou muito bem.” (D5) “porque eles acabaram se reconhecendo ali como iguais/e mesmo durante a atividade o restante da turma compreendia” (D6) “Vivencia. O fato dessa metodologia proporcionar a vivencia, a vivencia com a realidade entendendo que essa realidade pode ser fora da sala de aula, ultrapassando os muros, pode ser lá, mas também pode ser dentro da sala de aula. Então eu acho que a vivencia é uma coisa importante” (D6) “Em todas as atividades que são desenvolvidas em sala, mesmo que seja específica de um só, eles tem que interagir eles tem que participar um da atividade do outro, um do projeto do outro”(D7)</p>
<p>3.3.5 Favorece a troca de experiências entre as equipes docentes.</p>	<p>“o preparo veio com a conversa com os amigos pra me dar um direcionamento com os colegas de trabalho que me auxiliaram com a própria experiência de vida, com alguns materiais pra tá podendo entender melhor” (D2) “nós entramos em contato com outros docentes que já tinha trabalhado na mesma instituição em outra cidade, com deficiência visual” (D5) “Então, eu fui conversando com outros docentes aqui da instituição que tinha aluno no curso técnico” com alguma deficiência que facilitou/Essa troca entre os docentes de turmas diferentes facilita bastante pra gente/” (D5) “tentando trocar essas informações” (D7)</p>
<p>3.3.6 Motivadora para o trabalho docente, individual e em equipe</p>	<p>“ah, eu acho incrível porque, a Metodologia de Projeto ela te motiva a trabalhar” (D1) “é muito prazeroso” (D2) “hoje eu acho até prazeroso” (D5) “porque a equipe conversou” (D6) “só foi possível em função de que o curso foi em três docentes e nós três pensamos...” (D7) “o conteúdo estava sob minha responsabilidade” (D7)</p>
<p>3.3.7 Desafiante</p>	<p>“desafio, é, esse é muito grande. Esse aluno era um desafio, Todas as aulas, eu procurava sempre uma maneira mais fácil de poder passar coisas não tão complexas, mais simples” (D2) “Uma metodologia que é bem desafiante pra todos que estão trabalhando com ela” (D3) “é desafiante para o professor, porque a gente não sabe onde que vai dar, como que o aluno vai fazer”(D3) “então, é desafiante para o professor, é desafiante/é desafiador pro aluno” (D3)</p>

	<p>“Então pra mim é muito prazeroso” (D4)</p> <p>“eu não sei falar se foi o maior mas um dos desafios nas aulas de anatomia, no curso Técnico em Massoterapia, projetar imagem, foi, como que a gente vai trabalhar anatomia com esse aluno? “Um grande desafio” (D5)</p> <p>“eu acho fantástico e acho extremamente desafiador. Porque o projeto ele é um grande recurso” (D6)</p> <p>“Então, por mais que seja difícil para o aluno pra gente também é um desafio” (D7)</p>
3.3.8 Favorece o trabalho/respeito com instituições parceiras	<p>“fomos até o Instituto dos Cegos ver como trabalhava, então a gente soube como lidar melhor com a situação” (D5)</p> <p>“nós tivemos um trabalho num parceiro que o Senac tem, o IEFA” (D6)</p> <p>“e lá, foi importante porque eu aprendi uma série de coisas mas, eu acho que o desafio de levar para outro lugar é que você tem uma filosofia de trabalho que tá relacionada a cultura a missão visão e valores do Senac e lá é outra, lá eles tem outra identidade é outra missão outra visão outros valores cultura, então, eu não posso chegar e me impor” (D6)</p>
3.3.8 Agregadora, colaborativa	<p>“Às vezes, milhões de vezes eu me surpreendo porque eu espero “x” e quando a gente vê, tem y, z e mais alguma coisa aí misturado”(D1)</p> <p>“então eles se juntam mais vezes, a sala inteira escolhe uma coisa só pra fazer aí a gente divide os grupos e cada um faz uma parte, mas, todos dependem de todos, então, no final das contas, a coisa fica muito rica” (D1)</p> <p>“então, eu acho que a metodologia de projeto ela tem essa questão, essa capacidade, de primeiro, agregar informações, agregar conteúdos, agregar pessoas em volta de uma mesma ideia” (D7)</p> <p>“ou seja, independentemente de ser um projeto individual, a parceria é necessária” (D7)</p>
3.3.9 Favorece o suporte da instituição, para o preparo e trabalho docente	<p>“Eu vi que o suporte que a instituição dá junto com o docente dá uma diferença na formação do aluno, no desenvolvimento do aluno durante o curso. É uma coisa interessante” (D3)</p> <p>“Pedimos ajuda para a representante de inclusão aqui da Unidade/ela também nos ajudou” (D6)</p> <p>“Convidar as pessoas a participarem de conversas de programas de atividades de experimentos que ajude a si próprio e a equipe a desenvolver o melhor trabalho.</p> <p>“e essa interação entre a equipe de docentes, o próprio Senac que deu liberdade para criar o que fosse preciso, para usar o que fosse necessário” (D7)</p> <p>“e aqui no Senac, a gente se vira a gente da um jeito, busca e é viabilizado de alguma maneira” (D7)</p>
3.3.10 Instiga a abertura da instituição/docente para a o trabalho na Educação inclusiva	<p>“porque o primeiro foi assim a gente já estava abraçando a causa/a gente estava totalmente aberto” (D5)</p> <p>“Então eu tenho tentado sempre essa linha pra que o aluno perceba que ele tem abertura ali” (D6)</p> <p>o Senac é uma instituição que eu vejo com uma abertura para esta questão de inclusão, que dificilmente a gente encontra em outras instituições” (D7)</p> <p>“e até de humildade de quem trabalha com projeto, o fato que você tem que estar aberto para a possibilidade do aluno não precisar diretamente de você, ele precisar de você para uma orientação” (D7)</p>
3.3.11 Permite a participação ativa do aluno no seu processo de inclusão	<p>“Sim com certeza, o aluno, as vezes, chega inibido acanhado, com os projetos ele tem que trabalhar em equipe, tem que discutir, tem que conversar, tem que montar o projeto, apresentar, pesquisar, então isso aí acrescenta muito”(D3)</p> <p>“então eu aprendi que a gente tem que sentar antes com o aluno e ver realmente a necessidade dele, e ver realmente o que ele está esperando do curso” (D5)</p> <p>“e a primeira coisa que eu fiz, foi conversar com o aluno” (D6)</p> <p>queria que ele me ajudasse” (D6)</p> <p>“Então, ele me deu várias dicas de como agir/ele me disse, pode passar vídeo” (D6)</p> <p>“a participação dele foi indispensável para que existisse algum projeto, né?” (D7)</p>
3.3.12 Favorece o atendimento de acordo com as necessidades dos alunos	<p>“falar que tem “n” opções pra que não ficasse mais confuso, então, eu me prendia em alguns aspectos assim pra que ele pudesse ter pelo menos o entendimento básico, que ele compreendesse pelo menos o básico” (D2)</p> <p>“E pra ensinar também, a gente tinha que chegar muito a anatomia próximo a ela, mostrar, tocar, até a gente ver que essa foi a forma com que ela conseguia aprender” (D5)</p> <p>“pra gente poder trabalhar em cima das necessidades do aluno” (D5)</p> <p>“é, que eu estava ali, eu queria entender como que poderíamos agir” (D6)</p>

	<p>“e a avaliação dele, nesse conteúdo, foi exatamente a demonstração de como montar esse jogo/ na apresentação final desse conteúdo, desse tema” (D7)</p>
3.3.13 Estimula a busca de novos, diferentes conhecimentos pelos docentes	<p>“exigiu de mim mais reflexão não só dentro do horário de trabalho, mas também fora dele eu fazia reflexões sobre como eu poderia melhorar o entendimento pra ele, que era por causa da deficiência dele e era bem mais forte” (D2)</p> <p>“quando você tem um aluno com necessidade especial você precisa ter um trabalho muito maior, você precisa se desenvolver ter capacitação para desenvolver melhor o aluno”(D3)</p> <p>“tudo o que procurava, que a gente trazia, a gente tentava trazer de maneira que fosse fácil pra ele” (D6)</p> <p>“sim! Sem dúvida! Eu acho que talvez eu tenha aprendido e esteja pensando muito, por conta das coisas que eu estou vivendo com a Metodologia de Projeto, com as coisas que eu tenho estudado, ouvido, conversado” (D6)</p> <p>“Era interessante a gente observar, no curso de Pedagogia que eu fiz, tínhamos eu e mais uma docente” daqui do Senac” (D7)</p> <p>“Tentando entender como que podemos dizer, o funcionamento do cérebro, quais eram as reações, o que ele gostava de fazer, o que ele lembrava, o que facilitava, ele entender uma sequência de atos e fatos” (D7)</p> <p>“se a gente não tivesse essas informações a gente não teria conseguido muita coisa” (D7)</p>
3.3.14 Flexível: Favorece o planejamento/flexibilização das atividades de acordo com a necessidade dos alunos	<p>“a gente mudou algumas formas da aula para uma forma mais adequada pra eles” (D1)</p> <p>“porque os nossos alunos vem sem ter noção do que é isso e aí, fazem o que você fala, vai e volta várias vezes pra retomar onde eles estão, fazer eles entenderem o quanto que é prazeroso, o quanto que é bacana isso” (D4)</p> <p>“Porque quando eles estão desenvolvendo, as vezes tem dificuldade e acontece da gente ter que retornar, vai e volta” (D4)</p> <p>“a gente tem que retomar tem que rever porque aconteceu isso aconteceu aquilo. Então, por isso que eu digo que, assim, é um polvo cheio de braços, porque é um movimento muito grande e constante”(D6)</p>
3.3.15 Facilita a participação da família no processo de inclusão do aluno com NEE	<p>“Chamamos muitas vezes a mãe dessa aluna na escola pra entender todo o contexto como que a gente poderia ajudar” (D5)</p> <p>“E aí, conversando com a mãe dele vendo o que mais chamava atenção em casa, como que ele lidava com as coisas” (D7)</p>
3.3.16 Facilitadora para o desenvolvimento de competências pessoais pelos alunos	<p>“Então, é interessante que você tem que trabalhar tudo isso, cada um tem a vez de falar e tem que esperar o outro terminar de falar pra poder falar. Então, eles começam a fazer esse trabalho” (D2)</p> <p>“Acho que o saber fazer é algo que você ensina, vai e faz, o saber conviver e o ser que é algo pra gente muito importante” (D5)</p> <p>Então eu entendo que o Projeto, só o Projeto até agora, pode ser que tenha outras coisas também, mas, só viver através do Projeto é que o aluno vai sentir” (D6)</p> <p>a ideia do projeto tem a ver exatamente com a possibilidade do aluno ter a iniciativa” (D7)</p> <p>“outra característica é o fato de que a Metodologia de Projeto ela dá a liberdade do aluno crescer só que ao, mesmo tempo que ela dá essa liberdade da a responsabilidade da parte que lhe cabe com relação ao seu crescimento profissional ao seu crescimento pessoal” (D7)</p>
3.3.17 Facilitadora para o desenvolvimento de competências acadêmicas pelos alunos	<p>ele vai começando a se apaixonar, vai despertando, desperta o mosquitinho da ciência, espírito crítico, ele não quer mais a outra aula ele quer só metodologia ativa” (D3)</p> <p>“Sim, com certeza, Ajuda muito porque você tem que interagir, tem que ter trabalho em equipe, espírito crítico, espírito investigativo” (D3)</p> <p>“Aí ele começou a pesquisar” (D7)</p>
3.3.18 Favorece o desenvolvimento de competências técnicas e práticas, pelos alunos	<p>“porque o Projeto, ele vai dar condições técnicas do aluno se desenvolver porque ele vai conhecer a prática daquele trabalho que ele escolheu, daquela formação/” (D6)</p>
3.3.19 Inclusiva	<p>“eu tenho salas com alunos especiais é uma coisa que me motiva muito, mas me preocupa as vezes a gente não tem o tempo que gostaria pra acompanhar de forma mais efetiva” (D1)</p> <p>“uma das coisas que, durante o desenvolvimento do Projeto que eles tem é voltada a isso, a pessoa com deficiência, como deixar essa pessoa a vontade quando ela chegar no ambiente, para ela não se sentir excluída” (D2)</p> <p>“normalmente a gente faz alguma técnica de divisão de grupos para que aquele menino seja incluído com aquele grupo” (D4)</p>

	<p>“se a gente perceber que esse aluno com algum tipo de deficiência tá ficando de lado a gente vai falar com o grupo, a gente vai procurar inclui-lo cada vez mais, fazer com que ele se sinta fazendo parte, que se sinta incluído e aí é trabalhar com aquele grupo específico” (D4)</p> <p>“para o aluno é muito difícil enxergar” (D5)</p> <p>“Estava fazendo o curso para poder retornar ao trabalho e usava prótese” (D6)</p> <p>“eu só preciso que alguém me diga o que está sendo tratado” (D6)</p> <p>“além da questão da síndrome de down ainda tinha a questão da idade então, se a gente não conseguisse entender o que ele queria, como ele gosta de trabalhar, como é que ele age normalmente” (D7)</p>
3.3.20 Favorece a percepção das dificuldades dos alunos, pelo docente	<p>“E eu vejo eles com muita dificuldade no Projeto” (D1)</p> <p>“por causa da deficiência dele ele não conseguia armazenar a informação de curto prazo, você falava com ele e ele logo em seguida tinha esquecido o que tinha sido conversado” (D2)</p> <p>“Eram necessidades diferentes, o garoto cego” (D6)</p>
3.3.21 Favorece a identificação das próprias dificuldades pelo docente	<p>“no começo, tive dificuldades também. Falava, meu Deus, como que eu vou trabalhar isso em sala. Então, no começo foi difícil entender como que era realmente essa metodologia” (D5)</p> <p>“porque eu sou muito deficiente, então, né, entre aspas, né, a gente tem um monte de deficiências” (D6)</p> <p>“Isso também, além da necessidade do docente se moldar nesse novo conceito”(D7)</p>
3.3.22 Facilita o desenvolvimento de diferentes assuntos/conteúdos	<p>“Porque eles têm que pegar todo público/o público é muito variado, então tem que estudar também o perfil da pessoa, os perfis que tem de pessoas/como recepcionar essas pessoas/como atende-las. (D2)</p> <p>“num curso Técnico em RH” (D6)</p> <p>“tem a questão profissional existem alguns conceitos de marketing, de comunicação, de trabalho em equipe, da formação cidadã, e preparação para o mercado de trabalho”(D7)</p>
3.3.23 Facilitadora da mediação/orientação docente aos alunos	<p>“é um trabalho só de orientação. Agente fica mais na parte de orientação” (D1)</p> <p>“em momentos, os alunos chegam pra mim e falam assim e isso daqui, como que a gente poderia trabalhar isso” (D2)</p> <p>“Essa aula é uma orientação, e eles começam, dentro desse projeto, a pesquisar, estudar” (D2)</p> <p>“você pode ter alguns pontos de interferência, mas o professor não vai guiar o projeto” (D3)</p> <p>“aí entra muito a mediação do docente/e a gente vai fazendo a mediação” (D4)</p> <p>“Eu tento trazer isso na minha mediação para que o aluno sinta, eu também sinto, aí eu preciso tá muito atenta e o projeto faz isso” (D6)</p> <p>“Mas, eu estou trabalhando com uma turma determinada quer dizer, eu sou mediador de alguns conhecimentos de algumas técnicas, de alguns conceitos como é que eles podem aplicar isso da maneira mais efetiva” (D7)</p>
3.3.24 Valoriza/respeita o interesse do aluno	<p>“eles decidem o que vão fazer, porque eles escolhem o trabalho assim, por áreas de interesse” (D1)</p> <p>“ir por conta procurar, pesquisar, sempre tá atrás da informação. Também não ir nunca se prender a primeira informação que encontra” (D2)</p> <p>“e quando ele resolve desenvolver um projeto do tema que ele tem interesse, colocando todas as competências que são prevista naquele momento” (D5)</p> <p>“ninguém chegou em sala de aula e falou olha, decora isso, leia isso, copia isso, e passar a observar, quer dizer, não é que alguém passou pra ele, olha, lá tem isso, ele viu” (D7)</p>
3.3.25 Facilita a percepção do resultado do próprio desenvolvimento/trabalho pelo aluno	<p>“no geral, todos sabem do que se trata, todos sabem o que fizeram, todos sabem para que que foi feito, qual é o objetivo, qual que é a justificativa pra tudo aquilo. Acho que isso é o que vale” (D1)</p> <p>“e ele não tinha nenhum tipo de dificuldade, não, era sono mesmo, chegou no Projeto ele deu um show, participou, participou do teatro, ficou super empolgado.” (D1)</p> <p>“pra poder fazer com que ele tenha uma visão, uma compreensão mais organizada do conhecimento que ele já tem” (D2)</p> <p>“conforme o aluno vai desenvolvendo, vai notando o desenvolvimento, vai notando o avanço dele” (D3)</p> <p>“mas eu não vejo outra que dê mais prazer quando eles veem o resultado do trabalho deles, que eles desenvolveram no projeto” (D4)</p>

	<p>“tanto que ele quer voltar, ele quer fazer outro curso aqui” (D6)</p> <p>“eu entendo que minimamente ele vai se lembrar e vai falar, eu sei o caminho que vou seguir; ou eu sei onde buscar, eu sei como fazer aqui, eu sei” (D6)</p>
3.3.26 Facilita o trabalho com alunos com faixas etárias diferentes	<p>“porque a gente trabalha com jovens” (D1)</p> <p>“foi uma turma de aproximadamente 24, 25 alunos em idade de 16 a 50 anos de idade” (D6)</p> <p>“quando ela começou o curso, uma menina de dezoito, dezenove anos, surda” (D6)</p>
3.3.27 Promotora de aprendizagem significativa através da convivência, do planejamento dos projetos, das pesquisas	<p>“eu acho que a maior contribuição pra eles é aprender a planejar as coisas na vida, aprender a se organizar, a organização é muito importante a definição de metas é muito importante pra eles na vida” (D1)</p> <p>“essa parte eu acho super enriquecedora, porque a gente fala em desenvolvimento, aí, entra pesquisa” (D4)</p> <p>“as características seriam a problematização, o desenvolvimento, que todas as etapas contribuí, mas, quando a gente tá no desenvolvimento, porque a partir do que eles problematizam, que observam a gente vai começar as pesquisas” (D4)</p> <p>“e aí, eles pesquisam várias áreas, amplia muito o olhar deles/eu acho que essa parte é bastante enriquecedora, porque a partir disso que vai afinilar e sintetizar/Eu acho que essa parte da pesquisa, do desenvolvimento que é a mais rica de conhecimento mesmo” (D4)</p> <p>“eu sou muito a favor da metodologia de projeto, porque o aprendizado tem que se tornar significativo” para o aluno/ali pra ele é muito mais significativo, então, desenvolve muito a criatividade do aluno” (D5)</p> <p>“Não só técnica, mas, também de cidadania, de profissional que é pessoa, não é uma coisa. Então ele tem que sentir, senão não faz sentido”.(D6)</p> <p>“e tinha uma situação mais complexa que era a necessidade que cada aluno desenvolvesse um projeto real” (D7)</p>
3.3.28 Facilitadora do trabalho em equipa entre os alunos	<p>“Trabalham pra caramba, em equipe, o trabalho em equipe é uma coisa que é extremamente desenvolvida/porque, eles fazem uma parte do trabalho eles trabalham em equipe eles desenvolvem toda a Metodologia eles pesquisam muito. É um trabalho muito rico de conteúdo” (D1)</p> <p>“Tem um envolvimento maior do grupo” (D2)</p> <p>“Assim, a característica é de pesquisa, de vivencia de trabalho de equipe/porque, depende da atividade do próximo, se ele não fizer, fica faltando, precisa ter esse trabalho em equipe” (D2)</p> <p>“É, com relação ao desenvolvimento dos alunos, a parte de expressão de interação de comunicação, trabalho em equipe, isso é muito diferente, porque o Senac já trabalha com projeto há algum tempo” (D3)</p> <p>“em grupos, aí, já desenvolve aquela questão do coletivo, o quanto que é importante trabalhar em equipe. quando a gente vai dividir os grupos/Faz aleatório, aí o grupo é formado” (D4),</p>
3.3.29 Facilita o uso de estratégias inclusivas/audiodescrição/Interprete de linguagem gestual, tato, lúdico	<p>“E, no caso da deficiente auditiva, tinha uma interprete/tinha uma interprete” (D2)</p> <p>“porque o aluno não foi alfabetizado em braile nós temos o boneco, então a gente sobe pra aula com o boneco” (D5)</p> <p>“nós temos peças anatômicas em bonecos e enquanto a gente tá passando a figura o aluno está com o boneco e o docente está do lado dele falando da nomenclatura de cada área colocando a mão dele na área que a gente tá falando” (D5)</p> <p>“Então eu ia me comunicando com ele dessa forma, fazendo uma audiodescrição do que eu tava fazendo” (D6)</p> <p>“E isso facilitou porque, de certa maneira a aluna conseguiu fazer uma leitura direta do que eu estava falando com uma assessoria do interprete” (D7)</p>
3.3.30 Propicia o desenvolvimento de competências comportamentais pelo docente: paciência, empatia, mudança de postura...	<p>“acho que tudo é uma questão de você amar a sua profissão/gostar do que você faz/ter um pouquinho de paciência, nem precisa tanto assim” (D1)</p> <p>“E eu gosto de me colocar na situação/quando você se coloca na posição de igual, e não de superior, quando você se coloca em uma posição diante do aluno em que ele entende ou pelo menos você consegue fazer com que ele entenda que você não se considera melhor do que ele, porque você vê, ouve, acho que fica mais fácil” (D6)</p> <p>“a equipe de docente precisa ter isso a liberdade de perceber que ele pode sair do quadrado, que ele precisa sair do quadrado” (D6)</p> <p>“me trouxe um aprendizado que não é técnico é um aprendizado humano. Quer dizer, eu tenho que ter muito cuidado, foi o que eu aprendi, quando eu olho para um aluno</p>

	<p>acho que ele não é bom, porque as vezes eu posso tá me vendo nele e aí eu preciso separar, o que é dele e o que é meu” (D6)</p> <p>“então eu acho que o projeto, como estratégia, ele exige essa mudança na postura do docente” (D7)</p>
3.3.31 Favorece a relação positiva entre professor e alunos	<p>“Fique a vontade professora, foi o que ele respondeu” (D6)</p> <p>“Ele precisa ajustar para isso o que que ele faz com essa informação, onde ele coloca a informação o, professor, eu pensei nisso assim, o que você pensou disso?” (D7)</p>
3.3.32 Possibilita o alargamento da autonomia do aluno	<p>“de criar alternativas, então o fato dele sair de casa, ir até a academia, ir até a quadra” (D7)</p>
3.3.33 Instiga a realização do Planejamento coletivo, comunicação entre docentes/equipas da instituição	<p>“o plano de trabalho coletivo docente é outra coisa extremamente importante eu acho que sem ele não dá pra fazer não dá pra usar essa metodologia, desse jeito” (D6)</p> <p>“Eu vejo assim, a equipe toda que está envolvida, parte técnica, coordenação e os docentes que atuam na turma. (D4)</p> <p>Tem que estar completamente conectados todo mundo sabendo o que está acontecendo então, isso só acontece quando tem um planejamento coletivo eficiente” (D4)</p> <p>“o planejamento que foi feito/então quantas vezes a gente planeja alguma coisa vai lá e faz e não é aquilo, o outro professor que vai entrar no outro dia e ele já tá planejado com aquilo, eu tenho que avisar” (D6)</p>

4. Percepções pessoais

Categorias	4.1 Apreciação do seu trabalho/ trabalhar com alunos com NEE nas turmas heterogêneas e com o recurso da metodologia de projeto.
4.1.1. Uso de valores inclusivos	<p>“Gostar eu gosto, como eu falei, a gente pega muito amor” (D1)</p> <p>“vai muito da dedicação do docente o quanto que ele quer, que eles desenvolvam um trabalho bacana” (D4)</p> <p>“eu aprendi que nada é impossível desde que você tenha, além de boa vontade”(D5)</p> <p>“tudo o que eu faço eu coloco muito ou talvez tudo de mim, eu coloco muito coração, muita emoção. Tem hora que eu me emociono, tem que segurar um pouco as coisas. Então eu vejo assim o meu trabalho” (D6)</p>
4.1.2 Necessidade de aprender, melhorar	<p>“eu tenho muita coisa pra aprender ainda, muita coisa eu tenho que aprender pra aprender a lidar” (D1)</p> <p>“acho que você precisa tá sempre fazendo capacitação, treinamentos, pra você melhorar e conseguir atender melhor não só os alunos com necessidades especiais mas, qualquer aluno” (D3)</p> <p>“a gente sempre tem algo a aprender com eles” (D5)</p> <p>“pois é, olha eu acho que eu tenho que melhorar um monte” (D6)</p> <p>“eu sei que ele tem que melhorar, sempre, mas eu acho que ele é muito verdadeiro” (D6)</p>
4.1.3 Satisfação, apreciação positiva	<p>“eu acho que a gente fica mais humano/foi incrível porque acho que você fica mais humano” (D1)</p> <p>“é muito prazeroso porque, eu fico ali de orientador eles que produzem o próprio conhecimento”(D2)</p> <p>“então, acho que isso deixa a gente mais humilde, mais humano” (D1)</p> <p>“E isso, pra mim é muito prazeroso, eu gosto” (D4)</p> <p>“mas eu sou muito feliz com as coisas que eu realizo, porque eu realizo tudo de verdade, de verdade” (D6)</p> <p>“Eu, aqui no Senac, eu me sinto extremamente confortável, no sentido de que esse é um ambiente em que isso é normal”. (D7)</p>
4.1.4 Desafio	<p>“porque pra mim era um desafio imenso” (D1)</p> <p>“então, quando você vai lidar com o deficiente o intelectual que é um desafio muito, muito mais amplo” (D2)</p> <p>“é um desafio, primeiramente pra mim, enquanto docente e para os nossos alunos também” (D4)</p> <p>“é um desafio diário, cada aula que você vai desenvolvendo” (D4)</p> <p>“bom, é sempre muito desafiador, né?” (D7)</p> <p>“desafiador a gente tentar descobrir o que que da pra fazer melhor com os alunos que eu tenho” (D7)</p>

4.1.5 Percepção das próprias dificuldades	<p>“como qualquer ser humano, a gente tem dificuldades todo dia” (D1)</p> <p>, quantas vezes eu chego na minha casa, brava porque a minha aula foi horrível, porque não foi legal ou porque eu não consegui” (D6)</p> <p>“é sempre muito complicado.” (D7)</p> <p>“tem dia que chego na sala de aula inspiradíssimo, chego, falo uma coisa, bolo um negócio, crio uma aula que dá pra fazer isso e aquilo e tem dia que eu chego mais travado” (D7)</p>
4.1.6 Percepção das dificuldades em equipa	<p>“a dificuldade que eu vejo é que, sempre quando temos turmas heterogêneas é que nem sempre, quando a gente é escolhido para entrar em dupla docência são duas pessoas com formações iguais, então, por exemplo, quando eu vou dar uma aula de administração e a pessoa que tá acompanhando aquele dia o aluno com deficiência não tem conhecimento administrativo ou não tem interesse, não conhece o material que você tá passando” (ND1)</p>
4.1.7 Desenvolvimento pessoal, aprendizados com os alunos	<p>“eu tenho muito o que aprender tô aprendendo. Na verdade, eu acho que eu aprendo junto com eles. Não sei se eles me ensinam mais do que eu ensino pra eles” (D1)</p> <p>“eu aprendo muito com eles”(D2)</p> <p>“o desenvolvimento pessoal foi muito grande, porque esse aprendizado ele é mutuo então a gente aprende muito com eles, eles nos surpreendem, realmente me fez uma pessoa melhor”(D5)</p> <p>“Porque todos os dias até hoje, eu percebo que tem um monte de coisas que eu aprendo que eu, de certa forma já faço na minha vida em algumas coisas, mas isso tá ampliando tanto a minha visão que eu já consigo até com meu filho em casa, levar pra ele, ajuda-lo a estudar as coisas que a escola dele propõe”(D6)</p> <p>“sem dúvida, sempre, todas as turmas, todos os alunos a gente aprende” (D6)</p>
4.1.8 Trabalho com alunos com diferentes dificuldades, deficiências	<p>“eu tenho aluno com todos os tipos de dificuldade, a dificuldade intelectual, com dificuldades seríssimas, psicológicas, problemas, e traumas, as vezes é até mais difícil”(D1)</p>
4.1.9 Dúvida/Necessidade de avaliação	<p>“eu gostaria até que alguém me avaliasse acharia muito bacana/nós não temos esse trabalho ainda de avaliar se a gente tá fazendo direito” (D1)</p> <p>“é que a gente fala quando a gente não tem certeza, nessa dúvida que eu tenho se eu faço alguma coisa certa, se eu não faço” (D1)</p> <p>“Com certeza. “estamos aí, tentando, vontade pelo menos, não falta, agora, se eu tô fazendo um bom trabalho com eles, eu não sei, definitivamente” (D1)</p> <p>“mas, eu não sei” (Permite a dúvida)</p> <p>“eu tô fazendo de acordo com as coisas que eu tenho estudado” (Favorece/permite o estudo/uso de diferentes conteúdos)</p> <p>“que eu tenho buscado” (D6)</p>
4.1.10 Educação para todos	<p>“em ver que a educação tem que ser pra todos/esse processo de inclusão ele se faz necessário hoje em dia” (D5)</p> <p>“pra mim, um grande aprendizado foi conseguir trabalhar fazer com que a educação seja realmente pra todos, não excluir um aluno de uma turma por ele ter uma deficiência” (D5)</p>
4.1.11 Percepção/valorização da capacidade, conhecimento prévio dos alunos com deficiência.	<p>“Então ele já vai fazer uma pesquisa, apesar do aluno ter uma deficiência intelectual ele não vai perder essa memória recente”(D2)</p> <p>“Interessante trabalhar também com esse conhecimento prévio” (D2)</p> <p>“olhar pras pessoas que tem deficiência e saber que elas são capazes como todos os outros, de se desenvolver sim, de trabalhar sim” (D5)</p> <p>“uma aluna excelente de um curso e era uma aluna que todos os professores sempre elogiaram toda a turma sempre elogiou uma menina que já trabalhava na área então ela trazia muito” (D6)</p>
4.1.12 Percepção/valorização da heterogeneidade	<p>“Acho que a gente tá tão ligado no automático que a gente não presta atenção nas coisas em volta. A gente tava acostumado a ver o pessoal aqui, vê, vê, vê, mas lidar diretamente, assim, não tinha.” (D1)</p> <p>“e aí eu vou trabalhando, cada turma é uma turma, cada um eu acho que você tem que trabalhar de uma forma diferente” (D4)</p> <p>“Alunos, cada um é um universo diferente, cada um tem as suas particularidades, você tem um que é mais extrovertido, que fala mais, que tem mais facilidade em ir la na frente e apresentar uma peça de teatro, não sei o que, outros que preferem ficar quietinhos no canto se possível passar escondido o resto da aula” (D7)</p>
4.1.13 Resultado positivo	<p>Tem isso, tem uma surpresa positiva que é você ter todo aquele cuidado” e de repente, você não sabe se foi um excesso ou se você estava preparado demais” (D2)</p>

ANÁLISE DE DADOS DOS PROFISSIONAIS NÃO DOCENTES

1. Caracterização da instituição

Categoria	1.1 O que distingue o Senac de outras Escolas?
1.1.1 Método de avaliação	“o método de avaliação, sem dúvida/todas nós do Setor de Atendimento nós temos que passar esta informação, exatamente por ser o grande diferencial”(ND1)
1.1.2 História, inovação, experiência na questão da Educação Profissional.	<p>“desde que eu entrei aqui no Senac, é realmente essa evolução profissional, (ND1)</p> <p>“O Senac, eu vejo como uma das escolas referência no processo de inclusão aqui no Brasil/Desde que eu entrei no Senac em 2005, o processo de inclusão, ele já é pensado desde o primeiro momento tanto para a equipe de funcionários quanto pra equipe de alunos que a gente atende” (ND3)</p> <p>“o Senac tem uma história, né? São setenta anos de Educação Profissional” (ND4)</p> <p>“e, então ele vem com essa história sempre se reinventando. Então eu acredito que é uma instituição que sempre revisita conceitos, que busca ser inovadora, que busca estar como vanguarda em Educação Profissional” (ND4)</p> <p>“Então, eu percebo que é uma instituição que trabalha de forma bem inovadora, dentro desse sentido” (ND5)</p> <p>o Senac, foi criado para preparar as pessoas para exercerem função tanto nas empresas ligadas a comércio como ligadas a serviços. Ao longo do tempo o Senac veio procurando fazer isso não só pra funções básicas dentro das empresas, mas, procurando fazer uma expansão desse seu campo de atuação.” (ND6)</p>
1.1.3 Flexibilidade da Metodologia de ensino e aprendizagem, autonomia dos alunos	<p>“e essa metodologia proporciona que eles façam alguns eventos ” (ND1)</p> <p>“que não é uma coisa autoritária, o aluno tem voz, o aluno pergunta, se tá faltando alguma coisa/não é uma coisa toda já pronta, ah, você tem que fazer, é assim que faz” (ND2)</p> <p>“Então, quando eles têm o contato no projeto, onde eles mesmos descobrem que isso existe, não é ninguém que fala pra eles” (ND3)</p> <p>“Então, eu acho que as metodologias ativas no contexto geral elas trazem esta oportunidade do aluno vivenciar na sala de aula um espaço em que o erro não vai provocar a demissão dele, um espaço onde ele tem a oportunidade de errar, ele fica mais livre pra testar ele fica mais livre mais propenso a genuinamente aprender” (ND4)</p>
1.1.4 Foco no aluno	<p>“é uma escola que quer ver o aluno e não vê a sala” (ND4)</p> <p>“ter o aluno mais como centro e não o professor, acho que isso, isso nos separa completamente de outras instituições” (ND4)</p> <p>“então, eu percebo como uma instituição que tem um olhar pro aluno, pra autonomia do aluno, pra independência do aluno e pra essa formação cidadã também desse educando” (ND5)</p> <p>“o trabalho que a gente tem com os deficientes visuais, em que, hoje, a gente desenvolveu toda uma estrutura para receber esse aluno verificar quais as situações especiais que ele vai precisar para fazer a sua atuação” (ND6)</p>
1.1.5 Preocupação com o bem-estar do aluno, com a acessibilidade para todos	<p>“pra fazer a avaliação desses jovens o que o Senac pode ofertar pra ele pra que ele se sinta mais confortável” (ND1)</p> <p>“quando você vai desenvolver uma atividade as pessoas já pensam, nossa, será que tem acessibilidade aqui onde eu vou fazer isso?/Ah, vou ou nós vamos fazer um evento aqui no pátio, mas será que ele tem acessibilidade pra isso? /Então as pessoas já se preocupam nesse sentido”. (ND3)</p> <p>“se for uma limitação física e se for uma questão intelectual, que a gente possa entender o que aquele curso pode promover de desafios pra ele/algo que a gente precisa adaptar de uma forma diferente para atendê-lo” (ND4)</p>
1.1.6 Respeito, crença no ser humano	“ou ainda, as vezes o professor tem dificuldade, ele é um ser humano ele pode ter dificuldade e não conseguir adaptar a aula dele para aquela situação. Pode ter uma

	<p>limitação pessoal, uma situação profissional que não é um defeito dele, ele precisa de um tempo pra se desenvolver.”(ND4)</p> <p>“o que distingue o Senac das outras escolas a crença no ser humano, no potencial do ser humano” (ND7)</p>
1.1.7 Satisfação dos alunos quanto ao método de ensino e avaliação	<p>“Tanto na hora do aluno entrar para o curso como quando ele sai daqui também a gente percebe que tem uma satisfação grande por ele ser avaliado não só pela prova. (ND1)</p> <p>Então, isso faz com que o aluno se sinta motivado a estudar. É visível isso aqui”. (ND1)</p> <p>“nós temos depoimentos de alunos que passaram por aqui e já logo na sequência conseguiram um trabalho pela capacitação que foi feita/aí, o retorno disso é um agradecimento imenso, porque ele aprendeu aqui”.(ND3)</p>
1.1.8 Estrutura, infraestrutura	<p>“bom, falando de Educação Profissional acho que a nossa estrutura, a nossa infraestrutura é um ponto importante/eu creio que a nossa infraestrutura” (ND4)</p> <p>“Talvez o que a gente pudesse colocar numa separação o que representa o Sistema “S”, hoje, no Brasil “em relação a outras escolas de Formação Profissional. Eu tenho certeza que a gente acaba tendo uma estrutura muito diferenciada” (ND6)</p> <p>“primeiramente a questão da infraestrutura” (ND7)</p>
1.1.9 Formação, Preparo dos Profissionais docentes	<p>“a gente percebe que, só pela caracterização dos docentes que são especialistas, (ND1)</p> <p>“nós trabalhamos com professores especialistas” (ND4)</p> <p>“então, nossas estruturas físicas, estruturas de laboratório, a formação de um corpo docente e de profissionais da área de Educação que dão suporte pra isso sempre diferenciou a formação do Senac” (ND6)</p>
1.1.10 Diversidade de Projetos e ações desenvolvidos e serviços oferecidos pela instituição	<p>“pela qualidade do serviço que oferece” (ND2)</p> <p>“tem uma biblioteca com espaço Braille, com espaço acessível, com livros adaptados, com espaço onde a gente faz adaptação de software no computador,</p> <p>“o projeto já faz parte da nossa alma aqui, porque, tudo o que a gente pensa a gente faz um projeto, então, eu acho que pros nossos alunos a gente também consegue passar esse mesmo sentimento da importância do projeto” (ND3)</p> <p>“A gente faz projetos, planejamentos para eventos junto com alunos, com turmas/desenvolve ações, desenvolve eventos para discutir várias questões, nós temos a feira de troca de livro sempre incentivando a leitura, a gente trabalhou a questão da Anne Frank, também faz parte da cultura de paz da instituição” (ND5)</p> <p>“Mas, não é só isso, como que é a integração, a inclusão dessa pessoa com os colegas de trabalho?/nós temos um projeto aqui, Incluídos na Inclusão” (ND7)</p>
1.1.11 Formação do aluno por desenvolvimento de competências	<p>“Assim, a informação que nós temos de ex-alunos que saíram da unidade com a sua formação é que o retorno de trabalho é muito rápido, porque eles estão capacitados. E eles agradecem muito.” (ND3)</p> <p>“a Proposta Pedagógica ela vem com o olhar para a competência” (ND4)</p> <p>“E você não tem como falar de atitude também de forma expositiva ou só com a leitura, ele tem que agir de fato. Eu acho que essa convergência a gente consegue ver na metodologia do Senac, falando do trabalho por competência, fazendo a atitude mais forte” (ND4)</p> <p>“atuando nesses dois anos e meio, e eu percebo que é uma instituição que tem muita preocupação com o desenvolvimento do aluno” (ND5)</p>
1.1.12 Planejamento, flexibilidade do currículo, perfil específico para o aluno formando, por curso	<p>“tem um plano de aula” (ND2)</p> <p>“cada Projeto Pedagógico tem o seu perfil do egresso/normalmente quando a gente tem um curso, a expectativa é que o aluno desenvolva o perfil do egresso” (ND4)</p> <p>“Eu preciso mudar a minha linguagem, eu preciso mudar a minha forma de conduzir a aula” (ND4)</p>
1.1.13 O processo de Inclusão/Educação inclusiva	<p>“Então, eu vejo o Senac como referência no processo educacional inclusivo muito forte, tanto que outras escolas buscam referências conosco” (ND3)</p> <p>“Acho que o Senac ele já está um passo a frente, porque, porque nós recebemos e aí, internamente, a gente corre atrás pra entender o que é essa deficiência e como esse aluno poderá interagir dentro nossos espaços” (ND4)</p>

	<p>“o Senac tem recebido nos últimos anos, o Prêmio de Melhor Empresa pra se Trabalhar, no Estado de SP, pelo menos, no que faz o Processo de inclusão e tem dado uma atenção especial, tem colocado isso como uma prioridade” (ND6)</p> <p>“Então, eu entendo que o que caracteriza é que o Senac é uma escola que prioriza essa questão da Educação Inclusiva é a forma como acolhe a todos com ou sem deficiência declarada” (ND7)</p>
1.1.14 Diversidade de áreas/cursos	<p>“esse é o relato que é uma condição de uma aluna do curso de Moda” (ND3)</p> <p>“a exemplo do Trampolim, que mesmo sendo um curso focado” (ND4)</p> <p>era uma Pós-Graduação em Gerenciamento de Projetos” (ND4)</p> <p>“Por exemplo, essa turma especial, que é o PET Trampolim, que é a turma toda com necessidades” (ND5)</p> <p>“em geral, no curso Aprendizagem a gente consegue fazer com todas as turmas que começa uma apresentação da biblioteca” ND5)</p> <p>“porque a gente tem vários cursos na área de TI, por exemplo, foto shop, CorelDraw” (ND5)</p> <p>“com os cursos de Pós graduação, mas, o Senac é uma instituição, oriundamente, conhecida pela Formação Técnica pela formação de profissionais técnicos” (ND6)</p> <p>“Então a gente tem expandido uma experiência que a gente viveu num curso chamado Programa Educação Para o Trabalho”(ND7)</p>
1.1.15 Metodologia de Projeto	<p>Então, isso faz com que a gente veja que é uma ótima metodologia, é diferente, e faz com que a gente consiga explicar isso para os novos alunos” (ND1)</p> <p>“eu acho que é o caminho pra que o aluno de fato se prepare para o mercado de trabalho” (ND4)</p> <p>eu percebo que perpassa nessa formação e a questão da unidade também, da unidade não da instituição toda trabalhar com um olhar pra questão da metodologia de projeto” (ND5)</p> <p>“eu acho que a Metodologia de Projetos ela respeita muito o ritmo do aluno. E, acho que talvez esse seja um grande diferencial, porque, não significa que o fato de você está atuando com uma limitação desse aluno, que isso seja visto como um problema, é até aonde ele avançou” (ND6)</p> <p>(Presença de pessoas com deficiência específica na instituição)</p> <p>“e por priorizar a Metodologia de Projeto como a principal forma da gente desenvolver as nossas ações” (ND7)</p>
1.1.16 Participação do aluno no seu processo de inclusão	<p>“Quando eu pergunto pra ele, como que você quer que a gente adapte este material pra você, ele nos dá a resposta eu não preciso procurar, eu não preciso pesquisar, eu não vou ficar preocupada com isso, que, quem me falou foi ele, como ele quer. (ND3)</p>
1.1.17 Contratação de pessoas com deficiência para o quadro de funcionários	<p>“na Unidade, tem tido cada vez mais funcionários surdos/“a inclusão propriamente dita de funcionários” (ND1)</p> <p>“a aprendiz que nós tivemos que é surda e que depois virou funcionária/“caso do aprendiz que nós temos que é síndrome de down” (ND4)</p>
1.1.17 Contratação de interpretes de Língua de sinais	<p>“nós temos interpretes” (ND1)</p> <p>“temos três interpretes de libras na unidade” (ND4)</p>
1.1.18 Presença de Equipe específica para apoio aos processos de inclusão	<p>“nós temos uma equipe da inclusão” (ND1)</p> <p>“o Senac, ele tem o Representante da Inclusão” (ND3)</p> <p>“ele designa que tem que ter o seu representante de inclusão que é um profissional que o tempo todo vai estar atento para articular o que for necessário em cada unidade pensando na inclusão” (ND7)</p>
1.1.19 Suporte/apoio aos trabalhos dos funcionários docentes e não docentes	<p>“E quando a gente se depara com algo que não é da nossa alçada a gente consegue ter esse respaldo, e não demora porque a gente percebe que estão todos engajados de uma maneira ou de outra, pode ser que algum setor, algum docente”(ND1)</p> <p>“Em sala de aula, o professor precisa achar o caminho, ele tem subsídio institucional pra isso, tem suporte institucional, tem” (ND4)</p>

1.1.20 Integração dos alunos, Encontros com Representantes e Suplentes de sala/turmas de cada curso	<p>“é perceptível e é bem claro, bem transparente, tem Encontros de Representantes de Sala para tirar as dúvidas do que tá faltando, do que precisa acrescentar, as vezes tem algum problema na estrutura da sala” (ND2)</p> <p>“as integrações que acontece, então, ter a possibilidade de integrar um curso de áreas diferentes, e esses alunos se relacionarem de alguma forma é extremamente importante” (ND3)</p>
---	--

1.2 Características da instituição como escola Educação Profissional e Tecnológica

Categoria	1.2.1 Diferencial da instituição como escola de Educação Profissional e Tecnológica
1.2.1.1 Aprendizagem significativa	<p>“os nossos espaços de aprendizagem são muito superiores a concorrência/e que busca fazer uma educação significativa para o aluno, que ele se reconheça como aluno do Senac de forma positiva” (ND4)</p> <p>“assim, e não é uma preocupação única só com a questão da profissão mesmo, do que ele vem buscar aqui, profissionalmente, mas uma formação cidadã.” (ND5)</p>
1.2.1.2 Desenvolvimento de turmas exclusivas de alunos com NEE	<p>“e também, as turmas como o PET Trampolim que são focadas realmente a esses jovens/a turma que é exclusiva a esses jovens” (ND1)</p> <p>“nós temos a iniciativa do Programa Educação para o Trabalho Trampolim, que tem como objetivo trabalhar o preparo para o trabalho jovens com deficiência intelectual leve e moderada”(ND4)</p> <p>“eu estou citando o exemplo da turma toda do PET Trampolim” (ND5)</p> <p>“o Senac tem um Programa que chama “Programa Educação para o Trabalho Trampolim, onde é a nossa intenção, e conseguimos, muitas delas preparar a pessoa que tenha uma deficiência intelectual para a atuação no mercado de trabalho, pra mais autonomia, mais protagonismo” (ND7)</p>
1.2.1.3 Formação do aluno por desenvolvimento de competências	<p>“que o aluno ele tem realmente essa capacidade de entender um pouco mais do mercado lá fora e a competência para trabalhar” (ND1)</p> <p>“Muitas vezes ela não consegue ir pro mercado de trabalho, porque ela não tem onde se qualificar e aqui, esse diferencial ela encontra porque o Senac não tá preocupado com a deficiência dela” (ND3)</p>
1.2.1.4 Desenvolvimento de competências práticas e técnicas	<p>“e nesses eventos onde eles conseguem fazer, produzir artigos, objetos ou os trabalhos deles” (ND1)</p> <p>“e que as atividades práticas só traziam pra ela o desenvolvimento. Então, só tem a ajuda-los a desenvolver” (ND3)</p> <p>“É, quando você pensa numa profissão dificilmente alguém vai aprender só lendo só lendo sobre ou só ouvindo sobre. É importante que ela teste, que ela faça protótipos, que ela busque materializar o conhecimento de alguma forma”. (ND4)</p>
1.2.1.5 Respeito pelo ritmo e dificuldades dos alunos	<p>“se ela tem uma limitação a gente vai respeitar, mas a gente vai desenvolver a pessoa que nos procurou da forma como for adequado pra ela” (ND3)</p> <p>“Aí a gente vai trabalhar dentro daquilo que ele pode tá desenvolvendo, ninguém vai forçar a fazer mais nem vai deixar fazer menos. A aula precisa acontecer de forma igualitária” (ND4)</p> <p>“E, a Metodologia de Projetos ele permite que o aluno vá até, por um ritmo que é o ritmo dele e, na comunicação eu acho que a troca fica muito mais natural” (ND6)</p>
1.2.1.6 Inserção e sucesso dos alunos no mercado de trabalho	<p>“ele vivencia hoje no trabalho, conseguiu se desenvolver, subir de cargo, inclusive, no trabalho por causa da experiência que tem aqui” (ND3)</p> <p>“que é uma questão que também é abordada aqui na instituição com certeza ele vai ter sucesso sabe, na profissão dele porque ele vai ter uma visão mais abrangente, ele vai enxergar de uma forma bem ampla a sociedade, o próprio trabalho dele, inclusive ele pode ser crítico com o próprio trabalho, que isso é essencial nessa instituição” (ND6)</p>
1.2.1.7 O Método de avaliação	<p>“Pelo fato de a instituição não fazer avaliação somente em cima de provas, isso já é um grande diferencial e positivo. A gente percebe que isso é muito positivo” (ND1)</p>
1.2.1.8 Infraestrutura, estrutura	<p>“Então, o Senac é uma referência como um todo, não só como metodologia inclusiva, no processo Educacional, mas, também, na questão estrutural” (ND3)</p> <p>“Nessa questão de infraestrutura, o Senac atende muito bem e se não tá ainda preparado a gente vai atrás outras unidades tem outras expertises e nos ajudam” (ND4)</p>

1.2.1.9 Metodologia	<p>“o trabalho por projeto, primeiramente, a gente vê os alunos desenvolverem e é muito claro” (ND3)</p> <p>e a nossa metodologia, que é o buscar uma aprendizagem significativa e onde o aluno vivencie “aulas cada vez menos expositivas” (ND4)</p> <p>“das características que eu vejo, eu vou falar da questão da metodologia que é diferente” (ND5)</p> <p>“Eu acho que as ferramentas ativas e, em especial, a Metodologia de Projetos ela dá uma possibilidade muito maior de participação do aluno, por consequência, também dá oportunidade para que ele desenvolva outras habilidades outros conhecimentos que não estão ligados estritamente à Formação Técnica que ele vem buscar” (ND6)</p>
1.2.1.10 Inclusão de alunos com diferentes deficiências em qualquer curso	<p>“porque hoje nós temos um número muito grande de alunos surdos/alunos que têm outros tipos de deficiências” (ND1)</p> <p>“Então, como uma escola Técnica de cursos profissionalizantes, pra pessoas com deficiência é um diferencial” (ND3)</p> <p>“uma situação recente, no curso de Gastronomia, auxiliar de cozinha, que nós recebemos quatro alunos da APAE/era no espaço externo uma instituição que é parceira nossa e aí, o professor com dezesseis pessoas na sala e quatro pessoas com deficiência intelectual não sei dizer se leve moderada” (ND4)</p> <p>“Então, acho que são vários os itens colocados nesse processo de inclusão pra que a gente possa, então, atender esse aluno. Isso, a gente verifica a cada curso, a cada processo de formação o quanto isso satisfaz e atende esses alunos” (ND6)</p>
1.2.1.11 O Desenvolvimento dos alunos em relação à metodologia de ensino e aprendizagem	<p>“a metodologia de Projetos tem esse diferencial fazer com que o aluno se desenvolva” (ND1)</p> <p>“pelo que eu vejo, o Senac dá autoridade pro aluno desenvolver durante o curso” (ND2)</p> <p>“e que as atividades práticas só traziam pra ela o desenvolvimento. Então, só tem a ajuda-los a desenvolver” (ND3)</p> <p>“Agora, com relação aos alunos com deficiência, pra eles é muito mais vantajoso porque sofreu muito por exclusão, então, eles não tem muito recurso, não tem muito conteúdo” (ND3)</p>
1.2.1.12 Desenvolvimento de Projetos, pesquisa pelos alunos	<p>“Então, profissionalmente ele consegue isso através das pesquisas, através do Projeto, através do desafio.” (ND1)</p> <p>“num projeto de administração, que eles vão fazer toda a investigação da empresa toda a abertura, missão, visão, tudo que a empresa faz, marketing, RH, pra eles é muito novo, eles não fazem ideia que tudo isso existe” (ND3)</p> <p>“Então, ela abre para esta questão da pesquisa, ela abre para incentivar o aluno no seu poder de criação, ela abre para um diálogo muito mais intenso entre professor e aluno”(ND6)</p>
1.2.1.13 Uso de diferentes estratégias de ensino e aprendizagem pelo docente	<p>“o professor, ele é muito bacana, ele faz dinâmicas, ele aplica trabalhos” (ND1)</p> <p>“eles vão a campo, eles pesquisam/quando o professor começa a aplicar a aula onde ele tem vivências, onde ele tem práticas, onde ele consegue ter contatos ele se desenvolve muito mais do que a gente espera.” (ND3)</p>

1.3 Preparo da instituição para atender alunos com NEE

Categoria	1.3.1 Características que demonstram que esta escola está preparada para atender alunos com NEE em turmas heterogêneas
1.3.1.1 Matrícula/acolhimento	“hoje já é possível notar que tem um atendimento qualificado para a pessoa com deficiência, com qualquer tipo de deficiência”.(ND2)

dos alunos com qualquer tipo de deficiência	<p>“Nós estamos com uma aluna com deficiência auditiva que tá se sobressaindo da turma toda pelo desenvolvimento dela/isso, porque, desde quando ela chegou aqui no Senac ela percebeu que realmente ela teve acolhimento” (ND3)</p> <p>“a questão do surdo, a pessoa faz a matrícula e imediatamente somos avisados, já organizamos um interprete e com aquele grupo” (ND7)</p>
1.3.1.2 Presença de valores inclusivos na metodologia de ensino, nas atitudes e comportamentos dos funcionários da instituição	<p>“é muito gostoso trabalhar com eles e trabalhar com esses jovens, porque é um desafio. E a gente percebe que quando a gente dá amor a gente recebe amor deles também” (ND1)</p> <p>“tratamento das pessoas, tratamento do aluno, com respeito” (ND2)</p> <p>“é que independente se a pessoa tem uma deficiência, ou não, todos temos que respeitar o outro/os funcionários que trabalham aqui se preocupam com o outro, e toda essa preocupação que a gente tem com o outro, a empatia, todo esse envolvimento que a gente tem a gente passa para os nossos alunos também” (ND3)</p> <p>“nesse aspecto o Senac faz aquilo que for necessário, aí dentro do que é ético, moral, legal, pra que o aluno dentro de sala de aula tenha o melhor espaço possível.” (ND4)</p> <p>“entendendo a proposta da instituição de promover diálogo, promover discussões, em prol do respeito, da cidadania mesmo, né?”(ND5)</p> <p>“Nos últimos anos a gente ter aberto essa possibilidade de trabalhar os outros dois saberes que são Pilares da Educação que é a questão do ser e do conviver e as Metodologias Ativas e a Metodologia de Projetos ela dá essa possibilidade pra instituição e para os educadores trabalharem esses dois saberes” (ND6)</p> <p>“entender, eu preciso desenvolver em mim a à comunicação não violenta, resignação, a resiliência, a empatia para que eu possa respeitar, então, eu acho que esse Programa de Cultura de Paz é outra ação” (ND7)</p>
1.3.1.3 Acessibilidade/adaptações arquitetônicas	<p>“então, a gente percebe que isso está em constante mudança, tem tido adaptações na Unidade, umas que foram obrigatórias, a gente não tinha até então. Isso já faz alguns anos, outras a gente percebe no dia-a-dia que são adequadas” (ND1)</p> <p>“grande acervo que tem nos materiais que dá autonomia para o aluno”(ND2)</p> <p>“esta entrevista que a gente faz antes do aluno chegar na sala, nos abre um leque de opção de adaptação/todo processo feito do Senac pra atender alunos, a metodologia, material a ser utilizado, estrutura arquitetônica já é pensado no processo de inclusão” (ND3)</p> <p>“isso é legislação né? O direito é garantido pra que as pessoas tenham acessibilidade de toda forma” (ND4)</p> <p>“é uma instituição extremamente preocupada com a questão da acessibilidade, disponibiliza elevador, sinalização específica, do espaço, proporcionando espaço de convivência que permita tanto a pessoa com deficiência visual, como a física” (ND7)</p>
1.3.1.4 Disponibilização de materiais de apoio, pedagógicos e tecnológicos acessíveis	<p>“tem os livros todos preparados em Braille, áudio livro, todos os computadores, da biblioteca veem com programas de áudio pra pessoa poder escutar, as vezes não enxerga” (ND2)</p> <p>“o deficiente visual que vai, por exemplo, fazer um curso de tecnologia, ele vai ter os softwares necessários. (ND4)</p> <p>“então nós temos aqui na biblioteca livro em Braille, livro convencional, pra empréstimo, tem os softwares, dos vox, que são softwares que permitem a leitura, que ele vem aqui e acessa o computador que falando transforma em letra, que amplia” (ND7)</p>
1.3.1.5 Resultados positivos de Inclusão e Sucesso dos alunos no mercado de trabalho	<p>“é através dos projetos e das atividades práticas/dão segurança pra eles no mercado de trabalho, e aí eles conseguem deslanchar muito fácil/a gente consegue depoimento de vários alunos que retornam pra gente, justamente, agradecendo pelo processo que passou”(ND3)</p> <p>“como foi o meu caso, mais recentemente de ser abordado” por esse aluno que está lá no mercado, “recebendo o seu salário” e que você percebe uma gratidão e que tanto a família quanto eles reconhecem que o Senac foi a instituição que abriu portas, muda tudo para ele” (ND6)</p>

	<p>“mas, a gente vê que muitos deles acabam trabalhando junto na própria empresa da família, ficam mais felizes, e fazem mais felizes quem está no seu entorno” (ND7)</p>
1.3.1.6 Autonomia dos alunos nos espaços e serviços da instituição	<p>“e eles utilizam com muita autonomia o espaço, inclusive eles Transitam aqui pela biblioteca, eles utilizam os computadores, eles emprestam livros, eles emprestam filmes” (ND5)</p>
1.3.1.7 Metodologia inclusiva, suporte para os alunos com maiores dificuldades	<p>“as vezes a pessoa tem algum tipo de deficiência não sabe ligar um computador, não tem noção de como que ele é, a gente vai lá e explica mostra como que faz, ensina” (ND2)</p> <p>“então, eu vejo que a metodologia de projeto, pra qualquer pessoa, independente de ser deficiente ou não, é válida” (ND3)</p> <p>“então nós tínhamos dupla docência o professor que fazia a aula propriamente dita, um chefe de cozinha e um outro professor” com uma expertise de trabalho com pessoas com deficiência pra auxiliar e acompanhar esses alunos” (ND4)</p>
1.3.1.8 Participação da família no processo de aprendizagem dos alunos	<p>“a gente consegue ter esse contato com os pais também” (ND1)</p> <p>“A família chega aqui, a gente recebe de braços abertos e explica tudo o que a gente vai fazer . Quando acaba, a família retorna esse abraço pra gente e explica tudo o que aconteceu na vida dela”(ND3)</p> <p>“a preocupação de nunca ter esses jovens sem a aproximação da família/a gente entende que a família precisa estar sensibilizada, para esta autonomia, pra não ficar buscando só o assistencialismo” (ND4)</p> <p>“que é reunião com pais/Nós temos casos aqui de jovens com problemas de drogas e que a gente está conseguindo ajudar quando envolvemos a família” (ND7)</p>
1.3.1.9 Realização de treinamentos específicos com foco na inclusão para profissionais não docentes	<p>“então, o que foi feito, exclusivamente pro setor foi um treinamento um curso básico de Libras” (ND1)</p> <p>“sempre preocupado em informar os próprios funcionários que vão auxiliar no desenvolvimento desses alunos. E não só os docentes né, tem também os funcionários não docentes” (ND5)</p> <p>“nós desenvolvemos esse workshop, Incluídos na inclusão; aqui em Rio Preto nós realizamos Semana do movimento inclusivo; um tipo de um guia uma cartilha onde orienta o docente” (ND7)</p>
1.3.1.10 Trabalho em equipa, troca de experiências/informações entre os setores	<p>“É um desafio, mas a gente consegue trabalhar com a equipe da coordenação, equipe técnica” (ND1)</p> <p>Aos pouquinhos , numa conversa, num debate, numa troca de informações, ele vai se preparando” (ND4)</p>
1.3.1.11 Presença de interpretes de Língua de sinais na sala de aula	<p>“tem todo esse diferencial que são os interpretes” (ND1)</p> <p>“mesmo sendo metodologia ativa ou não a gente precisa garantir a tradução pra libras nos nossos cursos” (ND4)</p> <p>“E se a gente olhar, aí, pro deficiente auditivo, a gente também vai nessa linha colocando um Tradutor em cada sala em que tiver um aluno com essa necessidade pra tá atendendo o processo de comunicação com o aluno”(ND6)</p> <p>“A pessoa, por exemplo, que é surda gente vai lá e põe um interprete, para ela” (ND7)</p>
1.3.1.12 Desenvolvimento de turmas heterogêneas	<p>“os próprios alunos, no qual a gente vem fazendo esse trabalho da importância de saber sobre as deficiências, o que cada uma é, da importância, na mesma sala, do aluno com deficiência e o aluno sem deficiência, essa integração” (ND3)</p> <p>“e todos se envolvem num único ambiente” (ND3)</p> <p>“quando nós temos uma turma mista a gente sabe que o ritmo da turma muda, as vezes pra melhor as vezes não.” (ND4)</p>
1.3.1.14 Atendimento de acordo com a necessidade do aluno	<p>“de repente, um jovem que tem uma visão um pouco mais baixa, precisa de um software para ajudar, precisa de algum contato, uma pessoa que vá com ele, um layout diferenciado” (ND1)</p> <p>“tem áudio também, às vezes a pessoa tem uma dificuldade de leitura, tem ferramentas que aumenta, que amplia as letras” (ND2)</p>

	<p>“quando tem um aluno com deficiência visual, a gente manda o material antes pra ele, faz o impresso em Braile, faz todo processo que for necessário pra ele, quando a gente tem um aluno com deficiência intelectual, a gente faz um acompanhamento detalhado, mudando as explicações de acordo com o que seja melhor pra ele, as mobilidades reduzidas, a gente adapta de forma que seja melhor pro aluno” (ND3)</p> <p>“e a apresentação da biblioteca é a mesma com algumas adaptações pra que eles consigam compreender/já entra em contato com as professoras do curso, que falam ah, você fazer a apresentação e utilizar imagens, figuras pra que eles consigam memorizar” (ND5)</p> <p>“então todo material didático e um livro que a gente entrega é passado pra Braile, Manual do aluno que ele recebe, tudo o que é impresso o aluno que é cego, ele vai receber esse material de apoio em Braile” (ND7)</p>
1.3.1.14 Realização de treinamentos sobre deficiências, educação inclusiva para todos os funcionários	<p>“nós temos aqui, a semana da inclusão/teve workshop, palestras, fizeram vários tipos de eventos” (ND1)</p> <p>“e, se tem dificuldades eles dão curso pra como atender, como lidar com a pessoa deficiente” (ND2)</p> <p>“através de roda de conversa com os funcionários foi constatado que precisava se realizar mais ações pra sensibilizar as pessoas sobre o fato de termos alunos e funcionários com deficiência na unidade/a agente pode fazer oficina, pode fazer vídeo, palestra” (ND3)</p> <p>“Temos o movimento inclusivo na unidade, na cidade, nós temos iniciativas corporativas com workshop de inclusão, e todo um apoio institucional pra que aqueles professores que manifestarem qualquer dificuldades” (ND4)</p> <p>“então, eu me aproximo através de reuniões, formações, os PDEs sobre esse universo da metodologia” (ND5)</p> <p>“Temos a Educação corporativa que me permite ter acesso às informações, fazer cursos, participar de congressos e que vai me desenvolvendo melhor como ser humano” (ND7)</p>
1.3.1.15 Calendarização de eventos, treinamentos com enfoque inclusivo	<p>“coincidentalmente, passou agora há duas semanas/ na reunião que acontece todo final do mês com o maior número de funcionários possível” (ND1)</p> <p>“no próximo final de semana vai ter a Casa Aberta e, dentro da biblioteca vai ter o espaço acessibilidade que vai mostrar como que lida como que é” (ND2)</p> <p>“Fora isso, nós fazemos anualmente uma atividade que se chama Movimento inclusivo” (ND3)</p>
1.3.1.16 Convivência dos alunos com e sem NEE	<p>“aí eles chegam aqui no curso profissionalizante com um monte de gente diferente/ eles descobrem isso tudo junto com outros alunos, é muito rico” (ND3)</p> <p>“então assim, essa preocupação da inclusão efetiva, porque nós também precisamos incluir os ouvintes no mundo dos surdos” (ND7)</p>
1.3.1.17 Dupla docência nas aulas	<p>“foi o que a gente falou, né, a gente vai colocar outro professor” (ND4)</p>
1.3.1.18 Parceria com instituições específicas	<p>“tivemos contato recentemente como o Instituto dos Cegos”(ND3)</p> <p>“as parcerias que nós temos com as instituições aqui não só que encaminham os alunos potenciais mas, que, quando nós temos dúvida nos dá suporte”(ND7)</p>

2. Metodologia de Projeto

Categoria	2.1 Momentos as características da Metodologia de Projetos alinham-se com a Proposta de ensino e aprendizagem da instituição
2.1.1 Inovação na metodologia de ensino na Proposta Pedagógica	<p>“todas nós do Atendimento temos contato com a proposta da instituição” (ND1)</p> <p>“o Senac tem uma Proposta Pedagógica que demorou pra nascer, vamos dizer assim, mas, um documento escrito de uma forma muito inovadora e que, quando foi criada era exatamente, esse o grande objetivo, tirar o Senac de uma Educação mais tradicional” (ND6)</p> <p>“Nos temos uma Proposta Pedagógica do Senac SP em que declara que o Senac se posiciona à metodologia de Projetos como principal estratégia, no contexto tanto</p>

	na relação de sala/educacional/escolar propriamente dita como não docentes” (ND7)
2.1.2 Método de avaliação	“o foco da avaliação não é somente a prova e sim a pesquisa” (ND1)
2.1.3 Formato da sala de aula	“a gente tem um formato diferente da sala de aula” (ND1)
2.1.4 Formação completa do aluno, desenvolvimento de competências	“a proposta da instituição é o desenvolvimento dos jovens de maneira completa, tanto pessoal quanto profissional” (ND1) “Sim, Não é só o profissional, desenvolve a pessoa como um todo aqui. Então o pessoal dela se torna diferente também” (ND3) “então, quando você fala de competência, você fala de atitude, você fala de habilidades, você fala de conhecimento” (ND4) “dessa formação cidadã que é a inserção ativa desse sujeito na sociedade pra que ele seja crítico pra que ele se desenvolva em todos os sentidos” (ND5)
2.1.5 Valorização do erro do aluno	“o espaço de sala de aula é um lugar de erro, então qualquer pessoa pode errar/“Ele precisa cometer os erros dele ele precisa fazer os acertos” (ND4)
2.1.6 Trabalho em parceria entre as equipes da instituição	“porque a gente consegue trabalhar com parceria com a equipe, da coordenação, a equipe técnica, e o setor de inclusão” (ND1)
2.1.7 Projetos desenvolvidos pelos alunos	“já tem todo um diferencial dos projetos que são apresentados, a gente consegue visualizar isso” (ND1) “Então, quando eles desenvolvem um projeto, por exemplo, pra eles é uma experiência de mercado de trabalho”(ND3) “E, é muito comum também, que, as vezes, o Projeto ele tem características diferente”(ND6)
2.1.8 Desenvolvimento de pesquisas pelo aluno	“Pesquisa sobre o assunto ou sobre determinado assunto e que ele tome gosto por isso” ND1)
2.1.9 Desenvolvimento de competências, habilidades práticas, técnicas pelo aluno	“quando trabalha com as metodologias ativas ele vai conhecer, ele vai perceber a habilidade dele, ele vai praticar ou ele ainda vai desenvolver aquilo que ele precisa dentro daquilo que ele tem de melhor dentro dos pontos fortes que cada aluno tem”. (ND4)
2.1.10 Desenvolvimento, valorização da autonomia do aluno	“é quando o aluno já chega sabendo o que quer, já sabe o nome do livro que quer pegar a gente não vai e pega a gente explica aonde tá pro aluno ter autonomia de procurar”(ND2) “Tínhamos alunos que ficavam só em casa, era de casa aqui, a mãe tinha que trazer esperar e voltar embora pra casa. Hoje não, ele vai e volta sozinho” (ND3) pra deixar com que esse jovem tenha uma autonomia, de fato, pra que ele não dependa só de instituições no futuro e a educação profissional pode trazer uma oportunidade nesse aspecto.”)ND4) “dessa questão da autonomia dos alunos, dos alunos se desenvolverem de forma autônoma” (ND5)
2.1.11 Flexibilidade da metodologia de ensino e aprendizagem	“Tanto na hora do aluno entrar para o curso como quando ele sai daqui também a gente percebe que tem uma satisfação grande por ele ser avaliado não só pela prova. (ND1) é mais flexível, tem materiais bom, bem elaborado” (ND2) “porque a metodologia de projetos ela não fica presa na sala de aulas, né?, ela expande, ela é expansiva, ela vai pra rotina, ela aproxima o aluno da rotina dele, ela leva o aluno pra fora, ela ultrapassa as quatro paredes, digamos assim” (ND5) “permitir realmente o protagonismo do aluno” (ND7)
2.1.12 Participação ativa dos alunos com NEE nas aulas	“essa pessoa com deficiência, ela tá vindo, mas também ela tá atendida em tudo, tá participando socialmente de muita coisa e ela pode compartilhar, então, eles falam muita coisa” (ND3) “Vai colocar outro professor pra ajudar mas, se todo mundo tem que fazer alguma coisa, eles também vão ter oportunidade.” (ND4) “e onde o aluno vai usar aquilo articular com o que ele já trás e produzir uma nova informação que é o conhecimento, que é a aprendizagem” (ND7)

2.1.13 Uso de estratégias inclusivas: interprete de língua de sinais, audiodescrição	“Não, ele é surdo , como é que ele vai fazer, como que ele vai assistir aula? ah tem o interprete.(ND4)
--	---

3. Percepções pessoais dos participantes em relação ao trabalho no Setor em que atua, na instituição:

Categoria	3.1 Percepções pessoais sobre o trabalho no setor/instituição
3.1.1 Satisfação do funcionário com o trabalho	<p>“No setor de atendimento é bem tranquilo mesmo” (ND1)</p> <p>“Trabalhar numa escola de Educação Profissional inclusiva é gratificante. Mudou a minha vida pessoal, profissional, meus interesses. (ND3)</p> <p>“acredito que eu tenha que melhorar muito o meu olhar, mas eu sinto essa necessidade, não sei se contagiar é a palavra certa, mas tentar fazer com que as pessoas percebam que é importante ter esse olhar no trabalho em geral, independente do setor que está atuando, em sala de aula ou não, ter esse olhar de perceber o outro” (ND5)</p> <p>“agradecer a Universidade Portuguesa sobre esse contato com o Brasil que a gente espera ser cada vez, mais intenso/falar sobre Metodologia de Projeto, para os nossos irmãos portugueses é também uma forma de agradecer essa contribuição que Portugal nos deu aí, com a família Pacheco, no Brasil, plantando sementinhas. O que acontece no Senac, tem uma inspiração muito forte no trabalho do Professor Pacheco”. (ND6)</p>
3.1.2 Percepção de dificuldades dos funcionários, com relação à inclusão	<p>“a gente percebe que existem vários tipos de pessoas, umas com mais outras com menos dificuldades em lidar com isso” (ND1)</p> <p>“ah, sim, a única coisa que eu tenho dificuldade é atender pessoa que é surda ou é muda, porque, as vezes, eu não consigo entender o que a pessoa está perguntando, então eu pergunto pra outra pessoa, tranquilo” (ND2)</p> <p>“Mas o professor tem que se preparar, esse preparo, pra alguns é mais fácil, nós já tivemos num passado recente professor que falava, ah, mas, no meu curso não dá, porque ele não compreendia como ele ia fazer com que aquele jovem entendesse e desenvolvesse aquilo que na cabeça dele já era extremamente complexo.” (ND4)</p>
3.1.3 Percepção de dificuldades na instituição	<p>“porque as vezes tem situações que a gente não consegue muitas vezes agir rápido o suficiente, qui não temos ainda, é, o papel de psiquiatra, neurologista, de ir a fundo dentro daquilo que o aluno tem como deficiência” (ND4)</p> <p>“dá para melhorar essa formação, pra que todos os coordenadores tenham no mínimo um olhar para que o desenvolvimento desse aprendiz com deficiência intelectual aconteça, de fato, na vivencia do trabalho. Eu acho que ainda é uma questão que a gente precisa caminhar, não diria que tá ótimo, que é um programa que tá funcionando de fato, que esses aprendizes se desenvolveram, saíram daqui desenvolvidos” (ND5)</p>

Análise qualitativa dos dados dos alunos com e Sem NEE

4. Caracterização da instituição

Categoria	1.1 Motivo da escolha da instituição/processo de entrada
1.1.1 Avaliação positiva da instituição/cursos	<p>Ah, é uma escola e um curso bom, um Senac bom. Tem vários cursos/É que aqui tem vários cursos” (A-NEE1)</p> <p>Uns cursos bacanas, legal isso aí. Achei que era bom, achei muito bom, não é bom ficar em casa” (A-NEE2)</p> <p>“fazer um curso técnico/por ser um curso técnico/eu vim aqui saber como que era a escola, como que eram os cursos, conhecer, tinha já vontade de vir aqui” (A-NEE3)</p> <p>“ele é bem falado aqui na nossa região, muito conhecido. Esta instituição tem vários diferenciais/ela é reconhecida nacionalmente. (A-NEE4)</p> <p>“Jovem Aprendiz, o jovem aprendiz passa em todos os setores para ter o conhecimento do que faz, para ele aprender”(A-NEE7)</p>

	<p>“o curso técnico, que eu já trabalho na área, pra ter mais um curso, não só pra ter mais um curso, um técnico da Massoterapia” (A-SemNEE2)</p> <p>“já ouvia falar por outras pessoas, de elogiar e pela fama, e saber que o Senac tem excelência” (A-SemNEE3)</p> <p>“fiz pesquisas na cidade mas aqui tinha confiança total era aqui que eu faria qualquer curso” (A-SemNEE3)</p> <p>ah, porque todo mundo fala que o Senac é muito rico em ensino/O Senac, ele põe o povo meio que além, então, eu acho que o Senac ele é um diferencial” (A-SemNEE6)</p>
1.1.2 Educação inclusiva/acessibilidade	Minha visão é bem ruim mesmo, é baixa visão. (A-NEE4)
1.1.3 Metodologia de ensino e aprendizagem	<p>O método de trabalho com os alunos faz a diferença mesmo. Acho que tá no caminho certo. Aqui, o Senac tem na biblioteca vários monitores. (A-NEE4)</p> <p>“o método de aprendizagem, sempre escutei falar muito bem” (A-SemNEE2)</p> <p>“o Senac, por conta da metodologia deles que é uma coisa que me interessa muito essa coisa da metodologia mais participativa sem aquela coisa engessada do modelo tradicional de escola” (A-SemNEE4)</p> <p>“Eu gosto muito daqui porque ensina a gente a pensar. Acho muito interessante isso” (A-SemNEE4)</p> <p>“o ensino/eu queria mesmo aprender, me beneficiar, ser eu/Ah, eu queria aprender, eu vou aprender um monte de coisa”(A-SemNEE6)</p>
1.1.4 Recursos oferecidos/Abertura da instituição, participação do aluno	<p>Aqui, o Senac tem na biblioteca vários monitores. (A-NEE4)</p> <p>“pela abertura que ele dá pra todos, os docentes, funcionários, alunos, pra dá ideias, pra pensar.” (A-SemNEE4)</p>
1.1.5 Interesse pessoal por curso específico	<p>“fazer um curso técnico/por ser um curso técnico/eu vim aqui saber como que era a escola, como que eram os cursos, conhecer, tinha já vontade de vir aqui” (A-NEE3)</p> <p>“o interesse. Eu não sabia que ia ser jovem aprendiz, mas me colocaram no Programa e eu gostei” (A-NEE6)</p> <p>“eu procurei o Senac pra me candidatar à bolsa/prá concorrer à bolsa/consegui bolsa de estudos num curso que eu já tinha um certo interesse” (A-SemNEE3)</p> <p>“o curso Aprendizagem” (A-SemNEE6)</p>
1.1.6 Indicação/apoio de intervenientes	<p>“foi uma indicação de uma conhecida que fazia um curso aqui. Ela lembrou de mim, me falou aí eu vim”(A-NEE5)</p> <p>“Foi indicação de uma pessoa que eu conhecia”(A-NEE7)</p> <p>“meu marido sempre pediu pra mim vir fazer/“e ele pediu pra contemplar isso” (A-SemNEE2)</p> <p>“o meu coordenador tinha uma pós em Gestão Ambiental, eu conversei muito com ele antes de entrar pra cá” (A-SemNEE4)</p> <p>“meu padrasto ele tinha comentado daqui” (A-SemNEE5)</p> <p>“e aí, quando falaram que eu ia fazer curso aqui” (A-SemNEE6)</p>
1.1.7 Possibilidade de contratação para o mercado de trabalho	<p>“que a Técnica falou necessidade de contratar uma pessoa com deficiência”(A-NEE5)</p> <p>“no final do curso poder ser contratado/prá ser contratado” (A-NEE7)</p>
1.1.8 Conciliação de estudo e prática	“estudo e prática” (A-NEE7)
1.1.9 Convenio empresa/escola	<p>“A empresa já tem um convenio, já manda todos os aprendizes pra cá” (A-SemNEE1)</p> <p>“aí eu fui e entreguei um currículo onde eu trabalhava antes e fiquei sabendo que eu ia fazer curso aqui” (A-SemNEE5)</p>
1.1.10 Confiança na instituição.	<p>“eu só confiava pra fazer um curso se fosse pra fazer um curso técnico aqui. Não confiava em mais nenhum” (A-SemNEE3)</p> <p>porque eu acredito, realmente que o Senac tem um curso muito bom tem um ensino muito bom eu vejo que tem um grande potencial o Senac” (A-SemNEE6)</p>

1.1.11 Conhecimento antecipado da instituição	“por eu já conhecer a escola eu havia feito um curso aqui/por eu já ter participado do dia-a-dia aqui/nessas aulas de computação, já gostava do ambiente” (A-SemNEE3)
Categoria	1.2 Percepção do Atendimento
1.2.1 Avaliação positiva: bom, ótimo, excelente, acolhedor	<p>“A, que eles dão apoio/as funcionárias atende a gente bem” (A-NEE1)</p> <p>“ah, foi ótimo/atenciosos/tratou com educação/foi muito bom”(A-NEE2)</p> <p>“Pra mim, foi ótimo, teve comunicação/eu quero um futuro pra mim, hoje eu consigo pensar nisso depois que eu vim aqui no Senac. Eu acho que o curso aqui, as pessoas aqui, muito perfeito, isso é muito estimulador, os alunos se sentem estimulados. Eles iniciam aqui, as vezes, sem ideias, sem nada e aí, tudo muda” (A-NEE3)</p> <p>“o acolhimento do pessoal, aqui fui muito bem acolhido, coisa que não aconteceu comigo na faculdade/Eles são bem acolhedor mesmo” (A-NEE4).</p> <p>“me senti acolhida.” (A-NEE5)</p> <p>“foi excelente, muito bom, eles foram muito atenciosos, deram atenção” (A-NEE6)</p> <p>“foi muito bom, foi acolhedor” (A-NEE7)</p> <p>“ah, ótimo, me senti muito bem, são umas graças” (A-NEE8)</p> <p>“foi muito bom, não tenho que questionar nada, que reclamar nada/achei tudo bem, bem aconchegante, acolhedor” (A-SemNEE2)</p> <p>“ótimo” (A-SemNEE3)</p> <p>“nunca tive problema com atendimento/quanto ao atendimento, eu nunca tive problema” (A-SemNEE4)</p> <p>“Ótimo” (A-SemNEE5)</p> <p>O atendimento é sempre bom, foi muito bom em relação a quando eu cheguei, durante o ano quando eu fazia os cursos, nunca teve problema nada/o atendimento foi muito bom” (A-SemNEE6)</p>
1.2.2 Ajuda/preocupação com os alunos	<p>“é que eles, quando, por exemplo, um aluno pede, ajuda” (A-NEE1)</p> <p>“Eu tive dúvidas, não consegui entender como que eu exatamente faria, as meninas me ajudaram. (A-SemNEE3)</p> <p>sempre todo mundo preocupado com a gente, preocupado com o que a gente precisava.” (A-SemNEE4)</p>
1.2.3 Satisfação	<p>“Então, quando eu cheguei aqui no Senac eu fiquei pensando, nossa não vai ter comunicação, é, eu acho que eu não vou conseguir falar, explicar o que eu quero. É difícil quando eu vou pra um lugar que não tem. Cheguei aqui e teve saí animada, com tudo esclarecido” (A-NEE3)</p> <p>Aqui eu me sinto bem. Acolheu” (A-NEE4)</p> <p>“ah, eu me senti bem” (A-SemNEE1).</p> <p>“gostei de tudo do atendimento, gostei de tudo” (A-SemNEE2)</p> <p>“vim até aqui e fui muito bem atendida/“Vim até aqui, fui muito bem atendida, fui bem atendida rapidamente” (A-SemNEE3)</p> <p>“é até engraçado falar, a gente acha até estranho quando a gente é muito bem atendido, muito bem tratado num lugar assim. A gente fala, não, realmente eu tô aqui”(A-SemNEE4)</p> <p>“Me senti à vontade, aqui” (A-SemNEE5)</p> <p>“eu fiquei feliz, não tenho o que reclamar” (A-SemNEE6)</p> <p>“estou muito contente de estar aqui, contente pelo Senac de o Senac estar sendo o que eu sempre achei e da tá colaborando com a sua pesquisa, pro teu trabalho. (A-SemNEE3)</p>
1.2.4 Profissionais preparados, capacitados, acessibilidade/interprete de língua gestual	<p>“o interprete faz um trabalho aqui que ele fala tudo o que todo mundo fala, independente do que foi que a pessoa falou. (A-NEE3)</p> <p>“Todo mundo me recebeu super bem, profissionais totalmente capacitados” (A-NEE5)</p> <p>“vai com a perna esquerda, você fez errado, fica direito. Então quando está errado ele corrige. Eu não tenho o que reclamar. Tá no caminho certo” (A-NEE4)</p> <p>“Elas são atenciosas, conseguiram explicar bem, em tudo” (A-SemNEE1).</p>

1.2.5 Agendamento pela internet	“eu entrei, na internet, agendei, porque tinha que entrar com uma certa antecedência, em determinado horário”(A-S/NEE3)
Categoria	1.3 Diferencial da instituição no preparo/acessibilidade para atender pessoas com NEE
1.3.1 Preparo na acessibilidade arquitetônica, equipamentos, adaptações	<p>“Sim” (A-NEE1)</p> <p>“tranquilamente, pra outras deficiências, o elevador também. Não é todos que tem, a maioria das que eu fui só tinha escada. (A-NEE2)</p> <p>“sim” (A-NEE3)</p> <p>“preparada tá/prá quem é baixa visão, o piso tátil/a cadeira da sala, a mesinha que eu apoio o notebook, mesinha da cadeira” (A-NEE4)</p> <p>“o corrimão tem o alto relevo/no corrimão tem o auto-relevo, o elevador, as salas, têm tudo as plaquinhas em braile ou em alto relevo. Eu posso deduzir que é a sala 22 ou o bloco A (A-NEE4)</p> <p>o piso tátil aqui, ele é auto contraste, né, o piso é claro, branco, e o piso tátil ele é escuro, pra quem tem baixa visão tem que ser em todo lugar assim” (A-NEE4)</p> <p>“sim, tem muitas adaptações no ambiente do Senac pra deficiência física, tem um balcão menor, pra uma pessoa cadeirante eles tem a adaptação” (A-NEE5)</p> <p>“eu acho que tá. Tá porque tem estrutura pra isso, na minha opinião” (A-NEE6)</p> <p>“sim, 2016, comezinho de 2015 já está preparado/eles me deram uma lupa, é um telescópio” (A-NEE7)</p> <p>“Tava, tava sim” (A-NEE8)</p> <p>Sim, eles estão mais preparados” (A-SemNEE1)</p> <p>“Tá, tá sim” (A-SemNEE2)</p> <p>“eu acredito que sim/no dia-a-dia, eu vejo como ele foi bem atendido, bem recepcionado, bem adaptado pra ele/ até aqui, eu tenho visto um bom atendimento, ele está satisfeito e tudo tem o tato pela escola, como na escada, nos banheiros, as faixas pelo chão, o ambiente” (A-SemNEE3)</p> <p>“Sim, pra mim é um outro diferencial” (A-SemNEE4)</p> <p>“está” (A-SemNEE5)</p> <p>“o Senac? Sim/o Senac disponibiliza para os alunos, porque, logo no começo aqui, a calçada tem uma parte pra cadeirante, tem o elevador” (A-SemNEE6)</p>
1.3.2 Necessidade de melhorar	<p>“eu acho que tem alguns pontos que poderia melhorar” (A-NEE4)</p> <p>“apesar de algumas deficiências” (A-NEE5)</p> <p>“no início, como eu percebia não estava preparado pra receber qualquer um, exemplo, baixa visão, não estaria preparado” (A-NEE7)</p> <p>“faltava, às vezes, interesse das pessoas, tem curso a pessoa não vai atrás. Falta interesse das pessoas” (A-NEE7)</p> <p>“no meu caso, a tecnologia não chegou, não atendia” (A-NEE7)</p> <p>“acho que tá bom podendo até melhorar” (A-SemNEE3)</p>
1.3.3 Disponibilização de material, tecnologia acessível	<p>“o notebook tem aqueles comandos de voz com acessibilidade/O material também das aulas, eles sempre me passam em pdf, em Word, PowerPoint que são três arquivos que a acessibilidade do Windows reconhece com mouse/eu consigo ler um livro ouvindo o Windows ler” (A-NEE4)</p> <p>“sempre tá perguntando, sempre tá disponível, todos eles aqui, os professores sempre disponibilizam a matéria, perguntam pra ele, dão uma atenção necessária pra ele” (A-SemNEE2)</p>
1.3.4 Atendimento de acordo com a necessidade do aluno	<p>“Eu cheguei e a menina falou, só um instantinho que eu vou chamar o interprete pra você, e aí teve comunicação desde o princípio” (A-NEE3)</p> <p>“coordenadora do curso pediu pra mandar e mandaram uma mesinha e aí facilitou muito a minha vida” (A-NEE4)</p> <p>“eu solicitei pra que viesse uma mesa preta, eles foram e providenciaram uma mesinha preta” (A-NEE4)</p> <p>“foi providenciado a tele lupa pra mim/eles vão dar outra lupa/final do ano eles me deram outra lupa pra uso em escola, pra escrever na escola na faculdade” (A-NEE7)</p>

	<p>“a atenção que todos eles dão a todo momento. Se está passando uma matéria, a preocupação de ter slide preparado pra ele poder entender a matéria” (A-SemNEE2)</p> <p>“a parte estrutural, eu vejo muito positivamente, tudo para que ele possa se deslocar com facilidade/Facilitadores, para esse meu amigo especial que eu tenho convívio” (A-SemNEE3)</p>
1.3.5 Diferencial positivo no atendimento/metodologia de ensino, em relação a outra instituição	<p>“em algumas escolas, não tem interprete, não tem esse atendimento pra mim. (A-NEE3)</p> <p>“As outras não suportariam pessoas assim, com a deficiência física, por exemplo, no curso” (A-NEE2)</p> <p>“Em outras escolas não tem interprete, começa por aí/“sabendo que aqui oferece isso desde já do próprio atendimento até a sala de aula pro curso profissionalizante” (A-NEE3)</p> <p>“eu comecei a fazer um curso de Direito, acabou não dando certo por falta de apoio de acessibilidade e recebi um bullying de um docente, na sala/o diferencial do Senac, primeiro me acolheu, eles me perguntaram o que que eu precisava e me deu o que eu precisava/tudo o que o Senac tem eu raramente você vai encontrar em uma escola de ensino médio, de ensino fundamental ou até de curso superior. o Senac está anos luz na frente dessas próprias escolas” (A-NEE4)</p> <p>“metodologia de ensino, o ambiente, as salas de aula muito equipada/a diferença é que aqui não tem prova/o ensino é diferente das escolas municipais” (A-NEE6)</p> <p>“tem diferença/o Senac não fica só nos alunos pagantes, assim, ah, vamos fazer tal coisa porque os alunos pagam” (A-NEE7)</p> <p>“Eu fiz em outra instituição e eu como tinha deficiência era muito difícil eles encaminhar e aqui, o Senac me acolheu”(A-NEE5)</p> <p>“a maioria das escolas que eu estudei não queriam me ensinar mais. Chegou um ano que eles não queriam mais me ensinar, gritavam comigo/Aqui é tudo ao contrário das outras; as outras, eles não ensinam não tem paciência” (A-NEE8)</p> <p>“eu acho que eles são mais dinâmicos. A escola convencional só quer explicar o básico aquilo que já está planejado. Aqui, eles já fazem mais dinâmicas pra trazer o aluno.” (A-SemNEE1)</p> <p>“ele falou que ele veio pro Senac por causa disso, que ele estudou numa instituição, tava fazendo Direito, e saiu porque não teve nenhum auxílio. Colocaram ele lá e, tipo assim, se vira, excluíram/ele se sentiu privado e saiu” (A-SemNEE2)</p> <p>“a valorização do ser humano. É um termo que eu acho forte e que cabe na realidade da instituição/aqui você é muito valorizado, ao contrário de outros lugares/eu gosto muito disso, dessa valorização mesmo” (A-SemNEE4)</p> <p>“em tudo, até na aprendizagem/pensei que eu ia fazer o curso que eu ia ficar só copiando as coisas, mas aqui o ensino é diferente, é dinâmica foi totalmente diferente do que eu esperava” (A-SemNEE5)</p>
1.3 6 Percepção do preparo dos profissionais docentes e não docentes	<p>“assim, na questão da acessibilidade, aqui no Senac, os docentes, a representante da inclusão/um docente que tá estudando pra se profissionalizar pra poder ajudar esses deficientes” (A-NEE4)</p> <p>“os atendentes agem com naturalidade” (A-NEE5)</p> <p>“aqui eles conseguem entender as pessoas, aquela linguagem de sinais, de gesto” (A-NEE2)</p> <p>“conforme o tempo as coisas foram mudando, tem workshop, tem tudo hoje” (A-NEE7)</p> <p>“tem todo um treinamento, uma postura de todos os envolvidos, todos os funcionários”</p>
1.3 7 Inclusão de pessoas com diferentes	<p>“tem deficiente auditivo e visual” (A-NEE2)</p>

deficiências na instituição	<p>“a minha visão, a minha doença retinose pigmentar eu dificilmente vou enxergar”(A-NEE4)</p> <p>“o Senac tem dado essa abertura pra esse pessoal que geralmente é marginalizado pela sociedade, eu acho excepcional” (A-SemNEE4)</p> <p>“De todas as que eu já conhecia, nunca estudei com nenhuma pessoa que tivesse uma necessidade especial” (A-SemNEE3)</p> <p>“por eles mesmos porque eu via que eles se sentiam bem não se sentiam excluídos, nem nada. Era como uma casa, aqui para eles. Eles se sentiam a vontade, se enturmava.” (A-SemNEE6)</p> <p>aqui eles tão mais preparado pra esses tipos de aluno. Nas escolas, eu praticamente nem vejo quase aluno assim”(A-SemNEE5)</p>
1.3.8 Processos diferenciado de avaliação/formativo	<p>não ficar avaliando por nota, por isso que tem muitos projetos/dentro dos projetos entender se o aluno tá aprendendo ou não”(A-NEE4)</p> <p>“eu pensei que no final ia ter prova, foi diferente” (A-NEE5)</p> <p>Não tem prova, só tem projetos, as menções são diferentes, as notas, as faltas, é diferente da escola normal” (A-NEE6)</p>
1.3.9 Participação do aluno no seu processo de inclusão	<p>“Eu até já conversei com a responsável da inclusão/aqui, naquele dia, eu e a minha professora de mobilidade juntamente com a representante da inclusão, a gente trocou algumas ideias” (A-NEE4)</p> <p>“professores dando atenção pra ele e questionando no dia a dia se está bom pra ele, então, eu tive esta experiência, estou tendo” (A-SemNEE3)</p>
1.3.10 Sugestão dos alunos com NEE, para melhoria da instituição	<p>“lá fora no pátio, nas escadas, no elevador, o piso, no piso, eu sugeri/e a gente sugeri, que não só comigo, mas todos baixa visão o auto contraste é muito importante” (A-NEE4)</p>
1.3.11 Parceria com instituições específicas	<p>“eu vim com a professora de mobilidade do Instituto dos Cegos, um centro de reabilitação visual” (A-NEE4)</p>
1.3.12 Cuidado/Suporte para adaptação, autonomia do aluno	<p>“ela veio me dar esse suporte, essa confiança pra eu tá tendo essa vivencia aqui na redondeza da escola, dentro do Senac, saindo do Senac, até no ponto de ônibus, pra eu poder voltar pra minha cidade.” (A-NEE4)</p> <p>O Senac, eles buscam entender o problema da pessoa para resolver. Outras escolas não, meio que vão empurrando” (A-NEE5)</p> <p>“É que eu tinha uma tele lupa que já tava gasta, já tava usada, aí a coordenadora falou pra ir no oftalmologista/hoje, eles vão me dar uma outra lupa”(A-NEE7)</p> <p>“sempre tá perguntando, sempre tá disponível, todos eles aqui” (A-SemNEE2)</p>
1.3.13 Preparo do aluno, Desenvolvimento da comunidade	<p>“sim, sim,, informa muito bem o jovem e também é importante pra nossa vida lá fora” (A-NEE2)</p> <p>“preparo do aluno” (A-NEE6)</p> <p>“Aqui o Pet, eles desenvolve as pessoas” (A-NEE1)</p> <p>“me ajudaram pra me capacitar, essa é a diferença” (A-NEE5)</p> <p>“Desenvolve a comunidade em torno da instituição, em torno da cidade, que pode usar pode usufruir do ambiente escolar do Senac, abre espaço pra comunidade” (A-NEE7)</p> <p>É como eu te falei, se amanhã é o dia mundial do câncer, o Senac vai mostrar, preparar, dar até palestra e eu acho isso super bacana, porque não é toda instituição que faz isso” (A-SemNEE6)</p>
1.3.14 Disponibilização de diferentes cursos	<p>“acho que sim, o curso Pet Trampolim” (A-NEE1)</p> <p>pra chegar alguém, e se quiser fazer um curso de manutenção de computador, acredito que já tenha preparado” (A-NEE7)</p> <p>“o trabalho do Pet Trampolim que eu acho bárbaro”(A-SemNEE4)</p>

5. Metodologia de Projeto (MP)

Categoria	2.1 Conhecimento da MP/características, avaliação da MP como ferramenta pedagógica inclusiva em turmas heterogêneas
2.1.1 Conhecimento da MP antes do curso na instituição	<p>“Não” (A-NEE6) “não lembro” (A-NEE8) “Sim, eu tenho amigos que já fizeram aqui no Senac”. (A-SemNEE1) “Sim. desde 2011, aqui, somente aqui, a partir do curso técnico” (A-SemNEE4) “Não”(A-SemNEE5) “A metodologia do Senac, Não” (A-SemNEE4)</p>
2.1.2 Conhecimento da MP no curso da instituição	<p>“sim” (A-NEE1) “sim, foi no curso” (A-NEE3) “foi aqui mesmo, 2010, eu terminei em 2011” (A-NEE6) “2012/com a metodologia, o contato foi na Aprendizagem” (A-NEE7) “ah, acho que nos primeiros dias de aula do curso aqui” (A-SemNEE1) “estudando/eles pediram pra gente fazer um projeto na nossa área” (A-SemNEE2) “Sim, aqui, no Senac, durante o meu curso atual” (A-SemNEE3) “hoje, sim/foi aqui”(A-SemNEE5)</p>
2.1.3 Facilita a aprendizagem por diferentes estratégias	<p>“tinha muitas apresentações, recortar revistas sobre um determinado assunto, falar lá na frente/tem até teatro também sobre o atendimento ao cliente, o atendimento correto e o incorreto, o adequado e o inadequado” (A-NEE2) “no caso, do começo ao fim, os materiais, a explicação que eles dão de slide, de livros, são muito bons. E do projeto que eles passaram pra gente fazer em sala de aula, do jeito que eles ensinaram” (A-SemNEE2) “muita chuva de ideias” (A-SemNEE4)</p>
2.1.4 Favorece o entendimento dos alunos sobre o planejamento e desenvolvimento do curso	<p>“a divisão das matérias” (A-SemNEE3) “foi explicado os módulos, o plano de curso, ele traz todos os módulos/todas as matérias, aula por aula que a gente iria ter, então é bem especificado no curso/foi dividido em seis módulos, o curso” (A-SemNEE4)</p>
2.1.5 Facilita a flexibilidade no tipo/formato das aulas	<p>“também sobre o Projeto/mais em grupo” (A-NEE1) “Muito bom, individual é mais copiar e em grupo é fazer alguns trabalhos” (A-NEE2) “nós temos trabalhos, temos regras, temos todo processo pra desenvolver” (A-NEE3) “mais em grupo, tinha o individual. A metodologia aqui é mais voltada pro grupo” (A-NEE6) “formação de grupos” (A-NEE7) “fazia bastante em grupo” (A-NEE8) “normalmente, todas as atividades eram em grupo” (A-SemNEE4)</p>
2.1.6 Avaliação da MP, para a aprendizagem	<p>“Foi bom, foi bom, foi muito bom” (A-NEE1) “excelente/excelente/é, aqui é diferente de todos, né?/é diferente/“bacana, sim” (A-NEE2) “achei que teria dificuldade fiquei meio insegura, parece difícil, profunda, mas é clara/“atrás, no meu passado eu sofri em outras escolas, hoje, eu não sofro. Pra mim, é perfeito” (A-NEE3) “eu acho muito válido isso/eu acho que isso aí é muito válido”(A-NEE4) “era, era interessante”(A-NEE7) “essencial/Muito importante” (A-SemNEE2) “Estou gostando muito/Tenho gostado” (A-SemNEE3) “muito bem organizada, traz proporções muito boas pra quem quer aprender” (A-SemNEE6)</p>
2.1.7 Flexibilidade/Facilidades para a aprendizagem	<p>“Era mais fácil” (A-NEE1) “desenvolver um projeto acaba sendo um pouco complexo, mas como tem o apoio do professor” (A-NEE3)</p>

	<p>“imagina uma professora descrever uma imagem na qual você não tá conseguindo fazer um feedback, não sei desenhar a imagem na cabeça, não tem como. Realmente o deficiente não tem como desenhar uma imagem na cabeça. Imagina um cérebro, cheio de veia aqui, veia ali” (A-NEE4)</p> <p>“olha, essa metodologia de Projeto, a gente até brincava que era metodologia de mola, você vai lá na frente depois você volte e vai/nunca tem fim como uma espiral mesmo, ou um pêndulo, alguma coisa do tipo” (A-SemNEE4)</p>
2.1.8 Permite a participação ativa do aluno	<p>“Eu fui incentivada a apresentar, não sozinha é claro, mas, com o grupo todo, com a turma/“nós colocamos nossa opinião, e é assim que a gente vai desenvolvendo e vai explicando” (A-NEE3)</p> <p>“foi muito bom, me incluiu, eu pude participar”(A-NEE4)</p> <p>“Era mais a participação do aluno do que do professor/era participação ativa, bem ativa e que perguntava a minha opinião, o que que você acha, que que você deixa de achar” (A-NEE7)</p> <p>“eles, sempre perguntam e quer que todo mundo responda, independentemente se a resposta é igual, quer que todo mundo fale” (A-SemNEE2)</p> <p>“muito participativas/a gente participava muito das aulas/Teve uma grande abertura pra isso/Eu perguntei muito nas aulas, eu fui muito perguntador, é uma coisa que eu sou muito crítico”(A-SemNEE4)</p> <p>“perguntar, não é perguntar uma ou duas vezes, perguntar à vontade quantas vezes quiser, sem problema algum. Isso foi trazendo maior conforto pra gente. (A-SemNEE4)</p> <p>“eles participavam também” (A-SemNEE6)</p>
2.1.9 Favorece o desenvolvimento de aulas em diferentes cursos, ambientes	<p>“Também passeou, foi visitar algumas empresas, no shopping/Faz parte do aprendizado, ambientes novos fazem bem pro aluno, faz ele se sentir melhor, sentia bem”(A-NEE2)</p> <p>As visitas que nós fazíamos que era pedagógicas”(A-NEE6)</p> <p>“No meu curso de Massoterapia, eu tô achando bem interessante” (A-SemNEE3)</p> <p>“fazer fora daqui/ela falou que a gente teria que fazer um projeto/fazer isso também que foi muito bom” (A-SemNEE2)</p> <p>“Nós tivemos também visitas técnicas, muito importantes. Nós visitamos aterro sanitários, fábrica de refrigerantes, fabrica de reciclagem que também trabalha a questão do Ser Humano” (A-SemNEE4)</p>
2.1.10 Inclusiva	<p>“A maioria fazia tudo só alguns que tinham dificuldades, né, pra ler” (A-NEE2)</p> <p>“pra mim, que sou uma pessoa com deficiência auditiva, fazer leitura labial que não desenvolvo muito bem, tem que ficar copiando coisas dos outros, assuntos profundos eu não vou entender” (A-NEE3)</p> <p>“tem gente que é analfabeto e consegue captar alguma coisa/eu tenho dificuldade pra enxergar e pra ouvir”(A-NEE4)</p>
2.1.11 Agregadora, colaborativa	<p>”tem a ajuda dos colegas” (A-NEE1)</p> <p>“e ajuda quem não teve uma formação muito legal no ensino fundamental e médio. Agrega na vida dele também” (A-NEE4)</p> <p>“a metodologia daqui, o conhecimento ele fica muito agregado/a gente consegue linkar muitas coisas, muitos assuntos, com teorias, com práticas” (A-SemNEE4)</p>
2.1.12 Facilita a aprendizagem com estratégias e tecnologias inclusivas	<p>“realmente, o interprete todos os dias comigo/com o apoio do interprete a gente desenvolve” (A-NEE3)</p> <p>“que o Windows fica lendo sem parar, fica lendo” (A-NEE4)</p> <p>“levou é um boneco, eles sempre tão me convidando eu vou até lá pega na minha mão, com todo carinho e compaixão vai lá e me ajuda/quando é corpo humano, separa todos os órgãos, ela pega o meu dedo e, aqui passa a veia tal” (A-NEE4)</p>
2.1.13 Facilita o desenvolvimento de competências práticas e técnicas	<p>“sinto a diferença, treinamos na Metodologia”(A-NEE3)</p> <p>“Então essa parte prática dos cursos que é desenvolvendo projetos/“depois que eu entrei que eu vi que já é o mais prático/“temos um projeto em desenvolvimento agora sobre toque” (A-NEE4)</p>

	“é mais o aprender a fazer, na prática mesmo/no atendimento ao cliente, a gente fez um movimento, uma ação, que caracterizasse o atendimento ao cliente” (A-NEE5)”
2.1.14 Desenvolve, respeita/valoriza a autonomia, interesse e criatividade	“a gente tá conseguindo fazer o nosso trabalho do nosso jeito”(A-NEE4) “Dá um assunto e você desenvolve tudo tentando alcançar o resultado” (A-NEE5) “não é assim uma coisa, ah eu vou chegar, o professor chega na sala de aula passa uma atividade e é assim que eu quero, é assim que eu faço, não” (A-NEE7) “aqui você cria projeto, faz um programa, projeto alguma coisa do tipo. Desde o princípio eles nos deixaram muito a vontade” (A-SemNEE4)
2.1.15 Contribui para o desenvolvimento de competências acadêmicas	“to reabilitando a minha audição pra poder interpretar textos/a gente tá pesquisando/se quiser fazer uma pesquisa” (A-NEE4) “fazia a gente pesquisar, correr atrás” (A-NEE7) “Então isso acaba gerando um conhecimento maior” (A-SemNEE4)
2.1.16 Contribui para identificação e superação de dificuldades	“eu tô me desenvolvendo/me reabilitando agora/Na teoria, eu tô tentando captar o máximo possível, principalmente pela baixa visão, pelo estudo fraco no ensino médio. Tenho quase certeza que vou me dar bem melhor na parte prática/ o diferencial que está me ajudando a estudar nesse curso agora, é que os principais momentos eu tô conseguindo acompanhar, eu tô sempre junto com eles” (A-NEE4) “eu era quieta, não me desenvolvia que no começo a minha timidez me atrapalhava bastante. No final do curso, eu já me desenvolvi mais, comecei a participar das atividades e no final do curso eu consegui me desenvolver bem” (A-NEE5)” “aquele que eu coloquei, montar, mexer com muito detalhe”(A-NEE8) “foi um choque muito grande a gente estava acostumado com aquela coisa de aula, prova, trabalho/foi um pouco conflitante, a gente estava acostumado com o método antigo/não tem uma receita, todo mundo tinha um certo receio da forma como você agir, como falar, claro tem alguns obstáculos” (A-SemNEE4)

5.2 Contribuições da MP na sala de aula

Categoria	2.2.1 Percepção das contribuições da MP para a aprendizagem significativa, desenvolvimento dos conteúdos e avaliações
2.2.1.1 Tipo/frequência da avaliação	“é, todos os dias a gente é avaliado/não tem prova. A professora da uma atividade e manda nós fazer, aí, aí, depois vê” (A-NEE1) “O trabalho vai ser avaliado como suficiente, bom e insuficiente, que são as menções, é este projeto do toque que foi passado pra nós” (A-NEE4) “tem avaliações, tem, é o seu desenvolvimento no dia-a-dia/Não é só uma prova para medir, o conhecimento daquele dia/a gente tinha que apresentar trabalhos, era um meio de avaliação/é todo um processo pra avaliar” (A-NEE5) “as avaliações são diferentes do que uma escola tradicional/A avaliação é feita no desenvolvimento em grupo, pra ver como que lida em grupo/com projetos/é bem diferente de uma escola tradicional” (A-NEE7) “a avaliação, eles avaliam mais por participação, o conteúdo é mais focado pra parte de empresa/a hora que tá acabando o curso a gente teve a apresentação final, do curso” (A-SemNEE1) “quer que a gente fale o que aprendeu ali, sempre ela tá avaliando nisso, Avaliada pela matéria, avaliada como que a gente é dentro da sala de aula, se a gente respeita, se não respeita” (A-SemNEE2) “ser avaliado no dia-a-dia pela tua postura, pelas trocas com os colegas de classe, não é uma avaliação sob pressão de provas que são cobrados resultados ali escritos” (A-SemNEE3) “você chega aqui e o professor fala assim, não tem prova, só que a contrapartida é que no outro sistema você tem que ser bom na prova aqui você tem que ser bom todos os dias, tem que lutar todos os dias pra passar/nas questões de como a gente era avaliado, através do todo, de participação em sala, de vários fatores, muitas coisas, muitas atividades, muitos projetos” (A-SemNEE4) “Bem melhor, eu entendia tudo, a forma de avaliar, aqui é bem diferente; aqui eles avaliam/eles tão avaliando pelo que o aluno faz no dia/pelo desempenho/eles estão avaliando a cada dia o aluno” (A-SemNEE5)

	<p>“eu achei muito interessante isso, ele respondia, era avaliado no mesmo nivelamento que nós” (A-SemNEE4)</p>
<p>2.2.1.2 Aprendizagem significativa/percepção dos resultados pelos alunos</p>	<p>“eu aprendi a contar dinheiro/vê horas/saber contar dinheiro” (A-NEE1) “sim, marcou bastante eu nunca vou esquecer as aulas aqui. muito legais” (A-NEE2) “eu posso expressar a minha opinião do que eu entendi, de tudo o que eu entendi. É uma experiência. Eu consigo ter uma experiência real” (A-NEE3) “eu gosto muito do incentivo que a gente tem da forma deles de você ser responsável/fizemos uma atividade de abraços de automassagem que foi muito emocionante; criou-se um elo maior entre nós. Não é a primeira vez, nós tivemos outras por ser o curso relacionado também ao assunto” (A-SemNEE3) “nós tivemos resultados muito bons, tanto que nós fizemos uma apresentação pra uma reunião de docentes aqui do Senac falamos sobre essa história mesmo da inclusão” (A-SemNEE4) “eles ensinavam a gente como atender, a gente já fez até teatro” (A-SemNEE5) “assim a gente aprende mais, na escola, eles só passam coisa na lousa explica rapidinho e já era. Aqui não” (A-SemNEE5) “eles fazem uma apresentação final/além da apresentação final, além de eu ter pegado o diploma, eu deduzi que então que realmente, eu consegui” (A-SemNEE6) “contribuí bastante, melhorou muito, porque hoje dá pra aplicar as coisas que foi feito, é possível aplicar o que eu aprendi” (A-NEE7) “porque, com esse movimento da inclusão, o mercado de trabalho também tá absorvendo esses profissionais e se eu chegar numa empresa hoje e tiver uma pessoa lá que tiver uma deficiência motora, uma deficiência intelectual, eu vou saber lidar melhor com esta situação. Não vai ter aquele receio do primeiro encontro, do primeiro toque, sabe? (A-SemNEE4) “e eu trabalhava com vendas e conforme eu fui fazendo o curso eu fui me soltando mais, aí eu fui melhorando no serviço e agora ficou até mais fácil para arrumar outro emprego. Ele me preparou.” (A-SemNEE5) “a paciência, porque eu não cheguei aqui sabendo de tudo, eu cheguei mesmo assim. Os conhecimentos que ele apresenta, aprende, com certeza” (A-SemNEE6)</p>
<p>2.2.1.3 Tipos/formato de aula</p>	<p>“foi lá e fez uma dinâmica também/eles fizeram uma dinâmica/deu uma aula numa técnica, Tai chi”(A-NEE4) “era mais dinâmico, tinha muitas dinâmicas/o professor chegava na sala, com um assunto e ele debatia com a gente, seminários, teatros” (A-NEE5) “aqui, eles faz muita visita em empresa, levava nós pra passear, aula de etiqueta aqui na escola” (A-NEE6) “não fica naquela mesmice é sempre mostrando coisas a mais, é dando exemplos, gosto muito/É bem dinâmica as aulas, bem envolvidas” (A-SemNEE2) “as vezes ela explica a matéria, e ela quer que a gente participe, ela quer dinâmica, ela quer ver o que a gente aprendeu, quer que a gente envolva” (A-SemNEE3) “toda turma sempre participou muito, gente teve muitas conversas, muitos debates na sala” (A-SemNEE4) “eles começaram a fazer dinâmica, a fazer aula prática/“e aqui eles faziam dinâmica, brincadeira, ensinava a gente como falar, se comunicar com as pessoas, aí com isso, eu percebi, no meu primeiro emprego, eu não conseguia nem falar com ninguém. (A-SemNEE5)</p>
<p>2.2.1.4 Favorece o respeito às dificuldades e o tempo de aprender dos alunos</p>	<p>“O que é diferente é que eu não preciso ficar lendo, não preciso ler, porque eu não vou entender/o Português, isso é difícil, parece que eu não vou conseguir desenvolver. Matemática, para mim, é o pior, é o mais difícil” (A-NEE3) “ele sempre me ajudando com o movimento das pernas dos braços” (A-NEE4) “em questão de aluno de inclusão, foi normal, pra mim, foi normal” (A-NEE7) “se ficar alguma dúvida/é só pedir que repete, dá outra explicação” (A-SemNEE2) “ele participou desse processo aí com a gente dentro do curso a gente conversava com ele nos intervalos ou então em alguns momentos da aula pra ver se ele tava entendendo, se tava com dificuldade. Foram trocas fantásticas” (A-SemNEE4)</p>

	<p>“lembro que antes eu era muito tímida” (A-SemNEE5)</p> <p>“A avaliação era simples demais porque, não tinha prova/não tinha prova, eu me sentia avaliada/Só a questão de eles estarem te perguntando o que tá acontecendo, o que que tu tá achando, já é uma questão da gente tá se sentindo avaliado” (A-SemNEE6)</p>
2.2.1.5 Facilita o estudo para pessoas adultas/ com diferentes perfis	<p>são pessoas diferentes, cabeças diferentes, culturas diferentes. tem gente que não concorda, é uma polêmica na sala, mas isso aí a gente já colocou nas regrinhas lá no começo do curso que tem que respeitar, não concordar com a opinião e impor ideia pra poder criar aquela polemica” (A-NEE4)</p> <p>“é tranquilo. eu costumo dizer, a minha sala são pessoas bem maduras/por ser maduro, cada um expor o que realmente pensa/por ser maduro/por ser uma turma bem de cabeça” (A-SemNEE2)”</p> <p>“essa metodologia eu acho muito válida, porque nós somos adultos e é uma forma Psicológica muito boa de fazer, de tratar as pessoas com maturidade/Então eu acho muito legal isso essa independência, essa maturidade, com que eles tratam as pessoas. Que somos todos adultos, cria uma maturidade” (A-SemNEE3)</p>
2.2.1.6 Contribui para a integração de alunos com e sem NEE	<p>“no relacionamento com os alunos, com os professores, com tudo/tive apoio do grupo inteiro, da sala inteira, não quis abandonar o curso” (A-NEE3)</p> <p>“acho que o convívio mais com as pessoas, por ser tímida, a gente tá mais acostumada no ensino tradicional” (A-NEE5)</p> <p>“eu não sei se eles tinham dificuldade, mas eu acho que não, era tudo normal” (A-NEE8)</p> <p>“eu acho bom, porque aí, a gente consegue se conectar mais com estas pessoas e estas pessoas se conectar com a gente” (A-SemNEE1)</p> <p>“inclusive, tem um na minha sala/independentemente da sua deficiência, então ele traz isso pra gente. Ele foi muito bem aceito sim na nossa turma” (A-SemNEE2)</p> <p>“porque tem um colega na classe com deficiência/a parte que a gente faz ali de troca em sala de aula, de incentivar a nossa união o nosso contato” (A-SemNEE3)</p> <p>“ele tinha síndrome de down e foi matriculado na nossa turma como aluno regular/acho fantástico integrar essas pessoas, mostrar que eles são normais e até melhores do que a gente. Pra mim, isso é excepcional.” (A-SemNEE4)</p> <p>Tinha, eles faziam tudo o que a gente fazia, quando eles tinham alguma dificuldade a gente ia, ajudava os professores também” (A-SemNEE5)</p> <p>“eu acho que eles também sentiram o nosso calor humano o nosso amor por eles a gente nunca chegou a desrespeitar eles, mas muito pelo contrário, a gente sempre respeitou” (A-SemNEE6)</p>
2.2.1.7 Facilita o trabalho em equipa	<p>“Projeto pra mim, é uma coisa que eu não precisei ter medo, eu tive junto um grupo, trabalhou junto comigo/fomos a fundo num Projeto fazendo pesquisas, descobrindo” (A-NEE3)</p> <p>divide a sala em quatro grupo/nosso grupo/nós tivemos trabalho em grupo” (A-NEE4)</p> <p>“e sempre não repetia, os grupos não repetia, pra conhecer todo mundo da sala. Fazer, uma integração com a sala, era melhor, bem melhor” (A-NEE7)</p> <p>“cada um entra num acordo. Pelo menos do meu grupo a gente tinha a intenção de trabalhar com as mães de deficientes” (A-SemNEE2)</p> <p>“tem sido usado mais o coletivo divisão de grupo de quatro pessoas” (A-SemNEE3)</p> <p>“nós participamos de uma feira de conhecimento integrado, nós fizemos uma maquete de exposição, nós fizemos um projeto de educação ambiental” (A-SemNEE4)</p>

2.3 Contribuição da MP para a aprendizagem, vida pessoal e profissional

Categoria	2.3. 1 Contribuição da MP para a aprendizagem, vida pessoal e profissional
------------------	---

<p>2.3.1.1 Contribuição para a aprendizagem</p>	<p>“eu aprendi bastante coisa sobre as aulas” (A-NEE1) “Não depende só do professor, tem que ter vontade senão não adianta” (A-NEE2) “Contribuiu, porque aprende na prática o que deve fazer ou não dentro de uma empresa, a questão do atendimento, do arquivo, de atender, relação pessoal com os funcionários, tudo isso a gente aprende no curso, no dia-a-dia, convívio mais com as pessoas” (A-NEE5) “no desenvolvimento de projetos tem a aula prática e a teórica. A prática seria no ambiente de trabalho e o que eles passam é aplicado no ambiente de trabalho” (A-NEE7) “tem maneiras que a gente pode ter uma inclusão mais que não é uma inclusão, você coloca um aluno com uma deficiência na sala e ele tá lá. Tem pessoa que acha que aquilo é integrar. Só que não é integrar”.(A-Sem NEE1) Foi muito forte o aprendizado/O aprendizado daqui é muito forte, muito bom. Acho assim, é falado, é gravado e entendido. Gosto muito. (A-SemNEE2) “Então esse jeito especial de cada um trazer uma informação sobre o toque, uma experiência vivida e trazer pra sala de aula com fotos, com relatos, marcou” (A-SemNEE3) “Nesse modelo, ele expande a tua mente que é uma coisa incrível. É um modelo que te deixa pensar muito e te deixa criar muito. Acho que é um modelo que abre muito a mente” (A-SemNEE4)</p>
<p>2.3.1.2 Projetos significativos desenvolvidos</p>	<p>“O que nós fez agora, “Como lidar com a pessoa deficiente intelectual no mercado de trabalho, “foi bom, a gente conheceu mais sobre a nossa deficiência” (A-S/NEE1) “esse final, muito bacana incluir pessoas assim que tem muito preconceito nas firmas; que quem é assim também tem capacidade” (A-NEE2) é o projeto de toque que nós vamos fazer que estão passando pra nós” (A-NEE4) “a gente tinha um projeto, montar uma empresa, e montamos, desde a criação da logo, administração, o quadro de funcionários. A gente pensa que é fácil, e aí você tem que ir lá no comecinho, montar, pensar, planejar pra poder construir uma empresa. É bem difícil. (A-NEE5) “Sim, Projeto final sim/o Projeto final foi de economia de dinheiro. Foi pra mostrar como economizar o dinheiro, pra pessoas economizar nas compras”(A-NEE6) “desenvolveu, mas eu não lembro qual foi o projeto” (A-NEE7) “sim, tinha um trabalho de Moda, que foi tirar foto na rua, teve um imprevisto e eu não pude participar” (A-NEE8) “apresentação do Projeto Integrador foi bom” (A-SemNEE1) “Tem, o Projeto que foi iniciado desde o começo do nosso curso, que é em curto prazo/mudou o grupo inteiro. Foi uma coisa que ficou bem foi, bem forte. Marcou muito, tanto pra mim quanto pras crianças que a gente fez” (A-SemNEE2) “Ah, foi um projeto que nós fizemos sobre o tema toque. “O contato com o outro”. Nós fomos a campo e ali na sala na hora da exposição dos outros, o que os colegas trouxeram cada um seguiu um tópico diferente dentro desse assunto. Foi muito enriquecedor” (A-SemNEE3) “a gente fez o Projeto final e com o Projeto a gente falou sobre tudo o que a gente tinha aprendido no curso. A gente fez teatro, Teve uns que falou lá na frente” (A-SemNEE5) “Foi do meio ambiente. Eu adorei. A gente fez um passeio que a gente, teve uma conferência, que a gente teve que plantar árvores que no futuro elas vão crescer. Eu adorei plantar árvores. Foi do meio ambiente”(A-SemNEE6)</p>
<p>2.3.1.3 Contribuições para o Desenvolvimento/vida profissional</p>	<p>“como se comportar no mercado de trabalho/foi muito importante, como se portar no ambiente de trabalho/Eu tenho certeza que eu ainda vou usar isso lá fora, numa empresa, com os conhecimentos daqui.” (A-NEE2) “acabei sendo contratada e tô até hoje” (A-NEE5) “ah, contribuiu bastante com o primeiro emprego que eu tive, contribuiu bastante, fez muita diferença. fez diferença pra positivo, que eles não via isso, a deficiência, né? Não demonstrava também que eu tinha” (A-NEE6)</p>

	<p>Só nessa loja, eu coloco em prática com os calçados, né? Ter que encaixar, arrumar” (A-NEE8)</p> <p>“eu tô aprendendo bastante. Agora eu sei como que é na empresa, coisas que eu não sabia, legislação, como se comportar na empresa, essas coisas” (A-SemNEE1)</p> <p>“Sim, profissional. Principalmente profissional, por enquanto, como a gente tá começando, é muito cedo, mas, na questão do profissionalismo, da ética no serviço, ser profissional” (A-SemNEE2)</p> <p>“Profissional, eu ainda não sei como é que eu vou agir, mas, eu sei que eu quero ser uma excelente profissional. Sei que eu tenho que aprender muito, ainda pra isso/minha família vai me dar um suporte porque eu quero me dedicar a isso pra ser uma boa profissional”(A-SemNEE3)</p> <p>“Estudar com uma pessoa que tem down foi uma mudança muito boa. Pra vida profissional é interessante, a gente adquire esta experiência pro mercado de trabalho. (A-SemNEE4)</p> <p>“eu me preparei pro mercado de trabalho. Eu aprendi atender cliente (A-SemNEE5)</p>
2.3.1.4 Contribuições para o Desenvolvimento/vida pessoal	<p>“Diferenciar como se comportar, como não deve agir/como se vestir/cumprir os horários/Ter uma visão diferente, bastante” (A-NEE2)</p> <p>“aprendendo mais, tendo um repertório de vocabulários, eu consigo, eu me sinto segura no meu desenvolvimento” (A-NEE3)</p> <p>“eu entrei aqui uma pessoa, através das dinâmicas, do desenvolvimento, eu me tornei outra pessoa” (A-NEE5)</p> <p>Ah, muito. eu acho que eu melhorei muito. Eu não sei no que que eu melhorei não. Todo mundo fala que eu melhorei mais eu não sei” (A-NEE8)</p> <p>“da minha vida pessoal, eu não estudava há um tempo, então eu tô gostando de saber, de conhecer coisas novas. Uma vontade de estudar, de saber que eu não sabia que eu tinha. Uma disposição de ler, de ir atrás de conteúdos, de me doar. E com o pessoal de casa, eu estou feliz, me encontrei, estou me encontrando, decidida e sabendo que é a minha oportunidade” (A-SemNEE3)</p> <p>“A me ajudou muito, em muitas coisas. Eu perdi a timidez, aprendi a me comunicar melhor com as pessoas, tive desenvolvimento” (A-SemNEE5)</p>
2.3.1.5 Aprendizados para a cidadania	<p>“também achei bacana eles explicando sobre os documentos, carteira de trabalho quem não tinha, a gente foi no Poupa Tempo e tirou, falou sobre RG, CPF, importante a reservista, até sobre o passaporte, conhecer um país estrangeiro”(A-NEE2)</p> <p>“eu acho que eu aprendi a entrar e sair de qualquer ambiente/“a questão de lidar no dia a dia com as pessoas, que apesar de morar lá a gente tem que saber lidar com pessoas de outras localidades” (A-NEE5)</p> <p>“ah, mais consciência, né? Que não tem que ficar tendo preconceito, com as pessoas. Só porque ela tem uma deficiência eu vou ser melhor que ela? Sim, fiquei mais consciente” (A-SemNEE1)</p> <p>“Eu acho que é uma coisa que eles batem muito, ter ética”(A-SemNEE2)</p> <p>“a eu aprendi muita coisa, a respeitar” (A-SemNEE5)</p>
2.3.1.6 Alargamento da autonomia	<p>“me ajudou, o Senac me ajudou. Eu ficava sempre em casa quando eu não fazia esse curso. Agora não” (A-NEE1)</p> <p>“autoconfiança poder sair viajando de ônibus” (A-NEE4)</p> <p>“Ah, de sair na rua, pesquisar, fazer pesquisa com pessoas” (A-NEE6)</p>
2.3.1.7 Alargamento das relações sociais	<p>eu ficava sempre em casa, eu não tinha amigos, agora eu tenho” (A-SNEE1)</p> <p>“eu fiz muitas amizades/eu percebo uma parceria, com os amigos, uma ajuda, eu não me sinto sozinha pra responder as coisas, eu tenho apoio, me sinto estimulada” (A-NEE3)</p> <p>“a minha integração com o grupo é muito boa/ quando tô com alguma dificuldade sempre tem aquele anjo que vem, tá precisando de alguma coisa? Hoje você vai de elevador ou você vai de escada? (A-NEE4)</p> <p>“Agora eu tenho amigos, porque antes eu não tinha ninguém. eu tenho amigos, acho que ajudou a fazer amizades” (A-NEE8)</p>

	<p>“Nós éramos bem amigos enquanto sala”, tudo o mais. A minha relação com ele foi melhor do que com outras pessoas” (A-SemNEE4)</p>
2.3.1.8 Percepção de mudanças, transformações na própria vida	<p>“isso ajudou na minha vida, eu comecei a me sentir segura, eu comecei a sentir força, sonhadora, me sinto encorajada dos meus objetivos. Eu posso superar qualquer barreira (A-NEE3)</p> <p>“é um sonho realizado profissionalmente, porque aí eu vou poder atuar novamente, poder ser ativo na minha vida. Aqui no Senac, eu vejo que eu vou conseguir abrir uma clinica, talvez uma sala de massagem na minha casa, aí eu posso trabalhar sozinho” (A-NEE4)</p> <p>“falar mais, porque na verdade antes eu não falava, falar mais, interagir/sou a única que tô cursando o ensino superior. Meus pais, meus tios, meus primos, alguns pararam. Então, agradeço muito a escola, o curso, que me ajudaram bastante” (A-NEE5)</p> <p>“Ela pediu pra gente desenvolver um projeto do toque e a gente desenvolveu fora daqui do Senac. Isso mudou, me mudou” (A-SemNEE2)</p> <p>“o curso me suavizou em casa, me fez uma pessoa mais feliz, mais tranquila nas minhas atitudes” (A-SemNEE3)</p> <p>“acho que esse modelo foi meio que um divisor de águas, porque a gente começa a ter uma visão macro, a gente começa a enxergar situações de uma forma mais sistêmica, mais abrangente. Eu melhorei muito a questão da minha criatividade, de poder ter um novo olhar sobre as coisas, um novo olhar até social de alguns problemas” (A-SemNEE4)</p>

3. Atuação do professor

Categoria	3.1 Atuação do Professor
3.1.1 Atuação do professor	<p>“o professor, ele, chama a atenção dos alunos sempre/professora vai explicar uma atividade e a gente não prestava atenção, depois, vai lá pra professora perguntar/“Isso ajuda, por que os alunos tem que prestar mais atenção” (A-NEE1)</p> <p>“ah, são bem atenciosos, ensina bem, tem paciência. Nessa parte é muito bom. Só algumas horas que tinham que pegar mais leve, não dá bronca. É mais pessoal comigo, de chegar atrasado na aula” (A-NEE2)</p> <p>“o aluno, ele tem uma liberdade grande falar pro professor: eu não entendi, você pode explicar novamente/tem a liberdade, contato próximo com o professor, e ele explicar de maneiras diferentes uma, duas vezes, mesmo que ele estiver cansado ele vai explicar mais uma vez ainda até que o aluno entenda. Eu gosto muito, isso pra mim é o normal” (A-NEE3)</p> <p>“que nem o tai chi chuan, foi muito difícil pra mim no começo, o docente fez umas dez repetições, muita insistência/ é uma coisa que é muita força de vontade, perseverança, então eu entendo dessa forma vai dar certo. Espero que até o final do curso seja assim”(A-NEE4)</p> <p>“Excelente, ótimo, era legal a forma de trabalha, dela ensinar os alunos. Ela era muito legal, é ainda, no caso. Gostava muito, gosto ainda” (A-NEE6)</p> <p>“acho eles muito inteligentes, muito pra frente, vamos dizer assim, né, gosto muito. Eu acho que eles explicam muito bem. Eles são presentes, ali, do começo ao fim pra gente. Ele se dá o tempo todo pra gente. (A-SemNEE2)</p> <p>“o que você precisar deles eles estão abertos, sempre pro que precisar, nos corredores, fora da sala de aula. A grande maioria era o que eu esperava, professores de qualidade. Tem uma postura ali e sabem dos assuntos e dos incentivos também” (A-SemNEE3)</p> <p>“os professores foram peças fundamentais pra trazer todos esse conhecimento pra gente. Então, eu entendo que assim, as vezes uma matéria não tava encaixando muito bem, a gente conversava, ó, não tá muito legal.” (A-SemNEE4)</p> <p>Elas eram muito prestativas. Em tudo o que a gente chamava elas iam, tentavam ajudar, tentavam explicar o que a gente não entendia. Elas realmente estavam</p>

	presentes, se aparecesse dúvidas elas iam explicar/a paciência” que os professores tiveram. (A-SemNEE6)
3.1.2 Integração da turma na sala de aula	<p>“Ah, é, é boa” (A-NEE1)</p> <p>“a integração é muito boa agora se for pra falar assim do grupo geral” (A-NEE4)</p> <p>“a turma já estava integrada aí, sempre tinha os grupinhos fechados e no final eles acabavam me integrando. Também no grupo me tratavam normal, sem preconceito, restrições” (A-NEE5)</p> <p>“mais ou menos, não era muito unida, a turma, mas era legal. Gostava” (A-NEE6)</p> <p>“Eu gostava. Lembro que eu queria parar no meio e eles falavam, não, fica, eu não dava conta da turma, tinha que tomar lanche no banheiro, senão tinha que tomar lanche escondida senão eles catavam o meu lanche. Era legal” (A-NEE8)</p> <p>“o primeiro dia ninguém se conhecia agora já tá assim, de boa/primeiro a gente se apresentou, aí a gente começou a conversar” (A-SemNEE1)</p> <p>“E o pessoal também é muito suave tem muito respeito, são pessoas de respeito, não tem ninguém mais grosseiro ali, ninguém que seja diferente demais, e que cause um mal estar na sala. Tá sendo muito legal. Eu tenho me encontrado muito nessa sala de aula” (A-SemNEE3)</p> <p>“E toda turma sempre foi muito integrada com ele, a gente era muito integrado, muito unido, nós éramos uma sala bem integrada” (A-SemNEE4)</p> <p>“a turma, no começo, era meio separada e conforme a gente foi se conhecendo a turma ficou mais unida. A gente se dava bem, não tinha conflito, nem nada” (A-SemNEE5).</p> <p>“já teve, acho que como toda turma tem, é do grupo: ah, eu não quero misturar com aquele, ah, deixa eu fazer com o meu grupinho, mas a gente nunca chegou a discutir: eu não quero fazer esse tema. Tinha consenso, porque a minha turma era muito boa. A comunhão que a nossa sala tinha uns com os outros.”A-SemNEE6)</p>
3.1.3 Relação professor/aluno	<p>“Ah, as professoras ensinam bem os alunos” (A-SNEE1)</p> <p>“São muito boas, que também não é fácil, né? Tem hora que perde a paciência que os alunos faz a bagunça deles. Eu entendo essa parte delas. Não é fácil não”. (A-NEE2)</p> <p>“vão, ao mesmo tempo ajudando, acompanhando vão se relacionando, sabem tudo o que acontece em cada grupo” (A-NEE3)</p> <p>“como eles são psicólogos, eles mais conseguem essa questão do trabalho, ajudavam bastante a gente na questão do desenvolvimento, do acolhimento mesmo. Alguns que estavam envolvidos com drogas, eles driblavam esta situação pra não deixar outros se envolverem também” (A-NEE5)</p> <p>“as professoras eram ótimas, eu me sentia bem, muito bem” (A-NEE6)</p> <p>“Você participava se você queria, se não queria não era uma coisa obrigada. Não sentia uma coisa assim, obrigada. A gente tinha muita liberdade” (A-NEE7)</p> <p>“Bom, sempre que a gente pergunta alguma coisa que a gente não entendeu ele explica, ele procura explicar. Procura explicar tudo que a gente está com dúvida” (A-SemNEE1)</p> <p>“eu considero bons professores, educados, simpáticos, a gente pergunta eles sabem; se eles não sabem eles dizem que vão pesquisar. São muito acessíveis. Educados. Tenho professores que eu admiro muito” (A-SemNEE3)</p> <p>“a gente tinha uma conversa muito franca, muito aberta, era, praticamente assim, relações de amizades mesmo, de amizades bem próximas, que a gente tinha” (A-SemNEE4)</p> <p>“sim, é por isso que eu acho que tem dois professores em uma sala, por causa que, se um aluno passa mal ou se uma professora não dá conta tem a outra. “elas eram idênticas. Elas não tinham essa discriminação assim não. Atendia igualmente” (A-SemNEE6)</p>
3.1.4 Atendimento docente aos alunos com NEE	“as professoras ajudavam mais” (A-SNEE1)

	<p>“ah, foram bem, sempre pacienciosos e explicava assim bem, quem não entendia direito, explicava de novo” (A-NEE2)</p> <p>“eu, sou surda o professor é ouvinte, ele vai falando e eu percebo que não sou só eu que tenho dúvida, tem vários alunos com dúvidas” (A-NEE3)</p> <p>“os professores sempre estão me acolhendo, sempre senta do meu lado, ó, tá acontecendo isso, isso e isso” (A-NEE4)</p> <p>“eles meio que estimulavam a gente a participar interagir. Eles ajudaram bastante eu mesma, muito” eles viam que eu não tava muito inteirada ali, inseria num grupo, falava, olha, ajuda, faz. São muito capacitados” (A-NEE5)</p> <p>“Consegui, sim, consegui uns oitenta %, mas ficou um pouco, né? (A-NEE6)</p> <p>“conseguia fazer o desenvolvimento dos alunos que precisam de mais atenção, de uma atenção maior do que os outros alunos, mas fazia participar, não obrigado. (A-NEE7)</p> <p>“ah, ajudava” (A-NEE8)</p> <p>“ele vem sempre ajudar no que precisar” (A-SemNEE1)</p> <p>“Eu acho que pode haver um treinamento pra eles, mais abrangente, algo mais que possa melhorar mais ainda. De vez enquanto, pode faltar aí, de um professor ou outro poderia ser melhor ainda com ele. Da pra perceber que ele sente isso também. Ele fala, mas e eu professor, eu não tô vendo tal coisa” (A-SemNEE3)</p> <p>“esse é um ponto que me deixou até impressionado com o desenvolver deles. Eles reformulavam, traziam uma metodologia nova, um jeito novo/ ao mesmo tempo eles mudavam a linguagem, mudavam a metodologia, de uma forma pra ele assimilar melhor, só que ao mesmo tempo cobravam muito mais dele” (A-SemNEE4)</p> <p>“não tinha o fato, a esse é mais inteligente esse não /ela sentava, explicava, a mesma coisa, seja você mais, com um problema de entender, o outro pega mais rápido. (A-SemNEE6)</p>
--	---

4. Satisfação do aluno

Categoria	4.1 Satisfação dos alunos relativamente ao curso, aulas, turma
4.1.1 Convivência na sala de aula	<p>“ah, eu faço todas as coisas, participo da aula” (A-SNEE1)</p> <p>“eu sempre procurei fazer tudo, respondia bem as perguntas da professora. Modéstia a parte eu era um dos melhores da sala” (A-NEE2)</p> <p>“eu converso com todo mundo, brinco com todo mundo, odo mundo me ajuda” (A-NEE4)</p> <p>“era uma convivência boa, falava com todo mundo, não tinha nenhuma rixa” (A-NEE5)</p> <p>“foi bem, ótimo em tudo. Não podia faltar, eu era do Senac, não faltava nem um dia” (A-NEE6)</p> <p>“tô vendo que eu sei lidar com as pessoas e que as pessoas são leves de lidar. Sem problema nenhum. Tá correndo muito tranquilamente” (A-SemNEE3)</p> <p>“Eles me elegeram como representante, claro, eu participava perguntando. Então eu acho que eu tinha um papel legal na sala”(A-SemNEE6)</p>
4.1.2 Satisfação, Sentimentos em relação ao curso, professores e colegas	<p>“Saudade, saudade das professoras” (A-NEE1)</p> <p>“tô satisfeito, senti que valeu a pena esses meses” (A-NEE2)</p> <p>“eu nunca tinha tido, em nenhum lugar, a liberdade de brincar com professor/ eu tô muito feliz e satisfeita com tudo aqui no Senac, pra mim, é o primeiro” (A-NEE3)</p> <p>“tô gostando muito do curso, tá dando muito certo, eu não tenho o que reclamar do que tá sendo apresentado pra nós na sala não” (A-NEE4)</p> <p>“gratidão, morava, não, moro na periferia então, sem pespetiva nenhuma porque a pessoa com deficiência, apesar de hoje ter mais vantagens, antes não tinha; era muito pouco o que se falava” (A-NEE5)</p> <p>“o Senac é uma escola excelente é uma excelente empresa de cursos assim profissionalizante. Faculdades não tem a metodologia que aqui tem. Faculdade não tem igual aqui, a metodologia, o ensino, a prática. É excelente. Eu gosto muito” (A-NEE6)</p> <p>“eu sou muito grato, eu tô, eu tô satisfeito com tudo” (A-NEE7)</p>

	<p>Satisfação, satisfação de tudo. Tô muito satisfeita” (A-SemNEE2) “ficou o sentimento de quero mais, de animo pra seguir em frente, de que é realmente o curso que eu quero fazer, a profissão que eu quero ter” (A-SemNEE3) “eu acho que fica até um sentimento de orgulho por a gente ter conseguido lidar com essa situação muito bem e não ter problema nenhum com isso. Eu acho que, em certa parte, dá um orgulho pra gente em saber que nós podemos sim estar com uma pessoa seja ela com necessidade tratar ela da mesma forma independentemente de onde ela venha, do que ela faça, pra onde ela vai”(A-SemNEE4) “da saudade” (A-SemNEE5) “Saudade. E, também, não que eu não tenha absorvido, mas, acho que a saudade, mais a vontade, só que se eu tivesse aqui, hoje e agora, acho que eu estaria na sala dos professores todo dia se eu pudesse ajudar, eu seria ativa, se tinha palestra, eu queria ir” (A-SemNEE6)</p>
<p>4.1.3 Algo mais que gostaria de registrar</p>	<p>“Não” (A-NEE1) ”eu achei a escola excelente, a única coisa é que eu acho que tinha que ter uma cantina, vender umas coisas assim, mais em conta, na máquina é meio caro as coisas” (A-NEE2) “É isso mesmo, não tenho mais nada” (A-NEE3) “falei demais, já” (A-NEE4) “gratidão com tudo, funcionários, Senac. É parceria. É muito importante, né, para o trabalho” (A-NEE6) “ah, tudo foi importante, não tem nem o que falar da escola, o povo é tudo uma graça, uns fofinhos” (A-NEE8) “essa expectativa de que tudo vai ser ótimo que estamos em boas mãos dos professores da metodologia do Senac, que mais que eu posso te dizer” (A-SemNEE3) “essas experiências, o primeiro impacto a gente olha e meio que não acredita, porque é uma coisa que a gente não está habituado e o Senac proporciona isso pra gente. Então, eu falo que foi um presente ele ter caído na nossa turma, ao mesmo tempo que a gente ficou um pouco com receio porque, dentro da deficiência, a gente não sabe ao certo como lidar, a gente não foi ensinado. Não tem uma aula de como lidar com pessoas assim” (A-SemNEE4) “eu queria falar pro dono do Senac que ele está fazendo um ótimo trabalho ensinando os professores desse jeitinho mesmo, essa perspectiva de ensinar, de montar palestras, de por fotos do dia dos pais, dia das mães, dia do câncer. Porque quem quer realmente aprender, aprende. Eu acho que deve continuar ensinando assim e fazendo isso. O Senac tem esse potencial” (A-SemNEE6)</p>
<p>4.1.4 Faria outro curso na instituição</p>	<p>“Sim, eu ia fazer o curso de maquiagem” (A-SNEE1) “Depende do curso, sim, tranquilamente” (A-NEE2) “Simmm! Já pensando em voltar. eu quero fazer mais cursos, tenho vontade de outros cursos” (A-NEE3) “e se for mantido tudo isso que está sendo proporcionado pra mim hoje, tenho certeza e não somente vou fazer outro curso como vou sugerir a outras pessoas também que façam, que o Senac é uma escola acolhedora” (A-NEE4) “sim” (A-NEE5) “com certeza, eu tô fazendo agora Corel e foto shop, tratamento de imagem. Queria tentar fazer um Técnico, eu não sei se eu dou conta. Eu dou conta sim, eu dou conta, porque, eu dou conta do recado” (A-NEE6) “eu faria” (A-NEE7) “faria, opa, com toda certeza” (A-SemNEE2) “aqui ou fora daqui, mas, por enquanto, é ele” (A-SemNEE3) “Sem dúvida. Grava aí ó, sem dúvida. (A-SemNEE6)</p>

Análise qualitativa dos dados dos Pais

1. Caracterização da instituição

Categoria	1.1 Motivo da escolha da instituição/processo de entrada
1.1.1 Avaliação da instituição/cursos	Busquei, porque eu sempre achei que o Senac é uma excelente escola” (P1) O Senac tem um trabalho maravilhoso” (P2) “e o Senac está sempre buscando alternativas mesmo, diante de algumas dificuldades do dia-a-dia, tem buscado alternativas pra tá resolvendo da melhor maneira possível. Então eu acho que isso já é estar preparado, né” (P3) “a gente sempre ouviu falar muito bem dos cursos, o Projeto Trampolim, que assiste essas pessoas com dificuldade, e também o resto da população só ouve falar bem do Senac” (P4) “muito boa, em todos os aspectos, atendimento, espaço físico, localização, tudo” (P5)
1.1.2 Educação inclusiva/acessibilidade	O Senac , porque ele já tinha quase 20 anos e nunca tinha trabalhado, ninguém tinha dado oportunidade pra ele e o Senac deu esta oportunidade pra ele, graças a Deus” (P1) “Essa oportunidade é assim, grandiosa, porque é só assim que a gente descobre a capacidade do outro ser, né? Eu acho que isso é o mais importante” Senão não seria inclusão” (P3) “Deficiência intelectual dela” (P4) “por causa de um problema que ela apresentava e de um problema que ela tinha de aprendizagem/ pela dificuldade que ela apresenta” (P5)
1.1.3 Continuidade de estudo para o filho (a)	“ele concluiu o ensino médio/eu senti a necessidade e ele também de não parar por ali. Então, fomos buscar alguma coisa a mais então, nós encontramos no Senac esse curso Técnico” (P3)
1.1.4 Experiência/História da instituição, confiança no ensino	é, eu já conhecia, porque quando eu cresci já tinha Senac.(P1) “o Senac tem dado essa oportunidade pra muitos, não só para o meu filho, para muitas pessoas. Então eu acho isso muito importante” (P3)
1.1.5 Indicação/apoio de intervenientes	Aí, através da minha sobrinha que viu o anúncio no jornal dizendo que tinha o estudo aí eu vim, trouxe ele e inscrevi ele” (P1) “por uma amiga que me indicou. (P2) através da Renascer nós chegamos no Senac” (P4)
1.1.6 interesse para a vida profissional do filho	“pra ela desenvolver, mais um trabalho” (P2) pra poder ser inserida no mercado de trabalho” (P4) “Porque eles foram e então, quando foi falado que através desse curso que eles iam ter a possibilidade de serem inseridos no mercado de trabalho. Acho que fez toda a diferença” (P4)
1.1.7 Cursos gratuitos, condição socioeconômica	“eu gostaria muito eu tinha vontade de colocar ele, mas até então eu não sabia que existia essa possibilidade dele fazer o curso. Eu pensava que tinha que pagar entendeu? (P1)
1.1.8 Dificuldade do filho (a) em estabelecer relações sociais	“porque, ela tem muita dificuldade de se envolver com as pessoas pra ela desenvolve mais” (P2) “Aprender a melhorar o relacionamento com as pessoas” (P4)

Atendimento

Categoria	1.2 Percepção do Atendimento
1.2.1 Avaliação: bom, ótimo, excelente, acolhedor	“nossa, eu achei incrível, pra mim, foi o melhor que aconteceu na minha vida e na vida do meu filho” (P1) “fui muito bem recebida pelos profissionais de lá” (P2) “Foi muito bom, desde o início, a proposta e mesmo o decorrer do curso, os professores, o que foi ensinado” (P4) “Foi ótimo, desde o começo. foi tranquilo” (P5).
1.2.4 Preparo dos Profissionais, acessibilidade	“olha, lembro que quando eu cheguei aqui eu amei o atendimento. Nossa, foi super legal comigo e com o xxxxx” (P1) “as pessoas muito bem capacitadas” (P2) “eu gostei muito porque, foi marcado uma primeira conversa com a equipe da orientação e coordenação do curso/eu não me identifiquei como mãe, porque eu

	queria saber como estava a inclusão aqui/as profissionais que me atenderam foram muito claras e concisas em tudo o que elas falaram. Então eu gostei muito e a gente resolveu ficar por aqui” (P3).
--	---

Diferencial da instituição em relação a outras escolas

Categoria	1.3 Diferencial da instituição no preparo/acessibilidade para atender pessoas com NEE
1.3.1 Preparo na acessibilidade arquitetônica, metodologia, equipamentos, adaptações	Acho. Não até só a necessidade que o meu filho tem, mas até outros portadores como eu já vi aqui com síndrome de down, vi várias pessoas aqui que estudou. (P1) “eu acho que sim que eles estão preparados pra atender. Pelo desenvolvimento que ela teve, eles tão bem preparados. (P2) é, assim, preparada eu acho que nem a gente como pais a gente não está totalmente preparados/ e no caso do Senac, o mais importante é estar aberto para este aprendizado” (P3) “não só os que tem alguma dificuldade, mas de maneira geral, toda a população, todos os cursos disponibilizados pelo Senac”(P5)
1.3.2 Percepção da satisfação do filho (a) em relação à instituição, curso	“também, nossa! Até hoje ele fala que é a melhor coisa que aconteceu na vida dele/Nossa! Muito satisfeito, fala que tá demais/olha, tá sendo fantástico” (P1). Ela fala que é muito bom, sente muita saudade” (P2) “gostou muito, até concluiu o curso aqui/a gente conversa muito sobre como ele tá absorvendo, o que que ele tá achando, o que que tem ficado pra ele de tudo isso, como que é a interação professor, amigos, ele e sempre foi colocado de forma otimista, ele sempre colocou de uma forma muito legal.” (P3) ela sempre foi muito animada, né? Animada pra ir, animada com o que tava aprendendo” (P4)
1.3.3 Atuação do professor	“ah, eles também são fantásticos. Tratou ele com todo amor, com todo carinho/O docente, professor, nossa, foi maravilhoso com ele. (P1) Tiveram humildade de pedir ajuda e souberam buscar essa ajuda no lugar correto. Então, foi muito bom. (P3) “nós tivemos casos de professor que foi homenageado, aqui dentro, por ter feito um trabalho muito legal. Foi homenageado na Câmara Municipal da cidade”. (P3) Muito atenciosas, todas” (P4) Muito boa, muito boa, excelente” (P5)
1.3.4 Participação da família no processo de aprendizagem dos filhos (as)	“ah, foi muito importante também as reuniões, que eles chamavam a gente lá, faziam a mesma coisa que eles faziam com as crianças lá, com os alunos, faziam com os pais nas reuniões. Foi muito bom mesmo/as professores tá mostrando o trabalho deles e a gente tano fazendo também.”(P2) os professores sempre entrando em contato, pedindo parcerias com a família e com profissionais, para que fosse ter um melhor aproveitamento, de forma bem concreta pra que pusesse ficar bem absorvido aquilo por ele. Então eu achei que foi muito legal. (P3)
1.3.5 Diferencial quanto à metodologia, avaliações, em relação a outra instituição	então acho que outras escolas deveriam adotar também isso aí, porque é muito bom, pro desenvolvimento dessas pessoas que precisam” (P1) “Imagine se não tivesse uma escola assim pra eles, pra tá desenvolvendo eles, o que seria deles. Então, é muito bom mesmo. O Senac tem um trabalho maravilhoso” (P2) “né, sempre me foi passado que os cursos não teriam prova, não seriam matérias assim, e sim, Projetos desenvolvidos pelos alunos no qual eles teriam notas de acordo com cada Projeto, com a conclusão de cada Projeto”(P3)
1.3.6 Percepção do preparo dos profissionais docentes e não docentes	“esta forma diferenciada né, de tá sempre buscando as alternativas, buscando as novidades, coisas a mais pra tá melhor desenvolvendo/ele tratou o aluno como aluno com respeito e igualdade,” (P3) Nossa, a atenção das pessoas que trabalham lá dentro, nem falando dos docentes, de todo mundo envolvido no trabalho. Cem por cento” (P4)

1.3.7 Inclusão de pessoas com diferentes deficiências na instituição	“pessoas portadoras de, não sei como se fala, né? é surda, e eu achei muito legal, nossa! E agora também tem um aqui com síndrome de down; eu achei fantástico” (P1) é, ela teve dificuldades por conta de algumas questões por características da deficiência dela. Porque no curso de Moda as vezes ela tinha que fazer contas e ela não conseguia de acordo com a dificuldade”(P5)
1.3.8 Parceria com instituições específicas	“já conhecia o Senac, mas pra esse curso específico, foi através da Renascer que o Senac foi fazer parceria, apresentar o curso lá, da primeira turma foi lá” (P4)
1.3.9 Cuidado/Suporte para adaptação, autonomia do aluno	“ai ele falou que agora ia ter professora pra ensinar a falar quando a pessoa é surda, é libras. Aí eu fiquei tão feliz. Ele disse agora nós vamos ter que aprender falar, tem uma professora lá que vai ensinar pra gente poder conversar com ela “. (P1) A escola apoiou” (P5)

2. Metodologia de Projeto (MP)

Categoria	2.1 Conhecimento da MP, avaliação da MP como ferramenta pedagógica inclusiva a partir da aprendizagem do filho (a)
2.1.1 Conhecimento da MP antes do curso na instituição	“Não. Eu não tinha. Até que se eu soubesse tinha trazido ele antes” (P1) “Não, nunca tinha ido lá” (P2) “Não, não tinha”(P3) “muito boa. Não conhecia, foi através do Projeto Trampolim.” (P5)
2.1.2 Percepção do trabalho docente com a metodologia	“os docentes se preocuparam em encontrar soluções, se preocuparam em buscar alternativas e correr atrás do que fazer e, qual o melhor caminho” (P3)
2.1.3 Facilita a aprendizagem, desenvolvimento dos alunos com NEE	Nossa, ele teve um desenvolvimento fantástico”. (P1) Ajudou muito. Foi fundamental pra ela”. (P5)
2.1.4 Avaliação da MP, para a aprendizagem	“ah, eu achei fantástica, porque ensinou/ele aprendeu/então pra mim foi muito bom e pra ele” (P1) “melhorou muito, evoluiu muito” (P5)
2.1.5 Permite a integração e participação ativa dos alunos com e sem NEE	“porque ele conseguiu fazer com que esse aluno se inteirasse interagisse com os outros e conseguisse absorver muita coisa”. (P3) isso, a vontade de participar, de aprender, de saber que lá no fim ela ia chegar em algum lugar, abriu as portas. Foi isso que aconteceu” (P4) “foi o ponto de partida e fundamental pra ela ter esse estágio, pra ela começar a desenvolver as dificuldades dela, começar a se relacionar com as pessoas e começar a ter uma vida, se inserir na vida social”(P5)
2.1.6 Favorece o desenvolvimento de aulas em diferentes cursos, ambientes	“as visitas que faziam dentro do Projeto do Senac/foram visitar vários lugares, TV Tem, vários lugares que eles foram” (P4)
2.1.7 Inclusiva	“Eu acho que se não fosse isso, até hoje ele não tinha tido a oportunidade de fazer um curso como este aqui/com as dificuldades que ele tem/é muito difícil, a pessoa fica meio que de lado. Eu senti isso na pele com meu filho. Tanto que foram vinte anos/eu descobri que aqui tinha, no Senac” (P1) “pra ela, foi muito bom, porque ela não tinha muito contato com pessoas assim como ela, então, ela viu que ela desenvolveu também por causa disso, dela vê outras pessoas assim.” (P2) “eu sempre estimei meu filho, desde bebe e eu achei que aqui foi bem legal a maneira como foi procedido o trabalho com ele. Essa parte da metodologia como eles desenvolvem aqui, eu achei muito bom. (P3)
2.1.8 Contribui para o desenvolvimento de competências práticas	“e esse teórico do curso com a prática do trabalho, eu acho muito bom/porque o que ele vê no curso ele põe em prática aqui” (P3).

2.1.9 Contribuição para a superação de dificuldades	<p>“ah, assim, até porque meu filho tinha muitas dificuldades, muitas mesmo e aqui ele superou todas. Você entendeu? Conseguiu.” (P1)</p> <p>“ele é exposto a uma situação diferente/então, tem que colocá-lo diante dos seus medos das suas dificuldades pra ele saber se sair dessa situação. Então, acho que isso tá sendo um crescimento muito grande pra ele. Acaba contribuindo demais, demais com tudo, global” (P3)</p> <p>“foi o ponto de partida, eu acredito junto com a dificuldade, a dificuldade de aprendizado, tava a dificuldade de se relacionar com as pessoas por conta de timidez, insegurança. Então, isso ajudou muito. (P4)</p>
---	---

2.2 Contribuição da MP para a aprendizagem, vida pessoal e profissional

Categoria	2.2. 1 Contribuição da MP para a aprendizagem, vida pessoal e profissional dos filhos
2.2.1.1 Contribuição para a aprendizagem significativa do filho (a)	<p>Contribuiu, com certeza, com certeza. Porque eles ensinam, né? O curso ensina como comportar, como eu já tinha falado antes, e ele foi pegando tudo isso. Eu acho que ajudou” (P1)</p> <p>“Eles mesmo criavam e depois, fizeram uma feira, vendiam e ali se recebia o dinheiro; se trocava o dinheiro, dava o troco, coisas que eles não sabiam fazer. Isso daí, pra mim foi muito bom mesmo. ela aprendeu. (P2)</p>
2.2.1.2 Contribuições para o Desenvolvimento/vida profissional do filho	<p>“aí ele começou, sabe, ele soube separar o que era hora de brincar, hora de trabalhar.” (P1)</p> <p>“Ele já passou por vários departamentos, então, cada setor que ele tá passando é uma aprendizagem nova para ele. Então, em cada setor que ele passa, são setores diferentes como a biblioteca, o administrativo, a secretaria, o atendimento” (P3)</p> <p>Sim!” Trabalhou por um ano e meio, mais ou menos na xxxxxxxx , mais aí ela saiu ficou uns três meses em casa e outra empresa chamou” (P4)</p>
2.2.1.3 Contribuições para o Desenvolvimento/vida pessoal do filho	<p>“até como comer, né? como se comportar, pra falar. Tudo isso, tudo isso ele aprendeu/Pra mim, em tudo mudou, nossa, na autonomia” (P1)</p> <p>“ah, muito grande! Muito grande. Ele melhorou a autonomia, ele melhorou o desenvolvimento da fala, a segurança em questão de tá conversando mais. Ele ficou mais desinibido, foram muitos ganhos” (P3)</p> <p>“acredito que ela ficou mais organizada, responsável ela sempre foi, mas acredito que ajudou também nessa parte. Só acrescentou coisa boa, só” (P4)</p>
2.2.1.4 Alargamento da autonomia	<p>“que ele não andava de ônibus sozinho e passou a andar ele nunca tinha vindo na cidade sozinho. Eu achava que ele não ia conseguir vir sozinho fazer o curso ” (P1)</p> <p>“por ela não pegar nem ônibus no transporte pra ir de casa até o Senac, coisa que ela não fazia. Então eu achei que o Senac ajudou ela bastante nessa parte também”(P2)</p> <p>“ficou mais segura, ganhou mais autonomia” (P4)</p>
2.2.1.5 Alargamento das relações sociais	<p>“porque ele tinha um contato só com nós, assim, aqui ele teve contato com vários docentes, com várias pessoas e isso mudou muito pra ele. Então eu acho que isso, ele criou vida social e pra ele isso é tudo, né? (P1)</p> <p>“muito bom, ela pegou muita amizade” (P2)</p> <p>“Ele se tornou um jovem mais sociável, ele sempre foi, mas, até mais, agora ele consegue chegar, perguntar coisas tirar dúvidas, esclarecer, então, acho que isso foi muito bom pra ele. Teve um ganho muito grande. (P3)</p>

3. Satisfação dos pais

Categoria	3.1 Satisfação dos pais/informações sobre a vida do filho após o curso
3.1.1 Satisfação	<p>“muito satisfeita, com certeza. E ele também, meu esposo. Nossa!” (P1)</p> <p>“Foi, muito bem, eu tô muito feliz por proporcionar essas oportunidades pra esses estudantes” (P2)</p> <p>“eu acho que o que mais fica de toda essa situação é a certeza de que ele está sendo visto como uma pessoa, é claro que dentro das necessidades dele, dentro até das dificuldades que ele tem, mas sendo respeitado, sendo tratado como igual,</p>

	<p>buscando ter o dever, mas, tendo o direito de tá desempenhando da melhor forma possível” (P3)</p> <p>“Só agradecer mesmo ao curso. Agradecer ao Senac, aos docentes, o carinho ao que fez não só pra ela, mas pra todo mundo que a gente viu o acolhimento” (P4)</p> <p>“só agradecer o curso. Somos muito gratos pelo curso, ao Senac, ao que fez pra ela” (P5)</p>
3.1.2 Percepção de conquistas do filho após o curso	<p>A pessoa pergunta pra ele, o que que você faz? Ele fala, ah, eu trabalho, eu estudei no Senac, entendeu? Então ele fala assim de coração, você vê que ele fala feliz, então, isso aí me deixa mais feliz ainda” (P1)</p> <p>“porque a minha filha não conhecia dinheiro, por mais que a gente ensinasse ela aprendeu muito lá, com os professores de lá. Então, eu acho que nessa parte aí, eles ajudaram muito ela.” (P2)</p> <p>É o segundo emprego dela, já” Ela tá trabalhando” (P4)</p> <p>“Eu não sei como seria, hoje como ela levaria a vida dela se ela não tivesse feito parte do Projeto. Uma saída Era sair para tentar aposentar e não inserir ela no mercado de trabalho. Nós chegamos a questionar isso”(P5)</p>
3.1.3 Percepção de mudanças, transformação na vida do filho	<p>“A gente sempre agradece a Deus primeiramente, depois ao Senac, porque, mudou totalmente a vida do meu filho. “Ele se sentia triste, hoje não, hoje ele é feliz” (P1)</p> <p>“fez toda a diferença, porque ela consegue levar a vida dela de boa, hoje. Tem algumas restrições, né? Mas todo mundo tem, coisas que a gente pode ajudar. Ela consegue, hoje, trabalhar e levar a vida dela normalmente, como qualquer pessoa porque ela não é diferente de ninguém” (P4)</p> <p>Foi muito bom pra ela. Vida normal, uma vida normal ela tem” (P5)</p>
3.1.4 Percepção de mudanças na vida da família	<p>“a minha vida, do meu esposo, porque através dele ser triste, dele não sair, dele não poder se incluir como ele é hoje, a gente sendo pais, a gente se entristece.” (P1)</p>
3.1.5 Algo mais que gostaria de registrar	<p>“nossa, só tenho que agradecer pelo Senac, porque se ele não tivesse feito esse curso. Espero que muitos outros possam ter essa oportunidade, porque é muito bom uma pessoa portadora de uma deficiência. Pode ser a mais simples, mas pra pessoa que tem é complicado. É muito importante ela poder entrar na sociedade” (P1)</p> <p>Eu acho que isso, o Senac coloca de uma forma muito legal de tá mostrando não só para o aluno, mas, para os alunos, para os professores e outros profissionais quem é a pessoa com necessidades educativas especiais, do que ela é capaz” (P3)</p> <p>“tem que esclarecer que esse Pet Trampolim é muito importante não só pras pessoas com dificuldade pra poder aprender se inserir no mercado de trabalho, como também pras empresas que as vezes tinham a necessidade de contratar essas pessoas por força de lei e eles não tinham aonde buscar” (P5)</p>
3.1.6 Permite que o filho faça outro curso na instituição	<p>“nossa, com certeza, e ele já falou é eu vou me inscrever num a noite. eu falo pra ele, tem que fazer porque é excelente e isso aí faz com que ele desenvolva mais ainda a mente dele né? Que como ele tem o limite dele e as dificuldades, o que acontece, através dos cursos, a mente vai abrindo” (P1)</p> <p>Então, assim que eu conseguir encaixar, ele fará, com certeza, novos cursos. Pra ele foi muito bom” (P3).</p>



UALg FCHS

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Campus de Gambelas - Edifício 1 - 8005-139 Faro - Portugal
Tel.: +351 289 800 908 - Fax: 289 800 067
fchs@ualg.pt - www.fchs.ualg.pt

Exmo. Senhor Diretor
SENAC
Rua Jorge Tibiriça, n.º 3518
CEP 15014 - 040 Bairro Santa Cruz
São José do Rio Preto, São Paulo
Brasil

Assunto: Solicitação de autorização para realizar estudo na Unidade do SENAC de São José do Rio Preto

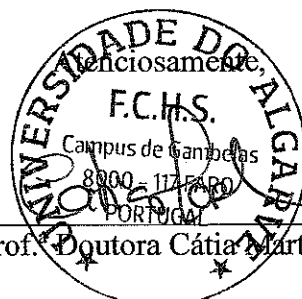
Na qualidade de docente da Universidade do Algarve do Departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, bem como orientadora de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação e da Formação da aluna Maria Aparecida dos Santos, venho por este meio solicitar a V.Ex.^a autorização para que se proceda a investigação junto da V/Unidade do SENAC de São José do Rio Preto. Este nosso pedido vem no seguimento de projeto cuja síntese se encontra em anexo, denominado de “A Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) em turmas heterogéneas”, para o qual solicitamos a vossa colaboração.

A aluna Maria Aparecida dos Santos assentou a sua proposta no facto de já ter realizado trabalho na qualidade de docente na V/unidade supra mencionada (no período de 2009 a 2015), tendo considerado também a V/instituição como referência enquanto Escola Inclusiva e pelo seu recurso à Metodologia de Projeto.

Neste sentido, gostaríamos de agradecer desde já a vossa disponibilidade e colaboração, e aguardamos deferimento relativamente ao nosso pedido.

Com os melhores cumprimentos,

Campus de Gambelas, 06 de julho de 2016



Prof. Doutora Cátia Martins

Anexo V - Termo de Autorização da Instituição de Ensino

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a aluna abaixo identificada a realizar pesquisa no Senac, nos termos a seguir discriminados:

Instituição de ensino: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade do Algarve

Curso: Mestrado em Ciências da Educação e da Formação

Ano/semestre: 2º ano / ANUAL

Disciplina: Dissertação

Aluno: Maria Aparecida dos Santos

Título do Projeto:

“A Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) em turmas heterogêneas.”

Objetivos principais da pesquisa:

Objetivo Geral:

Caracterizar as percepções dos diversos intervenientes (e.g., docentes, não docentes, pais, alunos e diretor) relativamente ao contributo da Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional de alunos com NEE, em turmas heterogêneas.

Objetivos específicos

A: Caracterizar a Metodologia de Projeto, como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, em turmas heterogêneas (isto é, com e sem NEE).

B: Explorar as características inerentes à operacionalização da Metodologia de Projetos, enquanto instrumento de uma educação inclusiva e no contexto escolar.

C: Caracterizar as percepções dos docentes e não docentes, relativamente à Metodologia de Projeto, no contexto da sala de aula e a sua operacionalização no acolhimento/recepção dos alunos.

D: Conhecer as percepções dos estudantes (com e sem NEE) relativamente à contribuição/satisfação quanto à Metodologia de Projetos enquanto ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, em turmas heterogéneas.

Divulgação do nome do Senac: Sim Não

Procedimentos a serem utilizados:

- Entrevista/questionário com funcionários (ver roteiros em anexo IV).
- Pesquisa em dados/documentos da empresa (ver roteiro de dados em anexo III).
- Tomada de fotos de ambientes e objetos.
- Filmagens.

O material resultante do desenvolvimento do projeto poderá ser apresentado: no relatório parcial, no relatório final do referido projeto e em sua apresentação de audiovisual, em livros académicos e periódicos científicos, em artigos publicados em anais de encontros científicos, nacionais e internacionais, assim como disponibilizado no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet, com fins comerciais ou não, fazendo constar os devidos créditos.

Caso se aplique, a aluna fica autorizada a executar livremente a edição e a montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

A exposição do nome e da marca “Senac São Paulo” ou simplesmente “Senac” deverá seguir o manual de aplicação da logomarca e não deverá associar, em hipótese alguma, a assuntos políticos, discriminatórios ou que sejam incompatíveis com a missão e valores do Senac.

Campus de Gambelas, 06 de julho de 2016.

Assinatura do professor responsável pela pesquisa

Nome: Cátia Sofia Martins

RG.: (BI) 11279882 CPF: _____

Telefone 1: (00351) 289 800100 Telefone 2: () _____

(Obs: **BI** refere-se ao Bilhete de Identidade, documento nacional de identificação civil em Portugal).

Assinatura da aluna pesquisadora

Nome: Maria Aparecida dos Santos

RG.: 21995660-1 CPF: 070436028-40

Telefone 1 (Faro – Portugal): (351) 91 331 3830 Telefone 2 (Brasil): (17) 99195 -6947

Anexo VI - Formulário de interesse do estudante

Dados do solicitante

Curso: Mestrado em Ciências da Educação e da Formação

Modalidade de ensino: Presencial

Semestre: 3º

Instituição do estudante: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade do Algarve

Dados do trabalho de conclusão

Modalidade: TCC Monografia Dissertação de mestrado.

Tema da pesquisa: Metodologia de Projeto, Educação Inclusiva e Educação Profissional e Tecnológica

Título: “A Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) em turmas heterogêneas.”

Objetivo da pesquisa: Recolha de dados para analisar o contributo da Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva na Educação Profissional e Tecnológica.

Justificativa da escolha do Senac: A escolha se justifica pelo facto de o Senac (e, particularmente, a unidade do Senac de São José do Rio Preto) ser uma referência local e regional para os alunos com e sem necessidades educativas especiais, que procuram a Educação Profissional e Tecnológica. Também foi relevante nesta decisão as características da escola, o seu recurso à metodologia de projeto, a importância dada à educação inclusiva e ao atendimento dos alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Divulgação do nome do Senac: Sim Não

Fontes de pesquisa:

Dados internos do Senac de que solicita a disponibilização:

- Número de turmas, de alunos (com e sem NEE; por turma e total), docentes (por área de atuação) e funcionários não docentes (com indicação da respetiva formação de base e área de atuação);
- Levantamento da Tipologia das NEEs;

- Organograma da instituição;
- Proposta pedagógica da instituição;
- Regimento interno da instituição;
- Relatório de atividades da instituição.

□□ **Justificativa da escolha desses dados:** Esta investigação terá duas fases principais. Na primeira, pretendemos recolher dados, através de um questionário, que nos permita gerar uma caracterização geral e representativa da instituição. Neste sentido, teremos de conhecer o número de turmas, professores e demais funcionários (com indicação da respetiva formação de base e área de atuação). Sem estes dados básicos sobre a instituição não poderemos avaliar qual o melhor método para compor a amostra. A segunda fase da investigação será qualitativa e, neste caso, baseada em entrevistas realizadas aos atores sociais selecionados. O roteiro das entrevistas será desenhado tendo em conta a análise dos dados dos questionários. Em síntese, não podemos ainda apresentar os instrumentos definitivos de recolha de dados (questionário e roteiro de entrevistas), uma vez que estes estão dependentes da caracterização da instituição. Acrescenta-se que serão anexados, para todos os participantes/respondentes das entrevistas e questionários, o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, e, no caso de pessoas com NEE tuteladas, além deste termo, acrescentar-se-á um “Termo de Autorização do Tutor” ou outro responsável legal.

ANEXO VII

QUESTÕES E OBJETIVOS QUE SERVIRÃO DE BASE PARA O ROTEIRO DAS PESQUISAS: ENTREVISTAS, QUESTIONÁRIO E DOCUMENTOS:

“A Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) em turmas heterogêneas.”

Objeto da pesquisa: contributo da Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional de alunos com NEE, em turmas heterogêneas.

Objetivos e questões da pesquisa, que subsidiam a elaboração do questionário / roteiro da discussão em entrevista individual:

Objetivo Geral: Caracterizar as percepções dos diversos intervenientes (e.g., docentes, não docentes, pais, alunos e diretor) relativamente ao contributo da Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional de alunos com NEE, em turmas heterogêneas.

Questões:

1 – Como se caracteriza a Metodologia de Projeto enquanto ferramenta pedagógica facilitadora de uma educação inclusiva?

2 – Como se operacionalizam as práticas docentes, numa lógica de escola inclusiva e frente a uma metodologia ativa?

3 – Quais as percepções dos docentes e não docentes relativamente à metodologia de projeto, numa lógica de escola inclusiva?

4 – Como se caracteriza a dinâmica da instituição em relação ao tema investigado?

5 – Quais as percepções dos alunos/egressos relativamente ao desempenho da Metodologia de Projeto no contexto escolar?

Objetivos específicos

A: Caracterizar a Metodologia de Projeto, como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, em turmas heterogéneas (isto é, com e sem NEE).

B: Explorar as características inerentes à operacionalização da Metodologia de Projetos, enquanto instrumento de uma educação inclusiva e no contexto escolar.

C: Caracterizar as percepções dos docentes e não docentes, relativamente à Metodologia de Projeto, no contexto da sala de aula e operacionalização, no acolhimento/recepção dos alunos.

D: Auscultar os estudantes (com e sem NEE) relativamente ao contributo da Metodologia de Projetos enquanto ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, em turmas heterogéneas.

Sujeitos participantes das pesquisas:

Questionário: Profissionais docentes, não docentes (nestes casos, compreende-se representantes de setores como Coordenadores de área, atendimento e secretaria), pais e alunos com e sem NEE – uma vez que se considera uma perspectiva de escola inclusiva, ou seja uma escola para todos.

A princípio, pretende-se os questionários destinados a docentes, funcionários não docentes e pais sejam direcionados através de correio eletrónico. Para os demais, considerando as suas especificidades, serão entregues em suporte papel.

Entrevistas: Diretor, Supervisor de ensino, professores e alunos com Necessidades Educativas Especiais (que estejam estudando e que tenham concluído o curso).

Cronograma de atividades:

ATIVIDADES	Set/ 16	Out /16	Nov /16	Dez /16	Jan /17	Fev /17	Mar /17	Abr /17	Mai /17	Jun /17	Jul /17
Escolha do tema e do orientador											
Elaboração do projeto											
Encontros com o orientador											
Entrega do projeto de pesquisa											
Construção dos instrumentos de coleta de dados											
Coleta de dados											
Revisão bibliográfica											
Redação da dissertação											
Revisão e entrega oficial do trabalho											

ANEXO VIII

ROTEIROS PARA ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS

Título do Projeto: A Metodologia de Projeto como ferramenta pedagógica inclusiva, no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) em turmas heterogéneas.

Os roteiros abaixo apresentados, como informado no “Termo de Autorização da Instituição de Ensino”, no item “Fontes de pesquisa/ Justificativa da escolha desses dados”, poderão sofrer algumas alterações pelo facto de que os instrumentos definitivos de recolha de dados (questionário e roteiro de entrevistas) estarem dependentes da caracterização da instituição. Porém, não deverão desviarem-se destas ideias.

Acrescenta-se, ainda, que a estes serão anexados, para todos os participantes/respondentes das entrevistas e questionários, o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e, no caso de pessoas com NEE tuteladas, além deste termo, acrescentar-se-á um “Termo de Autorização do Tutor”.

Roteiro 1

Entrevistas aos alunos

Data: dia: mês: ano:

1: Caracterização do Aluno:

1 - Nome: _____

2 – Data de nascimento: _____

3 – Sexo: masculino () feminino ()

4 – Com quem vive:

Parentesco	Idade	Ocupação	Habilitações Literárias

4 – Último ano frequentado do curso no Senac: _____

5 - Nome do curso: _____

2 – Vida acadêmica:

2.1 - Qual a situação acadêmica?

Ensino Fundamental: () concluído () não concluído () em curso

Ensino Médio: () concluído () não concluído () em curso§

2.2 - Teve reprovações? Não () Sim ()

2.2.1- Se sim, quantas vezes e em que ano escolar?

2.2.2- Quais as razões que considera estarem subjacentes à sua retenção(ões)?

2.3 – Por que razão decidiu seguir para a Educação Profissional?

3 – Caracterização da escola (Senac):

3.1 - O que o (a) levou a escolher a escola Senac?

3.2 – O que sentiu quando realizou a matrícula no Senac? Como foi atendido no Senac?

3.3- Na sua opinião, em que medida esta escola está preparada para atender um aluno com necessidades educativas especiais?

3.4 – Na sua opinião, o que diferencia o Senac de outras escolas?

4 - Metodologia de Projeto:

4.1 – Conhece a Metodologia de Projeto? Onde e quando contactou pela primeira vez com esta denominação? Como a define/em que consiste?

4.2 – Tem conhecimento do uso desta metodologia no Senac? Como?

4.3 - Quanto aos conteúdos e avaliações, que diferenças encontrou no desenvolvimento do curso? Considera que estas refletem a utilização desta metodologia?

4.4 – Na sua opinião, em que medida o modelo praticado nas aulas (a forma como as aulas são/foram desenvolvidas) marcou a sua aprendizagem?

4.5 – Descreva como decorrerem as suas aulas.

4.6 – Como caracteriza a sua participação nas aulas? Fale um pouco sobre isso.

4.7 - Relativamente ao curso, que projetos desenvolveu? Como caracteriza as suas aprendizagens? O que mais o marcou?

5 - Relação professor/aluno:

5.1 – Como você descreveria a atuação do professor, durante as aulas do curso, quanto ao atendimento aos alunos.

5.2 – Em que medida acha que o professor conseguiu orientar/atender os alunos que tinham mais dificuldades?

5.3 – Fale sobre as suas percepções quanto a integração da turma, por exemplo, como ela aconteceu, como é/era na hora dos trabalhos em grupo, na hora da escolha dos temas dos projetos...

6 - Satisfação dos alunos:

6.1 - Como é (ou foi) a sua convivência na sala de aula, com colegas e professores?

6.2 - Qual o sentimento que você tem hoje, com relação ao curso, ao professor, colegas...

6.3 - De que forma você acha que o ensino desta escola contribui ou contribuiu para a sua aprendizagem, desenvolvimento pessoal e profissional?

6.4 - Você faria outro curso nesta instituição?

Roteiro 2

Entrevista ao Diretor(a) e Supervisor (a) de Ensino

Data: dia: mês: ano:

1- Caracterização do profissional entrevistado

1.1 - Nome: _____

1.2 – Idade: _____ Data Nascimento: ____/____/____

1.3 – Sexo: masculino () feminino ()

1.4 – Formação académica: _____

1.5 – Tempo de serviço total: _____

2 – Caracterização da escola

2.1 – Cargo/função na escola: _____

2.2 – Tempo nesta função/cargo, na instituição: _____

2.4 – Na sua opinião, como caracteriza o Senac?

2.5 O que distingue o Senac de outras Escolas?

3 – Metodologia de Projeto

3.1– Qual a sua opinião sobre as metodologias ativas como ferramenta pedagógica na educação inclusiva?

3.2 – De que forma/em que momentos as características da Metodologia de Projetos alinham-se com a proposta da instituição?

3.3 - Na sua visão, quais as características que demonstram que esta escola está preparada para atender alunos com NEE?

3.4 – Se possível, fale sobre a importância da Metodologia de Projeto no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com NEE e alguns resultados esperados/alcançados.

Roteiro 3

Entrevista aos Docentes

Data: dia: mês: ano:

1 - Caracterização do Docente

1.1 - Nome: _____

1.2 – Idade: _____ Data Nascimento: ___/___/___

1.3 – Sexo: masculino () feminino ()

1.4 – Formação académica: _____

1.5 – Tempo de serviço total: _____

1.4 – Área de Formação: _____

1.5 – Tempo como docente na instituição: _____

1.6 - Área e curso em que atua: _____

2 - Prática Docente

2.1 – Alguma vez contactou/trabalhou com pessoas com NEE?

Se não: existe razão de destaque para nunca ter contactado/trabalhado com alunos com NEE?

Se sim:

2.2 - Como é lecionar a turma com alunos com e sem Necessidades Educativas Especiais?

2.3 – Quais os desafios que identifica no seu trabalho com turmas heterogéneas? E alunos com NEE?

2.4 Existe alguma experiência na sua prática docente que gostasse de destacar?

3 - Metodologia de Projecto

3.1 – Tem conhecimento da Metodologia de Projecto?

Se sim:

3.2 - Há quanto tempo conhece/trabalha com a metodologia projeto?

3.3 - Em que contexto iniciou a sua utilização?

3.4 - Qual a sua posição relativamente ao recurso a esta metodologia?

3.5 - Para você, faz diferença a utilização de uma metodologia ativa para o desenvolvimento de conteúdos na aula com alunos com NEE?

3.6 - Em que medida você acha que a metodologia de projeto facilita o processo de ensino-aprendizagem no trabalho com as turmas heterogêneas?

3.7 - Quais características da Metodologia de Projetos você destacaria como principais contributos para as aulas com alunos com NEE?

3.8 - Como caracteriza/descreve o seu trabalho/ trabalhar com alunos com NEE e com a metodologia de projeto?

Roteiro 4

Questionário aos Profissionais Não Docentes

Data: dia: mês: ano:

<p>1- Caracterização pessoal do profissional</p> <p>Nome: _____</p> <p>Idade: _____</p> <p>Sexo: masculino () feminino ()</p> <p>Setor em que atua: _____</p> <p>Função: _____</p> <p>Há quanto tempo trabalha na instituição? _____</p> <p>Tem contato direto com alunos com NEE? _____</p> <p>Que tipo de contato? _____</p>

2. Caracterização da escola

Considere as afirmações que se seguem e responda numa escala de 1 (Discordo Plenamente) e 7 (Concordo Plenamente) de acordo com o seu nível de concordância:

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Plenamente						Concordo Plenamente

2.1 - Esta instituição atende às características de uma escola inclusiva.	1	2	3	4	5	6	7
2.2 - Esta instituição está preparada na totalidade para atender alunos com NEE.	1	2	3	4	5	6	7
2.3 – Esta instituição tem no atendimento aos alunos com NEE.	1	2	3	4	5	6	7
Se concordou, explique quais as dificuldades encontradas:							
2.4 – Os estudantes com NEE estão satisfeitos com esta Escola.	1	2	3	4	5	6	7
2.5 – Os funcionários não docentes estão preparados para o atendimento de alunos com NEE.	1	2	3	4	5	6	7

3. Metodologia de Projeto:

Considere as afirmações que se seguem e responda numa escala de 1 (Discordo Plenamente) e 7 (Concordo Plenamente) de acordo com o seu nível de concordância:

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Plenamente						Concordo Plenamente

3.1 – A Metodologia de Projeto está presente nesta Escola.	1	2	3	4	5	6	7
Se concordou, identifique em que medida:							
3.2 - A metodologia de Projeto contribui positivamente para a operacionalização dos trabalhos da instituição.	1	2	3	4	5	6	7
3.3 – No meu quotidiano, identifico estratégias/atividades que desenvolvo com recurso à Metodologia de Projeto.	1	2	3	4	5	6	7
3.4 – A metodologia de projeto é importante para a concretização de uma Escola Inclusiva.							

Gostaria de acrescentar mais alguma informação? Partilhe-a conosco neste espaço:

Liury Cristina Schiavon Neves

De: Liury Cristina Schiavon Neves
Enviado em: segunda-feira, 7 de novembro de 2016 14:13
Para: Maria Alice Moreira Fernandes
Cc: Luis Carlos de Souza
Assunto: ENC: ENC: Solicitação de pesquisa - Dissertação de mestrado - unidade de interesse SJR.
Anexos: Fwd: Solicitação de pesquisa

Olá Maria Alice e Luis Carlos,

Segue a aprovação para a pesquisa de mestrado da Maria Aparecida.

Obrigada.



Liury Cristina Schiavon Neves
Comunicação
Senac São José do Rio Preto
Tel.: 55 17 2139 1699 r. 1706
www.sp.senac.br/riopreto

De: Valeria Paula da Silva de Queiroz
Enviada em: segunda-feira, 7 de novembro de 2016 11:00
Para: Liury Cristina Schiavon Neves <liury.csneves@sp.senac.br>
Cc: Maria Alice Moreira Fernandes <mamfernandes@sp.senac.br>
Assunto: ENC: ENC: Solicitação de pesquisa - Dissertação de mestrado - unidade de interesse SJR.

Liury, bom dia.

Segue aprovação da Diretoria para prosseguirem com o atendimento da mestranda.

Abçs



Valeria Queiroz
Relacionamento com o Cliente
Gerência de Comunicação e Relações Institucionais
Senac São Paulo
Tel.: 55 11 3236 2968
www.sp.senac.br

De: Regina Celia Duarte Coutinho
Enviada em: segunda-feira, 7 de novembro de 2016 10:57
Para: Valeria Paula da Silva de Queiroz <Valeria.Paula@sp.senac.br>; Eloi Pereira dos Santos <eloi.psantos@sp.senac.br>
Assunto: ENC: ENC: Solicitação de pesquisa - Dissertação de mestrado - unidade de interesse SJR.

Val, bom dia.

Segue aprovação.

Beijos



Regina Celia Duarte Coutinho
Relacionamento com o Cliente
Gerência de Comunicação e Relações Institucionais
Senac São Paulo
Tel.: 55 11 3236 2274
www.sp.senac.br

De: Otavio Fernando Genta Cordioli

Enviada em: sexta-feira, 4 de novembro de 2016 10:15

Para: Regina Celia Duarte Coutinho <rduarte@sp.senac.br>

Assunto: ENC: ENC: Solicitação de pesquisa - Dissertação de mestrado - unidade de interesse SJR.



Otavio Fernando Genta Cordioli
Gerente
Gerência de Comunicação e Relações Institucionais
Senac São Paulo
Tel.: 55 11 3236 2116
www.sp.senac.br

De: Darcio Sayad Maia

Enviada em: sexta-feira, 4 de novembro de 2016 10:12

Para: Otavio Fernando Genta Cordioli <otavio@sp.senac.br>

Assunto: RES: ENC: Solicitação de pesquisa - Dissertação de mestrado - unidade de interesse SJR.

De acordo



Darcio Sayad Maia
Superintendente Administrativo
Diretoria Regional
Senac São Paulo
Tel.: 55 11 3256 6266
darcio@sp.senac.br
www.sp.senac.br

De: Otavio Fernando Genta Cordioli

Enviada em: sexta-feira, 4 de novembro de 2016 09:18

Para: Darcio Sayad Maia <Darcio@sp.senac.br>

Assunto: Fwd: ENC: Solicitação de pesquisa - Dissertação de mestrado - unidade de interesse SJR.

Darcio,

Peço superior autorização para a Unidade atender à solicitação de pesquisa de mestrado, conforme abaixo. Atenciosamente,

Otavio Fernando Genta Cordioli

Gerente

Gerência de Comunicação e Relações Institucionais

Senac São Paulo

Tel.: [55 11 3236 2117](tel:551132362117)

www.sp.senac.br

Begin forwarded message:

From: "Regina Celia Duarte Coutinho" <rduarte@sp.senac.br>

To: "Otavio Fernando Genta Cordioli" <otavio@sp.senac.br>

Subject: ENC: Solicitação de pesquisa - Dissertação de mestrado - unidade de interesse SJR.

Otavio, bom dia.

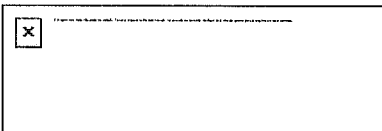
Recebemos uma solicitação de pesquisa sobre "Educação Inclusiva no Contexto da Educação Profissional e Tecnológica".

A unidade SJR está de acordo em atender o pedido de pesquisa da mestranda.

Sendo, assim, segue para superior autorização.

Fico à disposição.

Obrigada.



Regina Celia Duarte Coutinho

Relacionamento com o Cliente

Gerência de Comunicação e Relações Institucionais

Senac São Paulo

Tel.: [55 11 3236 2274](tel:551132362274)

www.sp.senac.br

De: "Maria Alice Moreira Fernandes" <mamfernandes@sp.senac.br>

Para: "Valeria Paula da Silva de Queiroz" <Valeria.Paula@sp.senac.br>

Cc: "Luis Carlos de Souza" <luis.carlos@sp.senac.br>, "Liury Cristina Schiavon Neves" <liury.csneves@sp.senac.br>

Assunto: Solicitação de pesquisa

Olá Valéria,

Tudo bom?

Para continuidade no processo de solicitação de pesquisa da **Maria Aparecida dos Santos**, anexo arquivos contendo as documentações solicitadas.

Obs.: você tem previsão de quando a Maria Aparecida estará autorizada a iniciar a pesquisa na unidade, para que possamos informa-la?

Grata e abraço fraterno.

Maria Alice